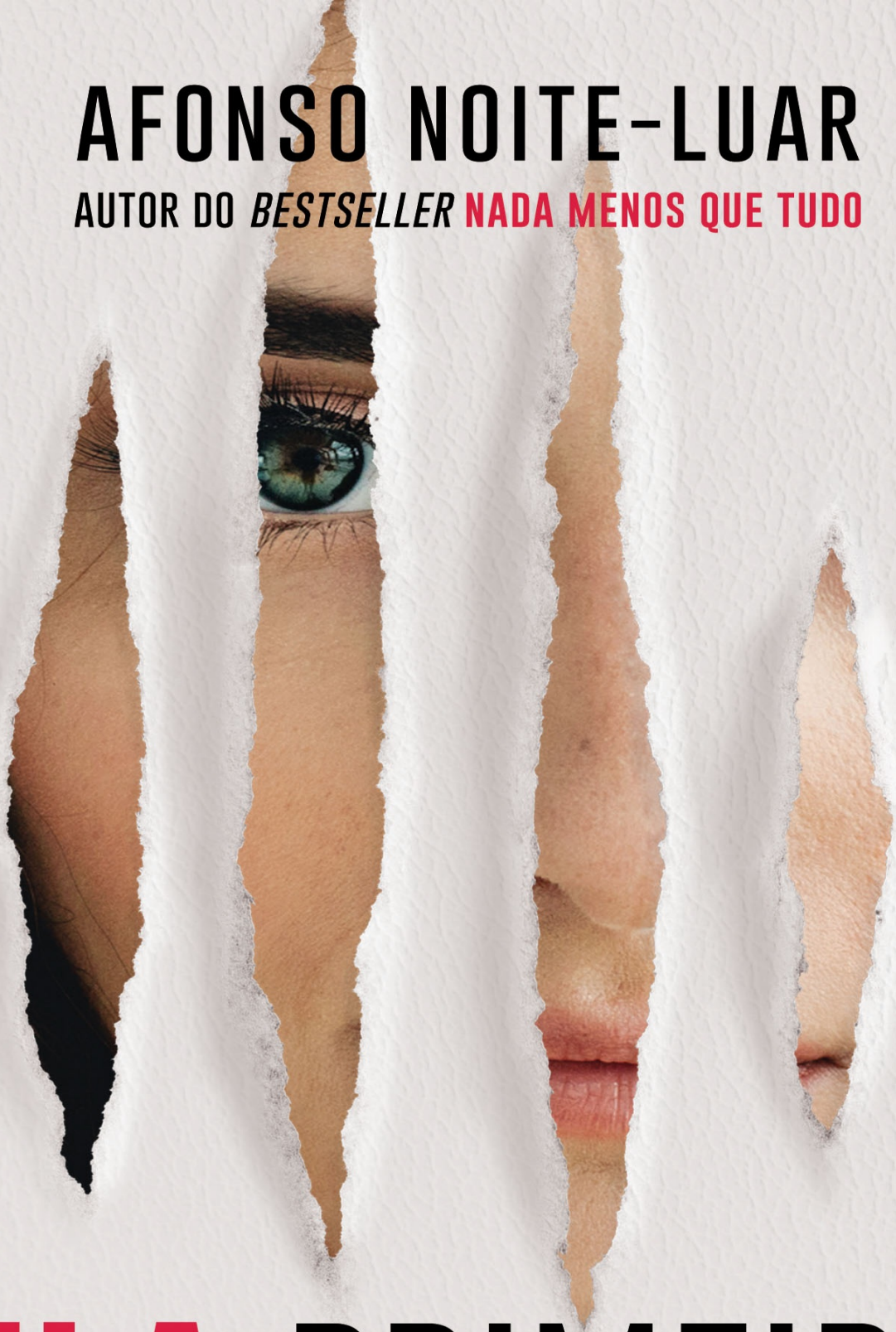
AFONSO NOITE-LUAR

AUTOR DO *BESTSELLER* NADA MENOS QUE TUDO



ELA PRIMEIRO

Os Mandamentos do Afonso

MANUSCRITO

AFONSO NOITE-LUAR

AUTOR DO *BESTSELLER* NADA MENOS QUE TUDO



ELA PRIMEIRO

Os Mandamentos do Afonso

MANUSCRITO

AFONSO NOITE-LUAR

ELA PRIMEIRO

Os Mandamentos do Afonso

MANUSCRITO

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2018
Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *Ela Primeiro*
Autor: *Afonso Noite-Luar*
Copyright © Afonso Noite-Luar, 2018
Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2018
Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
Coleção: Romance Erótico
Este livro contém conteúdos para adultos.
Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens ou incidências são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1.ª edição em papel, Lisboa, junho, 2018

1

«Queres saber o que consigo fazer com três dedos?»

«Quero», respondeu ela com um olhar desafiante.

Despi-a por completo, sem qualquer ajuda. Tal como se fosse uma boneca. Tal como se tivesse de lhe provar que não precisava dela para lhe dar o que ela tanto queria. Deitei-a sobre a cama, e eu, também nu, ajoelhei-me ao seu lado.

«Fecha os olhos e relaxa», disse-lhe.

Pousei uma mão sobre o seu peito e outra sobre o sexo. Fiz uma ligeira pressão até sentir o seu batimento cardíaco a acelerar. Tirei a mão do peito e segurei-a pela nuca, massajando-a levemente. Com a outra mão, junto ao sexo, comecei a fazer pequenos movimentos circulares com a pressão ideal (mas sem deslizar as mãos, para não lhe queimar a pele), deixando-a humedecer primeiro. Beijei-lhe os seios, a toda a volta, e só depois, quando já os sentia a implorar, lhe beijei os mamilos. Brinquei com eles com a ponta da língua durante um bom bocado para lhe aquecer o motor e soltei a minha boca para que todas as sensações se focassem lá em baixo. A respiração dela intensificava-se a cada segundo. Estava completamente molhada. Concentrei os meus três dedos no sexo dela, indicador, médio e anelar. Fi-los deslizar circularmente devagarinho por entres os lábios bem molhados e sobre o clit. Soltei a minha outra mão da nuca dela, peguei-lhe nas mãos e prendi-as com a minha por cima da sua cabeça contra a almofada.

«Olha para mim», pedi.

Enquanto a olhava nos olhos, alterei os movimentos circulares dos dedos para movimentos laterais. Aumentei a velocidade até parecer um autêntico vibrador, e mantive o mesmo ritmo durante alguns segundos enquanto desfrutava das suas convulsões eróticas. Ela não aguentou muito tempo e veio-se, por fim, enquanto gemia descontroladamente e revirava os olhos como se estivesse a ter algum ataque. (E estava mesmo... de prazer.)

«Isto tudo foi apenas com três dedos, agora será com o meu corpo todo», sussurrei-lhe ao ouvido, enquanto ela, ofegante, recuperava a

consciência.

Virei-a de barriga para baixo, coloquei-me por cima, peguei no meu pau, a rebentar pelas costuras de tanto desejo, e introduzi-o devagarinho naquele corpo delicado que lhe dava forma. (Estávamos no nível um.) Enfiei o braço direito por debaixo do ombro dela para lhe agarrar no cabelo e me segurar com o cotovelo no colchão, e fiz o mesmo com o outro, mas para lhe segurar o rosto pelo queixo. Com os joelhos apoiados de cada um dos lados do corpo dela, enfiei os calcanhares por baixo das suas pernas e levantei-as até que encostasse os calcanhares no meu rabo, bloqueando-lhe os movimentos inferiores. Estava assim presa debaixo de mim e sob o meu controlo, com a minha boca bem junto ao seu ouvido para lhe sussurrar palavras sujas de incentivo. Deixei-lhe apenas os braços soltos para que pudesse aliviar alguma da tensão que o tesão lhe provocaria. Comecei a penetrá-la profundamente, mas devagarinho, para que o seu corpo se fosse adaptando aos poucos ao meu. Dava um ligeiro impulso nos últimos centímetros como se estivesse a abrir caminho por aquele corpo adentro e a cada penetração eu conseguisse entrar um pouco mais. Ela soltava um leve gemido a cada estocada. Aumentei o ritmo gradualmente, assim como aumentava também o volume dos seus gemidos, rivalizando com o ranger da cama e o barulho da minha cintura a embater nas nádegas dela. Com o corpo quase todo bloqueado pelo meu, a tensão acumulava-se de tal forma dentro dela que, por mais que amassasse os lençóis com as suas mãos finas, a sensação de desespero consumia-lhe a alma. Queria sair dali para poder acalmar e respirar, mas ao mesmo tempo queria que eu a fodesse ainda com mais força. E esse era exatamente o meu objetivo. *Lindo menino, estás a ir bem.* Libertei-a das amarras dos meus braços e pernas e, sem tirar o meu pau, enfiei o meu braço direito por baixo da barriga dela e elevei-lhe o corpo para que ficasse de quatro diante de mim. (Estávamos no nível dois.) Continuei a penetrá-la com a mesma intensidade, agora agarrando-a com firmeza pela cintura e deixando-a ter um pouco mais de controlo sobre ela mesma. Era deliciosa a visão do seu cabelo a ondular no ar à medida que a devorava naquela posição. Esbofeteei-lhe o rabo, mas a pele suada fez escapar-me a mão. Esbofeteei-o de novo. E do outro lado. E novamente, antes de voltar a agarrá-la firmemente contra o meu corpo. Puxei-a pelos ombros e fi-la

erguer-se até mim, ficando os dois de joelhos sobre a cama. (Estávamos no nível três.) Ela inclinou a cabeça para trás, pousando-a sobre o meu ombro direito, e levou as mãos até à minha nuca para se segurar. Virei o rosto dela para mim para lhe beijar a boca enquanto a penetrava e ajudei-a a segurar-se naquela posição encaixando as minhas mãos nos seus seios, acariciando-os com firmeza. O desejo ardia-nos de tal forma que parecia que tudo aquilo não era suficiente para nos satisfazer. Mordia-a no ombro antes de a empurrar de novo para a cama. Virei-a de barriga para cima, agarrei-lhe nas pernas, levantei-as e encostei-as ao meu tronco, ficando eu com a cabeça entre elas, debrucei-me ligeiramente sobre ela e voltei a penetrá-la sem medo até ao fundo. Com o meu pau dentro dela, pus os meus braços à volta das suas coxas, agarrando-as com força contra mim, e iniciei os movimentos de vaivém à velocidade máxima. Tudo isto em dois segundos e meio, para não lhe dar tempo de pensar.

Aquela troca constante e rápida entre estar presa e livre durante o sexo desencadeava nela uma reação psicológica interessante que servia de aditivo à satisfação plena que eu lhe pretendia dar.

Continuei a penetrá-la no limite das minhas forças, fazendo-a virar a cara de um lado para o outro numa tentativa frustrada (e ainda bem) de se afastar da perversidade que se apoderava da sua mente. Até que, com um gemido que me veio das profundezas, vim-me para cima dela, num jato poderoso que lhe embateu no queixo. Ela sorriu-me e, com o mesmo olhar desafiante e sedutor com que momentos antes me havia dito «quero», passou um dedo pelo sémen que lhe escorria pelas costelas e levou-o à boca, chupando-o. E eu, mostrando-lhe que, tal como ela, também não era nojento no sexo (nem aceito que o sejam no meu universo), deitei-me sobre ela e beijei-lhe a boca.

Ela foi tomar banho e regressou ao quarto pouco tempo depois dentro de uma *T-shirt* dois tamanhos acima. Sentou-se na cama e pegou no telemóvel. *Era a minha vez.* Quando voltei, ainda em *boxers*, ela ergueu o rosto para mim e perguntou:

«Lembras-te de eu te ter falado num tal... Francisco?»

«O tipo que andava a encornar a mulher contigo?»

«Ai! Não digas isso dessa maneira. Fazes-me sentir pior do que aquilo que já me sinto.»

«Não disse mentira nenhuma.»

«Está bem, mas eu não sabia que ele era casado. Quando soube, já era tarde demais. Já me tinha apaixonado. Além disso, ele já não gostava dela. Tenho a certeza.»

A Diana era uma mulher incrível. Lutadora, sonhadora, apaixonada, meiga, boa amiga e uma infinidade de outras qualidades. No entanto, tinha um defeito muito grande: tinha sérias dificuldades em aprender com os erros e ver a realidade com os olhos da cara e não com os do coração. O que lhe trazia desilusões atrás de desilusões e lhe roubava a esperança de ainda vir a ser uma mulher realizada no campo do amor. Uma esperança que eu me esforçava muito para que ela não perdesse. Se havia pessoa minha conhecida que merecia ser feliz, era ela. Após um casamento com um final um pouco ingrato e em que foi vítima de violência doméstica, viu-se obrigada a começar do zero com um miúdo pequeno para criar. Admirava a força de vontade que ela tinha para se reerguer, mas lamentava a fraca memória e as palas nos olhos que por vezes parecia ter. Voltou a dar amor mais algumas vezes, mas nenhum lhe foi devolvido na medida certa. Tínhamos sido, nos últimos tempos, e por várias vezes, o suporte um do outro. Aquilo que nos unia era muito mais do que boas e intensas fodas quando a vontade apertava, era a cumplicidade, afinidade, amizade e confiança que tínhamos um no outro. Queríamos o melhor um para o outro, mas sabíamos demasiado de cada um para sermos mais do que amigos. Além de que não éramos as pessoas de que precisávamos a tempo inteiro na vida um do outro. O melhor da nossa relação é que já nos conhecíamos e nos dávamos perfeitamente bem no sexo. Sabíamos exatamente o que cada um gostava. Podíamos estar muito tempo sem falar, mas nunca negávamos sexo caso algum de nós quisesse e não houvesse nenhum compromisso que nos ligasse a outras pessoas.

«Sabes bem que digo as coisas como elas são, estou-me pouco importando se dói ou não ouvi-las», disse-lhe, enquanto pegava nas calças para as vestir. «Mas diz lá o que queres dizer-me.»

«Então... nós afastámo-nos há uns meses porque ele disse que queria dar uma nova oportunidade ao casamento dele, e eu também lhe disse que não queria aquilo para mim, pois não era a segunda mulher de ninguém. Eu mesma o incentivei a lutar pelo seu casamento. Acontece

que há uns tempos ele voltou a procurar-me e a dizer que não conseguia esquecer-me. Que pensava muito em mim e que me desejava. E voltámos a falar praticamente todos os dias como quando nos conhecemos, e eu me apaixonei...»

«Deixa-me adivinhar», interrompi, «vocês voltaram a estar juntos, remexeste nesses sentimentos todos e percebeste que ainda gostas dele.»

«Sim, é verdade, contudo nem é isso o que mais me incomoda, mas sim o facto de ele se ter afastado novamente. Não que ele o tenha dito ou feito claramente, mas agora falamos muito menos vezes e raramente sobre nós. Sempre que toco nesse assunto, dá-me sempre respostas muito vagas. Diz que não tem certezas do que deve fazer, mas que não duvida do que sente por mim. Enfim, frases que respondem, mas não dizem nada.»

«OK, está bem, mas o que é que há de estranho nisso?»

«O que é que há de estranho? Tudo! Achas normal ele dizer-me que gosta de mim, e que me deseja, nós termos noites de sexo incrível e depois dizer-me que não tem certezas e não toma uma decisão, não faz nada?»

«Não há nada de estranho nem de incompreensível. Ele procurou-te, mais uma vez, para desenjoar da mulher. Matou a fome e voltou à sua rotina normal. Se ele gosta da mulher? Não, não gosta, mas não a vai trocar por ti. À medida que os homens envelhecem, vão-se acobardando mais. Eles preferem arranjar uma amante ou uns biscatos por fora do que serem justos e corretos com eles próprios e com as famílias e seguirem um caminho diferente. Tornam-se dependentes da mulher e profundamente confortados e conformados com um prato de comida, uma cama lavada e um par de pernas para abrirem sempre que quiserem. Mas isto não é novidade nenhuma para ti.»

«Não, não é, mas porque é que ele diz que gosta de mim e me dá estas esperanças se sabe que nunca deixará a pessoa com quem está? Não entendo», lamentou a Diana.

«O que eu não entendo é como é que não entendes algo tão óbvio. Ele diz-te essas coisas e dá-te essas esperanças porque quer manter-te por perto e disponível para sempre que precisar de despejar os tomates. A mulher dá-lhe o que ele precisa, e tu dás-lhe o que ele quer. No final

quem perde és sempre tu. A não ser que tenhas sempre plena noção do que está a acontecer. O que já percebi que não é o caso. Os homens não são como as mulheres, que deixam um para ficar com o outro. O homem fica com uma e tenta ficar com a outra também, dando-lhe esperanças para que ela fique numa espécie de banho-maria, para estar sempre pronta a saciar-lhe a fome quando ele tiver vontade. Mas não ambicionam nada mais.»

«Tens razão, tens razão... Mas o que é que eu faço agora?»

«Sabes bem que não gosto de te dizer para fazer isto ou aquilo. A vida é tua. Só fazes o que te digo se também acreditares profundamente que é o que deve ser feito. Se já percebeste que isso não vai a lado nenhum, então tens de ser tu a pôr um ponto final nessa história. Não esperes que seja ele a fazê-lo, até porque, como já te expliquei, és tu quem mais tem a perder. Só vais conseguir seguir em frente a partir do momento em que encerrares esse capítulo de uma vez por todas. Senão ele vai continuar a empatar-te a vida com falsas esperanças para adiar o máximo possível essa decisão. E és tu que tens de a tomar, porque és tu que precisas dela. Para isso precisas de ter coragem para o rejeitar quando ele voltar. Vai dar-te vontade de estar com ele, vais sentir desejo, mas tens de ser forte e dizer que não. Que não queres isso para a tua vida. Depois de o negares a primeira vez, todas as outras serão muito mais fáceis, e vais ver que te verás livre desse assunto. Até vais respirar melhor. Estás presa a nada e mereces muito mais. E eu tenho a certeza de que não queres ter ao teu lado um homem que trai a sua mulher. Se faz isso com ela, porque não havia de fazer contigo também?»

«Às vezes até me esqueço de que és mais novo do que eu. E sabes mais. Faz-me tão bem falar contigo, **Afonso**.»

«Sei mais mas tu sabes melhor. E não é só falar comigo que te faz bem», disse, enquanto calçava o último sapato. «Tenho de ir.»

Peguei nas chaves do carro e no telemóvel que estavam na mesinha de cabeceira, meti-os no bolso e contornei a cama para me despedir dela. Este era o nosso compromisso: sexo forte, intenso, animalesco, mas nada de palavras de carinho, cabeça sobre o peito ou conchinha depois do sexo. Aquele era, portanto, o momento de me ir embora. Aproximei-me dela (sentada na beira da cama), debrucei-me e dei-lhe um beijo na bochecha, mas alguma coisa naquele exato momento ativou

todo o meu interior. O meu pau reagiu imediatamente, endurecendo em dois segundos dentro das calças. Era o cheiro dela. Um cheiro que ela não tinha antes daquele banho. Aproximei o nariz do pescoço dela para confirmar e senti-a contorcer-se ligeiramente com a proximidade da minha boca. Levei as mãos aos seios dela por cima da *T-shirt* e disse-lhe com os lábios a roçarem-lhe a pele para que sentisse toda a vibração:

«Acho que não me vou já embora.»

«Fode-me outra vez», disse ela, ao mesmo tempo que me desapertava as calças. «Só não te venhas para cima de mim porque não vou tomar banho de novo.»

Agarrei-lhe no rosto com as duas mãos e beijei-a intensamente enquanto ela me descia as calças. Assim que o descobriu por completo, libertei-lhe a boca e começou a chupá-lo ali mesmo na beira da cama. Com uma das mãos subi e segurei na camisa para que não a incomodasse, e com a outra agarrei-lhe no cabelo por trás da cabeça para acompanhar os seus movimentos. Umas vezes chupava-me, outras lambia-me o pau de baixo para cima enquanto me olhava com aqueles olhos de menina malcomportada, e outras masturbava-me ao mesmo tempo que me mostrava os dentes cerrados. O que me excitavam ainda mais. Tinha a arte toda na ponta da língua, e eu adorava a sua proatividade no que respeitava a dar-me prazer. Até porque eu não era diferente com ela. (Nem com nenhuma outra que tivesse o privilégio de estar no lugar dela.)

Tirei-lhe o meu pau da boca e empurrei-a para trás fazendo-a deitar-se de costas na cama, ficando eu no meio das pernas dela do lado de fora. Tirei-lhe as cuecas (mas deixei-lhe a *T-shirt* vestida), pus cada uma das suas pernas por cima dos meus ombros e abocanhei-lhe o sexo. Lambi-o bem lambido de baixo até cima, antes de me focar no clit com lambidelas circulares, leves e macias. Fiz tudo com a maior delicadeza e evitei chupá-la intensamente ou meter-lhe os dedos, pois minutos antes já lhe havia trucidado o sexo com o meu pau e ia voltar a fazê-lo. Já ficaria dolorida o suficiente. Enquanto me deliciava entre as suas coxas carnudas, despi o que restava das calças e o calçado (mas deixei a camisa vestida) e logo depois ergui-me e coloquei-me sobre ela. Empurrei-a para trás para fazer o corpo dela ficar quase todo sobre a cama, coloquei de novo cada uma das suas pernas sobre os meus

ombros e debrucei-me sobre ela, ficando o meu rosto praticamente por cima do seu. Peguei no meu pau e fiz-me entrar nela até ao fundo. Ela estava toda dobrada debaixo de mim, o que gerava muita tensão e, para que não me empurrasse involuntariamente, agarrei-a com as duas mãos por trás do pescoço. O que a obrigava a olhar para mim enquanto estava a fodê-la. Tirava e metia o máximo que o meu pau permitia, embatendo com toda a força contra o rabo dela. Ela mordia o lábio e lançava-me um olhar feroz como se me ordenasse que desse cabo do seu corpo. Soltei-lhe o pescoço, desci-lhe as pernas dos meus ombros, e caí para o lado dela ao mesmo tempo que a puxei para cima de mim. Com os joelhos apoiados no colchão, pegou no meu pau e sentou-se sobre ele penetrando-o. Subiu e desceu com a velocidade e profundidade que desejava e eu deixei-a desfrutar daquele momento de domínio e controlo sobre o seu prazer. A *T-shirt* dois tamanhos acima, aliada ao seu cabelo desgrenhado, conferia-lhe um jeito rebelde que me excitava ainda mais. Mas não a deixei estar muito tempo no comando. Agarrei-lhe o rosto com as duas mãos e puxei-a até mim para lhe beijar a boca. Isso obrigava-a a levantar o rabo, o que me conferia maior liberdade na cintura para a poder penetrar a meu bel-prazer. Aumentei a velocidade, mas sem soltar a boca dela da minha, obrigando-a a beijar, respirar e gemer ao mesmo tempo. (Fazendo-a quase sufocar.)

Se há coisa que me dá prazer no sexo é fazê-lo de olhos nos olhos, com os rostos próximos um do outro, com as bocas coladas uma na outra. São as feições do rosto que dão as indicações necessárias para saber para onde ir. Por mais conhecimento que um homem tenha do sexo e da sua mulher, que nunca se esqueça de que todas as fodas começam do zero. Cada uma é um novo começo.

Estava quase a vir-me, mas lembrei-me do que ela me tinha dito no início, pedindo-me para não a sujar. Voltei a virá-la ao contrário, ficando eu por cima dela, e saí logo de seguida da cama puxando-a comigo. Virei-a de costas para mim e fi-la debruçar-se sobre a cama, apoiando as mãos no colchão. Voltei a penetrá-la sem perder tempo e com a máxima velocidade para o remate final. Quando me senti a chegar ao pico da montanha, virei-a para mim, sentei-a na cama, meti-lho na boca e vim-me ali dentro enquanto ela me olhava com um ligeiro ar aflito por causa da quantidade de sémen que tentava descer-lhe pela garganta.

Tirei-lhe o pau da boca e, quando ela se preparava para se levantar para ir à casa de banho despejar aquele líquido, deitei-lhe uma mão ao ombro e fi-la sentar-se de novo. Levei um dedo ao queixo dela erguendo-lhe o rosto ligeiramente para mim e disse-lhe:

«Engole.»

Ela franziu o sobrolho ligeiramente surpreendida com aquele pedido, mas eu não duvidava que ela acedesse, tal era a nossa sintonia no sexo e a mente aberta que ambos possuíamos. Ainda assim, fiz questão de reforçar a ideia:

«En-go-le!»

Ela cumpriu e fez questão de abrir a boca para que não restasse dúvidas da menina bem-comportada que era.

«Assim temos a certeza de que nada nem ninguém se suja. Tal como me havias pedido...», disse-lhe com um ligeiro ar de gozo.

«Claro, **Afonso**... Sei bem que era um antigo desejo teu.»

Fiz-lhe um sorriso malandro antes de me voltar a vestir.

«Ficas bem?», perguntei, após olhar à minha volta e confirmar que não me esquecia de nada.

Ela fez sinal afirmativo com a cabeça. Dei-lhe um beijo leve na testa e vim-me embora.

2

Já passava das três da tarde quando acordei. Não que fosse muito tarde, tendo em conta que vivia praticamente de noite e só me deitava quando o Sol nascia. Acho que já nem me lembrava do que era uma manhã. Era um dia atípico para mim. Não tinha nenhuma formação nem testes para fazer nesse dia. Tinha somente uma entrevista marcada para as 19h com um novo aspirante no meu escritório. Uma entrevista de que já me tinha arrependido de ter marcado e duplamente arrependido por não me ter lembrado mais cedo de a desmarcar. Custava-me de morte saber que tinha de sair de casa, pegar no carro e enfrentar o trânsito do Porto num final de tarde de verão só por causa de uma entrevista. E depois voltar a casa para ir buscar o *Dark* (o meu cão) para irmos até ao Parque da Cidade. O melhor era mesmo deixar o tempo correr no tempo dele, porque se continuasse a pensar no dia que tinha pela frente continuaria sem sair da cama.

Abanei a cabeça para sacudir a moleza e fui tomar um duche. A vontade parecia ter ficado na cama a dormir, mas a água fresca a cair-me pelas costas revitalizou-me de imediato o espírito. De tal forma que tive uma ereção espontânea. Terminei o banho, vesti umas calças, uma camisa, arregacei as mangas até meio do antebraço e calcei uns sapatos. Fui à cozinha preparar qualquer coisa para comer e o *Dark* fez-me companhia o tempo todo, sentado junto aos meus pés com aqueles olhos de quem quer um bocadinho. Dirigi-me para a sala e ele seguiu-me até lá. Sentei-me no sofá e liguei a televisão para dar alguma vida ao espaço, mas percebi que os meus ouvidos ainda não estavam preparados para aquele ruído e voltei a desligá-la. Peguei no portátil pousado ao meu lado e fui dar uma vista de olhos no meu Facebook. (Sete mensagens não lidas.) *No que tu te metes.* Mas não ia responder a nenhuma naquele momento. Continuei a fazer *scroll* e acabei por me perder nas notícias e nos vídeos que iam surgindo no *feed*. Quando olhei para o relógio, já estava praticamente na hora de sair de casa.

«Prepara-te que mais logo estou de volta para te levar a um lugar diferente», disse ao *Dark* enquanto lhe afagava o pelo.

Olhei as chaves dos carros no móvel da entrada e por momentos ponderei levar o *420* (*BMW*), mas lembrei-me de que mais logo tinha de levar o *Dark* ao parque e agarrei nas chaves do *Mégane* (*Renault*). Disse adeus ao meu amigo de quatro patas e abandonei o 5.º esquerdo do 296 A. Levei mais de meia hora até chegar à Avenida da Boavista (onde ficava o meu escritório) quando em média demoro metade do tempo. Mas se havia coisa que eu tinha aprendido com as mulheres nos últimos anos era a ser paciente. O que me ajudava muito a manter a calma quando os veículos da frente pareciam todos eles conduzidos por senhoras de oitenta anos com vinte dioptrias em cada olho.

Faltavam exatamente cinco minutos para as 19h quando o elevador apitou no 8.º andar. Admirava muito a pontualidade nas pessoas. Admirava-a e exigia-a, como tal eu não era diferente. Junto aos elevadores havia uma sala de espera com várias poltronas. No canto, sentado numa delas, estava um homem a ler um jornal. Tudo indicava que seria o meu novo aspirante. Ele não ergueu a cabeça do jornal para ver quem tinha acabado de chegar no elevador, e eu também não quis interromper a sua leitura. Passei o cartão no leitor e entrei para a divisão dos escritórios onde encontrei a sempre simpática Susana (a secretária), que me sorria por detrás do balcão. A Susana era uma mulher casada e já havia ultrapassado a barreira das quatro dezenas de vida, mas era incrivelmente sedutora. Não se vestia de uma forma exuberante, não usava grandes decotes e as curvas com certeza estavam muito longe das que eram há vinte anos, mas fazia sempre questão de usar o seu batom e tacão. O que me excitava bastante. No entanto, apesar de tudo isso, era o seu olhar o que mais me seduzia. Um olhar que era a mistura nas doses certas de inocência e luxúria. Tinha o ar de quem nunca tinha chupado um pau na vida, o que me dava ainda mais gozo imaginá-la a gemer cerrando os dentes enquanto eu a comia por trás contra aquele balcão. Uma imagem que não me iria cansar enquanto não a tirasse da cabeça. O que só poderia acontecer de uma maneira...

«Olá, **Afonso**, como está? Tem ali fora um cliente para si.»

Gostava do facto de ela me tratar por você. Não que fosse uma exigência minha, mas gostava do significado cordial, respeitoso e elegante que esse tipo de tratamento conferia às nossas conversas.

«Estou ótimo, como sempre. E a Susana, também?»

Ela acenou afirmativamente com a cabeça e atacou-me de novo brutalmente com aquele sorriso que me dava um tesão enorme e só me fazia querer fodê-la ali mesmo e com pessoas a passar. *Sê paciente e persistente e aquilo que desejares será teu,* ***Afonso****.*

«Já reparei no senhor que está lá fora. Já o chamo. O que é que se passa com os seus olhos hoje, Susana?»

«Com os meus olhos? Acho que nada, mas porquê?», perguntou, incrédula com a minha questão.

Debrucei-me sobre o balcão, aproximei o meu rosto do dela e olhei-a nos olhos profundamente durante dois segundos.

«A Susana já teve dias melhores, não teve?», perguntei retoricamente, com um leve sorriso misterioso.

Dei dois passos atrás até à porta, abri-a e chamei o homem. Aguardei que chegasse até junto de mim, cumprimentei-o e depois acompanhei-o até ao meu gabinete.

Uma mulher conquista-se através do pensamento. É o pensar que faz apaixonar, não é o sentir. O sentir é óbvio e claro. Não há efeito-surpresa, que é fundamental para elas se apaixonarem. No entanto, quando uma mulher fica a pensar e a matutar em alguma coisa, ela está a dar-lhe atenção e, ao mesmo tempo, a permitir que isso percorra um caminho até ao coração. Quando dá por ela... já é tarde demais. Já se apaixonou.

Na verdade, não notei nada propriamente diferente nos olhos da Susana, apenas precisava de uma desculpa para criar contacto visual direto com ela. Quando olhamos diretamente nos olhos de alguém, criamos automaticamente uma ligação de cumplicidade com essa pessoa, ainda que subconsciente. É como se se quebrasse uma barreira que nos afastava dessa pessoa. Além disso, ao aproximar-me dela fiz com que ela sentisse o meu perfume masculino. Fresco, jovem, viril. Excitando-lhe uma parte do cérebro importante para a atrair até mim. Não concluí rigorosamente nada com a observação que fiz dos olhos dela, nem era esse o objetivo, mas tinha de arranjar uma forma de justificar aquela situação. Aproveitei e, além de me justificar, ainda a deixei a pensar em mim com uma simples pergunta sem resposta. É óbvio que todos nós já *tivemos dias melhores,* mas ao dizer-lhe isso depois de lhe observar os olhos, era óbvio que ela iria fazer uma ligação

direta de uma coisa à outra. E uma vez que eu não permiti que a conversa continuasse, ela ficaria sempre, inevitavelmente, a pensar em mim. Caso ela de facto estivesse a passar uma fase menos boa, iria ficar a questionar-se sobre como é que eu soube isso através dos seus olhos. Por outro lado, se de facto estava a passar uma fase incrível na sua vida, iria ficar na mesma a questionar-se de onde é que eu tirei aquela suposta conclusão. Ou então sobre o que teria eu conseguido ver através dos seus olhos que ela mesma não era capaz de ver. Basicamente, com uma simples observação inocente, consegui que ela me olhasse nos olhos, sentisse o meu cheiro e ficasse a pensar em mim. No fundo, não me importava o que ela tinha ficado a pensar ou não, o que me interessava era que ela tinha ficado a pensar em mim. E, neste caso, pensar é como a publicidade, não existe má publicidade. Bem ou mal o que importa é que falem do produto. Eu tinha sido o último a ocupar um gabinete naquele piso, ainda era o *novo* dali. Ainda era a *novidade*. E isso era um fator que jogava a meu favor.

«É o Fernando, correto?», perguntei ao mesmo tempo que lhe fazia sinal com a mão para que se sentasse na poltrona diante da minha. «Diga-me, antes de mais, como soube da minha existência e o que o trouxe até cá.»

O Fernando era um quarentão bem conservado. Não era um homem atlético, mas estava muito longe de ser um *barriga de cerveja*. A julgar pelo sapato muito bem engraxado, camisa às riscas por dentro das calças e pelo facto de estar a ler o *Jornal de Negócios* quando o encontrei à entrada, apostaria que era empresário. Mas isso era um pormenor que pouco me interessava. Era, sem dúvida, um homem com baixa autoestima e muito envergonhado por ter de recorrer a ajuda externa para conquistar uma mulher. Ainda para mais tratando-se de um homem mais novo do que ele, o que lhe feria ainda mais o ego.

«Vou começar pelo princípio...», começou por dizer. «Eu divorciei-me há cerca de dois anos e meio e confesso que isso me afetou muito enquanto homem. Abalou a minha autoestima e fui-me muito abaixo. No entanto, reergui-me, mas sinto que alguma coisa está a falhar em mim na minha aproximação às mulheres. Desde a minha separação já estive com algumas mulheres, mas ou são casos de uma noite ou então desinteressam-se rapidamente. Não sabia o que estava a fazer de

errado até que comecei a procurar dicas e respostas na Internet. Numa dessas pesquisas apareceu-me um anúncio que dizia “torna-te um **Afonso**”, e em baixo tinha uma descrição que falava em como conquistar a mulher dos nossos sonhos e a segurar, qualquer coisa deste género. Não estou bem certo. Acedi a esse *site*, que é o seu *site*, li as condições e inscrevi-me. Isto há cerca de meio ano. Confesso que fiquei a pensar que aquilo era tudo treta, uma vez que não me disseram mais nada. Fiquei surpreendido quando recebi aquele *email* seu na semana passada a marcar a entrevista, e decidi vir experimentar.»

«Muito bem, Fernando. Se me permite, vou tratá-lo por tu, e peço-lhe que me trate da mesma maneira. Não sou fã deste tratamento, mas vamos falar muito um com o outro e convenhamos que facilita bastante. Lamento desde já a demora, mas de facto a lista de espera para alguém que queira iniciar a minha formação para se tornar um **Afonso** é de cerca de meio ano. E dentro de pouco tempo será de bem mais, porque vou seis meses para o Brasil (pregar a minha palavra por lá). Por isso vê se aproveitas esta oportunidade que te surgiu, pois tão cedo não aparece outra.»

«Com certeza...», disse ligeiramente reticente.

«Agora é a minha vez de te explicar o que te espera. A tua missão aqui é tornares-te um discípulo meu. Isto não quer dizer que serei mais do que tu, ou melhor do que tu, quer somente dizer que fui eu que te transmiti o conhecimento e te dei as ferramentas necessárias para fazeres o caminho que escolheste fazer. Serás uma réplica fiel de mim no final de todo o processo. Isto se, claro, cumprires com distinção as avaliações a que te irei sujeitar. Terás formações aqui neste mesmo gabinete comigo, onde te transmitirei os meus valores, as minhas ideias, os meus conhecimentos, as minhas técnicas, etc., e depois terás uma espécie de testes *no terreno,* onde irei pôr-te à prova, vigiar-te e avaliar-te. A formação decorrerá entre quatro e seis semanas e terás várias sessões em cada semana. Seja aqui ou lá fora. As sessões são pagas no dia e podes desistir a qualquer momento. Mas se desistires não serás, obviamente, um **Afonso**. No entanto, ainda que completes a formação, isso não significa que o sejas. Serei eu a avaliar se, após tudo aquilo que te ensinei e avaliei em ti, és merecedor ou não deste título. Lembra-te de que, no meu universo, tudo é uma questão de

merecimento. Isto não é para quem quer, é para quem aguenta. Tens aqui toda a informação de que precisas», disse-lhe, passando-lhe uma pasta para as mãos. «Valores, tipos de sessões, tópicos abordados em cada uma delas, uma lista com os meus mandamentos todos, que, digo já, devem ser a primeira coisa que deves assimilar na tua mente, e ainda um acordo que deves ler com muita atenção. Esse acordo será assinado por nós os dois no final da formação caso eu considere que és digno do título de **Afonso**. E sim, já houve casos de quem tenha cumprido todas as sessões e não tenha esse acordo assinado por mim. Alguma questão?»

O homem tinha sido bombardeado com um monte de informação que não estava a conseguir absorver. Percebi pelo seu olhar atrapalhado. Aquilo era tão óbvio e rotineiro para mim que por vezes me esquecia de que do outro lado estava um leigo no assunto. Mas depois de algum esforço para encontrar as palavras certas, lá acabou por formular uma pergunta.

«Bom... a minha pergunta não é bem uma pergunta, é mais... saber se há alguma informação adicional ou algum aviso que me queiras fazer antes de começar.»

«Todas as informações que te façam falta, e que porventura não estejam nesse documento que te passei, ser-te-ão dadas ao longo da formação. Contudo devo avisar-te de que, se te comprometeres verdadeiramente com este projeto de reconstrução interior, vais sofrer uma grande transformação em relação à tua atitude e forma de estar, o que irá refletir-se diretamente na tua vida e no sucesso que pretendes ter. É importante que a tua mente esteja recetiva, porque vais passar a ver as mulheres a partir da minha perspetiva. Que com certeza é diferente da tua e inicialmente pode fazer-te confusão.»

Levantei-me da poltrona, dando-lhe a entender que a nossa conversa tinha chegado ao fim, e ele fez o mesmo. Acompanhei-o até à porta, despedi-me da Susana e descemos juntos no elevador. Olhei para o relógio e percebi que já não ia a tempo de preparar algo decente para jantar. Tinha deixado a taça do *Dark* bem composta de ração e por isso também não seria problema. Acabei por comer qualquer coisa num restaurante do outro lado da avenida e fiz-me à estrada de volta a casa.

O ruído das unhas do *Dark* a picar o soalho era bem esclarecedor da

euforia que me esperava do outro lado da porta de entrada do meu apartamento. O *Dark* era um *husky* siberiano com os seus vinte e cinco quilos de força que muitas vezes me desafiavam o equilíbrio. Eu adorava aquele cão, acima de tudo porque durante a maior parte do tempo ele era a minha única companhia, e porque tinha a curiosidade de ter o pelo preto por cima e branco por baixo. Também eu tinha em mim, ainda que metaforicamente, um lado escuro e outro luminoso.

Troquei de roupa para uma mais desportiva, coloquei a coleira e a trela no *Dark* e bati a porta do 5.º esquerdo. O Sol já se tinha posto quando chegámos ao parque.

«Vamos, *Dark*!», disse, enquanto segurava a porta do carro, convidando-o a sair do banco de trás.

O parque era enorme e tinha vários passeios pelo meio e em redor que estavam pejados de gente àquela hora a fazer caminhadas e a passear os respetivos cães. Caminhei durante alguns metros segurando o *Dark* pela trela e tentando impedi-lo de cheirar os rabos de todos os cães com que se cruzava. Observei ao longe um banco que me parecia ser aquele que me oferecia o melhor campo de visão sobre o passeio em diante e dirigi-me para ele. Sentei-me e sentei o *Dark* ao meu lado. Tirei-lhe a trela e guardei-a no bolso da *sweat*. Olhei para o relógio, coloquei um braço sobre o encosto do banco, cruzei a perna e limitei-me a observar. E não demorou muito até surgir um rosto que me chamou à atenção...

3

Trazia o cabelo comprido apanhado, um casaco desportivo cor-de-rosa, umas *leggings* pretas e uns ténis da mesma cor. Na mão trazia o que parecia ser uma trela, solta, e a caminhar junto aos seus pés (e a parar de cinco em cinco passos) um cãozinho pequeno. Esperei que ela chegasse até diante de mim para a avisar:

«Penso que seja proibido andar com um cão sem trela.»

Ela estancou no meio do passeio a olhar para mim com ar de quem me queria perguntar: «E depois? Vais prender-me?» Mas rapidamente procurou forma de contrapor a observação em jeito de acusação que eu lhe havia acabado de fazer e reparou que o meu cão também não trazia trela.

«Não me parece muito legítimo esse alerta vindo de alguém que, pelos vistos, faz exatamente o mesmo», disse com ar de desafio, fazendo sinal com o queixo na direção do *Dark*.

«Ooooh não! Esqueci-me da trela de novo!», exclamei sem tirar os olhos dela, com um claro e óbvio tom irónico. «Parece que vamos os dois presos. Que chatice!»

«É, parece que sim, mas felizmente não para a mesma cela.»

Iniciou de imediato a marcha e fez sinal com a mão na direção do cão que brincava na relva, para que este a acompanhasse.

«Anda, *Biju*, vamos!»

«Pffff... Não havia melhor?», perguntei em tom de gozo.

Ela voltou a parar e virou-se para mim.

«Mas não havia melhor o quê?!»

«Melhor nome para o bicho. Já pensaste por acaso no *bullying* que ele sofre dos outros cães por ter um nome tão feio? Aposto que nem vai brincar com eles quando estás por perto com medo de que o chames e os outros se riam dele.»

«Oh pá! Que peça me foi sair hoje...», protestou para ela mesma, revirando os olhos e voltando a virar-me as costas.

«**Afonso!**», disse ao mesmo tempo que me levantava.

«Não lhe vou dar esse nome», atirou ela em andamento, sem se dar

ao trabalho de olhar para trás.

Comecei a caminhar na sua direção, parando logo a seguir.

«Não! **Afonso** é o meu nome.»

Ela voltou a parar e a encarar-me a uns quatro passos de mim.

«Eu não te perguntei nada.»

«Este era o momento em que dizias o teu.»

«A sério que é esta a tua forma de engate? Vens aqui para o parque com um cãozinho todo bonitinho e fofinho porque sabes bem que elas gostam, e sentas-te aqui neste banco a mandar piropos às miúdas giras que vês passar?»

Ela mostrou-se mais recetiva à minha abordagem, dando um passo na minha direção e adotando uma postura de expectativa. Mas foi sol de pouca dura.

«Não, claro que não!», respondi. «Nem sempre é neste banco. Às vezes é naquele ali ao fundo, outras vezes...»

Ela não me deixou terminar a frase. Virou novamente as costas e retomou a caminhada.

«Voltaremos a ver-nos», atirei do ponto de onde estava.

«Oxalá estejas enganado», devolveu ela enquanto se afastava.

Com um sorriso, rodei para trás na direção do *Dark*.

«Vamos embora, companheiro.»

Tinha acabado de estacionar o carro na garagem quando o meu telemóvel começou a vibrar. Era uma chamada do Miguel, o meu melhor amigo, a convidar-me a aparecer em mais um dos churrascos que ele fazia no terraço da sua casa.

«Já passam das 22h, Miguel. Isso aí ainda mexe?»

«Não te disse nada antes porque me tinhas dito que em princípio hoje não podias, mas a Filipa também está aqui e diz que quer falar contigo. Pediu-me para te ligar a convidar. Podes?», respondeu ele do outro lado da linha, tentando sobrepor a voz aos decibéis da música que entoava à sua volta.

«Sim, posso, mas vais fazer-me trocar de roupa pela segunda vez em poucas horas», protestei em tom de brincadeira.

«Não te queixes, ainda me vais agradecer. Vá, não te demores que a Filipa já quer ir embora. Quanto às horas... não te preocupes. Hoje é

sexta-feira e a malta só começou agora a beber. Ainda há muita história para escrever esta noite. Até já!»

Eu e o Miguel conhecíamo-nos tão bem que por vezes nem precisávamos de falar. Bastava um olhar para a mensagem passar. Tínhamos o mesmo coeficiente de loucura e isso era a principal razão para nos darmos tão bem. Já tínhamos vivido muitas experiências juntos e muitas mais ainda haviam de vir. Era, ao contrário de mim, uma pessoa expansiva e bastante sociável. O que, de certa maneira, acabava por complementar a minha personalidade.

Subi ao 5.º esquerdo, troquei de roupa, deixei o *Dark* confortável e conduzi até casa do Miguel, que ficava em Matosinhos. No passeio, junto à porta de entrada da casa dele, estava Filipa (uma amiga em comum) com um cigarro na mão. Não era difícil de perceber o que ela queria falar comigo, mas não havia muito a dizer.

«Já vais embora? Tão cedo», perguntei, em forma de cumprimento, momentos antes de lhe beijar o rosto.

«Eu não acordo a meio da tarde como o menino **Afonso**», disse-me com um sorriso e um piscar de olho.

«Como é que está a correr aquele nosso assunto?»

«Está a correr bem, mas vou precisar de uma ajuda tua para amanhã. Depois ligo-te para te dar informações mais precisas.»

Levou o cigarro à boca, de olhar fixo no fundo da rua, e inspirou profundamente o fumo, expelindo-o logo de seguida como se desabafasse o que sentia com o ar que nos rodeava.

«Espero não me arrepender. Custa-me imenso estar-lhe a fazer isto, mas há males necessários. Na realidade só quero ajudar.»

«Fica tranquila e confia em mim. Imagina que deslocas um osso da mão. Sabes que para ele voltar ao seu lugar precisas de passar por uma dor intensa. No entanto, sabes que essa dor é provisória. Ao contrário da dor que sentes quando tens o osso deslocado, que é menos intensa mas mais duradoura. E vais concordar comigo que esta é bem pior. No fundo é isso, por vezes é necessária uma dor provisória para nos livrarmos de uma dor permanente. Com o coração acontece o mesmo.»

«Tens razão...»

A Filipa atirou o que sobrava do cigarro ao chão, esmagando-o de seguida com a sola do sapato. Devolveu-me o beijo na bochecha e

dirigiu-se para o carro. Eu subi a escadaria que dava acesso ao interior da casa do Miguel, sendo recebido pelo dono com um abraço de quem parecia não me ver há anos. (Típico dele.)

Estava uma dúzia de pessoas lá dentro, espalhadas pela sala, pela cozinha e pelo terraço. Grande parte eram colegas de curso dele. E maioritariamente mulheres. O que era um dos motivos pelos quais dificilmente recusava os seus convites. Embora não fosse propriamente o meu *habitat* natural.

O Miguel era um pouco mais novo do que eu, formara-se em engenharia, mas após alguns anos a trabalhar percebeu que não era aquilo de que gostava e decidiu voltar a estudar. Desta vez arquitetura. Vivia numa casa herdada pelos avós. Antiga, mas grande. E churrascos destes eram todos os meses. Sempre que eu lá ia, era inevitável sentir-me de novo um estudante.

Levou-me ao terraço para me apresentar dois colegas que conversavam junto ao assador enquanto bebiam cerveja, e depois de recusar as ofertas de comida e bebida regressei ao interior. Nesse preciso momento surgiu, vinda da cozinha, a Verónica, a amiga advogada do Miguel. Que não pareceu surpreendida por me ver ali. Talvez porque a informação já lhe tivesse chegado aos ouvidos.

A Verónica era uma presença assídua nos convívios que o Miguel organizava e por isso já nos tínhamos cruzado por várias vezes. Inclusive numa delas até nos envolvemos. Por minha opção não passou de uns beijos e umas mãos atrevidas, pois naquela altura não estava na mesma *frequência* que ela. No entanto, isso parecia não ter sido suficiente e a insatisfação dela aliada a uma espécie de rejeição da minha parte fê-la tomar uma postura amarga e até agressiva em relação a mim. Ela sabia disfarçar bem a vontade que sentia, levando-me a duvidar, por vezes, se aquele tratamento era uma tentativa de sedução ou pura vingança, mas estava disposto a esclarecer aquele assunto e a resolver aquele atrito.

«Olha, olha, quem é ele...», começou por dizer assim que chegou junto de mim. «O homem misterioso e sedutor mais desejado do Grande Porto», concluiu com ironia.

«E não só», acrescentei.

«Só falta saber se isso é tudo mérito e confiança ou apenas o ego

inflamado de quem nunca encontrou uma montanha a sério para escalar. Ou de quem fugiu dela...»

«Não me digas que és tu a montanha que me fará acreditar que sou demasiado pequeno para grandes desafios?»

Ela limitou-se a lançar-me um sorriso cínico com ar de desprezo e logo a seguir dirigiu-se para junto de duas amigas que conversavam no sofá. Aquilo deixou-me a ferver por dentro. Não de raiva, mas de excitação pelo desafio que se começava a desenhar na minha mente. Não tinha de lhe provar nada, nem sequer sentia necessidade disso, mas ela tinha acabado de me dar um bom motivo para o fazer. Era viciado em muito poucas coisas. E uma delas era, sem dúvida, em desafios. (Ali estava um interessante.)

Passado quase uma hora, e muito álcool depois, os convidados estavam ainda mais barulhentos. Principalmente quando um pequeno grupo se juntou em volta de uma mesa a jogar cartas. A Verónica ficara no sofá, sozinha, agarrada ao telemóvel, depois de se ter recusado a juntar-se ao grupo que jogava cartas. Eu observava-a, do canto da sala, por entre dois colegas do Miguel que conversavam junto a mim. Ela estava de pernas cruzadas e a saia que trazia deixava-lhe as pernas bronzeadas perigosamente descobertas e tentadoras. A abordagem que me fizera minutos antes parecia ter sido uma injeção de desejo que inacreditavelmente nunca tinha sentido por ela, e que crescia a uma velocidade incrível dentro de mim.

«Miguel!», chamou ela. «Tens carregador para *iPhone*?», perguntou abanando o telemóvel numa das mãos.

«Tenho. Acho que o deixei em cima da cómoda do meu quarto. Vai lá ver. É ao fundo do corredor à direita.»

Ela levantou-se para o ir buscar. Olhei à minha volta e vi toda a gente entretida. Afastei-me, segui-a até ao quarto e, quando se preparava para abandonar a divisão já com o carregador numa das mãos, surgi-lhe na porta e barrei-lhe a saída.

«Fala-me mais dessa história da montanha...», pedi-lhe em jeito de introdução.

Dei dois passos para dentro e fechei a porta atrás de mim.

«Porque estás a fechar a porta?»

«Porque ninguém tem de ouvir a nossa... *conversa.*»

Fiz questão de dar uma entoação diferente à última palavra. Comecei a contorná-la em silêncio (mas sem tirar os olhos dela), até que ela ficou entre mim e a porta do quarto.

«És um homem inteligente, **Afonso**, com certeza que entendeste muito bem as minhas palavras. Se calhar o que não entendeste foi a intenção delas, mas isso não te vou explicar.»

Dirigiu-se para a porta para sair do quarto, mas assim que agarrou na maçaneta eu apareci por trás dela e empurrei a porta com uma das mãos, impedindo-a de sair. O meu rosto ficou junto do dela e o meu corpo encostado ao seu. Fiz questão que ela sentisse a minha respiração alterada pela adrenalina. Não se moveu.

«Diz lá o que é que queres de mim, sem medo», sussurrei-lhe ao ouvido com os lábios a roçarem-lhe na orelha.

«Não quero nada...»

Com a mão que tinha livre tirei-lhe o carregador e pousei-o na cómoda. Agarrei-a pela barriga com o braço, puxei-a contra mim e fi-la sentir a dureza do meu pau por dentro das calças. Ela continuava com uma das mãos agarrada à maçaneta, e encostou a outra à porta para contrapor a força que o meu corpo exercia sobre o dela. Soltei uma das mãos e agarrei-a pelos cabelos junto à nuca, encostando-lhe a cabeça contra a madeira. Com a outra pressionei ainda mais o rabo dela contra o meu pau, e reparei que ela o arrebitara para me poder sentir melhor. Mordi-lhe levemente o maxilar antes de lhe voltar a pedir:

«Diz o que queres de mim!»

«Não quero nada!», disse por entre os dentes com palavras carregadas de tanto desejo como as minhas mãos.

«Eu vou mostrar-te o que tu queres.»

A adrenalina e o tesão estavam a apoderar-se do meu corpo e a fazer emergir o meu lado mais obscuro e perverso. Estava prestes a ser engolido por ele, o que significava que perderia o controlo sobre os meus impulsos e vontades durante os segundos ou minutos seguintes. Era uma zona de sombra, que por vezes me chegava a assustar, mas que era mais forte do que eu.

Com a mão com que a pressionava contra mim comecei a subir-lhe a saia até lhe descobrir completamente o rabo. Agarrei-lhe nas nádegas com firmeza e senti-lhe o calor da pele, que começava a ferver de desejo

de ser consumida por mim.

«É isto que tu queres. Confessa!»

Ela remeteu-se ao silêncio, olhando-me de lado na expectativa do que eu ia fazer. Deslizei a mão à volta da sua cintura até lhe sentir o sexo por cima das cuecas. Estava ainda mais quente do que a parte interna das suas nádegas. Senti-lhe a respiração acelerar e apercebi-me de que afastou ligeiramente as pernas para me dar liberdade de a explorar melhor. Acariciei-lhe o sexo por cima do tecido que me separava da pele dela ao mesmo tempo que respirava junto do seu ouvido e a fazia sentir a minha dureza contra o rabo. Meti o dedo por dentro do fio das cuecas e desci-as até próximo dos joelhos, de onde caíram. Dei-lhe um toquezinho no lado de dentro de cada um dos sapatos de tacão que trazia calçados, dando-lhe sinal para abrir mais as pernas, e comecei a desabotoar as minhas calças.

«Queres que te foda aqui e agora, não é? Diz!», insisti.

Desci as minhas calças até ao fundo com uma das mãos, enquanto com a outra continuava a agarrá-la pelo cabelo. Peguei no meu pau desejoso de a provar por dentro e comecei a deslizá-lo por entre as nádegas dela de uma ponta à outra. Acariciei-lhe o sexo com a cabeça do meu pau, mas sem a penetrar, e disse-lhe:

«Ele está a bater-te à porta, mas é bem-educado e não vai entrar sem autorização. Diz logo de uma vez o que queres de mim! Quero ouvir essas palavras mágicas.»

Ela fervia por todos os lados e não aguentou mais.

«Sim! Sim! Sim! Quero que me fodas toda aqui e agora! Mete logo de uma vez essa porra dentro de mim!»

Penetrei-a profundamente de baixo para cima com uma estocada forte e firme que quase a levantei. Ela arregalou os olhos e soltou um gemido que terminou num sorriso de consolo por finalmente me ter dentro dela. Continuei a penetrá-la devagar e com força, fazendo-a embater com estrondo contra a porta.

«Toma lá!», exclamei com ar furioso. «Pode ser que assim te passe essa amargura e me comeces a tratar como deve ser!»

Ela soltou uma breve gargalhada como se tivesse acabado de cumprir alguma vingança, mas foi logo interrompida por uma voz vinda do corredor que tudo indicava ser a do Miguel.

«Encontraste, Verónica?»

4

Quando cheguei ao Bonaparte, a Filipa e o Miguel conversavam à porta do bar enquanto fumavam um cigarro. Era um vício insuportável que eles tinham, mas eu já havia desistido de os tentar convencer a abraçar o lado saudável da vida. Não que eu fosse um grande exemplo, mas com certeza que a minha força de vontade era bem maior do que a deles. Ou pelo menos mais visível.

O Bonaparte ficava a poucos metros da reitoria e era o meu bar predileto no Porto para os sábados à noite em que saía, e não só. Tinha o equilíbrio perfeito entre o elegante e o descontraído. Pouca luz, decoração singular e umas mesas e sofás ideais para manter uma boa conversa com a discrição que pretendia. Não gostava de ser visto por muita gente, e sempre que pudesse estar a sós com quem eu quisesse que estivesse comigo, não desperdiçava a oportunidade. Mas havia realidades que não conseguia contornar. Havia criado o meu próprio universo, mas até este tinha de se adaptar ao mundo que nos rodeava.

«Eh lá! Morreu-te o cão?», perguntou o Miguel em tom de brincadeira assim que cheguei junto deles.

Parecia nunca se cansar de fazer aquela piada alusiva ao facto de eu andar quase sempre vestido de preto. Trazia as mãos enfiadas nos bolsos da casaca e nem me dei ao trabalho de as tirar para o cumprimentar. Dei-lhe somente um leve encosto de ombro e ele devolveu-o. Afinal de contas, tínhamos estado juntos poucas horas antes, tendo em conta que regressara a casa já de madrugada.

«Estás sempre com ele na boca quando te encontro, Filipa», disse eu para me meter com ela.

«Que engraçadinho!», devolveu com um beliscão no meu braço. «Olha, vamos encontrar-nos com uma amiga minha ali n'O Piolho...», continuou a Filipa antes de ser interrompida pelo Miguel.

«Vamos? Agora?»

«Sim!», respondeu-lhe de olhos arregalados antes de se virar novamente para mim. «E já vimos ter contigo. Até já.»

Comprimi os lábios com um ligeiro inclinar da cabeça, dando a

entender a minha aprovação, e ela agarrou no Miguel pelo braço e levou-o consigo. Cumprimentei o segurança com um sorriso e entrei no bar. Comecei a olhar a toda a volta para avaliar a movimentação, até que intercetei um olhar que vinha da mesa do canto. Revirou os olhos e inclinou a cabeça para trás com desalento quando me reconheceu. Era a miúda do parque.

Caminhei até junto da mesa dela, que tinha um sofá de cada lado, e, sem tirar as mãos dos bolsos da casaca, pousei o cotovelo sobre o encosto do sofá à sua frente e dirigi-me a ela:

«Acreditas no destino?»

«Acredito! Então não acredito?», perguntou retoricamente com cara de enfado. «Acredito que não gosta nada de mim.»

Não contive uma gargalhada silenciosa.

«Tens de admitir que é muito irónico não nos vermos uma vida inteira e depois, no intervalo de um dia, praticamente, encontrarmo-nos duas vezes. Eu diria que é um sinal.»

«Sem dúvida. É um claro sinal de que no espaço de um dia, praticamente, consegui a proeza de estar no local errado e à hora errada... duas vezes!»

O humor dela era delicioso. E o facto de o demonstrar, apesar do suposto aborrecimento que sentia por se cruzar comigo, era um claro indicador de que, no fundo, estaria recetiva à minha aproximação. Não me ia impedir de o fazer, mas ia dificultar-me muito a tarefa. Uma postura claramente defensiva. Fruto, com certeza, de experiências recentes menos positivas. Nada que eu não estivesse disposto e preparado a ultrapassar.

«Acompanhada?»

«Sim. Quer dizer... neste momento não. Estou só a *guardar a mesa.* Mas estarei em breve quando a minha companhia voltar.»

«Essa companhia é o namorado?»

«Não interessa!»

«Terias dito logo que sim, se fosse. Aliás, se fosse nem terias referido a palavra *companhia.* Mas não é importante. O objetivo da pergunta também não era saber aquilo que te perguntei.»

«Ai não? Qual era?»

«Posso sentar-me?»

«Não!»

Fiquei a olhar para ela em silêncio com o rosto inexpressivo durante três segundos, e ela ficou a encarar-me, também, com cara de quem tinha acabado de impor uma ordem.

«Não quero saber», disse, por fim, enquanto me sentava no sofá em frente do dela.

«Será que podes respeitar a minha vontade de não contar com a tua companhia?», pediu ela, cruzando os braços e recostando-se para trás no sofá, tomando uma posição mais resguardada.

Em contrapartida, debrucei-me sobre a mesa, apoiando-me com os cotovelos e entrelaçando os dedos, e tentei olhá-la nos olhos. Contudo, ela evitava a todo o custo dar-me essa confiança (e fazia ela muito bem, pois eu não passava de um desconhecido), desviando o olhar sempre que podia e para onde podia.

«Claro que posso. Quando esse pedido vier do coração e não apenas da garganta, garanto-te que irei respeitá-lo.»

Pela primeira vez a expressão dela amenizou-se. Senti que por momentos ficara sem saber o que dizer, surpreendida com o que eu lhe havia dito. Não tinha sido nada de extraordinário, mas tinha sido o suficiente para ela perceber que havia algum conteúdo por trás do rosto bonito que a encarava naquele momento. No entanto, rapidamente recuperou a expressão carregada com que me brindara desde o primeiro minuto.

«E como é que sabes que não veio do coração?»

«Porque ainda não cheguei lá...»

Ela voltou a ficar pensativa. Eu tinha-a bloqueado de novo na conversa e via-se obrigada a encontrar urgentemente uma saída.

«Sabes o que é que toda esta conversa me diz a teu respeito?»

Não vinha ali coisa boa. Não duvidava de que tivesse encontrado uma saída, mas não uma que desse para algum lado mais próximo de mim. Fiz um compasso de espera e lá perguntei:

«O quê?»

«Diz-me que tens muita lábia. Que, somada ao teu à-vontade, me diz que sabes muito bem o que estás a fazer. O que, por sua vez, me leva a concluir que és muito experiente nestas andanças. Ou seja... já o fizeste muitas vezes e eu sou apenas mais uma.»

Toma, ***Afonso****. Apanhou-te. E agora?* Não ia dizer que não, pois estaria a mentir, e isso é coisa que não faço. De certa maneira acabava de me roubar uma arma, mas tinha-me dado outra. Era como se me tivesse tirado uma pistola das mãos e entregado uma faca. Nada que eu já não estivesse à espera: não me ia impedir de lutar, mas não me ia facilitar a tarefa. No entanto, talvez a reviravolta na conversa fosse melhor do que aquilo que aparentava. O facto de eu ter de começar a justificar-me dava, de um modo subconsciente, uma importância maior àquilo que se estava a passar entre nós, que, no fundo, não passava de um picanço verbal.

«Sim, tens razão, sei muito bem o que estou a fazer. Sim, talvez me possa considerar experiente, uma vez que, tal como dizes, e bem, já o fiz muitas vezes. Quanto ao facto de seres mais uma, que, pensando bem, é o ponto mais relevante de tudo o que referiste a meu respeito... isso dependerá de ti.»

«O que é que queres?», perguntou, para não ter de admitir que eu tinha razão na observação que fizera.

«Quero o teu tempo», respondi prontamente.

«Queres o meu...»

«E a tua atenção», interrompi para acrescentar.

«Queres o meu tempo e a minha atenção? Não me digas que afinal és um vendedor daqueles das revistas e vais tentar vender-me um *kit* de cozinha completo?»

Por momentos os papéis tinham-se invertido, agora era ela quem fazia as *piadinhas*. No entanto, tudo não passava de uma forma de se desviar da minha abordagem e evitar que a conversa entrasse por campos onde ela sabia que estaria em desvantagem. Já se tinha apercebido da minha habilidade com as palavras, o que me permitia encurralá-la facilmente, por isso fazia o que podia para me atrapalhar as investidas. Foi então que adotei uma expressão facial mais séria e me recostei no sofá, tal como ela, para lhe dar a entender que, em curtas palavras, não estava para brincadeiras.

«Pronto, está bem...», continuou ela ao aperceber-se da alteração do meu semblante. «Queres o meu tempo e atenção para quê?»

«Quero o teu tempo e atenção porque são tudo o que preciso para ter tudo o que quero de ti.»

«E o que é que havias de querer de mim se nem sequer me conheces de lado nenhum e não sabes nada de mim? Viste-me ontem pela primeira vez e hoje, por obra do acaso, encontraste-me de novo. Queres levar-me para a cama, como os outros, enfim...»

«E se te disser que sou diferente de todos os homens com que te cruzaste na vida?»

«E se te disser que todos os homens com que me cruzei na vida... me disseram isso?»

«E se te disser que me estou a marimbar para o que eles te disseram?»

«E se te disser que me estou a marimbar para o que pensas ou deixas de pensar?»

Ficamos os dois em silêncio durante breves segundos a encarar-nos um ao outro de cada lado da mesa. Agradecia-lhe interiormente o facto de ela ter dado continuidade a uma batalha de perguntas sem resposta, porque me permitiu distanciar-me da pergunta que inicialmente me fizera. Não que eu não tivesse uma resposta para lhe dar, mas qualquer uma que lhe pudesse dar ia-me fazer perder mais do que aquilo que me faria ganhar naquele momento.

«Como te chamas?», perguntei.

«Não te vou dizer.»

A resposta era mais do que óbvia, mas a pergunta era essencial para mudar a trajetória da conversa em direção ao caminho que eu pretendia que ela tomasse.

A mulher precisa de ser desafiada desde o primeiro minuto. É isso que agarra a sua atenção, e só tendo a sua atenção é que é possível fazer-lhe chegar a mensagem pretendida. É preciso tirar-lhe o sofá, encostá-la contra a parede, dar-lhe um abanão para que se desequilibre. É essa constante busca pelo equilíbrio e por um lugar confortável que a move e que a faz viver. No entanto, ela não tem pressa de lá chegar. Ainda que não o saiba, ela abomina o conforto e a estabilidade. Procura-o sempre, deseja-o sempre e, quando o alcança, sente uma insatisfação estranha dentro dela e uma incompreensão inexplicável. Não consegue entender como é que tendo finalmente encontrado o que procurava não se sente profundamente feliz. Precisamente porque deixou de ter aquilo que a fazia mover, e consequentemente sentir, e por conseguinte viver, que era

a ausência de estabilidade e equilíbrio. É a instabilidade, a incerteza e o desconhecido que geram a paixão numa mulher. Aliás, a paixão é tudo isso. Ela procurará sempre o amor, que é o equilíbrio, mas não abdicará nunca da paixão, que é precisamente o oposto. Por isso vive numa constante luta com ela mesma. Se são todas as mulheres assim? Claro que não, mas a maioria sim. E é sempre na maioria que eu falo. O homem ideal é, portanto, aquele que consegue a proeza de a desequilibrar constantemente e que lhe dá, ao mesmo tempo, a segurança necessária para que nunca caia.

Fomos interrompidos pela empregada de mesa que me veio perguntar o que eu queria tomar. Olhei para a minha companhia à espera da sua aprovação para fazer o meu pedido, uma vez que ela estaria supostamente acompanhada. Ela olhou em volta, encolheu os ombros e arregalou os olhos como quem dizia «faz o que quiseres». Pegou logo a seguir no telemóvel e escreveu uma curta mensagem, certamente a perguntar a quem estava com ela antes de mim se ainda demorava a voltar.

«Um café e uma água, por favor», respondi à empregada.

«A sério? Sábado à noite, toda a gente a beber cerveja e aqui o *mister charme* vai beber uma água?», disse com ironia.

«Eu já não bebo álcool.»

«Que estranho. Estava à espera de que fosses pedir, sei lá, um *gin* tónico qualquer ou um *whiskey* com duas pedras de gelo. Sabes... aquelas bebidas mesmo “à homem” para seduzir a mulherada.»

«Sim, eu sei. Acontece que, além de isto não ser um desses filmes estilo 007*,* não preciso de nenhum desses adereços cinematográficos para conquistar uma mulher. Não preciso sequer de ser bonito como sou, ou de ter um corpo atlético, ou de ser muito rico e fazer questão de o demonstrar. Porque eu sou o **Afonso**. Ou seja, eu, sendo eu, apenas, já trago em mim o suficiente para conquistar qualquer mulher deste mundo... Que tenha um cérebro. Claro.»

Senti que ela ficou por momentos num dilema se havia de fazer uma piada ou questionar-me acerca do que eu acabara de dizer. Não optou por nenhuma das duas e seguiu por terrenos mais firmes.

«Já não bebes álcool porquê?»

«Quer dizer... eu bebo álcool, mas apenas numa situação. Se te

portares bem, prometo um dia contar-te a minha história.»

Entretanto a empregada chegou com o meu café e a minha água e ao mesmo tempo ela recebeu uma chamada que, ao que tudo indicava, seria a companhia que não mais regressara.

«Tenho de ir», disse ela ao terminar a chamada.

Introduziu o telemóvel na bolsa e colocou a alça ao ombro.

«Quando é que nos voltaremos a ver?»

«Quando o destino me voltar a fazer das suas.»

«Não é domingo todos os dias», disse com um sorriso. «Vá lá, diz quando é que nos voltaremos a ver.»

Ela estava prestes a ceder à minha insistência, mas no último segundo, como se alguma lembrança desagradável lhe tivesse ocorrido à memória e a fizesse mudar de ideias, recuou na intenção.

«Eu... eu tenho de ir...», disse ao levantar-se.

«Oh não!», exclamei ao olhar para o meu telemóvel.

«O que é que aconteceu?»

«Parece que fiquei sem bateria e não tenho como dizer ao meu amigo onde estou. Podes ligar-lhe, por favor?»

«E sabes o número dele de cor?»

«Sim, sei, é o único número que sei de cor, aliás.»

Ela não fez cara de frete e procurou logo o telemóvel na bolsa para mo entregar e eu mesmo lhe telefonar. O que demonstrava um bom espírito solidário. Algo que eu apreciava muito numa mulher. Introduzi o número, cliquei no botão de chamada e logo depois o meu telemóvel, pousado sobre a mesa, começou a vibrar.

«O único número que sei de cor é o meu e convenhamos que sou muito meu amigo», disse-lhe com um sorriso malicioso.

«Merda! Como é que fui cair nesta!», protestou.

«Agora que já trocámos números de telemóvel, diz lá quando é que nos voltaremos a ver.»

Respirou fundo para sacudir a raiva que sentia dela mesma e voltou a guardar o telemóvel na bolsa.

«Olha... quando me fizeres um convite irrecusável», disse ela para me despachar, e começou a andar para se ir embora.

Ergui-me para falar melhor com ela e sabia que não podia de forma nenhuma desperdiçar a pressa que ela sentia naquele momento, pois

respondia a primeira coisa que lhe vinha à cabeça, o que, com certeza, estaria sempre mais próximo da verdade.

«Para isso tens de me dizer do que é que gostas.»

«Sei lá, gosto de... *sushi* e de... morangos. Tchau!»

«E que nome ponho aqui no teu número?»

«Põe... *a miúda do parque!*», atirou, já de costas para mim enquanto se afastava.

5

«Pega nos mandamentos», comecei por dizer ao Simões (outro dos meus vários aspirantes), referindo-me ao livrete com os meus cem mandamentos que lhe havia fornecido no início da formação como fazia com todos. «E lê-me o mandamento n.º 93.»

Pegou no livrete guardado dentro da sua pasta, pousada na mesinha ao lado da poltrona onde estava sentado diante de mim, folheou até à última página e começou a ler:

«Mandamento n.º 93: se não és confiante, faz de conta; mais importante do que ser é parecer.»

«É esse o teu maior problema com as mulheres, Simões: a falta de confiança. Enquanto não o resolveres, nunca vais conquistar a mulher que desejas. Tens a teoria praticamente toda assimilada, os meus conceitos estão quase todos aí nessa cabeça, mas na hora H falhas porque és demasiado sincero e transparente com uma característica tua que é do teu interesse... camuflar.»

«Mas como é que consigo parecer uma coisa que não sou, se para parecer eu tenho de ser? Ou melhor, ao parecer já estou a ser. Porque ser e parecer confiante é, *grosso modo*, o mesmo.»

«No fundo, no fundo, *grosso modo*, é o mesmo, e é precisamente aí que quero chegar. Mas achas que para pareceres tens de ser, e quero mostrar-te que para seres tens de primeiro parecer. O resultado acaba por ser o mesmo, mas o caminho é o inverso. Percebe uma coisa: ser é do coração, parecer é da cabeça. Aquilo que és de verdade é aquilo que és quando estás distraído. Porque quando pensas e premeditas as coisas, estás a introduzir filtros àquilo que és verdadeiramente. Estás a selecionar e a manipular a tua verdade para que se adeque ao meio externo ou a algum propósito teu em concreto. Todos nós o fazemos todo o dia, mas com níveis de exigência diferentes. E é isto que tens de começar a fazer. A confiança genuína (que não sabes o que é) vem de dentro para fora. Isto acontece quando já tens plena noção do teu valor, das tuas qualidades, etc. É claro que isso te tornará uma pessoa confiante por natureza. Mas esta questão da confiança é engraçada

porque funciona se fizeres o trabalho de fora para dentro. Isto que vou explicar-te aplica-se a qualquer pessoa independentemente do género, não te digo isto por seres tu. Começas por fazer de conta que és confiante. Ou seja, adquires essa postura inabalável durante os teus contactos com as pessoas e perante a tua própria vida. Quando numa abordagem a uma mulher ela te aponta um defeito qualquer ou te diz que não, podes, por exemplo, rir-te, ou dizer que não queres saber ou que não te importas. Por dentro estarás de certeza a remoer no que ela disse, mas a imagem que lhe passas é de que aquilo não te afetou e que por isso a fraqueza é dela e não tua. Qual é o resultado disto? Ela vai admirar essa tua postura. Porque as mulheres adoram um homem confiante, pois é um homem seguro de si. E essa confiança dá-lhes segurança e ao mesmo tempo desafia-as. O que é extremamente excitante e atraente. Por consequência, vai sentir-se seduzida por ti e mais recetiva a ti. Consequentemente, vais sentir-te mais confiante porque estás a obter os resultados pretendidos. E essa confiança já vem de dentro e não de fora. Pois é genuína. Contudo, foi semeada dentro de ti por uma espécie de confiança fictícia vinda de fora.»

«Uau... de facto faz todo o sentido. Mas isso não significaria que eu estaria a ser, de certa forma, falso com ela?»

«Oh, meu pequenino», disse-lhe de forma que sentisse que eu estava bem ciente da sua ingenuidade. «Esta vida não é para os bonzinhos e inocentes, é para os espertos. Se queres ser um **Afonso**, tens de aprender a enganar, mas sem nunca mentir. Ou seja, quando enganas alguém sem nunca lhe mentires, a culpa nunca será tua porque foste sempre verdadeiro, entendes? A outra pessoa é que pode sentir-se culpada por não ter sido capaz de perceber, mas nunca te poderá culpar a ti. Aquilo que nunca podes fazer é mentir a uma mulher ou enganá-la com o intuito de a prejudicar de alguma forma, pois isso já não é ser um **Afonso**, mas sim um energúmeno qualquer. E a questão da confiança fictícia é uma ilusão que crias também para te fazer ganhar tempo de conquistares a confiança genuína, pois é esse o propósito final. E com certeza que será bom tanto para ti como para ela.»

«Muito bem, mas tendo em conta que estarei durante algum tempo, teoricamente, a enganar uma pessoa, isso não é mau?»

Suspirei e passei a mão pelo cabelo. O Simões era um bom aluno, na

parte teórica, mas ainda era muito verde nalguns aspetos.

«Tens de entender que nem sempre os termos no meu universo têm exatamente o mesmo significado que no universo geral. Isto porque criei um universo paralelo, mas não um dialeto para ele. Por isso tenho de usar as palavras que todos conhecemos. Enganar tem uma conotação demasiado negativa para aquilo que realmente significa neste contexto, mas simplificando as coisas, só tens de te focar numa única coisa: intenção. Ou seja, se aquilo que fazes, seja isso o que for, tiver a intenção de proporcionar algo bom a ti e à outra pessoa, sem com isso prejudicar ninguém, então está tudo bem. Já sabemos que de boas intenções está o inferno cheio, mas isso agora dependerá dos teus princípios e valores. Eu dou-te as ferramentas, mas nunca poderei usá-las por ti. Estamos entendidos?»

«Sim! Há duas sessões tinhas-me dito que ser um **Afonso** é como ser um ilusionista, penso que seja essa a mensagem que agora, ainda que por outras palavras, estejas a transmitir-me.»

«Ora nem mais! A matéria-prima que usamos é a verdade. E sempre a verdade. Esse é o compromisso máximo. Mas ocultando as partes certas e escolhendo as perspetivas adequadas podemos criar uma infinidade de outras realidades. Vá, encontramo-nos daqui a três dias. Enquanto isso trata de começar a aprender a gostar do tipo que vês no espelho, pois com certeza que assim estarás bem mais próximo de encontrar alguém que também goste dele.»

O Simões abandonou o meu escritório e eu fiquei lá, durante mais alguns minutos, a organizar papéis e a responder a *emails*.

Os homens que passavam pela minha formação sofriam uma profunda transformação interior. Não era só uma questão de conhecer as técnicas para conquistar uma mulher, era conhecer as técnicas para se mudar a si mesmo e assim influenciar o mundo que os rodeava. Tudo começava por cada um colocar uma máscara imaginária e depois adaptar-se a ela, moldar-se em função dela e permitir que ela mesma operasse uma transformação de fora para dentro. Alguns entendidos defendem que o mais correto seria de dentro para fora, mas eu desenvolvi as minhas próprias técnicas e metodologias ao longo dos últimos anos e os resultados positivos são a prova da sua eficácia.

O objetivo era claro: transmitir o conhecimento necessário àqueles

homens que lhes permitisse operar uma mudança significativa de maneira a iniciarem e a manterem relacionamentos saudáveis nas suas vidas. Uma mudança feita à minha imagem num universo onde o sexo, o amor e o mistério são os grandes imperadores e a satisfação da mulher está sempre em primeiro lugar.

Estávamos no pico do verão e tudo indicava que ia ser uma noite quente. O Simões havia sido o último aspirante que eu recebera nesse dia. Por isso, assim que terminei de organizar os papéis e responder a todos os *emails*, desliguei o PC e fechei a mala preparando-me para ir embora. Apercebi-me de que o ambiente no corredor estava bastante sossegado, como de resto era normal àquela hora do dia, e aproveitei para ir beber água à máquina junto da receção.

A secção de escritórios à qual pertencia o meu tinha um horário alargado até mais tarde, um dos motivos pelos quais me havia mudado para lá, pois permitia-me cumprir os meus horários de sono de manhã até à tarde e fazer os meus atendimentos ao final do dia, que era quando os meus clientes estavam também disponíveis em função dos seus respetivos trabalhos. Por outro lado, evitava o horário de maior afluência e movimento nos escritórios, o que permitia não ter de me cruzar com muitas pessoas e ainda facilitava o secretismo necessário para a minha atividade. Eu era, para todos os efeitos, um *coach,* mas mal se começava a descobrir mais concretamente aquilo que eu fazia, sentia necessidade de mudar de escritório. O que já acontecera algumas vezes, por isso mesmo evitava ao máximo interagir com as pessoas no local de trabalho. Naquele caso só falava com a Susana, até porque era a secretária que fazia o segundo turno e por isso coincidia com o meu horário. Foi precisamente para ela que falei, assim que dei um longo gole de água e me encostei à parede ao lado da máquina para ficar de frente para o balcão onde ela se escondia parcialmente.

«Está a correr bem o dia, Susana?»

«Está sim!», respondeu prontamente.

Olhou para um lado e para o outro para confirmar que não estava ninguém por perto e fez-me sinal com o dedo para que eu me aproximasse do balcão, antes de continuar:

«Sabe, **Afonso**, fiquei a pensar no que me disse no outro dia e a questionar-me como é que através dos meus olhos conseguiu perceber

que alguma coisa não estava bem em mim.»

Bingo! Esta correu-te bem. De facto, não vira nada de especial nos olhos dela, não tinha esse poder, mas isso não invalidava que, no fundo, não sentisse que alguma coisa não andava bem. Até porque algumas pessoas usam o sorriso tantas vezes para disfarçar as suas preocupações que até se esquecem de o tirar.

«O que é que se passa?»

«Nada de especial, só achei curioso e quis partilhar...»

«Susana, Susana... É muito difícil alguém esconder alguma coisa de mim. De uma forma ou de outra acabo sempre por descobrir o que quero. Não vale a pena fugir. Diga lá», insisti.

«São coisas minhas. Nada de importante...»

«Vou confidenciar-lhe uma coisa: a Susana parece-me uma mulher muito interessante. Merece com certeza o melhor deste mundo. Adoro o seu sorriso, mas adoraria mais se soubesse que é genuíno e não somente um disfarce.»

«Ai muito obrigada, **Afonso**, até fico sem saber o que dizer», disse desviando o rosto para o lado visivelmente envergonhada.

A forma como ela iria responder ao meu elogio iria determinar a minha abordagem daí em diante, além de que me daria a conclusão de que eu precisava naquele momento. E foi tal como eu esperava. Era muito cedo para dizer, mas fazia-me crer que a Susana estaria a passar a tão famosa crise dos quarenta. Não tinha absolutamente nenhum motivo para isso, a avaliar pelo que eu conhecia dela, mas não era nada que simplesmente ela pudesse escolher. Não se limitara a sorrir, a agradecer ou a mudar de assunto. Ficara visivelmente envergonhada e lisonjeada por ter sido elogiada por um homem mais jovem como eu. Estava aparentemente a passar uma fase de maior carência, não só pelas transformações físicas mas também por uma possível falta de interesse do parceiro. Uma arma que eu iria usar a meu favor e, indiretamente, a seu favor.

«Aproveite mais a vida, Susana», continuei a dizer com ar propositadamente suspeito. «Atreva-se mais, arrisque mais, experimente mais. Se há altura na vida em que isto é quase uma imposição, acredite que é esta.»

«Acredito, acredito...», confirmou.

Ela não retificava o que eu dizia, o que era mais um sinal claro de que eu estaria a pisar as pedras certas na travessia do rio.

«Se me permite dizer-lhe», disse em jeito de sussurro, «a Susana tem *tudo* para o conseguir...»

Era a hora de dar o fora dali, e sem deixar que ela me respondesse arranquei em direção ao meu gabinete, mas assim que atravessei a porta o meu telemóvel vibrou. Era a Verónica.

«Temos um assunto para terminar...»

A entrada em cena do Miguel, no dia do churrasco, impedira-me de terminar aquilo que havia começado. Não que eu tivesse complexos com o facto de ele descobrir que eu estava a foder uma das suas amigas no seu próprio quarto. Éramos suficientemente cúmplices para ele me dar essa liberdade. No entanto, estavam mais pessoas na casa naquela noite, incluindo amigas próximas dela e que rapidamente notariam a sua ausência. Assim que o Miguel a chamou, empurrou-me para trás, vestiu as cuecas, desceu a saia e desapareceu do quarto. Agora reclamava o término daquilo a que havíamos dado início, e com razão. Eu, tal como ela, também não gostava de deixar as coisas a meio, e por isso aquela foda interrompida tinha de ir até ao fim. E já que ela me tinha falado naquele dia, naquele dia seria.

«*Hoje. 23h. Rua Júlio Dinis 204. Póvoa de Varzim*», respondi somente numa SMS que já não obteve resposta.

Acabara de lhe indicar a morada do meu outro apartamento, um modesto T2 que tinha junto à praia. Era um apartamento antigo e com uma decoração simples. O facto de ficar no sétimo e último andar, ter uma varanda generosa com vista para o areal e muita luminosidade tornava-o o local ideal para umas boas noites de sexo. Chamava-lhe a minha *Sala da Culpa*...

Olhei para o relógio e vi que tinha tempo suficiente. Dirigi até ao 296, estacionei o *420* na garagem, subi até ao 5.º esquerdo, fiz umas festinhas ao *Dark*, atestei-lhe as taças, tomei um duche, vesti uma roupa leve, desci à garagem, entrei no *Mégane* e conduzi até ao 204. Estacionei a cerca de dez metros do portão que dava acesso ao prédio. Desliguei o motor e aguardei na penumbra que o candeeiro fundido junto ao meu carro me dava. Faltavam cerca de sete minutos para as 23h quando me apercebi de um carro a aproximar-se devagarinho. O que me

dava a entender que seria a Verónica à procura do número da porta. Assim que o encontrou estacionou no lugar em frente. Poucos segundos depois vibrou o meu telemóvel.

«*Cheguei.»*

«Entra», respondi.

Saiu do carro e eu saí ao mesmo tempo. Reparei que não se apercebera da minha presença. Dirigiu-se para o portão que dava acesso ao prédio na esperança de me encontrar do outro lado, e assim que meteu a mão do lado de dentro para o abrir surgi por trás dela.

«Eu abro», disse-lhe.

Ela deu um grito abafado.

«Que susto, **Afonso**! O que é que estavas a fazer aqui fora?»

«Estava no carro à tua espera e atento ao relógio. Se às 23h em ponto não estivesses aqui, acredita que às 23h01 eu estaria a ligar o carro para ir embora», disse com um semblante calmo e sério. «Vejo que és pontual. Gosto disso. Agora segue-me.»

Abri o portão e deixei-a passar a seguir a mim. Entrámos no prédio e subimos de elevador até ao último piso, e optei por não lhe dirigir a palavra até que entrássemos no apartamento. Ela trazia um vestido casual debaixo de um casaco curto, um tacão alto e uma pequena mala pendurada no ombro. O casaco aberto deixava vislumbrar a saliência dos mamilos no tecido do vestido. Não trazia sutiã. *Hummm... além de pontual é prática.* Excitava-me como nunca antes, e até eu não entendia o porquê de até àquela noite do convívio nunca ter olhado para ela daquela forma. Talvez por ter sido sempre ela a querer mais do que eu, o que lhe roubara algum encanto. Não, não seria a mulher que me conquistaria o coração, mas era aquela que, naquele momento, o meu corpo mais queria foder até virar um trapo. Uma vontade que era alimentada pelo perfil que eu já tinha traçado dela: uma mulher que gostava de ser dominada com agressividade. E, independentemente das minhas preferências, se era esse o jeito que mais prazer lhe dava, então era isso que teria. Uma coisa estava clara na nossa cabeça, estávamos ali para foder como animais e terminar o que deixámos a meio.

Assim que bati a porta atrás de mim, tirei-lhe a mala do ombro, puxei-a pelo braço e encostei-a contra a parede bem ao lado do sofá. Agarrei no queixo dela com a mão direita, rodei o rosto ligeiramente para o lado

para que o seu ouvido ficasse na direção da minha boca, e como se de um cão raivoso se tratasse disse-lhe:

«Que loucura é essa de te enfiares num apartamento sozinha comigo? Hã?! Tens noção dos riscos que corre este teu corpo?!»

Voltei a rodar-lhe o rosto para a olhar nos olhos com cara de mau antes de continuar:

«Eu sou o **Afonso**! Espero que saibas que a partir de hoje qualquer homem com quem fodas te saberá a pouco.»

Quando terminei o aviso, lambi-lhe os lábios torcidos pelo esforço que a minha mão lhe exercia no rosto. Com a mão esquerda e com a ajuda dela despi-lhe o casaco, meti a mão por debaixo do vestido e desci-lhe as cuecas num só movimento. Enfiei quatro dedos na sua boca para os lubrificar bem e depois levei-os ao sexo dela e acariciei-o por fora. Primeiro com movimentos circulares consistentes e ligeiramente acelerados (sem esfregar) até a sentir bem molhada, e a seguir com movimentes para trás e para a frente de mão estendida, mas desta vez com movimentos mais lentos e mais fortes, para lhe lubrificar e estimular toda a região. Introduzi o dedo médio dentro dela fazendo sempre pressão do lado de fora com a palma da mão, para o clit ser ininterruptamente estimulado. Comecei os movimentos de vaivém e ela semicerrou os olhos, mas estava de tal maneira anestesiada que lhe fez pouca diferença. Acrescentei o dedo anelar e mantive o movimento ritmado e contundente. Começou a gemer com mais intensidade, a contrair a barriga e a contorcer a cintura. Aumentei um pouco mais a velocidade e mantive-a durante alguns segundos até que, sem nunca lhe soltar o rosto, juntei o terceiro e último dedo, o indicador. Os movimentos deixaram de ser de vaivém e passaram a ser de rosca, como se, com a mão em C, estivesse a desapertar alguma coisa dentro dela, mas no fundo estava a apertá-la cada vez mais. Ela cerrou os olhos e soltou um gemido vindo da alma. Perdeu momentaneamente a força nas pernas, mas eu tinha-a bem segura com as duas mãos. Acabava de tocar nas nuvens naquele momento.

Soltei-lhe o rosto e o sexo, puxei-lhe o vestido para cima, deixando-a completamente nua (apenas com os tacões, mas esses iam continuar onde estavam até ao fim), e atirei-me à boca dela com um beijo devorador para não a deixar arrefecer enquanto despia a minha roupa.

Quando me vi também completamente nu diante dela, agarrei-a por trás do pescoço e fi-la debruçar-se por cima do apoio lateral do sofá, ficando com o rosto encostado no assento e o rabo empinado virado para mim. O apoio lateral do sofá era almofadado e arredondado, o que tornava a posição confortável para ela. Dei-lhe duas fortes bofetadas nas nádegas, cuspi na mão quase adormecida pelos impactos, agarrei na cabeça do meu pau, acrescentando à saliva o lubrificante natural dele, e desci de mão fechada até ao fundo. Agarrei nele, como se não tivesse lubrificante suficiente (e nunca é demais), e acariciei-lhe o sexo algumas vezes com a cabeça antes de a penetrar de uma vez até ao fundo. As nádegas dela ainda ardiam de dor das bofetadas que lhe havia dado, o que permitia distrair o cérebro dela de qualquer dor eventual que as primeiras penetrações lhe pudessem causar. Comecei a entrar nela sem medo nem piedade, fodendo-a contra aquele sofá e amassando-lhe o rabo com as duas mãos. Enquanto isso, ela cravava as unhas no sofá e salivava, ofegante, com a cara colada às almofadas.

«Fode-me, cabrão! Fode-me essa cona toda! Por favor! Não tenhas pena de mim!», implorava em forma de exigência e com a voz abafada pelas almofadas.

Quanto mais ela me pedia, mais fundo eu metia, acreditando sempre que a cada penetração eu conseguia entrar um centímetro mais. À medida que a ia devorando, apercebia-me cada vez mais de que o prazer dela estava umbilicalmente ligado à dor e à brutalidade com que a tratava, o que me permitia expandir horizontes e ao mesmo tempo perceber quais os passos certos a dar para lhe dar uma experiência única para nunca mais se esquecer.

Tirei o meu pau de dentro dela, agarrei-a pelos cabelos com a mão direita, erguendo-a para cima e, sem a soltar, guiei-a para a frente do sofá e sentei-a à minha frente. Agarrei no meu pau com a mão esquerda e esfreguei-o por fora da boca dela. Fi-la lambê-lo todo antes de o meter na sua boca. Deixei-a chupá-lo sozinha para ver até onde ela ia enquanto lhe acariciava os seios com a mão que tinha livre, mas percebi que ela precisava de um incentivo extra.

«É para o chupar todo! Chupa-o todo!»

Agarrei na cabeça dela com as duas mãos, segurei-a naquela posição e comecei a fazer-me entrar e sair daquela boca fazendo-a entalar-se e

a saliva escorrer-lhe pelo queixo. Por fim, meti tudo até ao fundo e segurei-a naquela posição até ela começar a sufocar e a sacudir a cabeça para se soltar. Quando finalmente a libertei, respirou profundamente de alívio. E sorriu de um jeito malicioso.

Sem lhe dar tempo de recuperar o fôlego, agarrei-a pelo braço, pu-la de pé, virei-a de costas, fi-la ajoelhar-se sobre o assento do sofá e segurar-se com as mãos na parede, e voltei a penetrá-la enquanto a agarrava pelos ombros para contrabalançar a força que exercia contra o corpo dela. Enquanto isso, ela tateava a parede, o encosto do sofá e até procurava com as mãos o meu corpo atrás de si numa tentativa inútil de agarrar nalguma coisa que pudesse apertar e libertar a energia acumulada em forma de tesão.

A nossa pele pingava de suor pelo esforço e pelo calor que se fazia sentir no apartamento, e os nossos gemidos misturavam-se com o som dos nossos corpos suados a embater um no outro. Começava a faltar-me as forças nos dedos pelo esforço extra que tinha de fazer por causa da pele escorregadia, e tive de mudar de posição.

Fi-la deitar-se de costas no sofá, coloquei-me por cima entre as suas pernas, e regressei ao interior dela. Apoiei-me com a mão esquerda no sofá ao lado da sua cabeça e com a mão direita sobre o pescoço dela. Comecei a penetrá-la enquanto a olhava nos olhos, e fui ajustando a pressão sobre o seu pescoço para se sentir completamente dominada por mim. (Tal como ela queria.) Aumentei uma última vez a velocidade esgotando as últimas forças que me restavam e vim-me, finalmente, para cima dela, fazendo entoar pelo apartamento um gemido longo e ruidoso.

Ergui-me e, nu, fui até à varanda refrescar-me com o ar morno daquela noite de verão. Estava um luar tão intenso que não tinha sentido necessidade de acender nenhuma luz. Identificava-me com aquelas noites, pois elas, tal como eu (e como o *Dark*), tinham o seu lado negro e ao mesmo tempo luminoso. Não deixavam de ser noites, cheias de perigos e zonas ocultas, mas ao mesmo tempo havia uma luz, como se de uma esperança se tratasse, que as tornava mais acolhedoras e menos assustadoras.

Encostei o rabo no gradeamento e fiquei a observar a Verónica. Tinha ficado na mesma posição em que a deixei. Estava estendida no sofá,

com uma perna fletida pousada sobre o encosto traseiro do sofá e a outra esticada pousada sobre o encosto lateral. O luar que lhe embatia no corpo permitia-me vislumbrar, do ponto de onde estava, um dos seios, reluzente, a subir e a descer freneticamente enquanto a respiração regressava devagar à normalidade.

«Tens toalhitas na casa de banho. Vai limpar-te», sugeri.

Ela ergueu-se do sofá muito lentamente e caminhou até à casa de banho. Assim que saiu do meu campo de visão, olhei para baixo para o meu pau, que, apesar do ar fresco, parecia ainda estar vivo.

Pouco tempo depois regressou, remexeu qualquer coisa no chão junto ao sofá e ergueu-se com as cuecas na mão, ajeitando-as para as voltar a vestir. Dirigi-me para ela e perguntei:

«O que é que estás a fazer?»

«O que é que te parece?»

Assim que me aproximei, tirei-lhe as cuecas da mão, agarrei-a pelo braço e empurrei-a de novo para cima do sofá.

«Eu ainda não terminei...»

6

Acordei mergulhado em suor e completamente exausto. Percebi logo que tinha sido mais uma noite de pesadelos. O *Dark* gania baixinho algures no apartamento como se, de alguma forma, também tivesse sentido a tortura que havia sido aquele sono. Saí da cama e meti-me debaixo do chuveiro numa tentativa de me revitalizar com a energia da água tépida que me descia pelo corpo. Sequei-me (com uma toalha que parecia mais áspera do que o habitual) e deixei-me estar durante algum tempo de pé, nu, diante do espelho a observar-me. A tatuagem que tinha no peitoral esquerdo parecia-me particularmente intensa. Virei-me ligeiramente de lado para poder ver a cicatriz nas minhas costelas e percorri-a com a ponta do dedo. Estava mais sensível do que o normal. *Tu outra vez,* pensei.

Vesti-me, tranquilizei o *Dark* com umas festas e preparei o meu almoço-lanche. Com o ânimo recomposto, agarrei no telemóvel, fui à lista telefónica, procurei *a miúda do parque* e pus a chamar. Demorou a atender, talvez na dúvida se o devia fazer ou não, mas lá acabou por clicar no verde:

«'Tou, diga!», disse com um suspiro, dando-me a entender que sabia quem estava do outro lado da linha.

«Hummm... parece que a miúda do parque teve o cuidado de gravar o meu número. Vou tomar a liberdade de me sentir lisonjeado. Já agora, posso saber com que nome o gravaste?»

«Claro que podes: o tipo de preto, cheio de lábia, que pensa que me conquista com duas cantigas e um olhar misterioso, mas que no fim volta para o mesmo lugar de onde veio.»

Já sabia que não ia perder a oportunidade de fazer uma piada, mas eu também me tinha posto a jeito propositadamente para saborear um pouco mais do seu humor sarcástico e fazê-la percorrer o caminho que me dava mais liberdade.

«Ooooh, que querida! Não era preciso toda essa declaração. Sim, até posso voltar para o lugar de onde vim, mas levo-te comigo. Quanto ao meu nome aí no teu telemóvel, bastava pores ***Afonso****: o tipo que me*

roubou o coração sem eu me aperceber.»

Deu uma gargalhada com um subtil tom de ironia, mas não a deixei responder e continuei, mudando de assunto:

«Tenho um convite irrecusável para te fazer. E para hoje. Vou partir do princípio que, sendo sábado, estás disponível...»

Evitar que ela me respondesse, mudando de assunto, nada mais era do que um pequeno truque psicológico para fazer com que o seu subconsciente assimilasse como verdadeira a afirmação que eu havia feito. Quem cala consente, não é mesmo? O trabalho começa muito antes dos resultados, e no início quase sempre é um trabalho invisível. E quando se trata da mulher, a maioria do trabalho tem de ser feito na zona do invisível (subconsciente). O tom de brincadeira que dei à frase somado ao facto de ter mudado logo de assunto retirava importância ao que lhe tinha dito, o que, parecendo que não, ajudava no meu propósito. Por mais inocente ou insignificante que possa parecer um gesto, uma atitude ou uma frase, todos eles são meticulosamente estudados e aplicados por mim para conduzir a outra pessoa pelos caminhos que pretendo. Por fim, aquela frase, entre muitas outras, funcionava como uma espécie de semente. Uma semente que coloquei na terra (mente dela) e tapei logo. Não se via, mas estava lá. E a partir daí era tudo uma questão de regar e cuidar, pois sem isso nada feito.

«Ai sim? Faz lá esse convite. Até estou curiosa.»

«Se a memória não me falha, disseste-me no bar, antes de ires embora, que gostavas de *sushi* e de morangos. Certo?»

«Sim, gosto, mas estava a brincar contigo. Disse-te a primeira coisa que me veio à cabeça. Sabes disso, não sabes?»

«Sei, claro que sei. Estavas a brincar comigo, mas eu não estava a brincar contigo. Assim sendo, e tendo em consideração os gostos que me indicaste, hoje vamos fazer duas coisas juntos. A primeira é um *workshop* de *sushi,* e a segunda é uma aula aberta de tango argentino. E nem penses em recusar porque eu já nos inscrevi. O que quer dizer que é um convite irrecusável, tal como me pediste.»

«Oh, meu deus! Tu não existes! Nem acredito que levaste a sério o que te disse. Já vi que tenho de pensar muito bem antes de abrir a boca. E foste marcar sem me dizer nada? E só me avisas agora?»

«Desculpa, mas não vou marcar na minha agenda um encontro com

uma mulher. Quando é para ser, é para ser logo. Pelo menos assim sei que se quer... quer mesmo, e apesar dos compromissos fará de tudo para estar presente.»

Ouviu-se um suspiro profundo do outro lado da linha.

«Já agora, esse workshop *de* sushi *até entendo de onde veio a ideia, mas o que é que essa aula de tango argentino tem que ver com os gostos que te disse? És capaz de me explicar?»*

«Já sabia que me ias fazer essa pergunta, mas preparei-me convenientemente. Com o *sushi* não sei o que tem que ver, mas com morangos tem tudo», respondi com ironia. «Repara, o tango surgiu na Argentina, certo? E o nome Argentina vem do latim *argentum*, que significa *prata*. Quer dizer... pelo menos era o que dizia na Wikipédia, mas continuando. O número atómico da prata é 47, que é também o número de anos que Marte leva para regressar à mesma posição em relação à Terra e ao Sol. Por sua vez, Marte é conhecido como o planeta vermelho, e de que cor são os morangos?»

Deu uma longa gargalhada.

«Isto nem parece verdade! A volta que foste dar para arranjares maneira de me levar a dançar!»

«Quando quero muito alguma coisa, dou as voltas que forem necessárias para a conseguir. Nem que seja ao mundo. Mas antes de irmos dançar vamos jantar, e ainda antes disso vamos preparar o jantar. Diz-me onde é que moras para te ir buscar.»

«Nem penses que me vens buscar a casa. Não te vou dizer onde moro. Era o que faltava.»

Voltou a suspirar antes de continuar:

«Nem sei dançar tango argentino. Onde me fui meter...»

«Inscrevi-nos numa aula, não num concurso de dança. Além disso, eu estarei lá para te ensinar e ajudar. Fica tranquila. Se não queres que te vá buscar, então arranja maneira de estares nos Aliados às 19h.»

«Está bem... Encontramo-nos na estação de metro...»

«Perfeito!», finalizei.

Aguardei-a à saída do metro e observei-a enquanto subia a escadaria. Trazia umas sandálias, umas calças justas de ganga, um *top* branco e um casaco dobrado no braço. Trazia o cabelo solto, uma bolsa

pendurada no ombro e um colar discreto. Estava simples e ao mesmo tempo sensual. Não trazia maquilhagem absolutamente nenhuma (ao contrário de quando a tinha encontrado a última vez no bar), o que era um sinal de que não sentia necessidade de me agradar e que, se eu realmente a quisesse, havia de a querer tal como era.

«Ainda nem acredito que estou mesmo a fazer isto», disse, desviando o olhar, assim que subiu o último degrau.

Dei-lhe um beijo no rosto e senti um aroma fresco e delicioso.

«Pelo menos é melhor do que ficares em casa a empanturrares-te de gelado e a ver séries de vampiros.»

«Trocava-te facilmente por uma embalagem de *Carte d'Or.* Mas tipo... sem pensar duas vezes.»

«Só dizes isso porque ainda não me provaste», disse-lhe com um sorriso atrevido. «Vá, vamos embora, é aqui perto, numa rua paralela, mas já estamos cerca de um *Carte d'Or* atrasados.»

Soltou um riso silencioso e começou a caminhar comigo. A loja ficava na Rua do Almada, era um espaço agradável, com as paredes repletas de decoração e com peças de louça por todo o lado. Apresentei-me à senhora que estava na receção e ela rapidamente nos indicou uma divisão ao fundo da loja.

«Não está aqui mais ninguém? Somos só nós?», perguntou ao aperceber-se do pouco movimento na loja.

«Pois, parece que, afinal, há mais gente interessada em comer *sushi* do que propriamente em aprender a prepará-lo...», respondi.

Era um momento importante para estarmos só os dois e não com mais uma dezena de pessoas à nossa volta que só iriam criar ruído. Nada que um telefonema e uma negociação simpática não pudessem resolver.

«Tens alguma coisa que ver com isto, não tens?»

«Ali está ele», disse eu apontando para o *chef* que nos aguardava atrás de um balcão e aproveitando para desviar o assunto. «O *chef* Rui Montenegro. Será ele a dar-nos o *workshop*.»

«Viva! Sejam bem-vindos», começou o *chef* por cumprimentar. «É o **Afonso**, correto?»

«Sim, isso mesmo», respondi ao apertar-lhe a mão.

«Muito gosto em conhecê-lo pessoalmente. E a menina é...», disse,

virando-se para ela.

Olhou para mim antes de lhe responder, pois seria a primeira vez que iria referir o seu nome à minha beira.

«Inês... Inês Vasconcelos. Muito gosto!»

Fomos lavar as mãos, colocar um avental e regressámos para junto do balcão para seguir as instruções do *chef*. Começámos por preparar o arroz e depois deu-me a tarefa de tirar lascas de um pepino e a Inês ficou encarregada de fatiar uma posta de salmão. Entretanto afastou-se para preparar outros ingredientes, e eu aproveitei o momento para começar a falar com ela.

«Inês Vasconcelos...», comecei por dizer, fletido sobre o balcão e concentrado na faca a deslizar pelo pepino. «Então é este o nome da mulher que se vai apaixonar por mim dentro de um mês.»

«Eu? Apaixonar-me por ti?» Deu uma gargalhada sarcástica. «Em primeiro lugar não há espaço para ti. E em segundo ainda não enlouqueci. Por isso tira lá o cavalinho da chuva.»

Parei o que estava a fazer, ergui-me e olhei para ela com um ar sério como se não me estivesse a fazer entender bem.

«Eu não estou a brincar, Inês. Vais apaixonar-te por mim dentro de um mês. E não digo isto só para rimar.»

Ela não reagiu durante dois segundos, como se toda a confiança das minhas palavras lhe paralisasse o corpo.

É isso mesmo que acontece quando se fala com uma confiança plena naquilo que se diz. Pode ser a pessoa mais cética do mundo, mas, ainda que não o demonstre, ficará, no mínimo, a duvidar, a ponderar e a questionar-se.

«Olha, no dia em que isso acontecer, meu menino, interna-me, pois com certeza que estarei louca.»

«Com certeza que estarás louca... por mim. E com certeza que te vou internar... na minha cama. Mas continuando, tenho um desafio para ti», disse, limpando as mãos ao avental.

(Sim, é a tal técnica da mudança de assunto. Pôr a semente, tapar rapidamente e começar a regar.)

Meti uma mão no bolso, diante do olhar curioso dela, depois de ter revirado os olhos com mais uma demonstração de confiança da minha parte, procurei a maior moeda que lá tinha, agarrei nela e pousei-a sobre

o balcão colocando o dedo indicador sobre ela.

«Estás a ver esta moeda? Pois bem, quando te apaixonares por mim», deslizei a moeda sobre o balcão uns vinte centímetros na direção dela, «não me irás devolver a moeda.»

Ela semicerrou os olhos, demonstrando não entender muito bem o que aquilo representava.

«Não estou a perceber...»

«Quando eu te fizer isto e tu ficares com a moeda, significa que estás apaixonada, ou que gostas de mim, ou que me queres. Percebes? Isto porque já sei que dizeres e admitires diretamente nos meus olhos é bem mais difícil. Então aqui está uma forma diferente de o fazeres. Caso me devolvas a moeda significa, naturalmente, o contrário», esclareci.

«Combinado!», atirou.

Colocou o indicador sobre a moeda e fê-la deslizar a mesma distância na minha direção.

«Um mês», disse-lhe apenas movendo os lábios e sem usar a voz, ao aperceber-me de que o *chef* se aproximava de nós.

«Esse *hosomaki* está pronto?», perguntou o *chef,* apercebendo-se de que nos estávamos a *desviar* do que nos trouxera ali.

Sorrimos e focamo-nos nas respetivas tarefas. Terminei a minha e ela a dela, colocámos o arroz e os restantes ingredientes sobre a folha de algas e ela ficou com a função de enrolar aquela espécie de tapete para formar um cilindro que depois seria cortado por mim. Era a parte mais delicada do processo e resolvi ajudá-la, o que me permitiu ter uma boa desculpa para aproximar o meu corpo do dela. Tanto que roçámos os braços. Qualquer contacto físico era precioso para aumentar a nossa conexão, e eu fazia questão de agarrar todas as oportunidades.

Aprendemos ainda a confecionar *uramaki* e *temaki*, mas o *chef* estava sempre por perto (talvez para nos despacharmos) e não dava para conversar. Contudo, o trabalho em equipa que estávamos a desenvolver era bem mais importante e eficaz do que qualquer conversa. Pois sem sequer trocarmos uma palavra, muita transformação acontecia no interior. Por momentos observava-a e via-a dedicada e empolgada com o que estava a fazer. Sentia-se bem e com certeza que estava a ser uma boa experiência. E o melhor disso é que juntamente com essas boas sensações que ficariam gravadas dentro dela ficaria também,

inevitavelmente, o meu nome.

Findo o *workshop* era hora de saborear a nossa pequena conquista nipónica. O que, mais uma vez, por tudo o que simboliza a partilha de uma refeição, seria um bom momento de aproximação interior entre os dois. O *chef* voltou a afastar-se para nos deixar mais à vontade e eu voltei a falar-lhe.

«Porque é que há pouco disseste que não havia espaço para mim?», perguntei.

«Não vou falar sobre isso. São coisas muito pessoais para falar com um tipo de quem, para todos os efeitos, só sei o nome.»

«Acabo sempre por descobrir aquilo que quero. E se não for através das perguntas que faço é através de perguntas que acham que fiz. Louvo-te a resistência, admiro-a e até gosto dela, mas no fundo funciona como uma espécie de vedação à volta da tua casa, só impede de entrar quem não quer muito entrar. Ainda amas alguém, não é?»

Ela ficou em silêncio a olhar para mim sem saber se me confirmava e me dava a certeza do que se estava a passar na sua vida (o que de certa forma acabava por ser um pedaço importante da sua vida que ficava na posse de um desconhecido), se me dava a liberdade de continuar a tirar as minhas próprias conclusões.

«Tens a certeza de que é amor?», continuei. «Não será uma espécie de mistura de esperança com... obsessão?»

«Já te disse que não vou falar sobre isso contigo...»

Não ia falar, mas não podia desperdiçar a oportunidade de lhe colocar algumas perguntas importantes. No fundo não me interessava a resposta, porque não ia fazer diferença, só queria que levasse aquelas perguntas na cabeça para casa. Podemos ser os melhores do mundo a acertar no centro de um alvo, mas se o alvo for o errado, estaremos sempre a falhar. E era isso, acreditava eu, que estaria a passar-se com ela em relação a essa pessoa.

«De qualquer das maneiras, não me faz diferença nenhuma que ames ou deixes de amar, porque sou mais forte do que tudo isso. Portanto, quando me dizes que não há espaço para mim, não me estás a pedir para desistir, apenas me estás a pedir para me esforçar um pouco mais. A questão não é, aliás, nunca é, se sou capaz ou não, mas sim se estás recetiva ou não.»

«Não estou recetiva a nada. Estou bem sozinha!»

«Só estás bem sozinha porque não sabes o quão bom é estar ao meu lado. Enfim, vou dar-te um desconto...»

Ela remeteu-se ao silêncio, mas senti que aquilo que lhe havia dito não tinha caído em saco roto.

Terminámos a nossa refeição, saímos da loja e o tempo que tínhamos disponível deu para caminhar com calma até à escola de dança que ficava do outro lado dos Aliados. Fomos andando e conversando e apercebi-me de que ela se tornava gradualmente mais pacífica em relação a mim. Resultado, com certeza, da boa experiência que acabara de ter e que certamente me ajudaria no sucesso da que iríamos começar.

Quando chegámos à escola de dança, que tinha aberto excecionalmente no sábado à noite por causa da aula aberta, estava um casal à nossa frente a confirmar a sua inscrição, e a seguir foi a nossa vez. Indiquei o meu nome à moça que estava ao balcão e que logo começou a procurá-lo na ficha.

«Portanto é o senhor **Afonso** e a senhora...», disse, aproximando o rosto da ficha como se não estivesse a conseguir ler bem o que lá estava escrito. «E a... miúda do parque? É isso?»

«Isso mesmo!», disse com um sorriso na direção da Inês, que me lançava um olhar como quem perguntava: *a sério?*

Descemos uma escadaria que dava acesso a um grande salão onde já estariam cerca de trinta pessoas a conversar umas com as outras enquanto aguardavam o início da aula.

«Parece que desta vez já não conseguiste convencer toda esta gente a não aparecer na aula para poderes dançar sozinho comigo», disse Inês em jeito de indireta.

«Era um pouco arriscado para mim, sabes... Nós os dois, sozinhos, a dançar... Muito provavelmente ias dar asas a essas mãozinhas. Assim com mais pessoas talvez te contenhas, que eu não sou cá dessas aberturas. Sou um tipo sério.»

Revirou os olhos.

«Sim, claro, eu! Olha lá... e porquê tango argentino? Sim, porque apesar de até ter achado graça à ligação que fizeste com os morangos, não foi suficientemente boa para me convencer.»

«Primeiro de tudo porque sou um apreciador de danças de salão», comecei por dizer. «Especialmente as latinas. Gosto de dançar, mas gosto ainda mais de ver dançar. E também porque é uma dança muito sensual. Muito mesmo!»

«Não duvido. O que não será nada sensual será o estado em que vão ficar esses teus pés.»

«Ah! E ainda tem a particularidade de a mulher, neste tipo de dança, ser sempre submissa...»

«Há alguma mensagem paralela que eu deva retirar dessa particularidade que fizeste questão de referir?»

«Nenhuma! Estou só a transmitir conhecimento...», respondi com um sorriso atrevido.

«Vamos lá, minha gente?!», perguntou o professor em voz alta, batendo duas palmas para chamar a atenção.

As pessoas organizaram-se rapidamente em pares e eu conduzi-a para perto de um dos cantos ao fundo do salão para que ela se sentisse mais confortável e pudéssemos falar mais à vontade. O professor fez um pequeno discurso inicial, explicou alguns conceitos, fez uma demonstração dos oito passos básicos e passou a bola para o nosso lado. Virámo-nos um para o outro e antes que ela me deixasse agarrá-la disse:

«Tiveste sorte porque por acaso também gosto de dançar, senão não tinha aceitado. Não tenho é muito jeito, aviso já.»

«Não te preocupes», agarrei nela com um braço a meio das costas e puxei-a para mim, ficando o meu nariz quase a roçar no dela. «Compenso a tua falta de jeito com a minha infindável paciência.»

Agarrei-lhe com firmeza na mão direita, aproximei o meu peito do dela e os nossos rostos ficaram ao lado um do outro. Com a minha boca próxima do seu ouvido, ia fazendo a contagem dos passos à medida que os íamos dando.

«Um, dois, três, quatro e cinco... tens de cruzar a perna neste passo», corrigi muito calmamente.

«O quê?»

«No quinto passo, quando paro, tens de cruzar a perna esquerda à frente da direita. Transferes o peso do teu corpo para essa perna e dás o sexto passo para trás com a perna direita.»

«Ah! Já estou a perceber», disse seriamente.

Percebi que estava muito concentrada nas minhas indicações.

«Vamos lá de novo. Um, dois, três, quatro, cinco, cruza, isso, linda menina...», sussurrei-lhe ao ouvido. «... Seis, sete e oito.»

A mulher, além de ter de ser constantemente desafiada, tem de sentir que tem alguma coisa a provar. No fundo, ela não tem de provar nada a ninguém, mas o facto de ser colocada nessa posição vai obrigá-la a estar concentrada e a melhorar-se por culpa de uma determinada fonte de incentivo. Que, neste caso, era eu. E, ao fazê-lo, está a dedicar tempo, atenção e esforço a um certo propósito que tem um rosto por detrás. Que, neste caso, era o meu. Para todos os efeitos, eu era o seu professor e ela, automaticamente, sentiria uma necessidade de mostrar que era boa aluna. Atribuindo-me importância e, consequentemente, relevância na perspetiva dela.

Repetimos mais algumas vezes os passos para que ela mecanizasse o processo e libertasse um pouco da sua atenção para a poder dedicar a mim, e voltei ao diálogo.

«Quem diria que a miúda do parque, pouco tempo depois, estaria a dançar agarradinha ao tipo que se meteu com ela. E ainda consegues duvidar das minhas capacidades, que imprudência a tua», disse com um riso pausado a roçar o maléfico.

«Isto é mais complexo do que aquilo que queres fazer parecer. Acima de tudo gosto de ser justa, e a verdade é que fizeste por merecer. Jogaste sujo uma ou outra vez, é certo, mas tenho de admitir que me surpreendeste.»

No exato momento em que ela acabou de falar, inclinei-a para trás, suportando-lhe o peso do corpo com o meu braço direito, e olhando-a seriamente nos olhos disse-lhe:

«E ainda vou surpreender mais.»

Segurei-a naquela posição por dois segundos assim que terminei de dizer a frase, e foi como se todas as pessoas à nossa volta tivessem congelado. Depois retornei ao passo básico que estávamos a ensaiar como se nada tivesse acontecido e aquela deixa pertencesse a uma realidade paralela.

«Muito bem, malta!», interrompeu o professor. «Agora vamos aumentar a dificuldade, vamos aprender a fazer a caminhada!»

Passámos o que restou da aula a aprender novos movimentos e sequências, e a Inês, além de aprender rapidamente, demonstrava ter muito jeito para a dança. De quando em vez, lá me pisava ou se atrapalhava num determinado movimento, mas logo se desculpava e soltava um sorriso envergonhado. O que me fazia sentir, por uma fração de segundo, uma espécie de compaixão por ela, mas rapidamente tentava sacudir aquela sensação de mim.

A aula terminou, despedimo-nos das pessoas que entretanto conhecemos, vestimos os casacos e saímos para a rua.

«Eu levo-te a casa», sugeri enquanto caminhava ao seu lado.

«Esquece. Nem pensar. Já te disse que não vais saber onde é que eu moro. Vou de metro, tal como vim até aqui.»

«*Nem pensar* digo eu. Vieste de dia, agora é de noite e não vais andar na rua sozinha a esta hora. Se não vais comigo, também não vais de metro nem autocarro, vais de táxi. Pago eu.»

«Não! Não quero! Não é preciso!», exclamou.

Olhei para trás para a estrada e levantei a mão ao primeiro táxi que vi fazendo-o parar junto de nós. Desceu o vidro e eu debrucei-me sobre a porta para falar com o taxista.

«Leve-me esta rapariga a casa, por favor», pedi.

Abri a porta do táxi e olhei para trás para ela, fazendo-lhe sinal com a cabeça para entrar, ela amuou, mas acabou por ceder.

«Tome, pague daqui», disse eu, entregando uma nota ao taxista. «E dê-me o seu cartão, por favor.»

Recolhi o cartão, olhei para a Inês e disse-lhe:

«Isto é só o começo...»

Bati duas vezes sobre o tejadilho do táxi dando sinal para avançar e fui-me embora. Os dias seguintes seriam de total silêncio.

7

Desde que fizera aquele elogio à Susana, a sua postura em relação a mim mudara consideravelmente. Já não se limitava a sorrir por simpatia profissional e a responder às minhas perguntas. Ela mesma já se predispunha a meter conversa comigo e a fazer perguntas como se aquele simples elogio a fizesse ver alguma coisa que até então não vira quando olhava para mim. E, espero, quando olhava para ela também. Só não tinha a certeza se aquilo que ela procurava com aquela atitude mais aberta e recetiva era apenas atrair a minha atenção para lhe alimentar o ego, ou se ela tinha mesmo começado a ponderar-me como uma hipótese de escape à fase menos *animada* da sua vida. Duas realidades separadas por uma linha ténue. Além disso, sabia bem que, por melhor que eu fosse a lidar com mulheres e a conhecê-las, estaria sempre muito perto de ser surpreendido. Tanto para o bem como para o mal. O melhor, no caso da Susana, seria esclarecer essa questão e, nesse dia, ela facilitou-me o trabalho.

Estava a terminar o dia e faltava-me só fazer uma entrevista a um novo aspirante (o último que aceitaria antes da minha partida para o Brasil). No entanto, enquanto não chegava o meu novo aspirante, aproveitei para ir à receção pedir uns *clips* à Susana, mas não tive tempo sequer de abrir a boca.

«Será que o **Afonso** me poderia ajudar?», perguntou ela assim que me viu a caminhar na sua direção.

«Espero que sim, o que é que se passa?»

«É aqui numa folha Excel, não estou a conseguir fazer uma coisa e aposto que é muito simples.»

Dirigi-me para o lado de dentro do balcão, puxei uma cadeira e sentei-me bem junto dela do seu lado direito. Pousei a mão esquerda sobre o encosto da sua cadeira, expondo-lhe estrategicamente o meu peito, e ouvi com atenção a dificuldade que me apresentava. Ela estava mais excitante do que nunca. Trazia uns brincos discretos, o cabelo por trás das orelhas e uma camisa aberta até meio do peito que deixava vislumbrar a pele quente e imaculada que trazia por baixo. Não vinha

muito diferente dos outros dias, mas a perspetiva que eu tinha dela naquele momento era única. Os seios a testarem a resistência dos botões da camisa uns vinte centímetros abaixo do meu queixo estavam a dar-me um tesão destruidor. Além da saia justa que trazia vestida que, apesar de estar sentada, lhe desenhava uma silhueta extremamente excitante. No entanto, controlei o ímpeto sexual que me começava a consumir, agarrei no rato do computador e comecei a explicação, intercalando o meu olhar entre o ecrã do aparelho e o rosto dela bem junto do meu. Enquanto tentava perceber se ela estava a entender o que lhe estava a dizer aproveitava para imanar a minha energia erótica na sua direção.

«Susana, é muito simples. Se quer sempre a mesma diferença entre as células basta colocar aqui um valor e nesta célula debaixo outro valor com a diferença pretendida, depois clica aqui no canto e arrasta para baixo até onde pretender e *voilá*, todas as células terão a mesma diferença de valores entre si.»

«Pois, já sabia que ia ser uma coisa muito simples, peço desculpa pelo incómodo, **Afonso**, muito obrigada», disse com um sorriso envergonhado.

«Deseja mais alguma coisa de mim, Susana?», disse-lhe de maneira muito pouco inocente e olhando-a nos olhos.

Ela ficou a olhar para mim meia atrapalhada com a pergunta, mas por entre gaguejos lá acabou por responder:

«A... a... não! Obrigada, era só isto mesmo...»

«Muito bem, então se me permite vou roubar-lhe...», aproximei o meu rosto dela, «... uns *clips*», terminei de dizer enquanto agarrava num conjunto de *clips* de uma caixa ao lado do computador.

Apercebi-me de que ela respirou fundo e ajeitou a camisa que já estava ajeitada para tornar aquela situação o mais natural possível. Mas já era tarde, eu já tinha a resposta que queria. Já havia sentido a conexão de que precisava com ela. O que significava que tinha o caminho livre para dar o meu próximo passo.

«Estou à espera de um cliente», disse-lhe, ainda sentado. «Assim que ele chegar, pode indicar-lhe o meu gabinete, por favor.»

Fui para o meu gabinete e poucos minutos depois tinha um homem a bater-me à porta que eu deixara aberta.

«Pode entrar», disse-lhe ao levantar-me para o receber. «Henrique Garcia, é isso?»

«Sim, sou eu mesmo», respondeu, apertando-me a mão vigorosamente.

«Vamos tratar-nos por tu, está bem, Henrique?»

«Por mim, perfeito!»

«Senta-te», convidei, dirigindo-me para a poltrona. «Agora vou fazer-te uma pergunta da praxe: como é que soubeste da minha existência e o que é que te levou a procurar-me?»

«Soube através de uma conversa casual de alguém que comentava ter conhecimento do teu trabalho. Falou assim muito por alto sobre o que fazias e lembro-me de que fez referência a um *site*. Como achei interessante, e até me identifiquei, decidi pesquisar sobre o assunto e inscrevi-me. Agora aqui estou para ver o que é que tens para me ensinar que eu ainda não saiba.»

Aquela introdução não me caiu nada bem. Parecia estar a falar para mim de forma altiva e desligada. (Tal como aquele aluno que não quer saber da escola e aparece nas aulas só com uma caneta.) Seria mais ou menos da minha idade e um pouco mais baixo do que eu. Era mais corpulento e tinha consideravelmente mais pelo, mas o estilo de roupa era muito semelhante. Trazia ainda um relógio que aparentava ter sido bastante dispendioso. Uma ideia reforçada pelo telemóvel de última geração e a chave de um *Mercedes* que pousara ostensivamente sobre a mesinha entre as poltronas. Além da roupa de marcas excêntricas que trazia vestida. Não sabia se havia de simpatizar com ele por causa das nossas semelhanças ou repudiá-lo. De qualquer das formas não seria o aspeto físico e muito menos o seu poder económico que iriam determinar a minha postura em relação a ele. Era um aspirante, mais um, e era apenas nisso que tinha de me concentrar, pois acima de tudo era profissional.

«*O que é que eu tenho para te ensinar que tu ainda não saibas?* Como assim? Não estou a perceber...», perguntei.

«Quero aprender novas técnicas, alargar os meus conhecimentos sobre as mulheres e tudo o que envolve esse jogo de sedução. Julgo que seja isso que ensinas.»

«Mas tens algum problema a nível de autoestima? Tens alguma

dificuldade em despertar o interesse das mulheres? Em satisfazê-las em determinado aspeto?»

«Não, nem por isso. Pelo menos não acho, mas podemos sempre melhorar, não é?»

Alguma coisa não estava a bater certo. Todos os aspirantes que recebia tinham sempre algum problema em concreto. Ou tinham problemas de autoestima, ou tinham dificuldades em conquistar uma mulher, ou tinham dificuldades em dar-lhes prazer, ou em manter um relacionamento, ou então queriam dar uma nova vida aos seus relacionamentos. Mas era a primeira vez que alguém me aparecia apenas com a intenção de... *melhorar*.

«Bom, Henrique, confesso que é a primeira vez que alguém me procura com esse propósito. Normalmente são questões mais *bicudas*... Mas a minha formação, mais do que transmitir conceitos e técnicas, é fazer uma transformação interior. Um *reset*. Por isso convém estares recetivo a uma mudança, senão pode acontecer falhares o objetivo final que é tornares-te um **Afonso**.»

«Tudo bem...», respondeu depois de refletir um pouco.

Entreguei-lhe a pasta com a informação necessária, incluindo o acordo e os mandamentos, expliquei-lhe alguns conceitos básicos e perguntei, por fim, se tinha alguma questão a colocar-me.

«Podemos passar já para a parte prática?»

«É indispensável a teoria para que as tuas avaliações posteriores sejam ultrapassadas com distinção», expliquei.

«E não há mesmo forma de passarmos ao que interessa?»

«Tudo interessa, desde esta conversa até ao último teste. Mas sim, existe uma maneira de despacharmos esta questão teórica e passarmos rapidamente para o terreno. Até porque a mim não me interessa aquilo que ensino, mas sim aquilo que aprendes.»

«E qual é essa maneira?»

«Estás a ver essa pasta que tens aí na mão? Pronto, vais estudar muito bem o que está aí dentro, as dicas básicas, a questão psicológica, os mandamentos, tudo. Na próxima sessão vou fazer-te um conjunto de perguntas, se eu considerar que respondeste suficientemente bem, passamos à prática, incluindo o 404. Caso contrário, fazemos as sessões teóricas tal como estão previstas.»

«Incluindo o 404? O que é o 404?»

«Se te portares bem, saberás o que é o 404», expliquei.

«Combinado!»

Apertou-me a mão, despediu-se, foi-se embora e eu fiquei a pensar sentado na beira da secretária. Não sabia se havia de lhe elogiar a confiança ou criticar a pressa. O que eu sabia era que aquele iria ser um caso particular e das duas, uma: ou me daria muito pouco trabalho e aprenderia tudo muito depressa, por eventualmente já ser parecido comigo (algo que ainda ia descobrir), ou dar-me-ia muitas dores de cabeça. Era, no entanto, uma questão que ficaria para mais tarde. Estava a chegar a hora de me ir embora, mas quando comecei a arrumar as minhas coisas alguém bateu novamente na porta que continuava aberta atrás de mim.

«Esqueceu-se de recolher o seu correio na entrada. Como já estava a preparar-me para ir embora, aproveitei para lho trazer aqui», disse a Susana, com umas cartas na mão, assim que me virei para trás para ver quem era.

O facto de ter dito que já ia embora era um forte sinal de que já não estaria ninguém nos restantes escritórios. No entanto, ela não parecia ter muita pressa, a avaliar pela posição descontraída com que estava encostada à ombreira da porta segurando os envelopes na mão. Era a primeira vez que me trazia o correio ao gabinete e achei estranho, mas, ao mesmo tempo, rejubilava por dentro. *Afinal vai ser mais rápido do que pensavas.*

«Muito obrigado, Susana», disse ao tirar-lhe os envelopes da mão. «Quer dizer que estamos sozinhos?»

«Pois... Parece que sim...»

«Não tenha medo das suas vontades, Susana. Acima de tudo é preciso assumi-las, pois só depois disso é que conseguirá lidar com elas. Está a entender o que quero dizer?»

Pareceu surpreendida com a minha intervenção, mas acabou por responder após alguma hesitação.

«Aaaaa... acho que sim...»

«Não fique aí a meio da porta. Ou entra, ou sai, em qualquer uma delas peço-lhe que a seguir feche a porta. Pode ser?»

Ela ficou um pouco baralhada, olhou para trás de si e deu um passo

para dentro do gabinete, fechando a porta.

«Está a ver como não custa nada? Acabou de assumir a sua vontade. A vontade de estar no meu gabinete fechada comigo», disse, aproximando-me dela devagar. «Agora é só fazer o mesmo com as vontades seguintes e deixar acontecer.»

À medida que me aproximava dela, ela ia-se afastando para trás, até que ficou bloqueada entre mim e a porta. Apoiei o cotovelo na porta, por cima das nossas cabeças, e levei a minha boca até junto do seu rosto. Sem lhe tocar comecei a percorrer a sua pele fazendo-a sentir a minha respiração. Iniciei na bochecha, aproximei-me da orelha esquerda, empurrei o seu cabelo para trás com o nariz e rocei os meus lábios no seu pescoço.

A respiração dela acelerava e o peito subia e descia bem junto do meu. As suas mãos continuavam imóveis coladas à porta atrás de si e virou o rosto para o lado numa tentativa inútil de desviar a sua boca, no entanto expôs ainda mais o seu pescoço, que era o meu foco naquele momento.

Dei-lhe um beijo demorado bem no fundo do pescoço, fazendo-a contorcer-se ligeiramente.

«Isto é tão errado, **Afonso**...»

«Chiu!», disse, colocando o dedo nos lábios dela. «Errado é deixar que as vontades nos consumam o corpo sem que façamos nada por elas. Errado é não viver. É não experimentar pelo menos uma vez que seja. Errado é deixar que descubram que errámos.»

Voltei a beijar-lhe o pescoço, desta vez um pouco mais acima, e continuei o meu discurso:

«Será só uma vez. Não sairá daqui. Ninguém saberá. Prometo que será só uma vez e a Susana vai prometer o mesmo. É tarde demais para voltar atrás, agora vamos até ao fim sem medos nem arrependimentos. Vamos foder os dois aqui mesmo e ficará só entre nós. Será o nosso segredo. Estamos entendidos?»

Abanou a cabeça afirmativamente, com certeza sem noção do que estava a fazer, dividida entre o pânico e a excitação que se apoderavam do seu corpo. Beijei-a então junto à orelha, do lado de trás, e pus a mão esquerda na sua cintura. Comecei a deslizá-la devagarinho, passei-a por cima do seio e desabotoei o primeiro botão, o segundo, o terceiro e

assim sucessivamente até lhe puxar a camisa de dentro da saia justa, deixando-lhe a pele descoberta do pescoço até ao umbigo. Voltei a descer a minha boca e beijei-a na clavícula, depois no centro do peito e por fim na zona descoberta da mama direita. Nesse instante ela voltou a ser possuída pelo medo.

«Não posso, não posso!»

Empurrou-me para trás e virou-se para sair, mas antes que conseguisse agarrar na maçaneta, encostei-a contra a porta e disse-lhe ao ouvido:

«Agora é para ir até ao fim! O mal já está feito!»

Arranquei-lhe a camisa pelas costas, desapertei-lhe o sutiã, virei-a novamente para mim, tirei-lhe o sutiã e beijei-a na boca. Pela primeira vez, ela agarrou-se a mim. Percebera finalmente que havia oportunidades que tinham mesmo de ser aproveitadas e que uma vez sem exemplo não podia ser pecado. Enquanto a beijava, desapertei as calças, desci-as, agarrei-a com as duas mãos pelos ombros, puxei-a para baixo, fazendo-a deslizar pela porta até ficar à altura do meu pau ereto, e meti-lho na boca.

Era simplesmente divinal ver o meu pau a entrar e a sair daquela boca que sempre vira com um sorriso tímido atrás do balcão. Uma imagem deliciosa. Ali não existia timidez nenhuma, ali era ela, Susana, sem filtros nem efeitos, no seu estado mais puro e animalesco, a chupar-me como se não houvesse amanhã.

Tirei o que restava da minha roupa, agarrei-a pelo braço direito, levantei-a e levei-a para junto da secretária. Passei um braço por cima do tampo, atirando o que estava em cima da mesa para o chão, abri o fecho da saia, desci-a até aos pés, peguei nela e sentei-a sobre a mesa. Meti-me entre as suas pernas, agarrei-lhe no rosto ergui-o para cima e voltei a beijá-la com vontade. Fi-la deitar-se de costas no tampo, arranquei-lhe as cuecas fora, levantei-lhe as pernas, pus-me em posição de cavaleiro entre elas e abocanhei-lhe o sexo. Numa situação daquelas e por mais que eu quisesse, não fazia sentido estar com mimos e carinhos com o sexo dela. Além de quebrar o ritmo, a adrenalina não a ia deixar desfrutar de todas as sensações mais subtis. Lambi-a, por isso, intensamente e com a língua estendida e descontraída, varrendo-lhe a maior área possível. Chupei-lhe depois o sexo na zona circundante ao

clit e fi-la gemer enquanto ela acariciava os próprios seios. Ergui-me, levantei-lhe a perna esquerda, pousei-a sobre o meu ombro direito, e virei-a ligeiramente de lado sobre a mesa ficando a outra perna pousada sobre ela. Agarrei-lhe na perna que tinha na vertical ao longo do meu corpo e penetrei-a sem me preocupar se ela estaria preparada ou não. Estava parcialmente anestesiada por toda aquela loucura, o que por um lado era bom, pois não sentiria tanto qualquer dor hipotética, mas por outro reduzia a influência do meu pau dentro dela, o que me obrigava a acrescentar uma potência extra. O facto de me poder agarrar à perna dela dava-me maior facilidade para aumentar a velocidade com que a penetrava, e eu fazia questão de lhe dar uso. Susana passava dos gemidos para os gritos ao ser completamente devorada por mim, e não parava de acariciar os seios. Algo que, naquela posição, não podia ficar ao meu encargo, para meu desgosto, mas tinha de me concentrar em agarrar firmemente naquela coxa para ela não me escapar pela mesa fora com a força das minhas penetrações. Era uma boa posição para tirar o meu pau de vez em quando e esfregá-lo por fora do sexo antes de voltar a meter-me dentro dela.

Desci-lhe a perna e pousei-a sobre a outra que já estava sobre a mesa do meu lado esquerdo. Levei a mão atrás do seu pescoço e fi-la erguer-se ligeiramente, apoiando-se com a mão sobre o tampo. Voltei a penetrá-la, agarrando-a desta vez pela zona da cintura. Era uma posição que me permitia olhar para ela e apreciar as suas feições enquanto a fodia. O que me dava um gozo excecional. Fazia uma expressão queixosa para mim como se me pedisse com o olhar que não a estragasse mais, mas ao mesmo tempo que continuasse com ainda mais força. Percorria-me o tronco com as unhas da mão que tinha livre, arranhando-me levemente desde os peitorais até ao abdómen, sem tirar os olhos dos meus. Também ela queria ter a certeza, através da minha expressão de esforço, que aquela foda me estaria a dar tanto gozo como a ela. Com certeza que há anos que ela não sabia o que era ser bem fodida, e aquele sexo era o revitalizar de uma mulher adormecida pela rotina e conformismo.

Desci-lhe as pernas para baixo da mesa, fazendo-a debruçar-se sobre ela e apoiar-se sobre os cotovelos. A mesa era mais baixa do que a sua cintura, o que a obrigava a empinar o rabo para mim. Um pormenor que

me excitava ainda mais. Agarrei no meu pau, acariciei-lhe o sexo por fora com ele, desde o clit até ao cu, e voltei a penetrá-la. Era a posição perfeita para fazer um *all in* destruidor. Agarrei-a com as duas mãos pela cintura e meti-me à bruta dentro dela fazendo a secretária (que não era propriamente leve) rastejar alguns centímetros pelo chão. Os seios agitavam-se por baixo dela, baralhados por não conseguiram acompanhar o balanço imposto pelas estocadas que o meu sexo lhe aplicava por dentro.

Voltei a soltá-la, deixando-a respirar um pouco, puxei uma cadeira almofadada que tinha lá no meu escritório, sentei-me, puxei-a para mim, de costas, pus as mãos dela nos apoios da cadeira, para se segurar, ergui o meu pau e fi-la sentar-se sobre ele. Deu um gemido profundo de puro prazer. Estava a ser sem dúvida um dos melhores momentos de sexo que já vivera e, acontecesse o que tivesse de acontecer, o meu nome iria ficar gravado na sua alma. Começou a subir e a descer e desta vez era ela quem controlava a velocidade e a profundidade. (Também merecia.) O prazer era tanto que começou a saltar em cima de mim fazendo com que o meu pau entrasse o máximo possível nela. A cadeira era elástica e isso contribuiu muito para a nossa festa. (Não imaginava melhor forma de a ter estreado.) Levei a mão ao sexo dela e enquanto ela se penetrava com o meu pau eu estimulava-lhe o clit com a ponta dos dedos, fazendo-a gemer cada vez mais. Entusiasmou-se e aumentou ainda mais a velocidade com que saltava em cima de mim. Eu estava quase a vir-me, tirei-a de cima de mim, levantei-me, ajoelhei-a à minha frente e comecei a masturbar-me até que me vim para a cara dela.

«Isso! Linda menina...», disse enquanto lhe espalhava o sémen pela boca com o meu pau.

Fui ao armário, peguei numa embalagem de toalhitas e entreguei-lhas, já que ela mal conseguia abrir os olhos. Ela limpou-se e vestimo-nos. Enquanto isso não me dirigiu uma única palavra, o que me fazia crer que já tinha caído em si e a culpa começava a apoderar-se dela. Tinha de a tranquilizar.

«Nada disto aconteceu», comecei por dizer. «A partir do momento em que bater aquela porta, nada disto foi real. Tudo não passou de um sonho. Um sonho que não se voltará a repetir...»

8

«*Diz! Diz! Não vás sem me dizer!*», implorei.

«*Abre. Ganha coragem e abre...*»

Tentei olhar para o seu rosto, mas só consegui ver-lhe a boca, que sorria, com uma tranquilidade e um carinho enternecedores. Começou a afastar-se da cama onde eu estava deitado e ainda tentei agarrar-lhe na mão, mas não me conseguia mover de maneira nenhuma. Sentia-me a fazer um esforço interior enorme, mas fiquei imóvel enquanto se afastava de mim. Entretanto acordei e, mais uma vez, tinha-me escapado num sonho.

Aqueles sonhos tinham voltado a intensificar-se nos últimos tempos, além disso tinha tido algumas mudanças de personalidade nos últimos dias, o que cada vez mais me fazia crer que tinha de regressar ao meu *canto* (como eu lhe chamava) para um *refill energético* e uma *calibração*. Estava a fazer um esforço enorme para me manter à tona e conseguir ser o mais profissional possível. Senti que estava na altura de fazer algo que já não fazia há algum tempo. Preparei-me para sair de casa, entrei no *420* e saí do Porto em direção a Vila do Conde até ao Arcus.

O Arcus era um pequeno café próximo de uma das saídas da autoestrada. Não tinha absolutamente nada de extraordinário, era um humilde café na beira da estrada, com meia dúzia de cadeiras e um senhor de bigode farfalhudo e rosto enrugado atrás do balcão. Contudo, era um espaço com um significado especial para mim.

«Uma cerveja. De garrafa. Bem fresca», pedi ao senhor, que me cumprimentou com um sorriso encoberto e um olhar atento.

Sentei-me num dos bancos ao balcão ao lado de um outro homem que lia a última folha de um jornal após ter terminado o seu café. Olhou pelo canto do olho na minha direção assim que me sentei para ver quem era e voltou à sua leitura. Éramos as únicas três pessoas no café. O senhor de bigode pousou a cerveja e um copo diante de mim, mas antes que virasse as costas fiz-lhe novo pedido:

«Traga-me outro copo, por favor.»

O senhor pareceu indeciso, por momentos, mas acabou por me trazer

o copo acompanhado com um novo sorriso. Comecei a despejar a cerveja nos copos, metade em cada um, e durante o processo o homem do jornal voltou a olhar por cima do periódico na minha direção, certamente estranhando aquele gesto da minha parte. Peguei num dos copos e bebi a cerveja de uma só vez. Saboreei-a bem e, pouco depois, peguei no outro copo, levei-o à boca e esvaziei-o também. Chamei o senhor e entreguei-lhe uma nota.

«De facto, quando entrou parecia-me que o conhecia de algum lado», disse ele ao pousar o troco sobre o balcão. «Mas quando me pediu outro copo lembrei-me de que já tinha vindo cá. Sabe como é que é... não é muito habitual o pedido.»

«Sim, já vim aqui algumas vezes. Tome», disse, empurrando uma moeda na sua direção. «É para o trabalho extra.»

Dei-lhe um sorriso e, sem lhe saciar a curiosidade, saí. Dirigi-me para o carro e enquanto caminhava, ao contrário daquilo que previa, não me sentia melhor. Aquela rara cerveja tinha-me sabido muito bem, ainda mais com o calor que estava, mas alguma coisa ainda me incomodava. A somar a esse desconforto começava a sentir uma ligeira dor de cabeça. Os últimos sonos não tinham sido famosos e começava a ressentir-me. Talvez estivesse na altura de deixar de ser teimoso e procurar ajuda profissional. Peguei na carteira e tirei um cartão que me havia sido dado por uma médica há muito tempo e que dizia na parte da frente «Anaterapias». Do lado de trás, escrito à mão, dizia «terapia multidimensional».

Não era ligado a essas questões esotéricas, mas não custava nada dar o benefício da dúvida e pelo menos experimentar. Marquei o número, encostei-me ao carro e pus a chamar. Do outro lado atendeu uma voz simpática.

«*Clínica Anaterapias, boa tarde, em que posso ajudar?*»

Fiquei em silêncio e a voz telefónica insistiu:

«*Estou sim, boa tarde?*»

Bloqueei. Não consegui responder-lhe e voltei atrás na minha intenção. Ainda não era desta que ia experimentar essa ajuda. Baixei o telemóvel e, sem pedir desculpa pelo engano (até porque no fundo não o era), desliguei a chamada.

Sexo, a resposta é sempre a mesma, ***Afonso****, fode que passa,*

esquece essas terapias. Dessa vez não estava tão confiante nessa premissa, mas, ainda que não me passasse o desconforto e a dor, passaria, pelo menos, um bom bocado, além de que distraía a minha mente. Bom, pelo menos era uma boa forma de pensar para não me sentir tão desconfortável com aquela vontade que começava a ganhar força em mim. Procurei o número da Diana e enviei-lhe uma mensagem a perguntar simplesmente:

«*Estás* on*?*»

(*On* e *off* era o código que usávamos para avaliarmos a disponibilidade de cada um para foder um com o outro.)

«*Este fim de semana estou com o meu filho*», respondeu.

Dei um suspiro profundo. A Diana era a pessoa certa para aquele momento. Mais do que uma questão sexual, era uma boa ouvinte. Até porque nem sempre nos procurávamos um ao outro para termos sexo, muitas das vezes apenas conversávamos. A Diana estava fora de questão, mas a partir do momento em que colocara a hipótese de usar o sexo em detrimento de uma qualquer terapia para atenuar o meu estado tinha mesmo de ir até ao fim. Ou não ficaria bem comigo mesmo. Por outro lado, sexo casual não era de todo a minha praia. Foder com uma mulher em quem eu não tenha despertado nada de relevante, além de uma mera atração física, pouco mais era para mim do que me masturbar antes de ir para a cama só para relaxar. Era essencial, embora não indispensável, haver um propósito maior do que simplesmente prazer. O sexo teria de representar um desafio, uma missão. E, nesse dia, o objetivo seria dar uso ao seu lado terapêutico. Como uma espécie de comprimido natural para o meu estado de espírito. E também não poderia esquecer-me do meu mandamento n.º 28, que diz: tudo é um bom pretexto para um momento de sexo. *Anda lá, **Afonso**, não te acanhes, não negues a tua natureza*. *Nada de dúvidas... fode. Vai, vai, vai!*

Ocorreu-me uma ideia que até poderia ser bastante interessante, mas para a pôr em prática ia precisar da colaboração do meu melhor amigo. E liguei ao Miguel.

«Planos para hoje?», perguntei.

«*Não, tens alguma sugestão?*», devolveu.

«E se falasses com a tua amiga Verónica e a convidasses para um

jantar lá em tua casa, hoje? Diz-lhe para trazer uma amiga. De mente aberta, claro. Ah... e diz-lhe que eu também vou lá estar.»

«Seu maroto! Já estou a ver o filme todo. Deixa comigo!»

Dificilmente o Miguel recusaria um desafio meu, e isso era uma das coisas que mais admirava nele. Tínhamos uma forma de pensar muito parecida e um à-vontade incrível um com o outro. O que ajudava muito na altura de confiar em mim nas propostas que lhe colocava. Por acaso, não lhe tinha contado que me envolvera *mais profundamente* com a Verónica, mas não era segredo para ele que já tinha havido qualquer coisa entre os dois. Quanto a ela, tinha a certeza de que não iria negar uma oportunidade de estar comigo. Dera-lhe, tempos antes, a melhor foda da sua vida e, apesar de não contar voltar a estar com ela dessa maneira, o momento assim pedia.

Desliguei a chamada e sentia-me incrivelmente pior do que antes de lhe ter ligado. Estava a ficar novamente impulsivo e o sexo não saía da minha cabeça. Por mais que soubesse que não era esse o caminho e que aquilo não me iria adiantar de muito, não conseguia controlar os ímpetos que me assolavam a alma. Estava a voltar a afundar-me e a perder o domínio sobre as minhas vontades.

Meti o telemóvel no bolso e, quando levei a mão ao puxador da porta do carro para a abrir, o sonho que tivera nessa noite voltou-me à memória. *Abre, ganha coragem e abre,* havia-me dito. Não sei porque me ficara aquela frase no pensamento, mas também não estava com paciência para refletir sobre isso. Abanei a cabeça para sacudir aquela lembrança, entrei no carro e arranquei.

Quando cheguei a casa do Miguel, ele estava de avental, à volta dos tachos com uma cerveja na mão. Aproveitei para trocar umas palavras com ele e planearmos por alto o que ia acontecer naquela noite. A Verónica ainda não tinha chegado, mas apercebi-me de que o Miguel estava a falar com ela por mensagens. Ajudei-o a pôr a mesa e, quando estava praticamente a terminar, tocou a campainha. Ele foi recebê-las à porta, e eu aguardei na cozinha. Chegou na frente, com uma garrafa de vinho do Porto na mão que elas lhe haviam oferecido, e logo atrás chegou a Verónica, que muito calmamente, mas sempre com o seu olhar exótico, se dirigiu a mim para me cumprimentar. A amiga, muito

sorridente, como se já me conhecesse há muito tempo, cumprimentou-me logo a seguir, apresentando-se como Alexandra. As duas estavam muito animadas e combinavam muito bem uma com a outra. Não admirava que fossem amigas. Tinham fisionomias completamente diferentes, mas percebi que as personalidades eram idênticas.

No fundo, toda a gente sabia onde é que aquele jantar poderia acabar, mas não era tão óbvio quanto pudesse parecer. Normalmente nos jantares do Miguel as pessoas depois de comer conviviam um pouco e iam embora, ou então saíam até um conjunto de bares que havia a uns metros da casa dele e no fim ia cada um para sua casa. Ou seja, a possibilidade de acabarmos todos a foder juntos era apenas uma entre tantas (sim, mesmo estando dois para dois), o que acabou por dar um ar muito mais leve e tranquilo ao jantar. Se a diversão tombasse para esse lado, perfeito, mas se assim não fosse, não seria nada do outro mundo.

Conversámos e rimo-nos bastante durante o jantar, e o Miguel fazia questão de mandar umas bocas mais atrevidas de vez em quando e uns olhares em forma de indireta para ir preparando o terreno. Parecia até mais entusiasmado com a ideia do que eu, e às vezes invejava-lhe a sua simplicidade de pensamento e personalidade. O que, convenhamos, lhe trazia muito poucas complicações. Eu tomava a postura mais reservada, até porque ele é que era o expansivo do grupo, e eu agradecia. Durante a refeição, os três esvaziaram duas garrafas de vinho, o que incendiou ainda mais a conversa (e os corpos por dentro). Findo o jantar, o Miguel agarrou na garrafa de vinho do Porto e mandou toda a gente seguir à sua frente até à sala onde nos sentámos reunidos. Nós os dois no sofá e elas as duas em duas cadeiras à nossa frente. Mais uma vez começou a dar vida ao seu espírito académico e começou com os seus jogos de desafios. Já lhe tinha dito e mostrado que essa minha fase já tinha passado há algum tempo, mas deixei-o tomar as rédeas dos acontecimentos. Desliguei o contador da idade e entrei na onda. Reparei que a cabeça ainda me doía, mas rapidamente mudei o meu foco de atenção para aquele grupo de pessoas.

Os desafios que o jogo nos levava a colocar uns aos outros estavam a ficar cada vez mais atrevidos. Estava a tomar o rumo pretendido, portanto, com a ajuda e o consentimento silencioso de todos. Até que um dos desafios consistia em a Verónica beijar o Miguel. Não

especificava onde, mas ela não fez por menos. Levantou-se da cadeira, pôs-se em cima dele, sentada no seu colo, virada para ele, e começou a beijá-lo na boca. Começou, mas não parou. O Miguel também não se fez de difícil e começou a acariciá-la. A Verónica começou a desabotoar-lhe a camisa e a beijá-lo pelo tronco abaixo, até que desceu do seu colo e se colocou de joelhos entre as pernas dele. Desapertou-lhe o cinto, desceu-lhe as calças e começou a chupá-lo ali mesmo em frente de todos. O Miguel olhava para mim e para a Alexandra com um ar que era uma mistura de espanto com prazer. Eu não me movi um centímetro sequer durante toda aquela cena, permanecendo tranquilo no meu lugar. Olhei para a Alexandra, que estava diante de mim, na expectativa, e fiz-lhe somente um sinal com os olhos. Ela ajoelhou-se diante de mim, desceu-me as calças e começou a chupar-me também.

Enquanto o pau do Miguel ia desaparecendo e surgindo da boca da Verónica, ela olhava para mim com frequência como se tudo aquilo que ela estivesse a fazer não tivesse o propósito de dar prazer ao meu amigo mas sim provocar-me a mim. Não duvidava de que preferia estar a chupar o meu pau, mas sabia que aquele jogo de olhares também lhe dava muito prazer.

Agarra na cabeça nela e fá-la chupar-te até ao fundo. Achas que ela não sabia ao que vinha? Afastei-lhe o cabelo do rosto, apanhando-o atrás da cabeça dela com as mãos, e comecei a acompanhar-lhe os movimentos pressionando-a para baixo. *Lindo menino, é assim mesmo. Fode essa desconhecida para ela saber onde é que se veio meter.* Aumentei a velocidade com que subia e descia a cabeça dela. *Mais depressa, mais fundo, mostra quem manda.* Pressionei mais, fazendo-me entrar o máximo possível nela. *Vai, vai, vai! Fode-lhe essa boca toda!* A Verónica continuava a olhar para mim com uma expressão que transbordava tesão, o Miguel sorria-me em forma de incentivo e a Alexandra gemia com o meu pau enterrado na sua boca. Sacudia a minha cabeça para tentar livrar-me da voz que emergia das minhas profundezas como se me agarrasse pelos pés e me puxasse para baixo. Entretanto consegui agarrar-me a um *flash* de lucidez e perceber que não podia continuar ali. Não estava em condições de controlar a minha obscenidade e agressividade, além de que aquilo não me estava a dizer nada, nem a saber a nada. Já não era o **Afonso** que ali estava e tinha

de sair rapidamente. Levantei o rosto da Alexandra para mim e disse-lhe:

«Chupas o resto depois.»

Puxei as minhas calças, levantei-me, pisquei o olho ao Miguel e saí de casa dele. Quando cheguei à rua, deixei-me estar durante alguns momentos a respirar o ar fresco da noite. Não valia a pena insistir, precisava de voltar a calibrar a minha personalidade e organizar os meus pensamentos. Não podia (nem queria) deixar que o sexo e tudo o que o envolvia perdessem o significado que eu mesmo lhes tinha dado na minha vida, e até aquele que eu transmitia a quem seguia os meus passos. Respirei fundo uma última vez, entrei no *420* e segui viagem até casa.

Tomei um bom banho e esfreguei-me bem como se tentasse limpar a sujidade da alma com uma esponja. Não era possível, mas fazia de conta, e isso era o suficiente para me deixar tranquilo.

Não demorei a adormecer quando me deitei na cama. Em condições normais não teria sono antes de o Sol nascer, mas o facto de ter dormido mal nas últimas noites, e em especial na anterior, facilitou a tarefa. No dia seguinte acordei incrivelmente tranquilo, resultado do sono profundo alimentado pelo cansaço, mas mesmo assim a decisão já estava tomada. Peguei no telemóvel e tinha duas mensagens não lidas, uma da Verónica e outra do Miguel.

«*Acobardaste-te?*», perguntava a Verónica com escárnio.

Ignorei a SMS dela e li a do Miguel.

«*Melhor noite da minha vida!*», dizia ele.

Sorri para o telemóvel ao perceber que ele tinha tomado conta das duas e fiquei contente por lhe ter proporcionado aquele momento. Ainda que tenha sido um efeito colateral. Aproveitei que estava com o telemóvel na mão e telefonei à Susana.

«*Estou sim?*»

«*Peço desculpa por estar a ligar-lhe a um domingo, Susana, mas vou pedir-lhe que me desmarque todos os atendimentos que tenho para a próxima semana. Não estarei por cá e estarei incontactável. Obrigado!*»

«*Com certeza, assim farei.*»

Preparei uma pequena mala apenas com algumas roupas mais descontraídas e desportivas e não cedi à tentação de juntar o computador à bagagem. Olhei à minha volta para confirmar que não me

esquecia de nada importante, e por fim chamei pelo *Dark*.

«Anda, *Dark*! Vamos para o nosso *canto*.»

9

Uma semana depois estava de regresso ao 296. Eram quase milagrosas a transformação interior e a limpeza que aquele lugar operava em mim. Tentei evitar ao máximo ir para lá tendo em conta que o tempo começava a ficar curto, no entanto não tive outra hipótese senão usar esta semana para a minha *reconstrução.* Era inevitável ter essa necessidade periodicamente, mas desta vez o *timing* não foi nada bom. Lembrei-me várias vezes do Henrique, o último aspirante que eu tinha aceitado e que, agora com menos uma semana, teria de ser muito bom (como ele fazia crer que era) para cumprir com distinção os meus desafios e se tornar um **Afonso** em tempo recorde. Por isso, o meu primeiro dia de trabalho, no regresso ao escritório, foi, como previa, muito intenso. Contudo, apesar de todo o trabalho extra que me iria ocupar um pouco mais de tempo nos dias seguintes, tive de reorganizar a minha agenda em função de uma outra missão que tinha ainda de cumprir: Inês. Haviam passado duas semanas desde a última vez que tínhamos estado juntos e desde então eu não voltara a contactá-la, propositadamente. Estava na hora de voltar a procurá-la, e, no dia seguinte, tratei disso.

Fui mais cedo para o escritório e ao final da tarde estava despachado. Despedi-me da Susana, desci até ao -1, entrei no *Mégane* e segui diretamente para o NorteShopping na esperança de encontrar a Inês, que, se tudo corresse bem, estaria na Zara a trabalhar. Pouco faltava para as seis e meia quando cheguei à entrada da loja. Espreitei para dentro para ver se a via e, após algum esforço, acabei por detetá-la pela silhueta. Estava a ajeitar uma roupa nuns cabides junto a um dos cantos da loja. Caminhei na sua direção, devagarinho, com cuidado para que não me visse. Assim que cheguei próximo dela, peguei num vestido preto aleatório e, como se fosse um cliente qualquer, perguntei:

«Tem o S deste vestido, menina?»

Ela virou-se para trás e encarou-me durante dois segundos com um ar que não consegui perceber se era de espanto ou de raiva por me encontrar ali sem contar.

«Podes explicar-me como é que me descobriste aqui?»

«É assim? Nem um *olá* mereço?»

«Também não me disseste», contrapôs. «Diz logo como é que descobriste que eu trabalhava aqui.»

«E eu não podia simplesmente ter vindo comprar um vestido para oferecer a alguém e, *por acaso,* encontrar-te aqui?»

«Se essa justificação fosse dada por qualquer outra pessoa do mundo, talvez acreditasse. De ti, com certeza que não. Diz!»

«Isso é preconceito!», protestei em jeito de brincadeira. «Mas tudo bem, eu digo, soube através do teu Facebook. Tens isso lá.»

«Tu nem sequer tens o meu Facebook.»

«Mas tenho o teu primeiro e último nome. Ou esqueces-te de que tu mesma fizeste questão de o dizer ao *chef* que nos deu o *workshop* de *sushi* só para dares um ar mais chique?»

«Que ridículo, não foi nada por causa disso», corrigiu.

«E pronto», continuei. «Bastou uma curta pesquisa e rapidamente encontrei a miúda do parque. Afinal de contas, não há assim tantas Inês Vasconcelos quanto isso.»

«E porque é que não me adicionaste, já agora?»

«Não o faria, se quiseres adiciona-me tu.»

Deu uma gargalhada e baixou-se para organizar uns sapatos pousados por baixo dos vestidos.

«Quer dizer, andas atrás de mim para onde quer que eu vá, mas não és capaz de me adicionar no Facebook. Tens mesmo de ser estudado, desculpa que te diga...»

«Não ando atrás de ti. Aliás, não ando atrás de ninguém. Andaria atrás de ti se andasses a fugir de mim. O que não acontece.»

Ergueu-se e olhou para mim.

«Andaria a fugir de ti se tivesse medo de ti. O que não acontece. E só para terminar: como é que sabias que era esta Zara?»

«O parque onde te encontrei é aqui perto, logo deverias viver por perto. Se vivias por estes lados, provavelmente também trabalharias por aqui, e esta é a Zara mais próxima», sorrio. «O que é que achas deste vestido?», perguntei para mudar de assunto.

Ficou por momentos em silêncio a olhar para mim. Admirada, ou assustada, pela assertividade das minhas suposições.

«Adoro! É muito caro, mas vende-se muito bem. Tenho a certeza de que ela vai gostar...», disse, voltando-se para a roupa.

«Não é para ninguém, peguei nele à sorte.» Voltei a pendurar o vestido. «E se fôssemos até à praia comer um gelado? A julgar pelo teu tom de pele, imagino que gostes de praia. Além disso está um final de tarde bonito. Não que eu seja fã de fenómenos diurnos.»

«Que lata a tua, já reparaste? Disseste-me lá no *sushi* que me ia apaixonar por ti num mês e desapareces durante duas semanas. Agora apareces do nada a fazer-me um convite.»

«Estava a brincar contigo com essa história de um mês...»

«Vi logo. Conversa tens tu muita.»

«Para ser sincero, não preciso de tanto tempo para te fazer apaixonar por mim. Vamos ou não?»

Deu uma gargalhada espontânea levando de imediato a mão à boca com receio de que alguém a tivesse ouvido.

«Por acaso estás com sorte. Hoje, excecionalmente, saio às 19h. Mas esta semana estou a sair às 22h.»

«Não fazia diferença, íamos de noite. Também seria giro. Espero por ti lá fora», disse, virando-lhe as costas.

Enquanto esperava por ela do lado de fora da loja, fiquei a pensar no quão importante tinha sido não lhe ter dito nada durante todo aquele tempo. O nosso último encontro havia sido muito intenso. Por mais que ela tivesse ido ao meu encontro naquele dia sem qualquer expectativa nem ambição, depois do que fizéramos juntos e do que eu lhe dissera, com certeza que tinha ido embora com uma impressão completamente diferente. No entanto, o facto de não a ter voltado a procurar fê-la pensar e questionar-se se tinha feito ou dito algo de errado que de certa forma me tivesse feito desinteressar por ela. E se não foi por algo de errado que ela tenha dito ou feito, então por que raio eu lhe havia dito que ela se apaixonaria num mês e durante as semanas seguintes não fizera rigorosamente nada? Será que ela tinha sido demasiado exigente e isso me fizera desistir? Ou, em último caso, será que me tinha acontecido alguma coisa? Somado a isto tudo tinha ainda a questão do orgulho, que a impedia de me procurar e esclarecer as suas dúvidas. Afinal, era eu que estava interessado, não ela. Se o fizesse, ainda que fosse por mera curiosidade, iria acabar por passar uma mensagem que não lhe

interessava. Todas estas questões e dilemas tinham estado a trabalhar a meu favor durante duas semanas inteiras. Agora, com o meu regresso, até podia concluir que essas dúvidas não tinham qualquer fundamento, mas, tarde demais, o trabalho interior dentro dela já fora feito.

Pouco depois das 19h surgiu de mala na mão à saída da loja.

«Vamos!», atirei.

Entrámos no carro e passados dez minutos estava a estacionar numa estrada paralela à praia de Matosinhos. Saímos e coloquei os óculos escuros que trazia pendurados na camisa. Comprei dois gelados ao gosto de cada um (tal como combinado) e começámos a caminhar ao longo do passeio junto ao areal. As pessoas já tinham começado a ir-se embora e muito poucas ainda restavam na água. A brisa morna que se fazia sentir atirava-lhe o cabelo comprido para trás e dava-lhe um ar ainda mais natural e descontraído, contrastando docemente com o batom vermelho dos lábios.

«É a primeira vez...», disse eu.

«A primeira vez o quê?»

«A primeira vez que convido uma mulher para comer um gelado junto à praia num final de tarde», disse sem tirar os olhos do horizonte enquanto caminhava ao seu lado.

«Isso é um elogio ou uma constatação?»

«A segunda opção é verdadeira, mas a primeira não é mentira. Porque é que não recusaste o convite?»

«Porque gosto de gelados. E também gosto de praia...»

«... e da minha companhia», concluí na sua vez.

«A tua companhia acaba por ser uma espécie de mal necessário. Se não fosses tu, não tinha uma boa desculpa para vir desfrutar deste pôr do Sol magnífico, por exemplo.»

Estanquei no caminho e lancei-lhe um olhar por cima dos óculos. Ela devolveu-me um sorriso, lambeu o lábio e continuou:

«Vá! Também não quero ser injusta. Eu gostei da última vez que saímos. Foi diferente. Original. E mentiria se dissesse que não gostei da tua companhia.»

«Sendo assim assegura-te de que a aproveitas bem, porque eu fico para sempre, mas não sou eterno...», disse-lhe pausadamente.

«O que queres dizer com isso?»

Voltei a olhar para o horizonte e comecei a caminhar. Ela ficou parada por momentos e logo a seguir compensou a distância com passo acelerado, retomando a posição ao meu lado.

«Vamos para a areia?», perguntou.

Por mais inocente que tivesse sido aquela pergunta em forma de convite, ela tinha um significado muito grande. Era uma manifestação de iniciativa da parte dela. A primeira desde que a tinha conhecido. O que era sinónimo de avanço.

Fiz cara feia àquela pergunta e, após ponderar, respondi:

«Quando acabarmos os gelados...»

Terminámos de comer os gelados, caminhámos até próximo da areia, descalçámo-nos, colocámos o calçado escondido atrás de uns contentores junto ao muro para ninguém o levar de graça e entrámos pelo areal adentro até próximo da água. No entanto, a Inês reparou que a minha expressão facial estava ainda mais carregada do que o normal e procurou uma explicação.

«Não me digas que tens medo do mar.»

«Medo? Já tive muitos medos. Hoje em dia só tenho medo de uma coisa... E não é do mar, como é óbvio.»

«Então do que é?»

Remeti-me novamente ao silêncio e fiquei a encará-la através das lentes escuras até ela desistir de obter resposta.

«OK, já percebi! Porquê essa cara?»

«É só porque não gosto de areia», expliquei. «Mete-se em todo o lado, voa com o vento, e ainda por cima está cheia de beatas e cocó de cão. Nunca sei onde pôr os pés. E também não suporto a água do mar. Parece gelo, pelo menos nesta zona, e depois está cheia de espuma, areia, algas e mijo.»

«Ou seja, odeias isto tudo, basicamente», concluiu.

«Menos a ti. Nada mau...»

«Se quiseres, voltamos lá para cima», apontou na direção do passeio que percorrêramos momentos antes.

«Vou explicar-te uma coisa: a partir do momento em que estás na minha companhia, as tuas vontades passam automaticamente para primeiro lugar. Não quero com isto dizer que satisfaço todas as tuas vontades em detrimento das minhas, quer dizer apenas que elas são

tidas como prioritárias. Mas é claro que se quero, quero, e se não quero, não quero. E quando me refiro às tuas vontades refiro-me a ti e a tudo o que te envolve. E quando me refiro a ti, refiro-me a qualquer mulher a quem eu dê a honra de estar na minha companhia e ter a minha atenção. Perdoa-me se agora te roubei o sentimento de exclusividade, mas isto não tem que ver com o facto de seres quem és, mas sim com o facto de eu ser quem sou. O pormenor de ter vindo para a areia contigo é apenas uma pequena demonstração daquele que considero ser o meu maior princípio, que é o de colocar a mulher sempre em primeiro lugar no meu universo.»

A Inês lançou-me um olhar de quem tinha gostado daquilo que ouvira, mas ao mesmo tempo de quem tinha ficado com curiosidade de saber aquilo que ficara por dizer.

«No teu universo? Que universo?»

«Já conheces uma pontinha dele. Continua a portar-te bem e talvez te mostre o resto. É bom. Muito bom. Mas, como tudo na vida, há um preço a pagar...»

«Não interpretes esta pergunta como uma demonstração de interesse, mas sim de curiosidade. Que preço é esse?»

«Tudo o que posso dizer é que é um preço que só pode ser cobrado quando for tarde demais.»

«Muito bem, de qualquer forma também não está nos meus planos entrar nesse teu *universo misterioso*», disse com uma ironia pálida, cerrando os olhos e balanceando os dedos. «Por isso não contes que te vá pagar alguma coisa.»

A Inês falava sem confiança nenhuma nas palavras que lhe saíam da boca. A ironia era forçada e muito fraca a disfarçar aquilo que realmente pretendia com ela. Ou seja, saber mais sobre aquilo que eu lhe estava a dizer sem ser através de perguntas que acabariam sempre por ser demasiado óbvias para serem respondidas por mim. Enquanto isso, a água ia molhando os nossos pés, mas de maneira nenhuma arrefecia a curiosidade da Inês e, com ela, o seu interesse por mim.

«És tão inocente», tirei os óculos, ficando com eles na mão, e comecei a aproximar-me dela de olhar sério. «Este é o nosso quarto encontro! Há muito que estás no meu universo sem te aperceberes. E a cada dia que passa mais presa estás a ele. Porque é que achas que

pensaste tantas vezes em mim nestas duas semanas em que não te disse nada? E nem vale a pena tentares negar, porque nem tu irias acreditar nisso.»

Em pouco tempo a praia ficara praticamente deserta. Já não se via ninguém na água e só ao longe se vislumbrava dois ou três para-ventos. Era eu, a Inês e uma infinidade de mar ao nosso lado. Só o cabelo dela se movera à medida que me fui aproximando. Era como se tivesse sido presa por ela mesma, ainda que contra a sua vontade, só para permitir que eu chegasse mais perto. Aproximei-me tanto dela que as nossas bocas ficaram a um palmo de distância. Por fim, terminando o meu discurso quase num sussurro, disse:

«Agora é tudo uma questão de tempo. E tu sabes tão bem que é... Tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque...»

Ela desviou o rosto do meu e atirou:

«Tenho de ir embora.»

Desapareceu da minha frente, afastando-se de mim em passo acelerado, e eu comecei a caminhar atrás dela.

«Eu levo-te!», sugeri por cortesia.

«Vou de autocarro, passa mesmo à porta de minha casa.»

Fiz questão de não insistir. Era o momento ideal para ela ficar sozinha e levar consigo aquela última cena na praia. Acompanhei-a até à paragem de autocarro e evitei falar muito para não correr o risco de mudar de assunto e de alguma forma enterrar na sua memória as últimas palavras que lhe havia dito. Era importante que elas estivessem bem frescas na sua mente quando se visse sozinha para ir a pensar em mim no regresso a casa. Fiz-lhe companhia junto à paragem e passado pouco tempo chegou o autocarro. Mal a porta abriu entrou no veículo e não se despediu de mim.

«Olha...»

Ela olhou para trás na minha direção e eu continuei:

«... vemo-nos amanhã.»

10

Era mais um dia de compensação no escritório e mal tivera tempo de levantar o rabo da minha poltrona. Desde que regressara ao trabalho só tinha tempo de cumprimentar e despedir-me da Susana. No entanto, desde o dia em que eu e ela nos envolvemos que eu fazia valer as palavras que lhe dissera. Agia como se nada tivesse acontecido. Como se de facto não tivesse mesmo passado de um sonho. Não com a intenção de lhe mostrar que aquilo não tinha significado nada, mas sim para não se sentir ainda mais culpada por ter cedido a uma tentação que eu mesmo tinha alimentado nela. (Mas que já vivia nela.) Contudo, a Susana não tinha a mesma habilidade que eu. Apesar de terem sido poucas e rápidas as vezes que nos cruzámos desde esse dia, notava-se que ela ficava envergonhada quando me via, desviando o olhar sempre que possível, como se de alguma maneira eu conseguisse ver além daquilo que mostrava. Na verdade, não via, porque no fundo aquilo que tinha acontecido entre nós não fora uma surpresa para mim. Não só porque sempre que olhava para ela eu já imaginava o que acabaria mesmo por acontecer mas também porque tudo aquilo que ela havia feito comigo nada mais era que o desejo mais escondido da maioria das mulheres na mesma fase da vida. E não era crime nenhum. Aliás, crime seria continuar a reprimir as suas vontades e fetiches e deixar que a monotonia e a rotina lhe abafassem a vontade de viver a vida como ela merecia ser vivida. Assim como o seu corpo, que ainda tinha muitas boas fodas para dar. Aquilo que acontecera entre as paredes do meu escritório tinha sido, para mim, uma grande vontade, mas para ela tinha sido uma grande necessidade. E isso era uma mensagem que, pelos vistos, ela ainda não conseguira entender. Por isso cabia-me a mim ter uma conversa com ela e aliviar-lhe um pouco da culpa e da vergonha que, desnecessariamente, a consumiam desde essa altura. Mas isso ficava para depois da minha sessão com o Henrique, que já batia à porta.

Convidei-o a entrar, cumprimentei-o e sentámo-nos nas poltronas como habitual. Vinha novamente muito bem vestido e pousou sobre a

mesinha ao nosso meio (mais uma vez) o telemóvel e a chave de um *Audi.* Apercebi-me de que era de um carro diferente do anterior. *Mas este tipo não tem bolsos?*

«A lição foi bem estudada?», perguntei.

«Já estava na semana passada, mas entretanto a sessão foi desmarcada e tive ainda mais tempo para estudar. Por isso está», respondeu com a confiança com que me habituara.

«Muito bem! Como combinado, vou fazer-te um conjunto de perguntas sobre o meu universo e as suas leis. Se considerar que possuis os conhecimentos básicos necessários para avançarmos para a parte prática, perfeito. Senão, já sabes, seguimos o protocolo normal.»

«Vamos a isso! Estou preparado!»

«Comecemos pelos meus mandamentos, a ver se estão bem assimilados. Como é óbvio, não vou perguntar-te qual o número do mandamento X, nem qual o mandamento do número Y. Vou apenas começar os mandamentos e tu tens de os terminar. À exceção do primeiro, esse tens obrigatoriamente de saber qual é, até porque é à volta dele que funciona todo o meu universo. Assim sendo, qual é o mandamento n.º 1?»

«Ela primeiro», respondeu prontamente.

«Mandamento n.º 10: amar antes, amar depois...»

«... foder durante», completou.

«Mandamento n.º 69: prova o teu amor...»

«... fica depois de te vires.»

«Muito bem, para terminar, mandamento n.º 58: não te preocupes com *finais felizes*...»

Ficou pensativo durante alguns segundos.

«Porra! Está mesmo aqui na ponta da língua...»

«Não te preocupes com *finais felizes*, mas sim com *durantes felizes*», completei na sua vez. «Não tem mal, estiveste bem na mesma. Quais são os três grandes pilares do meu universo?»

«Essa é fácil: sexo, mistério e amor.»

«Sim, são esses mesmos, mas também era importante teres fixado a sua ordem. É amor, sexo e mistério! Sempre nesta ordem. O grande desafio de se ser um **Afonso** é ser-se capaz de amar e foder com a mesma intensidade a mulher que se tem ao lado. O amor é o prato

principal, o sexo é a sobremesa e o mistério é o cafezinho. Estamos entendidos, Henrique?»

Abanou a cabeça como se estivesse a concordar comigo, mas percebi que apenas estava a tentar disfarçar o facto de aquela informação ter sido uma novidade para ele. Continuei:

«Qual a grande missão de um **Afonso** no mundo?»

«Satisfazer as mulheres. A todos os níveis.»

«Não vou considerar essa resposta como errada. É verdade o que disseste, mas é apenas uma parte da verdade. Satisfazer uma mulher não é a missão de um **Afonso**, mas é um meio necessário para a cumprir. A grande missão é valorizar a mulher, é mostrar-lhe o quão poderosa é e o quão feliz pode ser a partir do momento em que não aceita Nada Menos Que Tudo. Por mais paradoxal que possa parecer, tendo em conta a forma como atuamos, é este o nosso grande propósito. O objetivo pessoal é, por isso, trabalharmo-nos a todos os níveis para sermos imperfeitamente perfeitos. Para que a mulher que passe pelas nossas mãos, pela nossa vida, ganhe noção do que é realmente bom. Para que a partir desse momento seja mais exigente com ela mesma e com os homens que surgirem posteriormente na sua vida. Repara, de nada vale um homem que não faça uma mulher sonhar. Está sempre em cima quando quer sexo, mas não fica ao seu lado quando ela precisa de amor. Fode que nem uma máquina, mas não consegue dizer-lhe um amo-te ou dar-lhe a mão quando caminha. Leva-a ao céu sempre que estão juntos, mas não a leva com ele quando vai estar com os amigos ou a família. O objetivo de um **Afonso** é mostrar à mulher que ela não pode aceitar, nunca, um homem que só a foda, nem um que só a ame. Porque qualquer coisa menos que tudo... é nada. E para terminar, para continuarmos com o nosso teste, há ainda a questão do para sempre. Ser um **Afonso** não quer dizer que tens de ficar com a mulher que conquistaste ou que já tens ao teu lado para sempre. Quer dizer, sim, que, enquanto estiveres ao lado dela, que pode ou não ser para sempre, estarás inteiro, darás sempre o teu melhor e farás valer a pena. Um **Afonso** nunca é uma questão de tempo, mas de intensidade. Pode ser uma noite, um mês, um ano ou uma vida, mas enquanto for, cada segundo tem de ser intenso. Quando falo em intensidade nem sempre me refiro a coisas boas. Uma das nossas maiores habilidades é saber

fazer doer. Ou seja, é saber fazer valer a pena uma dor, mas depois explico melhor... Este universo é muito, muito complexo, por vezes pode parecer ilógico ou até incoerente, mas isso é apenas uma ilusão criada pela sua própria complexidade. Quando perceberes a sua essência, tudo fará automaticamente sentido. Estou a dizer-te tudo isto porque, apesar de ser uma sessão de teste, não deixa de ser uma aula.»

O Henrique ouvia-me atentamente, mas mantinha o queixo levantado, não desarmando a sua postura altiva.

«Bom, mas continuando, agora com um pequeno exemplo prático. Imagina que conheces uma determinada mulher de vista e pretendes conhecê-la melhor. Por acaso até sabes o nome dela, adiciona-la no Facebook, contudo vocês nunca tiveram nenhum contacto e tu, apesar de quereres muito falar com ela, não tens nada de concreto para lhe dizer. O que é que farias numa situação destas, sendo tu meu discípulo?»

«Metia conversa na mesma. Enviava um olá e começava a falar normalmente. Um **Afonso** é com certeza confiante o suficiente para saber que a abordagem correria bem. Não haveria necessidade de existir um motivo em especial. Sou um homem bonito, qualquer mulher estaria interessada em falar comigo também.»

«Um **Afonso** confia em si o suficiente para saber que é bom no que faz. Não confia é o suficiente nas outras pessoas ao ponto de garantir que elas são capazes de perceber isso. Quando metes conversa com uma mulher, não sabes que desconfianças tem, os desgostos ou as desilusões, a sua cultura ou inteligência. E chegas lá cheio de confiança, ela interpreta-te mal, ou então demasiado bem, e a tua tentativa vai por água abaixo e corres o risco de fazer uma figura triste de um homem comum a tentar engatar uma mulher. Achas mesmo que serias o primeiro homem bonito a querer aproximar-se dela? Achas mesmo que ela não recebe montes de olás no *chat* do Facebook, no telemóvel ou até na rua que já nem sequer se dá ao trabalho de responder? Já agora, um **Afonso** não tem de ser bonito. Não é, de todo, um requisito. Tem, sim, de ser sedutor. O que é muito diferente. Por exemplo, há discípulos meus que olhas para eles e à primeira vista não dás nada por eles. Mas um **Afonso**, tendo tempo e a atenção de uma mulher, além de uma oportunidade dela, claro, mete qualquer modelo de *passerelle* no bolso.

Se te consideras um homem bonito, tens de usar isso a teu favor, e não esperar que isso faça o trabalho por ti. Pois acredita que se te aproximas de uma mulher, que seja inteligente, com uma conversa de treta, até podes ser o homem mais bonito do mundo, mas não te passará cartão.»

Percebi que ele não tinha gostado da minha observação em forma de correção, mas engoliu o orgulho e perguntou:

«O que é que eu faço? Se quero falar com ela e não tenho nenhum assunto ou motivo forte, o que é que faço?»

«Não fazes nada.»

«Nada? Não tenho de lutar por aquilo que quero?»

«Tens. E deves. Mas a opção que deste não é sinónimo de luta. Muito pelo contrário. É sinónimo de preguiça e impaciência. Que são dois autênticos venenos no que diz respeito à conquista e satisfação de uma mulher. Ou seja, em vez de teres procurado ou arranjado um motivo e uma boa desculpa para falares com ela, decidiste confiar demasiado em ti e nela, e falar na mesma. É o mesmo que precisares de uma chave para abrir uma porta e em vez de a procurares ou mesmo fazeres uma, com esforço e paciência, claro, decidires entrar à bruta e começar a dar patadas na porta a ver se ela abre. Como deves imaginar, não é o método mais inteligente. Portanto, o que tens de fazer é dar as voltas necessárias, estudar a situação e arranjares uma maneira de chegar até ela sem ser dessa maneira tosca e corriqueira. Isto, sim, é que é lutar. E, claro, se não te deste ao trabalho de encontrar um bom motivo, uma boa desculpa e uma boa forma, então, sim, é melhor estares quieto e calado. Acredita que elas vão agradecer. É escusado dizer que falhaste esta pergunta. Vou fazer-te mais duas e termino. A primeira é a seguinte: o que é que não podes, de todo, ser com uma mulher quando te deitas com ela? Falo disso no manual que te dei e é esse aspeto que quero que me digas.»

«Não posso ser... agressivo?», respondeu reticente.

«É claro que podes ser agressivo, na dose certa e no momento adequado. Tens mais uma tentativa.»

Ajeitou a gola da camisa demonstrando algum desconforto com a situação cada vez mais desfavorável aos seus intentos.

«Lamechas?»

«Errado! Estavas a ir bem e foste borrar a pintura agora na reta final.

É claro que podes ser lamechas, mas mais uma vez na dose certa e no momento adequado! O que não podes ser, de maneira alguma, é egoísta. O prazer dela será sempre a prioridade. Não quero com isto dizer que deixes de fazer coisas que te deem mais prazer a ti do que a ela. Quero dizer é que não podes deixar de fazer o que lhe dá mais prazer a ela só porque não te dá tanto prazer a ti. Porque o prazer da mulher tem de ser sempre o nosso prazer também. Vamos para a última, que não é uma pergunta, mas sim um desafio. Define o que é ser um **Afonso** numa frase.»

Voltou a refletir durante alguns segundos, mas desta vez demorou mais tempo, pois sabia que esta pergunta podia salvá-lo ou enterrá-lo de vez face às expectativas a seu respeito que despertara em mim na primeira sessão.

«Um **Afonso** é um homem que surge uma vez na vida de uma mulher para mudar a sua vida para sempre.»

Não era a resposta que eu esperava ouvir, mas não deixava de ser verdadeira, além disso era original e merecia valor por isso.

«Não estava à espera de que respondesses acertadamente a todas as questões, também não era obrigatório para eu avaliar os teus conhecimentos sobre o meu universo. Em função da informação que tinhas nesse pequeno manual, não te saíste propriamente mal e vou considerar-te habilitado para avançar para a próxima fase.»

No fundo, o que mais valera ao Henrique não tinha sido a sua prestação na primeira avaliação, mas sim a sua confiança. Notava-se que era um homem que tinha noção do seu valor e tinha a autoestima bem saudável, e isso era um grande argumento para saltarmos uma boa fase inicial da formação. Grande parte dos homens que me procuravam passara por fases menos positivas nas suas vidas que lhes haviam afetado consideravelmente a sua confiança. Mas este era um caso diferente.

O Henrique ficou com uma expressão facial de rejúbilo assim que lhe dei a apreciação. Não no sentido de demonstrar contentamento por seguir em frente na formação ou sequer como forma de retribuição de alguma compreensão da minha parte, mas mais uma vez para exibir a segurança que tinha nas suas capacidades. Por mais que me esforçasse, estava a ser difícil entender quais as reais intenções e

pretensões dele. Isso deixava-me deveras desconfortável, porque me impedia de antecipar os seus próximos passos. Cada vez mais tinha a certeza de que me iria surpreender. Só me faltava saber se seria por uma boa ou má razão.

«Reparei que nos documentos que me deste para estudar não abordas profundamente a questão do sexo e fiquei sem saber se há alguma espécie de modelo ou sequência característica na forma de um **Afonso** atuar durante o sexo propriamente dito.»

«Esse assunto ser-te-á explicado com maior pormenor na fase final da formação, quando nos debruçarmos mais sobre essa parte. Mas posso já dizer-te que, apesar de não haver nenhuma sequência obrigatória, há, de facto, um padrão de atuação. Por exemplo, se te descrevesse agora as minhas últimas vinte fodas, facilmente perceberias que há um padrão ao qual elas são fiéis. Contudo, se olhares com atenção para os pormenores, todas elas são distintas. Mas, no fundo, isso é como tudo na vida. As pessoas, em condições normais, também têm todas uma cabeça, dois olhos, dois braços, duas pernas, etc., etc., e, no entanto, se olhares ao pormenor, todas são diferentes umas das outras. O importante é seres fiel ao padrão de sexo de um **Afonso**, mas teres em atenção os pormenores para que não seja sempre arroz. Se o sexo é sempre com a mesma pessoa, tens de ter o cuidado redobrado de mudar alguma coisa de foda para foda. Sejam as posições, locais, envolvência ou o que for. Mas é claro que tudo isso obedece a um determinado padrão e é fiel ao estilo característico de um **Afonso**. Como com qualquer outra pessoa.»

Expliquei-lhe rapidamente o que iria acontecer na próxima sessão e fiquei de lhe ligar para lhe dar mais pormenores, mais próximo da data. Apertei-lhe a mão e vi-o sair do escritório. Arrumei as minhas coisas, peguei na mala e saí logo a seguir. Quando me preparava para me despedir da Susana, lembrei-me de que me comprometera comigo próprio a ter uma conversa com ela. Olhei o relógio, e o tempo que me faltava para as 22h não era muito e ainda tinha de ir até Matosinhos. Contudo, não ia adiar mais aquela conversa. Pousei a mala sobre o balcão e abordei a Susana:

«Podemos falar?»

Ela abanou afirmativamente a cabeça. Contornei o balcão, puxei uma

cadeira, sentei-me do lado dela e perguntei:

«É impressão minha ou os seus *sonhos* estão a afetar-lhe a realidade? Sinto alguma vergonha quando me vê...»

«É complicado, **Afonso**...», começou por dizer sem olhar para mim. «Sempre que me lembro não me reconheço...»

«Foi mau?»

«Isso não é relevante.»

«Foi mau, Susana? Responda!», insisti.

«Não! Claro que não foi. E o **Afonso** sabe bem disso. Foi bom. Foi muito bom! Mas isso não me faz sentir melhor.»

«Arrepende-se?»

«Não foi correto da minha parte. Sou uma mulher casada.»

«Há quanto tempo não dava uma foda desta maneira?»

«Ui... Já nem me lembro, mas mais uma vez isso não é relevante. Nesta fase da minha vida o sexo fica para segundo plano. Tenho outras prioridades, os meus filhos, o meu trabalho, a minha casa... enfim, tanta coisa.»

«E a Susana em que lugar fica na sua vida?»

«**Afonso**...», suspirou e baixou o rosto para olhar para as mãos entrelaçadas que tinha pousadas sobre as pernas. «Não tenho mais o corpo de há dez ou vinte anos. A vida muda, a mentalidade muda, as responsabilidades e as preocupações são completamente diferentes. Os meus filhos estão em primeiro lugar.»

Agarrei-lhe no rosto e fi-la olhar de novo para mim.

«Pare de se enganar! Está a tentar convencer-se de que a vida é uma merda para aceitar melhor a merda de vida que leva. Isso é simplesmente ridículo! Os filhos estão em primeiro, e muito bem, mas tem de perceber que para eles estarem em primeiro a Susana não tem de estar em segundo. Há espaço para todos no primeiro lugar, a Susana tem é de acomodar tudo da melhor maneira. Sabe o que é que aconteceu ali dentro daquele gabinete?», perguntei apontado com o dedo na direção do gabinete. «Libertação! Ali libertou a mulher que todos os dias reprime dentro de si só porque acha que ela já não tem direito de viver. Mas ela existe e está bem viva aí dentro desse peito quente e cheio de desejos por cumprir. A Susana também é aquela mulher, e enquanto não o admitir nunca vai conseguir desfrutar ao máximo do seu

corpo, da sua idade e da fase que está a passar neste momento.»

«Não diga essas coisas...»

«Digo porque alguém tem de o fazer. Aquilo que aconteceu não foi apenas uma libertação da mulher que vive aí dentro enclausurada, foi também uma demonstração daquilo que a Susana merece. É daquela maneira que tem de ser fodida, é daquela maneira que tem de exigir ser fodida. Não pode aceitar essas fodas amenas que dá de tempos a tempos quando o marido chega a casa um pouco mais animado ou um pouco menos cansado. Tem de puxar por si mesma e por ele também, porque enquanto se contentar com o pouco que ele lhe dá, nunca terá mais do que isso. Garanto-lhe. Não esteja à espera de que ele faça alguma coisa. Não esteja à espera de que ele chegue a casa com um ramo de flores, ou que se lembre de parar o carro na beira da estrada, tirá-la para fora e fodê-la ali mesmo contra a porta do carro. Ele já se acomodou à sua vidinha há muito tempo e a Susana está a deixar-se arrastar por ele para um estado amorfo que não é viver nem é nada. Dê um abanão à sua vida. Aquilo que aconteceu no meu gabinete foi uma vez só. Não volta a acontecer entre nós. Como ficou prometido dentro daquelas paredes. No entanto, vontade não me falta, mas sei que se lhe continuasse a dar o que não tem em casa nunca iria resolver o problema que tem em casa. E é essa a prioridade. Agora lembre-se do sexo que tivemos sempre que for preciso para não aceitar nada menos do que aquilo. Prometa-me que o vai fazer.»

«Eu não sei se...»

«Agora!», interrompi.

«OK, eu prometo...», disse reticente.

«Linda menina! Agora tenho de ir que já estou atrasado.»

Levantei-me, contornei o balcão, agarrei na mala, pisquei-lhe o olho em forma de despedida e fiz-me à estrada até Matosinhos.

Assim que cheguei à morada estacionei o carro mesmo em frente da entrada do n.º 53, desliguei o carro e fiquei a aguardar. Cerca de meia hora depois vi a Inês, através do retrovisor, de mala na mão, surgir na esquina do prédio. Recolhi-me no assento para que não me visse ao passar por mim e aguardei que ela se aproximasse da entrada. Assim que meteu a chave na porta do prédio saí do carro.

11

Olhou para trás assim que ouviu o barulho da porta para ver de quem se tratava e fez cara de espanto ao perceber que era eu. Bati a porta do carro, encostei-me a ela e cruzei os braços.

«O que é que estás aqui a fazer?!», perguntou ainda agarrada à chave que tinha acabado de meter na fechadura.

«Eu disse-te ontem que nos veríamos hoje. E não sou homem de falhar com a minha palavra...»

O facto de lhe ter dito no dia anterior que nos iríamos ver no dia seguinte tinha sido mais uma semente que havia lançado no terreno fértil que era a sua mente. Tendo em conta que tinha ido ter com ela ao seu local de trabalho nesse dia, e sendo esse local o único que ela sabia que eu conhecia onde ela seguramente estaria, era de supor que ela esperasse que eu fosse ter com ela lá. O que a obrigou a pensar em mim o dia todo, pois a qualquer momento eu poderia aparecer. Acontece que as horas foram passando e eu não aparecia na loja. Até que o dia chegou ao fim e ela começou a acreditar mesmo que eu não tinha cumprido com o que lhe havia dito no dia anterior, pois se não fui ao seu encontro naquele local, em mais nenhum outro poderia ser. Contudo, eis que surjo mesmo à porta de sua casa, onde, e quando, ela menos esperava.

«Sim, mas como deves imaginar não contava que fosse aqui, além disso não me perguntaste se eu queria!», protestou.

«Porque certamente dirias que não, e não queria obrigar-te a mentir porque sei que também não és fã.»

«Espera lá...», disse, semicerrando os olhos pensativa. «Tu seguiste-me do meu trabalho até aqui para saberes onde morava?»

Dei uma gargalhada. Descruzei os braços, enfiei as mãos nos bolsos da casaca, descolei-me do carro e aproximei-me dela.

«Explica-me uma coisa», comecei por dizer, «se eu te segui do trabalho até aqui, como é que eu já estava dentro do carro estacionado mesmo à porta do teu prédio quando chegaste?»

«Como é que descobriste que eu morava aqui?»

«Lembras-te de quando saímos da aula de dança e eu mandei parar um táxi para te levar?»

«Sim...», respondeu.

«Após tu teres entrado no carro, entreguei dinheiro ao taxista para pagar a viagem e pedi-lhe um cartão, lembras-te?»

«Acho que sim... e então?»

«E então depois liguei ao homem, lembrei-o de que o dinheiro que lhe tinha dado com certeza tinha chegado e sobrado e se, tendo em atenção aquela gorjeta, ele me podia confidenciar a morada onde te tinha deixado. Para o caso de algum dia me dar jeito...»

«Oh meu deus! Isto chega a ser assustador! Tens noção? Arranjaste maneira de conseguir o meu número, descobriste onde eu trabalhava e agora onde moro!»

«Uau! Sou mesmo bom nisto. Eu sei. Vou entender isso como um elogio. E não, não é assustador por uma simples razão», aproximei o meu rosto do dela para a olhar nos olhos. «Basta pedires e desapareço. Tão simples como isso. Não obrigo nem forço ninguém a nada. Dizes a palavra mágica e nunca mais volto a procurar-te. E quando digo nunca é mesmo nunca. Se por obra do destino nos cruzarmos na rua, ou onde quer que seja, é óbvio que não vou fazer de conta que não te conheço. Falar-te-ei nesse momento. Contudo, até que me procures ou até que eventualmente nos cruzemos e retires as palavras que me disseste, nunca mais recebes uma chamada ou SMS minha e muito menos irei procurar-te como fiz ontem e hoje. Basta pedires para desaparecer e já está.»

A Inês comprimiu os lábios percebendo a sinceridade e seriedade das minhas palavras (e do meu ponto de vista) e ficou mais tranquila. Trocou o peso para o outro pé e tomou uma posição mais descontraída e menos defensiva relativamente a mim.

«E não podias simplesmente ter-me procurado na Zara como fizeste ontem? Qual é a necessidade de teres vindo aqui e ainda por cima a esta hora da noite?»

«Porque é o teu local de trabalho e não me agrada estar a falar contigo e estares ocupada a fazer alguma coisa. Há ainda o facto de eu também ter o meu trabalho, que me limita o horário. Por fim, a noite é a minha casa e sabia que ias gostar de me ver hoje. Tinha mesmo de

ser...»

«Ah sim, claro! Eu é que queria ver-te. Por isso é que vieste aqui de propósito. Diz lá porque vieste.»

«Quero levar-te a um sítio especial. Está uma noite incrível. Quente e tranquila. Tenho a certeza de que vais gostar.»

«Em primeiro lugar, não posso», disse a Inês. «Já tenho coisas combinadas com a minha colega de casa. Aliás, está à minha espera lá em cima e não me posso demorar. Em segundo lugar, achas mesmo que ia aceitar um convite teu que envolve as expressões *sítio especial, noite incrível, quente e tranquila*?»

Era uma boa técnica, mas não infalível. Nessa noite isso verificou-se. Era seguro que não iria comigo a nenhum lado, mas aquela minha ida a casa dela não poderia ser só uma troca de palavras e um regresso a casa. Poderia não cumprir o meu objetivo principal, mas também não iria embora de mãos a abanar.

«Bom, sempre tinha mais esperança de que aceitasses um convite com essas expressões do que com expressões como *sítio qualquer, noite normal, fria e agitada.* Tudo bem...» Comecei a olhar para o infinito noturno que nos rodeava. «Não podes, não podes. Estava só a tentar aproveitar ao máximo o tempo, tendo em conta que tenho pouco mais de uma semana para te fazer apaixonar por mim.»

«Azar. Não desperdiçasses duas semanas inteiras. E que trabalho é esse que te limita o horário até esta hora?»

Notei que a Inês mudou rapidamente de assunto para não ser arrastada por mim para um tema de conversa em que não se sentia tão segura. Podia simplesmente dizer que estava atrasada e que tinha de subir, mas aproveitou para tentar saciar uma das suas curiosidades a meu respeito. O que me dava a informação de que, apesar de não aceitar o meu convite, também não se queria ver livre de mim rapidamente. Embora isso pudesse significar apenas que não se queria sentir mal por eu ter feito a viagem em vão e por isso me daria um pouco mais de atenção. Mas eu não acreditava (de todo) nessa opção.

Fiz um compasso de espera em silêncio para que acreditasse que não ia ceder à sua pergunta, e ela insistiu:

«Não te esqueças de que já sabes onde trabalho e o que faço. Por isso, acho que também tenho direito de saber...»

«Sim, tens», respondi. «Sou *coach*.»

«*Coach*? Tipo, aquelas pessoas que dão palestras motivacionais para montes de pessoas?»

«Também dou a várias pessoas, se for preciso, mas a minha praia é mais *coaching* individual...»

«Interessante. Nunca conheci ninguém que o fizesse. Ajudas pessoas a melhorarem as suas vidas profissionais, a atingirem os seus objetivos e essas coisas, não é?»

Rodei o meu corpo para a estrada que passava em frente do prédio, ficando de lado para ela, rodei o rosto na sua direção, baixei ligeiramente a cabeça, ergui a sobrancelha e respondi:

«Ganhaste o direito de saber o que é que faço, e isso já disse. Quanto a pormenores... por agora é tudo.»

Não pareceu intrigada com a minha resposta, com certeza por acreditar que eu só me estava a fazer de difícil e a limitar-me a dizer-lhe estritamente aquilo que ela tinha direito de saber. A verdade é que não convinha deixá-la descobrir o que eu fazia. Ou melhor, o que eu fazia exatamente. Não lhe tinha mentido (nem nunca o faria), mas não era um bom estímulo numa altura destas deixá-la saber que eu ganhava a vida a transformar a mentalidade e a personalidade de homens para serem minhas cópias fiéis.

«Tu é que sabes, e também vives aqui em Matosinhos?»

«Não me digas que essas perguntas são para avaliar se sou um bom partido para ti...»

«Não, são pura curiosidade. Não passam de uma tentativa de, pelo menos, saber tanto quanto sabes sobre mim. Parece-me justo.»

«Um dos meus pilares é exatamente a justiça, mas nem sempre esta consiste em dar o que se recebe. Compensar e equilibrar as coisas, ou ser-se correto para com a outra pessoa, não se consegue apenas dando-lhe o mesmo que ela nos dá. Enfim, talvez um dia entendas o que quero dizer. Não, não vivo aqui. Tenho um apartamento na Póvoa...»

Ela ia entender que era na Póvoa que eu vivia, embora não fosse totalmente verdade, no entanto a informação que eu lhe dera também não era mentira. Efetivamente não vivia em Matosinhos e efetivamente tinha um apartamento na Póvoa, contudo vivia no Porto, mas isso era um dado que não lhe podia dar já. (Quando se sabe usar a verdade

convenientemente, não há necessidade de mentir.)

«Então podes voltar para lá porque eu tenho de subir.»

Deu duas voltas à chave e abriu o lado direito da porta de duas folhas da entrada.

«Tens a certeza de que não queres entrar naquele carro», disse apontando para o *Mégane* a três metros de nós. «Para eu te dar a honra de conheceres esse lugar especial na minha companhia?»

A Inês tirou a chave da fechadura, encostou-se à porta para que não se voltasse a fechar, segurando as chaves numa das mãos e a mala na outra, e respondeu-me logo a seguir:

«Tenho a certeza absoluta. Já te expliquei que não sou dessas que conquistas com duas cantigas. Não vou contigo para lado nenhum a esta hora da noite. Esquece lá isso. Nem pensar. Tipos como tu conheço eu muito bem.»

«Por acaso não, mas vou dar-te mais um desconto. Despede-te de mim e vai lá ter com a tua amiga...», disse sem me mover para a obrigar a vir ter comigo.

«Pfff... que lata!»

Revirou os olhos e, quando se preparava para entrar no prédio, dei dois passos na sua direção e coloquei-me entre ela e a metade da porta que permanecia fechada, e ficámos os dois bloqueados na entrada. A Inês tinha ambas as mãos ocupadas e o corpo ficara preso contra o meu, o que a colocava momentaneamente numa situação submissa. Tudo isso somado ao fator-surpresa deixou-a sem saber o que fazer, limitando-se a olhar de olhos arregalados para mim. Olhei-a seriamente e disse:

«Estás a dever-me o beijo de despedida de ontem e de hoje. Mas eu troco esses dois por este...»

Agarrei-lhe no rosto com as duas mãos e espetei-lhe um beijo demorado. Ficou sem reação durante uma fração de segundo e logo se entregou também ao beijo, procurando a minha língua com a sua. Porém, poucos segundos depois caiu-lhe a ficha e esquivou-se de mim para dentro do prédio, ficando a segurar a porta no fundo com o pé.

«Nem penses que vou apaixonar-me por ti!», atirou.

«Não sabias?»

«Não sabia o quê?»

«Já estás.»
Soltou o pé e a porta fechou-se entre nós.

12

Quando acordei tinha uma mensagem não lida no telemóvel. Não dissera mais nada à Inês desde que a porta se fechara no dia anterior. Tinha dito a mim mesmo no regresso a casa que ia esperar que ela, pela primeira vez, me procurasse e me dissesse alguma coisa. Caso demorasse a fazê-lo, então diria eu. Era arriscado porque não havia tempo a perder, mas tinha uma profunda convicção de que ela o faria. Com essa ideia no pensamento dei por mim a desejar que fosse ela no segundo imediatamente antes de ver de quem era a mensagem. Mas era uma mensagem da Verónica.

«*Quando nos voltamos a encontrar?*», perguntava.

Não gostava de ignorar mensagens, até porque aquilo que mais odiava era que me ignorassem também. No entanto, além de não ter muita vontade de lhe responder, o facto de sentir uma ligeira desilusão por não ter sido o remetente que esperava contribuiu para que ela não obtivesse resposta. Pelo menos naquele momento.

Na viagem de carro até ao escritório reparei que o céu estava a ficar nublado e o movimento agitado das copas das poucas árvores que encontrei pelo caminho indicavam que estaria vento. Estava, portanto, um dia perfeito para levar o *Dark* a passear. Se não chovesse, claro. Pois com certeza que não haveria muitas pessoas nas ruas e nos parques. Tinha passado uma semana inteira na minha companhia no meu *canto,* mas desde que regressara, e com a carga de trabalho que se tinha apoderado do meu tempo, não tinha conseguido dar-lhe muita atenção nem levá-lo a passear nos últimos dias, e começava a notar-lhe algum stresse. Não podia esperar muito mais e comprometi-me a dar uma volta com ele nesse dia.

Fui para o escritório, despachei o meu trabalho o mais rapidamente possível e ao fim do dia, quando ainda restavam uns fios de luz, regressei ao 296, troquei de roupa e saí à rua com o *Dark* pela trela. Olhei para um lado da rua e a seguir para o outro para tentar decidir qual deles escolher. Cada um representava percursos completamente diferentes, mas o *Dark* parecia não ter dúvidas e começou a puxar-me

para a esquerda. Após cinco passos, um carro escuro estacionado do outro lado da estrada, alguns metros à frente, ligou o motor e acelerou estrada fora. Não era nada de anormal a qualquer outra hora do dia, mas naquele momento a rua estava praticamente vazia e chamou-me a atenção. Caminhei com o *Dark* até um pequeno parque que havia ali perto e como não vi praticamente ninguém nas redondezas soltei-o e sentei-me a observá-lo. Olhei o céu e percebi que não deveria faltar muito até começar a chover (pela primeira desde que começara o verão). Entretanto o telemóvel vibrou-me no bolso. Era uma SMS da Inês.

«*Isto não vai avançar. Desculpa, mas ficamos por aqui...*»

Não era o que eu esperava ouvir depois de um beijo como aquele que demos na noite anterior. Era mais do que óbvio que ela tinha pensado o dia todo nele e que chegara à conclusão de que era demasiado arriscado continuar, pois sabia bem onde aquela história iria acabar. No entanto, não poderia deixá-la cometer aquele erro.

«*Tens a certeza do que me estás a dizer?*», perguntei.

«*Não consigo. Não estou em condições. Não vou deixar.*»

É claro que não tinha certezas, e era óbvio que as coisas não eram bem assim como me estava a querer fazer acreditar. Tentou contornar a resposta para não ter de admitir nem de mentir.

«Muito bem, mas não penses que vais despedir-te de mim por mensagens. Se é mesmo isso que queres, vais dizer-me na cara.»

«*Não estamos a terminar uma relação de cinco anos, não é preciso nada dessas coisas. Só estou a transmitir uma decisão.*»

«*Se me respeitas, vais dizer-me isso pessoalmente.*»

Demorou mais algum tempo a responder.

«*OK. Onde nos encontramos?*», perguntou.

«*Não tens de ir a lado nenhum. Eu passo aí em tua casa.*»

«*Está bem. 22h30*.»

Fiquei por momentos de telemóvel na mão a olhar o *Dark* a saltar e a correr de um lado para o outro. Imaginava como seria tão simples a existência daquele animal que não tinha de se preocupar com praticamente nada. Não tinha de fazer planos nem de contornar obstáculos mentais. No fundo tudo o que precisava para ser feliz era ter-me por perto. Invejei-o durante alguns segundos.

Ocorreu-me uma ideia interessante que talvez pudesse ajudar-me a resolver aquela situação. Olhei o telemóvel para ver as horas e ergui o rosto para o céu pedindo mentalmente a S. Pedro para que fizesse chover. Não era essencial, mas ajudaria muito. Deixei o *Dark* brincar um pouco mais até ficar cansado e chamei-o para mim. Estava na hora de regressar à base.

Tomei um banho, vesti uma roupa simples, meti-me no *Mégane* e arranquei até Matosinhos. O meu pedido parecia ter sido ouvido e a meio do caminho começou a chover. Era previsível que acontecesse, mas o *timing* tinha sido perfeito, pois já tinha começado a pensar em alternativas para a ideia que me ocorrera momentos antes e que dependia literalmente do estado do tempo.

Quando cheguei à morada dela, estacionei o carro do outro lado da rua que passava em frente do prédio. Não tão perto como podia estar, se quisesse, mas suficientemente perto para que ela conseguisse ver o meu carro a partir da entrada. Enviei-lhe uma mensagem a avisá-la de que já tinha chegado e pouco depois surgiu na porta do prédio a espreitar para a estrada. A chuva tinha-se intensificado e era o momento ideal para sair. Abri a porta, saí do carro, bati-a e tranquei-o manualmente enquanto a chuva me caía na cabeça. O que não era necessário, pois bastava apertar o botão do comando. Confirmei se estava bem fechado, dei a volta e corri para atravessar a estrada. Trazia as chaves na mão e na corrida atirei as chaves para debaixo do carro estacionado em frente da entrada do prédio onde ela me aguardava, fazendo de conta que elas me tinham escapado da mão. Parei repentinamente e, debaixo de chuva, comecei a espreitar por baixo do carro. Vi de um lado e do outro, como se estivesse à procura do lado onde a chave estaria mais próxima, e baixei-me para a apanhar. Assim que a agarrei corri até à entrada e a Inês afastou-se para trás enquanto segurava a porta para me deixar entrar no *hall*. Eu pingava.

«Não tinhas um guarda-chuva em casa?», perguntou-me.

«Quando saí de casa não estava a chover», expliquei.

«Oh! Que chatice!», protestou. «Agora não podes ficar assim todo molhado, ainda te constipas...»

«Empresta-me uma toalha», pedi.

A Inês suspirou e abanou a cabeça antes de responder.

«Está bem... Não me quero sentir culpada por adoeceres. Se bem que a culpa é tua de não teres trazido guarda-chuva. Não estava a chover quando saíste, mas de certeza que estavam muitas nuvens. Não era muito difícil de adivinhar. A não ser que a Póvoa onde vives fique lá no Sul do país.»

A Inês começou a subir a escadaria e eu segui-lhe os passos.

No dia em que a encontrara no Bonaparte, logo no dia seguinte a tê-la conhecido, quando lhe dei a entender que tinha ficado sem bateria e que precisava de ligar a um amigo, ela prontificou-se a emprestar-me o seu telemóvel para lhe telefonar. Nesse momento apercebi-me do seu espírito solidário (o que eu adorava numa mulher). Por isso sabia que, se naquele dia chegasse molhado à beira dela, ela iria disponibilizar-se para me ajudar e eu conseguiria assim arranjar maneira de retirar importância e foco ao suposto tema daquela conversa, como também impedir que a tivéssemos à porta do prédio ou no *hall* de entrada. Dessa forma estaria mais próximo de reunir melhores condições para conversar com ela e não a deixar cometer o erro de se afastar de mim. Sim, era bonito que tudo acontecesse a favor do destino, da maneira mais natural e poética possível, mas a vida não é um filme da Disney e quando se quer muito alguma coisa é preciso lutar por ela usando as ferramentas que temos.

«E a tua amiga?», perguntei assim que avançámos o primeiro lanço de escadas.

Ela estancou à minha frente e virou-se para trás.

«O que é que tem a minha amiga?»

«Ela não está em casa?»

«E se estiver, qual é a diferença?», perguntou desconfiada.

«Estava só a questionar, pensei que não quisesses que ela me visse, não sei...»

«Não vai cair o mundo se acontecer, mas se puder evitar... é preferível.» Continuou a subir e dois degraus acima voltou a parar e a virar-se para mim. «E não, ela não está, saiu mesmo antes de tu chegares. Não sei onde foi a esta hora da noite e ainda por cima com esta chuva, mas ela é mesmo assim, já não me admira.»

Subimos até ao segundo piso, ela abriu a porta do apartamento, deixou-me entrar logo depois e, assim que bateu a porta, foi à casa de

banho buscar uma toalha para me entregar.

«Obrigado!», agradeci assim que agarrei nela.

«É melhor preparar-te um chá, não vá o diabo tecê-las», disse, antes de se virar e dirigir-se para a cozinha.

Eu ia responder-lhe que não era preciso, mas nem sequer me deu tempo de o fazer. *Raios, rapariga! Não sejas boazinha comigo*, pensei para mim. Ela estava a ser demasiado generosa e estava a deixar-me numa posição complicada, porque por mais que gostasse era uma atitude que não jogava muito a favor da minha maneira de atuação. Teria de adaptar a minha fórmula e não havia tempo. Além disso, o seu jeito cuidadoso podia despertar fragmentos adormecidos em mim que me deixariam numa posição suscetível, e eu não podia deixar isso acontecer.

«Tira a casaca e pendura-a no bengaleiro que está ali ao lado na sala para escorrer a água que tem por fora», sugeriu ela enquanto procurava qualquer coisa num dos armários da cozinha. «Não deixes a roupa húmida junto ao corpo, só te vai fazer pior. Enquanto preparo e bebes o chá, ela enxuga qualquer coisa e já a podes voltar a vestir para ir embora.»

Fiz o que ela me tinha sugerido. Entrei na sala, acendi a luz e, ao fundo, o cão dela, o *Biju*, ergueu-se dentro da sua pequena cesta para ver quem tinha acabado de entrar e ficou a observar-me desconfiado. Pendurei a casaca, apaguei a luz e voltei a sair. Arregacei as mangas da camisa e comecei a secar o cabelo com a toalha. Enquanto isso, a Inês encheu uma cafeteira elétrica com água e encostou-se ao balcão à espera de que aquecesse.

«Gosto de chuva», comentei ao entrar na cozinha assim que terminei de secar o cabelo.

«Nota-se. Por isso é que não usas guarda-chuva, para te poderes molhar à vontade com ela.»

«Gosto da chuva lá fora, não propriamente em cima de mim.»

«Eu cá prefiro o sol. Dias de chuva deixam-me em baixo.»

«Ainda bem que somos diferentes. Não gosto de pessoas parecidas comigo. Sendo assim, se calhar posso concluir que a culpa daquilo que me disseste hoje de tarde foi deste tempo, que te alterou o humor e te fez começar a dizer barbaridades.»

«Não são barbaridades. É o que é e é o que vai continuar a ser. Não penses que por te ter oferecido uma toalha e um chá que isso significa que mudei de ideias. Só quero esclarecer as coisas porque apesar de tudo tens o direito de saber. Afinal também não estou inocente nisto. E é melhor ser agora do que mais tarde.»

«Qual é a desvantagem de ser mais tarde?»

«Qual é a desvantagem? Sabes bem que depois vai custar muito mais. E sabes ainda melhor que isto não vai a lado nenhum. É melhor arrumar logo com o assunto!»

Aproximei-me dela, coloquei-me à sua frente e olhei profundamente nos seus olhos, antes de lhe dizer:

«Tarde demais, Inês! Não te adianta de nada fugires, já me conheceste. Já sentiste um pouco do meu veneno. Agora, vás para onde fores, irei perseguir-te dentro da tua cabeça. Podes correr e lutar contra as tuas próprias vontades, mas sabes melhor do que eu que enquanto não me provares não vais sossegar. Sei que acreditas que vais sofrer, que eu sou efémero e que não podes de forma alguma cair em tentação, mas não serias parva ao ponto de desperdiçar a minha passagem pela tua vida. Perdoa-me se te farei desequilibrar, cair e magoar. Há sempre um dano colateral inevitável para quem se aproxima de mim. Não é nada de que me orgulhe, mas também não é nada que eu vá evitar. Se queres rosas, tens de aceitar os espinhos.»

«Não percebes que é precisamente por não querer os espinhos que não aceito as rosas?!»

A voz dela entoou pela cozinha, e seguiu-se um silêncio profundo entre nós enquanto olhávamos um para o outro. Entretanto, o silêncio foi quebrado pelo disparo da cafeteira elétrica e Inês voltou-se para o balcão para preparar o chá.

«Tens preferência?», perguntou, inclinando uma caixa cheia de saquinhos de chá na minha direção.

«Escolhe tu...»

Ela pegou num, mergulhou-o na água e entregou-me a caneca.

«Sem açúcar?»

«O açúcar faz mal. Bebe assim e cala-te!»

Gostei daquela abordagem e daquele tom. Era bem representativo da luta interior que estava a decorrer naquele corpo. Por um lado, queria,

mas por outro sabia que era errado e acreditava que as rosas não compensariam os espinhos. O que a mergulhava num dilema e lhe roubava todas as certezas naquele momento.

Dei um trago no chá e depois outro e fiquei encostado na parede diante dela a observá-la. A cozinha era estreita e por isso estávamos no máximo à distância de um passo um do outro. Ela permanecia encostada com o rabo ao balcão e fazia questão de que eu reparasse que não me queria encarar ao manter o rosto virado para o seu lado direito a olhar para o infinito.

«Não vais beber chá também?», perguntei.

«Fiz para ti. Não me apetece», respondeu, olhando-me de lado. «E não te demores a bebê-lo, está a ficar tarde...»

«Está muito quente.» Soprei para a caneca. «Tiveste tanto cuidado a preparar-me o chá, não queres que me queime com ele.»

«Ouve, **Afonso**, sei muito bem porque é que querias que eu te falasse pessoalmente, porque estavas convencido de que chegavas aqui com o teu charme e as deixas bem estudadas e me fazias mudar de ideias, mas enganaste-te. Aceitei que viesses porque eu mesma percebi que era justo dizer-te isto pessoalmente. Eu sei bem o que quero e sei ainda melhor o que não quero. E não quero, nem preciso de alguém como tu neste momento na minha vida.»

«Alguém como eu? E como é alguém como eu?»

«Não é necessário dizer nada. Já sabes muito bem quem és e como és. O meu passado recente diz-me que não posso confiar num homem como tu e não o vou fazer. Não consigo.»

Dei um passo em frente para me aproximar dela, mas afastou-se para o lado, mantendo-se encostada com o rabo ao balcão e de olhar colado na parede. Pousei a caneca e fiquei ali do seu lado, de peito virado para o balcão, mas de rosto virado para ela.

«Não confias em mim porque já percebeste que tenho as mulheres que quiser… se quiser», comecei por lhe dizer. «Não te aproximas porque não te sentes segura de ti. É em ti que não confias. Não em mim. Não te entregas porque tens medo de que eu me desinteresse por ti, te magoe, ou te troque por outra mais bonita. Sim, eu sou mau, arrogante, egoísta, egocêntrico, convencido e todas essas coisas más, mas pelo menos estou certo das minhas vontades. E, tal como tu, também sei

bem o que quero e ainda melhor o que não quero. E não quero mais nenhuma mulher além de ti.»

«Não me fodas!», exclamou, fixando os olhos nos meus. «Tu és como os outros, hoje queres-me a mim e amanhã queres outra!"

«E tu não?!» Rodei o tronco para ela e continuei: «Hoje podes querer-me e amanhã já não. Por melhor que eu seja, e sou, continuo a não ser mais do que ninguém. O que posso garantir é que enquanto estou, estou mesmo, a cem por cento, e dou o melhor. E quando assim não for, eu mesmo me afasto.»

«Eu também dou sempre tudo o que tenho, o melhor de mim, e isso não me garante nada. Olha só o que aconteceu!»

«Estás a falar de quê?»

«Não interessa. Coisas do passado.»

«Pois é. É esse o teu problema. Estás tão agarrada ao passado e tão preocupada com o futuro que te esqueces de aproveitar o momento, de viver no único dia em que deves viver: hoje! E hoje estamos os dois aqui em tua casa. O que vais fazer em relação a isso?»

«Nada! Não vais beber mais?», perguntou apontando com o queixo na direção da caneca pousada sobre o balcão.

«Não... já estou quente o suficiente por dentro.»

«Então acho que é melhor ires embora...»

A Inês agarrou na caneca, despejou o que restava do chá no lava-louças e começou a lavá-la. O facto de ter sugerido que eu fosse embora e logo a seguir ter começado a fazer outra coisa que não fosse acompanhar-me à saída era sinal de que a sua vontade de que eu cumprisse a sua sugestão não era muita.

Aproximei-me por trás dela e disse-lhe junto ao ouvido:

«Podes dar as voltas que quiseres, tapar os olhos e os ouvidos e fazer de conta que não sabes quem sou e muito menos que mexo contigo, mas há em mim uma certeza que não me abandona. A certeza de que vamos acabar os dois na mesma cama. Dizes "não", mas é "sim" que pensas, e em cada passo que dás para trás a vontade de ires em frente redobra-se dentro de ti. Não insisto, mas persisto, e se eu te quero, vou ter-te. Louvo-te o esforço nessa tentativa de te segurares, mas espero que saibas que é em vão...»

A Inês empurrou-me com o braço e virou-se para mim com a caneca

ainda na mão.

«Não é em vão, não! Ainda consigo controlar bem as minhas vontades e não te vou dar aquilo que queres de mim. Não te vou dar esse gozo de me acrescentares à tua coleção.»

Pousou a caneca no escorredor, pegou num pano e começou a secar as mãos encostada ao balcão a encarar-me.

«Não é só o teu corpo que eu quero. Achas que me daria a todo este trabalho se quisesse apenas o teu corpo? Eu quero-o. Quero-o muito, e quero ainda mais a tua alma, mas essa já a tenho.»

«Não tens coisa nenhuma! Só tu é que te acreditas nisso.»

«Para de te enganar, Inês.»

«Não me estou a enganar. Que raiva!»

Arregalou-me os olhos com uma feição que era uma mistura de irritação com desespero. Aproximei-me muito sério dela e dei o derradeiro golpe numa tentativa de cortar as cordas que ainda a seguravam e impediam de cair de uma vez nos meus braços.

«Olha-me nos olhos e diz que não me queres. Diz que não queres que eu te consuma essa boca com a minha e te possua esse corpo com o meu. Diz, se tens coragem, que não me queres dentro de ti a foder-te esse corpo de dentro para fora e a lamber-te de uma ponta à outra. Diz que não sentes um tesão avassalador por mim e uma curiosidade ainda maior em saber como somos os dois na cama. Aproveita agora e arruma com as minhas aspirações!»

A Inês parecia ter desistido por dentro. Baixou o rosto e os ombros indicando que não tinha mais forças para lutar.

«Não...», suspirou.

Nesse preciso momento agarrei no rosto dela e beijei-a. Ela agarrou-se imediatamente a mim e entregou-se ao meu beijo. Peguei nela pelo fundo das costas com um braço, levantei-a, sentei-a sobre o balcão e comecei a beijar-lhe o pescoço.

«Vamos para o meu quarto», sussurrou-me ao ouvido.

13

A Inês envolveu-me a cintura com as pernas e cruzou-as atrás de mim prendendo o seu corpo ao meu. Abracei-lhe as costas, levantei-a do balcão e comecei a andar com ela enquanto ela ia apalpando os móveis para me orientar até à saída.

«Primeira porta à direita», disse por entre os beijos assim que chegámos ao corredor.

Caminhei até à porta e virei à direita.

«À minha direita, desculpa», corrigiu.

Virei para o outro lado e empurrei a porta entreaberta com o pé. Assim que entrámos empurrei novamente a porta e fi-la bater atrás de nós. A Inês soltou as pernas e desceu de mim apoiando-se com as mãos atrás da minha cabeça. Levou uma mão à chave que estava metida na porta e deu-lhe uma volta. Sem soltar a boca da minha começou a desabotoar-me a camisa enquanto eu com a mão esquerda lhe segurava na cabeça e com a direita lhe apertava o rabo. Assim que a desabotoou por completo, dei-lhe uma pequena ajuda e despi o que restava da camisa. Ela parou assim que viu a tatuagem que eu tinha no peito e passou a mão por ela.

«Gosto da tatuagem», disse enquanto a olhava.

«É bonita, mas tem ainda mais significado do que beleza.»

Levei uma mão ao seu rosto, ergui-o para mim e voltei a beijá-la. Ela agarrou-se ao meu tronco quente e despido e percorreu-me as costas com as unhas enquanto eu a apertava contra mim.

Soltou a sua boca da minha, meteu a mão nas minhas calças e puxou-me atrás dela até à beira da cama. Voltou a beijar-me enquanto lhe segurava no rosto com as duas mãos e começou a desapertar-me as calças. Baixou-as ligeiramente, depois os *boxers* e agarrou no meu pau, começando a masturbar-me ao mesmo tempo que me beijava. Sentou-se na beira da cama, acariciou-me o sexo mais duas ou três vezes enquanto me olhava, meteu-o na boca e começou a chupar-me, intercalando os movimentos da mão com os da boca.

Confesso que me surpreendeu. Sabia que o seu desejo por mim a

consumia por dentro, mas só naquele momento comecei a tomar noção real do seu lado erótico e proativo. E estava a gostar muito. Cedeu por completo ao tesão que lhe ardia no peito e tinha desligado o botão da razão. Um botão que eu faria questão de manter desligado até nos virmos.

Enquanto me chupava, agarrei na camisola que ela trazia vestida e despi-a. Tirei-lhe o meu pau da boca e baixei-me para a beijar, aproveitando para despir o que restava da minha roupa. Ela continuou a acariciar-me o sexo e assim que fiquei totalmente nu diante dela ergui-me de novo e voltou a metê-lo na boca. Afastei-lhe o cabelo do rosto e segurei-o atrás da cabeça dela para a poder ver bem e fiquei a observá-la lá de cima. Empurrei-a para trás, fazendo-a cair de costas na cama, levantei-lhe as pernas, descalcei-a, despi-lhe as calças e logo a seguir arranquei-lhe as cuecas. Puxei-a imediatamente pelo braço pondo-a de pé à minha frente, rodei-a para que ficasse de costas para mim e desapertei-lhe o sutiã. Agarrei nos seus seios por trás e beijei-lhe o pescoço. Ela começou a acariciar-me a cabeça com uma das mãos e o meu pau com a outra.

«Esta será a primeira de muitas. Prepara-te para ficares mal-habituada», sussurrei-lhe ao ouvido.

Voltei a rodá-la para mim, peguei de novo nela, contornei a cama até ao fundo e atirei-a para cima do colchão. Gatinhei por cima da cama até os nossos rostos ficarem frente a frente, baixei o meu corpo até ficar junto do seu, agarrei no meu pau e acariciei-lhe o sexo fazendo-a estremecer. Ela segurou-me no rosto, olhou-me nos olhos e fez sinal afirmativo, como se me estivesse a dar autorização para que a penetrasse naquele exato momento.

«Ainda é muito cedo...», murmurei antes de lhe beijar o pescoço e logo depois o peito.

«O que é que vais fazer?»

Agarrei-a pelo queixo, rodei-lhe o rosto e disse-lhe ao ouvido:

«Chiu! Só voltas a falar quando eu me vier. Entendido?

Comprimiu os lábios e abanou afirmativamente a cabeça.

Voltei a beijá-la bem no meio do peito e mais abaixo entre os seios. Passei o meu peso para o meu cotovelo esquerdo para libertar a minha outra mão e comecei a acariciar-lhe um dos seios com ela. O outro ficou

entregue à minha boca. Beijei-o calmamente na base a toda a volta (porque um seio é muito mais do que um mamilo) e só no fim envolvi o mamilo com os lábios. Contornei-o com a ponta da língua várias vezes e comecei a chupá-lo muito suavemente. Percorri com a língua a distância entre um mamilo e o outro, ao mesmo tempo que transferia o meu peso para o cotovelo direito pousado sobre o colchão, e comecei a beijá-lo também enquanto a minha outra mão acariciava o seio abandonado pela minha boca. Libertei-o também e entreguei-o à minha mão direita passando o meu peso para os joelhos que estavam juntos entre as pernas dela. Caminhei em passos de beijos até ao umbigo e dei-lhe uma lambida singular. Continuei a descer pelo seu ventre, enquanto ela se contorcia cada vez mais à medida que me aproximava do seu sexo. Soltei as mãos dos seus seios, meti os braços por dentro das pernas e agarrei-lhe firmemente nas coxas contra os meus ombros, fazendo-a soltar um gemido. Aproximei a minha boca daquele sexo molhado e esfomeado e fi-lo sentir a minha respiração.

«Oh não!», suspirou Inês.

Ergui o meu rosto para a repreender e levou a mão à boca assumindo o seu erro, mas sem olhar para mim.

Voltei a aproximar o meu rosto do seu sexo e dei-lhe um beijo. Um simples beijo. Profundo e demorado como se da boca dela se tratasse. Ela começou a contorcer-se com mais intensidade e eu apertei o abraço que lhe tinha dado à volta das coxas para a manter naquela posição. Quando senti que se estava a acalmar, continuei a beijá-la, mas desta vez com língua e ao longo de todo o sexo. Desci até ao fundo dele, prendi-lhe um dos grandes lábios entre os meus e suguei-o de uma ponta à outra. Voltei a descer e fiz o mesmo com o outro, fazendo-a gemer durante cada milímetro que a minha boca percorreu a pele dela. Estava muito molhada, mas eu queria mais e dei-lhe uma longa lambidela de língua estendida desde o fundo até ao topo do sexo dela, e de novo, e outra vez, agora com mais pressão. Estava na hora de começar a acelerar. Colei a minha boca ao clit e acariciei-o com movimentos circulares de língua. Inês começou a contrair o abdómen e eu comecei a chupar-lhe suavemente o clit, aumentando gradualmente de intensidade. As contrações do seu corpo intensificavam-se a cada segundo e mantive durante algum tempo a velocidade com que a

sugava. Avancei para a etapa final e comecei os movimentos laterais da minha cabeça esfregando os meus lábios no clit dela e o queixo na entrada do seu sexo. Iniciei devagarinho e com muito pouca pressão, como se apenas lhe quisesse fazer cócegas, e fui aumentando ligeiramente a pressão e a velocidade. O corpo dela convulsionava e gemia compulsivamente enquanto me prendia a cabeça entre as suas coxas, numa tentativa inútil e involuntária de me fazer abrandar. Acelerei mais ainda até a minha cabeça parecer um vibrador (mas sem aumentar a pressão para não a magoar), e o seu organismo cedeu ao poder da minha boca e fez jorrar o seu líquido erótico junto ao meu queixo acompanhado por um gemido longo e profundo dela.

«Ai desculpa!», disse Inês, agarrando numa almofada ao seu lado e colocando-a sobre o rosto envergonhado.

Esfreguei a boca do lado de dentro de uma das suas coxas e fiz o mesmo na outra para enxugar minimamente o rosto. Coloquei-me por cima dela e tirei-lhe a almofada do rosto.

«Desculpa porquê?», perguntei estupefacto.

Ela desviou o rosto para o lado para não me encarar.

«Foi sem querer, não consegui controlar, desculpa...»

«Estás parva?» Inclinei a cabeça para o lado para a tentar olhar nos olhos, mas ela rodou o rosto para o outro. «Tu vieste-te! Sabes ao menos o que isso é? É óbvio que eu queria que acontecesse.»

Ela cerrou os olhos e manteve-se em silêncio, e nesse momento percebi que aquela mulher que estava debaixo de mim nunca tinha tido um orgasmo a sério. E se tinha não sabia. O que me deixou intrigado, porque não era nenhuma inexperiente e por algum motivo o orgasmo, ou pelo menos aquela origem dele, era novidade.

Meti os meus braços entre os dela, passei-os por debaixo dos seus ombros e agarrei-lhe no rosto com as duas mãos.

«Olha para mim!», ordenei.

Ela abriu os olhos, soltei uma das mãos e levei-a até ao meu pau. Agarrei nele e comecei a acariciar-lhe o sexo por fora com a cabeça enquanto observava as suas alterações faciais à medida que o desejo de ser penetrada por mim se apoderava de si. Meti a ponta do meu pau dentro dela e a sua boca abriu-se ligeiramente em silêncio. Voltei a tirar e ela ferrou o lábio e franziu o sobrolho como que a pedir-me através do

olhar para não a torturar mais. E eu fiz-lhe a vontade. Olhei-a nos olhos, encostei o meu pau ao sexo dela e fiz-me deslizar devagarinho até ao fundo ao mesmo tempo que ela soltava baixinho um longo gemido. Devolvi a minha mão ao rosto dela para não a deixar desviar o olhar de mim e aumentei gradualmente a velocidade com que a penetrava percorrendo todo o comprimento do meu pau. À medida que aumentava a intensidade com que entrava nela, o volume dos seus gemidos também aumentava, e fiz questão de os abafar com um beijo demorado. Enquanto isso, a Inês ia cravando as unhas nas minhas costas, cruzando as pernas atrás do meu rabo para se sentir mais confortável e me facilitar a tarefa de entrar nela o mais fundo possível. Soltei a minha boca da sua e a minha mão direita do seu rosto e baixei o meu corpo, depositando mais do meu peso sobre ela. Pousei o meu queixo sobre o ombro dela, colei o meu rosto ao seu e voltei a aumentar a velocidade com que a penetrava fazendo-a gemer bem alto junto ao meu ouvido. Os nossos corpos começavam a suar e a escorregar um no outro, o que elevava o nosso prazer físico de contacto.

Descolei o meu corpo do dela, ergui-me e pus-me de joelhos entre as suas pernas. Virei-a de lado, dobrei-lhe a perna que estava por cima e pousei-a sobre o colchão. Com um joelho de cada lado da sua perna de baixo, aproximei-me do rabo dela, agarrei-me com as duas mãos à sua anca e voltei a penetrá-la. Era uma posição que exigia muita movimentação dos meus joelhos para provocar balanço, o que fazia com que a cama embatesse com estrondo contra a parede a cada penetração. Peguei na sua perna dobrada, levantei-a um pouco, segurando-a no ar, e continuei a entrar nela fortemente, fazendo a cama mover-se para a frente e para trás com ruído.

Pousei a perna, deixei-a ficar naquela posição, coloquei-me por trás dela meti uma mão por entre as suas pernas, junto ao sexo, e puxei-lhe a cintura para trás empinando-lhe o rabo para mim. Agarrei no meu pau, apontei-lhe o caminho e empurrei-me para dentro dela naquela que era uma das minhas posições favoritas. Com a mão direita comecei a acariciar-lhe o rabo enquanto a penetrava, a seguir as costelas, a barriga e terminei no seio dela. Subi a mão até ao queixo de Inês, rodei o seu rosto para trás e comecei a beijá-la ao mesmo tempo que a devorava por baixo. Ela levou a mão até ao meu rabo e agarrou nele para acompanhar

os meus movimentos como se me estivesse a dar um incentivo para meter com ainda mais força. E era tão bom sentir a mão dela cravada no meu rabo.

Sem tirar o meu pau empurrei o seu corpo para a frente e fi-la cair de barriga no colchão comigo em cima dela. Coloquei-me em posição de flexão e puxei-a pelo ombro para que erguesse a cabeça e se apoiasse sobre os cotovelos (sempre sem deixar de a penetrar) e depois puxei-lhe o rabo para cima, fazendo as suas costas ficarem completamente curvadas. Percebi que tinha uma boa elasticidade, o que me deu um prazer extra não só por poder observá-la naquela posição tão bem executada como também por imaginar todas as outras que podia fazer com ela. Fiz uso do meu peso para entrar nela o máximo possível, fazendo o máximo barulho possível ao embater contra aquele rabo suado, pois sabia bem que a audição era um sentido que não podia ser desprezado no sexo.

A minha boca continuava inexplicavelmente a pedir a dela como se aquilo que estávamos a fazer não fosse sexo se eu não tivesse a boca colada na dela. Gostava sempre de o fazer pelo prazer extra que me dava, mas só quando o meu corpo me pedia. E há muito tempo que isso não acontecia. Agarrei-a pelo queixo, rodei-lhe o rosto para cima e beijei-a de forma invertida, o que me dava uma sensação única de prazer. Beijei-lhe o rosto, o pescoço, depois o ombro e desci pelo centro das costas até a minha posição não me permitir continuar mais.

Agarrei-a pela cintura e levantei-a, pondo-a de quatro. Puxei-a para trás até à beira da cama e desci para o chão ficando de joelhos do lado de fora com o rabo dela diante do meu rosto. Envolvi-lhe as coxas com os dois braços e abocanhei-lhe o sexo. Após tanta estocada do meu pau já tinha perdido grande parte da sensibilidade e por isso não podia ter piedade dele naquele momento. Dei uso aos dentes, abri a boca toda e mordi-lhe levemente o sexo. Pressionei a minha cabeça contra ele e abanei-a de um lado para o outro no meio das nádegas dela. A Inês parecia ter gostado daquela sensação. Levou as mãos às nádegas e puxou-as dando-me mais liberdade para me deliciar ali no meio delas.

Levantei-me, agarrei no meu pau, bati com ele no sexo dela, que estremeceu com aquele choque. Esfreguei-o bem por fora para o lubrificar e introduzi-o devagarinho. Agarrei nela ao fundo das costas

com as duas mãos, pressionando-a para baixo para levantar mais o rabo, e iniciei os movimentos pélvicos. As nádegas dela começavam a ficar avermelhadas pelos constantes impactos do meu corpo e o suor dava-lhe um toque envernizado elegante. Mas ainda não estava ao meu gosto. Soltei uma mão do fundo das costas dela e esbofeteei-lhe uma das nádegas. Fiz o mesmo com a outra e voltei a agarrá-la firmemente para continuar a devorá-la por trás. Tirei o meu pau, bati-lhe novamente com ele, esfreguei-o por fora e regressei ao interior dela na máxima velocidade até os meus abdominais começarem a rasgar de esforço. Adorava vir-me todo para cima daquele rabo, mas ainda não tinha chegado a hora e eu tinha de mudar de posição para não baixar o meu rendimento.

Soltei-a, contornei a cama deitei-me de costas sobre o colchão e puxei Inês para a minha beira. Ela alçou a perna por cima de mim, ficando apoiada com um joelho de cada lado do meu tronco, ergui o meu pau e ela desceu deslizando por ele. Começou a subir e a descer devagarinho e foi aumentando o ritmo. Fleti as pernas e ela entendeu a dica. Apoiou as mãos nos meus joelhos e começou a saltar em cima de mim com o meu pau dentro dela. Erguia a cabeça para o teto e gemia de satisfação enquanto eu lhe acariciava a barriga e os seios e me deliciava com aquela visão maravilhosa de a ver saltar. Sabia que era uma posição que lhe dava muito prazer, pois com quase todo o seu peso sobre mim o meu pau entrava muito fundo nela, além de ser ela a controlar a profundidade e a velocidade. Entretanto, a Inês parou de saltar e começou a rodar com o rabo em cima da minha pélvis, demonstrando bem que estava a gostar muito de me ter dentro dela. O facto de ter passado o controlo para ela (pois também merecia) tornava mais estimulante a penetração e senti que não demorava muito até me vir. Mas não sem antes a fazer vir também uma última vez.

Puxei-a para baixo e, como se lhe desse um abraço, segurei a sua cabeça do lado da minha colando a sua bochecha à minha e os seios ao meu peito. Essa posição obrigava-a a levantar o rabo e isso facilitava-me muito a tarefa de a penetrar. Aumentei a velocidade ao máximo sem qualquer preocupação e fi-la queixar-se de novo de prazer bem junto ao meu ouvido. Mantive o ritmo durante alguns segundos até que ela não aguentou mais e fugiu com o rabo para a frente jorrando o líquido que

lhe saía do sexo para cima da minha barriga. E eu adorava aquela sensação de a fazer vir-se daquela maneira tão física e intensa.

«Oh não! Outra vez! Não quero, já chega...», disse ela, sentindo-se desconfortável por me estar a molhar, mas no fundo a pedir-me para continuar, ou não estivesse ela nas nuvens naquele momento.

«Chiu! Eu é que sei!»

Empurrei-lhe de novo o rabo para baixo, prendi-a contra mim com ainda mais força e voltei a penetrá-la intensamente. Poucos segundos depois voltou a escapar-se do meu pau e a vir-se para cima de mim. Mas quanto mais aquilo acontecia, mais vontade eu tinha de a continuar a torturar daquela maneira. Ela queixou-se novamente e eu voltei a ignorá-la e a empurrá-la para baixo em direção ao meu pau quase a explodir.

«Não vale a pena estares a queixar-te, porque só vou parar quando me vier», disse-lhe ao ouvido.

Continuei a penetrá-la no limite das minhas forças e quando estava quase a vir-me prendi a respiração para me aguentar uns segundos mais e deixar que ela voltasse a tocar nas nuvens. Quando os seus gemidos aumentaram de intensidade e senti que já tinha lá chegado de novo, voltei a respirar, tirei o meu pau de dentro dela e vim-me para cima da minha barriga enquanto o sexo dela me pingava o seu líquido erótico.

A Inês saiu de cima de mim, pôs-se de pé ao lado da cama a olhar para mim com uma expressão de quem tinha acabado de entornar um copo de leite na mesa.

«Eu vou à casa de banho buscar papel para te limpares», disse ela antes de virar costas e abandonar o quarto.

Chegou passado pouco tempo com um rolo de papel higiénico na mão e entregou-mo. Enquanto me limpava, ela vestiu a roupa interior, depois foi ao armário, tirou uma *T-shirt* e uns calções e vestiu-os. Assim que terminei de me limpar, perguntei-lhe:

«Posso ir à casa de banho?»

«Porta em frente», disse, sem me olhar.

Percebi logo que o botãozinho da razão voltara a ligar-se na cabeça dela. Fui à casa de banho acabar de me limpar e quando regressei ao quarto comecei a recolher a roupa que estava espalhada no chão, vestindo-a de seguida. Ela estava sentada ao cimo da cama com uma

almofada por cima da barriga e debaixo dos braços, a observar-me em silêncio.

«Tens alguma coisa para me dizer?», perguntei.

«Eu não... tu tens?»

«Tenho... A torneira da casa de banho está a pingar.»

«Estúpido! Estou a referir-me ao que acabou de acontecer aqui, como é óbvio!», disse ela, arregalando-me os olhos.

«Tenho a dizer que isto não foi nada. Foi somente uma amostra, uma boa amostra, mas apenas isso, daquilo que posso fazer-te sentir.» Coloquei a camisa, comecei a abotoá-la e sentei-me junto aos pés da Inês. «Só que há um problema...»

«Que problema?»

«É viciante... alucinante... destrutivo...»

«Destrutivo porquê?»

Virei-me para ela dobrando uma perna por cima da cama.

«É a tal história da rosa e dos espinhos. Tu até podes dizer que não queres um, só para não teres de suportar o outro, e que controlas bem as tuas vontades e não sei o quê, como me disseste há bocado, mas no meu universo isso não te vale de nada. E a prova disso foi isto que acabou de acontecer. Aqui no meu universo mando eu. Sou eu que controlo o teu corpo e domino as tuas vontades.» Terminei de abotoar a camisa, olhei mais seriamente para a Inês e continuei o meu discurso mais pausadamente: «Aqui dentro, no meu universo, não és mais do que uma menina desprotegida à minha mercê. Lá fora vivem os cordeirinhos que te fazem festinhas e te dizem que gostam muito de ti. Mas aqui dentro vive o lobo mau que tanto te pode proteger dos perigos da floresta como devorar-te completamente o corpo. E a alma...»

«Mas que universo é esse de que estás sempre a falar?»

«O meu universo é isto que te estás a permitir viver comigo. Mas ainda não viste nada, não conheceste nada. O melhor ainda está para vir. Assim como o pior. O meu universo é tudo aquilo que me rodeia e que está sob a minha influência e, por isso, sob as minhas leis também.»

«E quem é que faz parte dele?»

«Quem eu escolho. Quem eu quero. E quem merece. Pois tudo no meu universo é uma questão de merecimento», expliquei.

«E porque me escolheste a mim?»

Fiquei em silêncio durante um momento a olhar para ela e a pensar na melhor resposta que lhe podia dar.

«Fazes muitas perguntas. Entendo a tua curiosidade, mas quantas mais perguntas fizeres, menos vais ficar a saber. Além disso, as respostas de que mais precisas não necessitam de perguntas. Olha, vê e sente. Aquilo que sentes é sempre verdade.»

«Isso é muito bonito, mas não responde à minha pergunta. Porquê eu e não outra qualquer?»

«Porque se fosses outra qualquer eu não te tinha escolhido.»

«Não jogues com as palavras. Tu não me conhecias de lado nenhum quando falaste comigo a primeira vez. Para todos os efeitos, eu era uma qualquer para ti naquele dia no parque.»

«Dizes isso porque achas que te escolhi nesse dia. Mas o que aconteceu nesse dia foi que escolhi falar contigo. O que é diferente. No entanto, foi tudo o que aconteceu a seguir que me fez escolher-te e dar-te o privilégio de começares a conhecer o meu universo. Porque se logo no dia seguinte, no bar, me tivesses ignorado completamente, com certeza que agora não estava a acabar de me vestir após ter feito sexo contigo. Mas se te faz sentir melhor, podes sempre acreditar que talvez o universo, o maior, não o meu, soubesse que precisávamos de um na vida do outro e nos tenha, a dada altura, cruzado um com o outro.»

«Claro. E eu preciso de um homem como tu na minha vida para quê? Consegues explicar-me?»

Aproveitei aquela deixa, levantei-me da cama, fui ao bolso das calças e agarrei na moeda que lá tinha (andava sempre com uma, pelo menos) juntamente com as chaves do carro. Pousei-a sobre a mesinha de cabeceira, coloquei o indicador sobre ela e arrastei-a na direção da Inês. Assim que terminei o movimento, olhei para ela e disse-lhe:

«Para te fazer apaixonar...»

Apercebi-me de que durante um segundo ela não se lembrava do significado daquele gesto que eu havia feito pela primeira vez no *workshop* de *sushi* e que servia para ela assumir, simbolicamente, perante mim, que se tinha apaixonado. Assim que se apercebeu do que aquilo representava, fugiu do assunto.

«Oh meu deus! Nunca mais me lembrei da minha amiga. Ela deve estar mesmo a chegar», disse com espalhafato, levantando-se da cama.

«É melhor ires embora!»

A Inês saiu do quarto, eu recolhi a moeda e quando cheguei ao corredor ela já me esperava ao fundo com a porta aberta.

«Vamos! Despacha-te!», disse mal me viu.

«Isto é assim? Mandas-me embora assim de repente sem uma despedida digna da noite de hoje?»

Assim que cheguei perto dela agarrou-me pelo braço e empurrou-me para fora.

«Depois falamos!»

«Sinto-me usado por ti, as mulheres são todas iguais», disse-lhe com ar de gozo mesmo antes de a porta se fechar.

Comecei a rir-me sozinho ao aperceber-me do filme que ela fizera só para não ter de admitir uma verdade óbvia para ambos.

Desci a escadaria, abandonei o prédio, entrei no carro e conduzi até casa. Entrei no meu apartamento, fiz um compasso de espera, peguei no telemóvel e enviei-lhe uma mensagem avisando-a de algo que me apercebera assim que bateu a porta.

«*Por tua culpa esqueci-me da minha casaca aí. Agora, de castigo, és tu que ma vais trazer a casa*», disse-lhe.

«*Merda!*», respondeu ela.

14

Ainda faltavam alguns minutos até à hora de ir para o escritório e aproveitei para me atualizar nas notícias. Sentei-me no sofá da sala, peguei no portátil e comecei a fazer *scroll* enquanto o *Dark* me encarava a partir do seu *spot*. Estava a tentar destruir um boneco que eu lhe havia oferecido e por momentos arrependi-me de não lhe ter dado um que pelo menos não guinchasse quando ele o mordia. Entretanto, o telemóvel começou a vibrar do meu lado. Era a Filipa.

«Diz-me, coração», disse eu em tom jocoso ao atender.

«*Tu é que deves ter alguma coisa para me dizer...*»

«Vais sair logo?»

«*Por acaso vou. Tenho um jantar da empresa na Baixa. Uma seca, mas lá terá de ser*. *Porquê?*»

«Aparece no Bonaparte, por volta das 23h. Vou estar por lá a fazer uma avaliação. Assim fazes-me companhia e aproveitamos para falar.»

«*Pode ser*», disse antes de desligar.

Era uma sexta-feira e tinha combinado com o Henrique a sua primeira avaliação prática no Bonaparte. Dera-lhe o desafio de convidar uma mulher que desejasse do seu círculo de conhecimentos para se encontrarem lá. Pelo que me havia informado, tinha-o cumprido com distinção e agora era uma questão de aguardar até à hora que ele tinha marcado com ela.

Não seria uma avaliação muito exigente. Ia apenas observar e analisar o comportamento dele durante aquele encontro. Registaria todos os aspetos positivos e negativos que eu considerasse relevantes e depois teria uma conversa com ele para os esmiuçar, corrigir e melhorar.

Estes encontros-teste, que eram parte integrante da formação que dava aos homens que me procuravam, não tinham, de maneira nenhuma, a intenção de usar as mulheres como se fossem cobaias numa experiência social. Tratava-se, sim, de proporcionar a um e a outro um bom momento e uma boa experiência enquanto durasse. Podia ser somente duas horas de conversa, uma noite de sexo ou uma vida inteira de amor. Até porque, como fazia sempre questão de lembrar aos meus

aspirantes, o universo do **Afonso** não é uma questão de tempo, mas de intensidade. Por isso mesmo, um **Afonso** nunca promete a uma mulher que ficará com ela para sempre (fazê-lo pode até ser muito bonito, mas, mais uma vez, a vida não é um filme da Disney), mas garante-lhe sempre que durante o tempo que estiver ao seu lado será intenso. Muito intenso. E ele viverá só para ela. Um **Afonso** não faz promessas, mas dá garantias.

Contudo, nem todos os encontros-teste eram boas experiências. Tanto para um como para outro. Ou porque eles não aplicavam os conhecimentos que eu lhes havia transmitido, ou porque simplesmente as circunstâncias não ajudavam. A verdade é que, se de facto o mundo precisava de mais **Afonsos**, eu tinha mesmo de pôr aqueles homens no terreno a aplicarem os meus ensinamentos em situações reais. Não podia simplesmente pô-los a falar para um espelho ou a foder com uma boneca insuflável. Se corresse bem, perfeito, se não corresse tão bem... que os perdoassem, pois era por uma boa causa. Além disso, eu não podia estar em todo o lado.

Cheguei ao bar cerca de dez minutos antes da hora que ele tinha marcado com ela. Procurei o meu lugar preferido, no canto ao fundo do bar, e parecia que estava com sorte, pois as pessoas que estavam na mesa levantaram-se nesse preciso momento.

Fiz o meu pedido habitual, peguei no meu telemóvel e aguardei. Passado pouco tempo chegou uma mulher sozinha àquela zona do bar e começou a olhar em volta. Inicialmente não me ocorrera que fosse a companhia do Henrique, até porque tínhamos combinado que ele chegaria primeiro. Não só por uma questão de cortesia e pontualidade, mas também para lhe indicar qual a mesa onde ele se deveria sentar para eu poder observá-los melhor. Olhei para o relógio e reparei que passavam dois minutos da hora que ele me indicara. (Só podia ser ela.) Procurou uma mesa livre, sentou-se e fez o seu pedido. Correu bem porque a mesa que escolheu me dava um bom ângulo de visão. Quase um quarto de hora mais tarde chegou Henrique, olhou à sua volta, viu-me, continuou a olhar, viu-a, voltou a olhar para mim, piscou-me o olho e dirigiu-se para a mesa.

Já tinha falhado e ainda nem tinha começado o encontro. Ser pontual

era um dos princípios do meu universo, até mais do que ser cordial ou cavalheiro, e ele já o tinha quebrado. Não ser pontual era, no meu entendimento, falta de elegância. E um **Afonso** até podia fazer o que quisesse, mandar as suas piadas, ser arrogante e desprezível, mas em nenhum desses momentos poderia deixar de ser elegante e de perder a sua postura. Torci o nariz, mas tentei manter-me isento o máximo possível e não deixar que aquela má impressão inicial afetasse negativamente as impressões vindouras de tudo o que ele viesse a fazer de menos bem. Ou não tão parecido ao que os meus princípios e ensinamentos transmitiam. Cumprimentou-a, colocou a carteira, o telemóvel e a chave do carro em cima da mesa, sentou-se e começou a falar-lhe. Não sabia o que estavam a conversar, pois não conseguia ouvir, mas não era relevante naquela fase, até porque queria focar-me na linguagem corporal dele, que, parecendo que não, poderia dizer mais do que a sua boca.

Após alguns minutos de conversa, ele fez um pedido ao empregado, que logo a seguir lhes trouxe dois *gins* tónicos que pousou sobre a mesa. *Clichê*, pensei para mim. Mas não tinha nada a dizer. Um *gin* tónico fica sempre bem. Ele arrastou o copo que ela tinha à frente para o lado (ainda tinha alguma bebida, mas não consegui perceber qual era) e arrastou na sua direção um dos *gins*.

O meu telemóvel vibrou, era de novo a Filipa.

«Estás?», perguntava somente na SMS.

«Estou. Anda», respondi.

Pouco depois, a Filipa chegou à zona mais ampla do bar, onde nós estávamos, e levantei-lhe a mão para que me visse ao canto.

«Quem é ele?», perguntou ela ao mesmo tempo que se sentava numa cadeira do outro lado da minha mesa.

«Não posso dizer. Por uma questão de sigilo.»

«Oh! Se fosse assim tão secreto não me tinhas dito para vir.»

«Sim, mas dá-me jeito estar a conversar com alguém enquanto observo o meu aspirante. Senão quem me vir aqui sozinho sempre a olhar para a mesma mesa ainda fica a pensar que sou um doido qualquer. Se estiveres atenta, perceberás quem é, mas não vou dizer. Além de que não é isso que te traz por cá...»

«Pois não. Conta-me coisas. Parece que está tudo encaminhado. Ou

é só impressão minha?»

«Está a correr tudo bem, sim. E as tuas ajudas têm sido preciosas. Não quer dizer que eu não tivesse o mesmo sucesso sem elas, mas se as posso ter, não as vou desperdiçar. Não é mesmo?»

«Só não quero que faças muitos estragos. Só quero que faças apenas o estritamente necessário e que depois, se de facto tiveres de abandonar o barco, que o faças na hora certa. Estou a confiar em ti e a olhar para tudo isto como um... mal necessário.»

«Quando comentaste comigo o que se passava, eu sugeri o que podia ser feito e ofereci-me para ajudar. Foi ideia minha, é esforço meu. Não tens de te sentir culpada de nada. Confia em mim e deixa acontecer. A não ser que tenhas uma ideia melhor...»

«Sinto que me estou a meter onde não sou chamada, mas não conseguia mais continuar sem fazer nada. Quanto a uma ideia melhor... só se fosse não me meter e deixar o tempo tratar disso.»

«Mas isso era o que já estavas a fazer!», expliquei.

«Eu sei! Eu sei! Só acho é que se as coisas não correrem como planeado não vou conseguir perdoar-me...»

«Não há razão para isso, porque se houver algum culpado serei eu. Já te pedi para não te preocupares.»

«Eu consenti com tudo isto. E ainda agora disseste que as minhas ajudas foram preciosas. Logo, também tenho culpa!»

«Sim, foram preciosas, mas também te disse que sem elas conseguia na mesma. Demorava mais, mas conseguia na mesma.»

Entretanto, o meu olhar cruzou-se com o do Miguel, que encontrei ao fundo, no balcão, a pedir uma bebida. Lançou-me um semblante de surpresa, levantou-me a mão como que pedindo-me para esperar e desapareceu do meu campo de visão. Continuei a falar com a Filipa, e ia fitando o Henrique pelo canto do olho. O Miguel voltou a surgir no meu campo de visão, mas desta vez com uma cerveja na mão e uma companhia especial ao seu lado... Verónica.

«Se estivéssemos a contar, se calhar não nos tínhamos encontrado todos. Quem diria!», observou o Miguel, assim que chegou junto da nossa mesa.

«Quem diria mesmo...», comentou a Verónica, fixando o seu olhar exótico e erótico no meu.

O Miguel sentou-se do meu lado esquerdo, entre mim e a Filipa, e a Verónica sentou-se do meu lado direito, ficando os quatro à volta daquela pequena mesa redonda no canto do bar.

«Encontrei a Verónica mesmo há bocado, quando vos vi aqui fui perguntar-lhe se se queria juntar. Vocês os dois saíram juntos e não me disseram nada? Espero não estar a atrapalhar nada», disse o Miguel, dando o gole na cerveja.

«Eu não saí propriamente», respondi. «Estou em *trabalho*...»

«Ele veio fazer uma avaliação, e como eu lhe tinha dito que ia estar aqui pela Baixa, disse-me para passar por cá e fazer-lhe um pouco de companhia. Não precisas de ter ciúmes», disse a Filipa com um sorriso, dando um leve empurrão no braço do Miguel.

«Uma avaliação? Como assim?», perguntou a Verónica, curiosa, olhando para mim.

«Aqui o **Afonso** tem uma escola de **Afonsos** e hoje há teste», explicou rapidamente o Miguel.

Olhei para ele e arregalei-lhe os olhos, dando-lhe a entender que tinha falado mais do que o necessário. Cerrou os dentes e desviou o olhar do meu ao perceber isso.

Não era um segredo que eu fizesse toda a questão de guardar, mas era algo de que evitava falar. A Filipa e o Miguel sabiam porque eram as pessoas mais próximas de mim, mas, apesar de não ter vergonha daquilo que fazia, aliás, até tinha muito orgulho, sabia que era uma realidade um pouco estranha para ser compreendida por qualquer pessoa. E não era uma informação que me agradava que estivesse na posse de Verónica. Mas era tarde demais.

«Eu sabia que eras *coach*, ou lá como se diz, não sabia era que educavas homens a serem como tu...», comentou Verónica.

«O Miguel só disse que eu tinha uma *escola de **Afonsos***, não especificou o que acontecia em concreto.»

«Não me digas que ensinas os homens a seduzirem mulheres? Ou será que lhes dás dicas de como as satisfazer?», insistiu.

Não comentei logo o que ela disse porque houve movimentações na mesa do Henrique que prenderam a minha atenção. Havia dito qualquer coisa ao ouvido da sua companhia que a fez sorrir envergonhada, e logo depois fizeram um brinde. Henrique voltou a pousar os cotovelos sobre a

mesa e continuou a conversar. Uma postura que adotara durante a maior parte do tempo.

«Prefiro não falar sobre isso», respondi finalmente à Verónica.

«Hummm, interessante... Espero que os ensines a nunca deixarem uma mulher passar fome...», disse em jeito de indireta.

«O que lhes digo é que, quando comem, comam bem, comam tudo e não deixem nada no prato. Agora o número de vezes que o fazem dependerá sempre da vontade de cada um. O importante é que, quando o fizerem, o façam bem», devolvi a indireta.

A Filipa apercebeu-se da entoação da conversa e dos olhares que eu e a Verónica trocávamos e interveio:

«Estou a perder alguma coisa, meninos?»

A Verónica e a Filipa não eram propriamente amigas, apenas se conheciam dos convívios do Miguel, o nosso amigo em comum. Tal como eu. E foi ele a desviar o assunto ao notar a tensão na mesa.

«Quando é que marcamos um jantar lá em casa? Temos de aproveitar bem o verão!»

«Outro, Miguel?», perguntou a Filipa. «Tu podes ter voltado a ser estudante e agora até teres *férias de verão*, mas aqui a gente continua a trabalhar. Mesmo no verão. O que não quer dizer que não esteja recetiva aos seus convites, senhor arquiteto», brincou.

Do outro lado da sala o *garçon* acabava de pousar mais um *gin* na mesa do Henrique. Desta vez só para ele, pois pelo que conseguia ver do lugar de onde estava, o da sua companhia ainda estava quase cheio. Ele pegou-lhe na mão e comentou qualquer coisa. Aparentemente um anel que ela trazia.

«Acho uma boa ideia», disse a Verónica. «Se calhar até levo a minha amiga Alexandra. Não?» Olhou para mim.

Era mais uma das suas deixas com intenção de mexer comigo, mas não me manifestei para não alimentar aquele tema. Até porque a Filipa estava ali e não queria que ela se sentisse desconfortável ou ficasse a saber coisas que não lhe acrescentariam nada. Quem pareceu ter gostado da sugestão foi o Miguel, que rapidamente começou a partilhar as suas ideias para o próximo churrasco.

Remeti-me ao silêncio e deixei-os conversar entre si. Inclinei-me para a frente, coloquei os cotovelos sobre a mesa e descansei a cabeça na

ponta dos dedos da minha mão direita para observar discretamente o que acontecia na mesa do Henrique. Imediatamente depois sinto a mão da Verónica na minha perna. Continuou a falar como se nada fosse e por momentos admirei a frieza dela. Cravou-me as unhas na coxa por cima das calças e o meu pau reagiu imediatamente, fazendo uso da sua independência, e começou a endurecer. Começou a fazer pequenos movimentos de vaivém na coxa para me excitar cada vez mais e, ao perceber que eu não estava a impedi-la, avançou com a mão e começou a esfregar o meu pau já completamente duro por cima das calças. A verdade é que eu tinha acabado de me colocar naquela posição, com os braços por cima da mesa, e se os baixasse logo a seguir para tirar a mão dela ia dar muito nas vistas. Por melhor que fosse ter uma mulher a esfregar-me o pau debaixo da mesa, a verdade é que não me sentia confortável, por duas razões. A primeira era por ser a Verónica a fazê-lo. E a segunda era por ser já numa altura em que me tinha comprometido comigo mesmo a não ter qualquer comportamento sexual ou de sedução intencional para com qualquer outra mulher que não fosse a Inês. (Mais um dos meus princípios.) Por isso tinha de me ver livre daquela mão atrevida.

Reparei que o Henrique e a sua companhia se levantavam e se preparavam para abandonar o bar. Acompanhei-os com o olhar até à saída, e assim que deixaram o Bonaparte disse:

«Bom... a minha função aqui está cumprida. Vamos?»

Baixei os braços da mesa, ajeitei-me no assento, e a Verónica recolheu a mão.

«Vamos até às Galerias?», sugeriu ela para o grupo.

«*I'm in*», disse o Miguel.

«Por mim pode ser», concordou a Filipa.

Ficaram os três a olhar para mim à espera de um quarto voto a favor. Não me agradava muito a ideia, até porque sabia qual era a intenção da Verónica com aquela sugestão. Além disso, aqueles bares não eram propriamente o meu estilo, e eu tinha saído nessa noite com o *chip* de trabalho e não de diversão. Contudo, se eles queriam todos ir não seria eu a dizer que não.

«Vamos», atirei.

15

Descemos até às Galerias (a zona de bares mais movimentada do Porto) e entrámos na Casa do Livro, provavelmente o bar mais de acordo com o meu perfil. Tinha muita gente nessa noite e mal entrámos o Miguel fez questão de demonstrar o seu rejúbilo com um grito bem ao seu estilo. Eu mantive-me sereno e observador, acompanhei-os até ao fundo do bar onde estavam mais pessoas e misturámo-nos com elas. A Verónica foi buscar uma bebida, regressou pouco depois para junto de nós e começou a dançar do meu lado enquanto bebia a sua bebida e me lançava aquele seu olhar que transbordava sexo e vontade. Aproximou-se do meu ouvido e perguntou-me com uma voz erótica e provocatória:

«Ainda tens a imagem do pau dele na minha boca?»

Apontou a cabeça na direção do Miguel, que dançava entretido com a Filipa, recordando o encontro a quatro na casa dele que acabei por reduzir a três.

«É uma bonita imagem. Ficava bem na tua boca», observei.

«Não duvido, mas era o teu que eu queria.»

«Também não duvido, mas tenho a certeza de que ele se portou bem quando me fui embora.»

«Se fosse eu que te estivesse a chupar, não terias ido embora cedo, tinhas-te era vindo mais cedo. Isso sim.»

«Não se estava a sair mal a tua amiga...»

«Já agora, porque desertaste tão cedo e daquela maneira?»

«Motivos de força maior. Aliás, sabendo tu muito bem das minhas capacidades, não deveria ser difícil de perceberes que não foi por cobardia, como me disseste naquela mensagem que me enviaste passado pouco tempo.»

A Filipa começou a olhar de lado para nós enquanto dançava com o Miguel, ao aperceber-se da nossa conversa e proximidade. Eu mantinha o peito na direção deles para evidenciar a minha falta de recetividade para com a Verónica.

«Foi para te picar. Sabes bem.»

«O que é que queres, Verónica?»

«Quero-te a ti. Dentro de mim. Quero que me fodas outra vez, quero ter esse teu pau de novo na minha boca!»

«Já tiveste a tua oportunidade. E agarraste-a com unhas e dentes. Literalmente. E fizeste muito bem.»

«E porque não posso ter outra? Não gostaste? Não foi bom?»

«Gostei. Foi bom. Mas foste um caso particular. Sabes que o sentimento que nos une é desejo. Apenas. De mim para ti e de ti para mim. Desafiaste-me e eu aceitei o desafio. Foi só isso.»

«Pronto! E agora estou a desafiar-te novamente. Porque é que não aceitas desta vez?»

«Porque já te mostrei o que tinha a mostrar. Dei-te aquilo que querias e deste-me aquilo que eu queria. Queríamos sexo forte, duro, animal e foi isso que tivemos.»

«Duvido que mais alguma mulher te dê a liberdade que eu te dei. Aliás, se não fizeste mais foi porque não quiseste.»

«Eu gostei dessa liberdade, e tens razão, se não fiz mais foi porque não quis, mas sou muito ambicioso e exigente, e a verdade é que tudo o que me podes dar é sexo. E se for só sexo, ainda que seja o melhor do mundo, não me chega. Tu és extremamente atraente e sedutora, e fodes muito bem, mas para teres mais de mim terias de me dar mais de ti.»

«E tens alguma que te dá mais do que eu? É isso, **Afonso**?»

«Tens de perceber que aquilo que tínhamos para fazer em comum foi feito. O meu propósito foi cumprido. Neste momento não temos mais vontades em comum. Por isso não faz sentido foder contigo porque não há nada além de desejo que nos una.»

«Diz-me! Tens outra que te dá mais do que eu, não é?»

A Verónica parecia cada vez mais incomodada com a minha rejeição e falava como se eu lhe devesse alguma coisa. Ou como se eu tivesse encoberto alguma parte da verdade. O que não era verdade. Não previ aquela reação da parte dela, até porque a via como uma mulher de mente aberta e desligada do mundo. E esse havia sido um fator importante para ter avançado. Ela quis, eu quis e aconteceu. Contudo, a realidade já não era mais assim e a Verónica começava a revelar-se e a surpreender-me. Sabia que o meu sexo era viciante e alucinante, mas aquela reação desproporcional estava a deixar-me preocupado por não conseguir perceber se eu tinha falhado com algum dos meus princípios,

o que era muito improvável, ou se a Verónica estava apenas a exagerar.

No entanto, sentia necessidade de lhe dizer tudo aquilo para esclarecer a minha existência na vida dela. Era um processo que eu aplicava com as mulheres com que me envolvia quando sentia que tinham ficado pontas soltas. Nem sempre era necessário, mas às vezes fazia falta, tal como tinha acontecido com a Susana quando me apercebi de que alguma coisa a estava a perturbar depois do nosso envolvimento. Era como arrumar a casa após tê-la desarrumado por completo. A minha presença na vida de uma mulher era inevitavelmente como um furacão. Fazia os avisos necessários, entrava, desarrumava, mas a seguir tinha a gentileza de arrumar tudo de novo antes de sair. Dava-lhes o que queriam ou precisavam, eu tinha o que queria ou precisava, e cada um seguia o seu caminho. Se alguma conseguisse a proeza de me fazer ficar, fazia-lhe uma vénia e até lhe agradecia, mas era uma realidade muito difícil de acontecer.

O meu telemóvel começou a vibrar. Tirei-o do bolso para ver quem era, e a Verónica teve a gentileza de se afastar para me dar alguma privacidade, aproveitando para desfrutar da sua bebida. Por momentos agradeci mentalmente ao remetente.

Era o Henrique, e dizia somente na SMS:

«*Está ganho!*»

Percebi que ele tinha ficado com boa impressão do encontro e aproveitei o contacto para avaliar se ele ainda estava por perto para falar com ele e lhe passar as minhas observações. Ainda estava bem fresco na memória de ambos e por isso era o momento ideal para dissecarmos o assunto.

«*Ainda estás pela Baixa? Sozinho?*», perguntei.

«*Sim e sim.*»

«*Então vem ter comigo à Praça dos Leões. 5 min.*»

Meti o telemóvel ao bolso e despedi-me do grupo.

«Já? Ainda agora chegámos», protestou o Miguel.

«A desistir de novo tão precocemente, **Afonso**?», disse a Verónica com uma voz ácida. «És cada vez mais uma desilusão...»

Ignorei aquele ataque, pois entendia a posição dela, e caminhei para a saída. No entanto, quando estava a chegar à porta senti uma mão no meu braço. Era a Filipa.

«Há alguma coisa entre vocês os dois?», perguntou.

«Nada de relevante.»

«Eu sei como és e o que fazes, mas peço-te que agora te foques no nosso objetivo. Não me faças sentir pior por estar a contar com a tua ajuda, já me sinto mal o suficiente...»

Senti-lhe uma angústia no olhar (como de alguém que sabe que vai doer, mas que só pede que seja rápido). Comprimi os lábios e baixei ligeiramente a cabeça dizendo-lhe em silêncio que podia ficar tranquila. Por fim virei-lhe as costas e abandonei o espaço.

Quando cheguei à Praça dos Leões, encontrei o Henrique parado no centro, contrastando com o movimento frenético da juventude que fazia a ponte entre a zona das galerias e do piolho. Esticou-me a mão assim que cheguei perto e apertou a minha.

«Correu muito bem», começou por dizer.

«O que te leva a crer isso?», perguntei.

«Ela esteve recetiva toda à noite. Depois saímos, fui acompanhá-la ao carro e antes de ela ir embora... beijei-a.»

Piscou-me o olho e lançou-me um sorriso malicioso como se aquele beijo fosse a prova da sua qualidade.

«Pois, mas falhaste em vários momentos.»

«Falhei? Em que é que falhei?», perguntou admirado.

«Falhaste logo no início quando chegaste atrasado. Um **Afonso** preza a pontualidade. Nele e nos outros. Porque quando quer, quer mesmo, logo está pronto e preparado quando assim tem de ser. E a outra pessoa se realmente quiser e tiver uma personalidade forte e vincada também vai cumprir com a hora marcada. A falta de pontualidade é uma deselegância enorme que não corresponde com a imagem de um **Afonso**.»

«Teria falhado se não tivesse sido intencional. A verdade é que foi propositado. Ao fazê-la esperar mostrei a minha importância e superioridade, pois a pessoa importante é sempre a última a chegar. Ao chegar mais tarde mostrei não dar grande importância àquele encontro, obrigando-a assim inconscientemente a dar o seu melhor durante aquele curto espaço de tempo para me seduzir. Não estou a ver em que falhei, sinceramente.»

Aquilo que ele me estava a explicar não era nenhuma novidade, já

tinha percebido pelas conversas anteriores o seu modo de atuação e durante aquele encontro fiquei com mais certezas. O que me admirava era a noção que ele tinha daquilo que fazia. Não era só uma questão de personalidade, também ele fazia cálculos e previsões em função das suas atitudes. Tal como eu.

«Aqui a questão não é o sucesso da tua técnica», comecei por explicar, «mas sim o choque de valores entre o teu entendimento das coisas e modo de atuação e os meus. Tu não foste um **Afonso**. Foste um Henrique. Um **Afonso** não inferioriza a mulher, como foi tua intenção, ainda que subtilmente, ao chegar atrasado. Muito pelo contrário, eleva-a e enaltece o seu valor. Mesmo que momentaneamente lhe dê um papel de submissa. Um **Afonso** pode, por exemplo, agarrar na sua mulher pelos cabelos, meter-lhe o seu pau na boca e fazê-la chupá-lo até se entalar toda e mesmo numa situação destas não deixar de estar a elevá-la e a priorizá-la. Pois sabe que está a fazer algo que também lhe dá muito prazer, ou porque gosta de ser submissa ou porque gosta de maior agressividade. Ou seja, faz o que faz porque sabe que ela gosta e não apenas porque ele gosta. Ele até pode gostar muito de fazer não sei o quê, mas se sabe que ela não se sente confortável ou não gosta muito, ou não lhe dá prazer, é claro que não o vai fazer. Porque o prazer e o conforto dela estão sempre em primeiro. Outro aspeto em que falhaste, e que eu já previa, foi teres colocado as tuas coisas em cima da mesa.»

«Claro, mas isso foi para...»

«Eu sei para o que é que foi», interrompi. «Foi para mostrares o teu poder económico, porque nós sabemos bem o quão isso influencia a mente feminina. E embora elas até muitas vezes não o admitam ou não se identifiquem com essa *fraqueza*, a verdade é que faz parte da sua natureza. Um homem como tu, bonito, bem-apresentado e ainda por cima que pousa a chave de um carro topo de gama na mesa é claro que elas vão ficar todas molhadas! Aliás, isso é quase uma fórmula mágica para levares uma mulher para a cama. É mais forte do que elas. Pronto. Nada a dizer. Mas isso não deixa de ser um atalho barato que não corresponde à exigência do meu universo. Um **Afonso** privilegia o caminho mais longo, mas também mais seguro e mais de acordo com os seus valores. Como tal, numa fase inicial, caso seja um homem de

considerável poder económico, não o exibe. É discreto nesse aspeto. Precisamente para não influenciar a mente feminina e justificar o sucesso da sua conquista unicamente com o seu talento e valor pessoal. Dou-te o meu exemplo. Eu tenho dois carros e dois apartamentos. Um mais modesto e um mais dispendioso. É claro que não os tenho propositadamente por causa disto, mas, já que os tenho, quando estou a conhecer uma mulher faço sempre questão de usar os mais modestos, porque além de um **Afonso** não precisar desses extras para ter de uma mulher aquilo que ele quiser, ele faz questão de o demonstrar até a ele mesmo. Porque é suficientemente confiante para isso.»

«Não vejo qual a necessidade de ir pelo caminho mais longo quando posso usar um atalho. Isso é só ridículo...»

Aquela última frase deixou-me a ferver por dentro. Cada vez ganhava mais força a ideia que eu tinha de que ele não me havia procurado para aprender novas técnicas, mas apenas para afirmar as suas e eventualmente limá-las com as minhas. Os homens que me procuravam faziam-no para tentarem ser bons naquilo em que eram maus. Com Henrique era diferente. Estava a tentar ser perfeito naquilo que ele já considerava ser bom. Mas eu até estava a ficar curioso para saber no que é que aquilo ia dar. Respirei fundo, endureci o olhar e continuei a conversa.

«Tens de conquistar uma mulher pelo que és. Não pelo que tens. Esse é um dos fundamentos do meu universo. Outras coisas que fizeste errado no encontro, vá... menos bem, foi teres imposto os teus gostos aos dela.»

«Impus os meus gostos? Como assim?»

«Ela chegou ao bar e fez o seu pedido. Estava a beber uma bebida que ela mesma tinha escolhido. A seguir chegaste tu e pediste dois *gins*. Estou certo de que foi insistência da tua parte para ela provar uma bebida de que tu gostavas, porque arrastaste o copo dela, que ainda tinha bebida, para o lado para lhe aproximares o *gin*. Com certeza que uma pessoa que está a beber determinada bebida não vai pedir outra sem ter acabado uma, e aposto que ela insistiu para não o fazeres. Se bem reparaste, ela mal tocou no *gin*. Ou seja, estragaste o prazer que ela estava a ter ao desfrutar da sua bebida ao lhe impingires uma ao teu gosto. Como é óbvio, ela já não ia voltar a beber a bebida dela porque ia

parecer mal. Assim nem bebeu uma nem outra por tua causa. Depois pediste mais um *gin*. Como sabes não é a bebida mais barata da lista, e mais uma vez fizeste questão de demonstrar a tua ostentação. Neste aspeto deixo ao critério de cada um, mas foste lá para estar com ela e aproveitaste para beber. Não foste beber e aproveitaste para estar com ela. Beber com moderação fica sempre bem, mas sobre isso não me vou alongar. Para terminar, reparei que passaste a maior parte do tempo com os braços sobre a mesa e inclinado para a tua companhia. Além de que quando olhava para vocês praticamente só te via a ti a falar. Ou seja, impuseste-te por completo a ela nesse encontro. Abafaste a luz da mulher quando a tua missão era fazê-la brilhar. E esse não é, de todo, um dos valores que defendo.»

Ele semicerrou os olhos e ficou em silêncio por momentos.

«Só me estás a apontar erros e defeitos? Será que não fiz nada bem do teu ponto de vista?»

«Fizeste. A dada altura reparei que lhe falaste ao ouvido. Isso foi muito bom, pois ajuda a criar intimidade, já que a orelha é uma região muito sensível e com muito potencial erótico. Além do gesto em si. Reparei ainda que lhe pegaste na mão e comentaste qualquer coisa que presumo que fosse o anel. O contacto físico, mais uma vez, é precioso para criar intimidade, além de ter demonstrado que reparaste num pequeno cuidado que ela teve quando veio encontrar-se contigo, e com certeza que ela gostou.»

«Estava a ver que não. Afinal não sou assim tão mau como me estavas a querer fazer acreditar.»

«Não te quis fazer acreditar em nada. Aquilo que fizeste de bem não apaga nem esconde o que fizeste de mal.»

«Tive sucesso na mesma...», disse em jeito de alfinetada.

«Estás aqui para seres um **Afonso** ou para continuares a ser um Henrique? Se calhar é melhor refletires sobre isso.»

Fiquei muito sério a olhar para ele e ele imitou a minha postura, ficando os dois frente a frente em silêncio.

«Tudo bem. Já percebi...», respondeu pouco depois.

«Ótimo! Agora vai para casa refletir sobre o que eu te disse e corrigir essas falhas para o próximo encontro.»

Apertámos as mãos, virámos as costas um ao outro e começámos a

caminhar em sentidos opostos. Entretanto lembrei-me de acrescentar um pormenor à conversa, parei e olhei para trás.

«Henrique!», chamei.

«Sim, diz!»

«Vai falando com ela e aquecendo a fornalha. No final do próximo encontro vais levá-la para a cama. E eu vou ver tudo...»

16

Era sábado à tarde e o tempo não tinha melhorado muito desde quinta-feira, o dia em que estivera com a Inês. Não chovia, mas o céu estava encoberto e parecia que o verão tinha tirado uns dias folga. O que eu até agradecia. Muitas pessoas na rua faziam-me confusão e os dias cinzentos, principalmente no verão, eram um bom agente dispersor. Também estava de folga e, portanto, estava um dia perfeito para sair à rua com o *Dark*, mas tive uma ideia melhor. Preparei uma mochila com algumas coisas essenciais e chamei pelo meu amigo de quatro patas:

«Anda, *Dark*. Vamos até à Póvoa!»

Assim que cheguei, subi até ao último piso na companhia do *Dark* e abri as janelas do apartamento para arejar um bocado. Fui ao guarda-fatos, peguei em duas peças de roupa mais desportivas e troquei a que tinha vestida por elas. Tinha sempre o guarda-fatos bem composto, pois nunca sabia quando precisava de dormir lá e para onde tinha de ir quando de lá saísse. Voltei a descer, meti a trela no *Dark* e caminhámos até à praia. Eu não desgostava de praia, só não gostava de fazer o que normalmente se faz nela e do monte de pessoas que no verão ocupam o areal. Mas aquele dia reunia as condições para gostar da praia, estava quase vazia, o sol perdia-se nas nuvens, eu não tinha intenções de ir à água e estava na companhia de um patudo que adorava areia. Soltei-lhe a trela e deixei-o correr junto à água pela praia fora.

Não tinha dito mais nada à Inês. Dando-lhe assim um dia de descanso para ela refletir e assimilar tudo o que tinha acontecido naquela noite. Continuar a falar com ela quando chegasse a casa, ou mesmo no dia seguinte, seria acrescentar palavras a um texto que ela ainda não tinha decorado. Queria que ela se lembrasse muito bem da nossa primeira noite de sexo, por isso era melhor deixar a poeira e as ideias assentarem antes de voltar a remexer tudo. Contudo, já lhe tinha dado tempo suficiente e queria a minha casaca de volta. Agarrei no telemóvel e marquei o número dela.

«*Não me digas que estás com frio*...», disse ela do outro lado mal atendeu a chamada.

«Por acaso não, mas temo que com a chegada da noite essa casaca me vá fazer alguma falta.»

«*Ontem não te fez muita falta...*», disse ela com sarcasmo.

Foi deliciosa aquela indireta.

«Viste-me durante três dias seguidos e não queria que me enjoasses, achei bem dar-te um dia de folga. Além disso estava um pouco sentido contigo, pois assim que te satisfizeste expulsaste-me de tua casa. Foste muito insensível.»

«*Sim, claro! O menino ficou muito magoado! Se calhar querias que te convidasse para ficares cá a dormir.*» Fez-se silêncio do outro lado da linha e depois ouviu-se um suspiro. «*Pronto... tens razão, não fui muito correta contigo. Embora saiba perfeitamente que isso são tudo lágrimas de crocodilo.*»

«Já sabes qual é o teu castigo.»

«*Levar-te a casaca a casa*...»

«... hoje», acrescentei.

«*Hoje? Tens assim tanta urgência?*»

«Sim, vai ser hoje porque eu é que sei. Por isso acaba lá de ver o episódio dessa série, desliga o computador, levanta-te do sofá, põe o resto do gelado no congelador, troca de roupa e manda-te para a Póvoa.»

Ouviu-se uma gargalhada.

«*Falhaste!*», disse ela.

«Em qual dos pontos?»

«*Não estou a comer gelado, estou a comer cereais*.»

«Só falhei um. Nada mau. Leite com cereais a esta hora?»

«*Eu não disse leite com cereais. Disse cereais. Há quem coma pipocas, eu gosto de comer cereais enquanto vejo as minhas séries. Enfim, cenas minhas!*»

«Interessante. E por falar em comida, o que queres jantar?»

«*Jantar? Como assim?*»

«Vais ter a gentileza de fazer trinta quilómetros só para me devolver uma peça de roupa. O mínimo que eu posso fazer é oferecer-te o jantar, não quero que vás embora de barriga vazia.»

«*Não quero nada, não é preciso nada!*»

«Não percebi. Disseste pescada? Pode ser. Tenho uma receita de

lombos de pescada no forno que vais adorar. Fechado! Às 20h em minha casa. Já te envio a morada por SMS. Até logo!»

«Oh meu d...»

Desliguei a chamada e não a deixei acabar. Esperei que o *Dark* desse mais algumas voltas pela areia e chamei-o, por fim. Voltei a colocar-lhe a trela e caminhámos até casa. Quando meti a mão do lado de dentro do portão para o abrir, o *Dark* começou a ladrar para um carro que passava nesse preciso momento muito devagar na estrada em frente do meu prédio. Mandei-o calar-se e puxei-o para dentro. Só depois olhei com mais atenção para a estrada e me apercebi de que conhecia aquele carro de algum lado. Parecia ser o mesmo que eu vira dois dias antes quando saí à rua para passear o *Dark*. Mas era demasiado improvável para ser verdade. De qualquer das formas fixei que era um *Corsa* cinzento-escuro, já que não conseguia ver a matrícula. Bati o portão e subi até ao último piso para ir buscar a carteira e deixar o *Dark*. Dei uma vista rápida pelos armários da cozinha e pelo congelador só para confirmar quais os ingredientes que não tinha em casa para preparar a minha receita e despedi-me do meu amigo:

«Porta-te bem, *Dark*. Vou às compras e já venho.»

Voltei a descer à rua e a percorrer a distância até ao supermercado e apercebi-me de um desconforto como se estivesse a ser observado. Olhei para trás e só vi um casal de idosos a caminhar vagarosamente do outro lado da rua e em sentido contrário, e um carro ao fundo a virar uma esquina. Era só impressão minha.

Entrei no estabelecimento, peguei numa embalagem de lombos de pescada, pão ralado e sementes de sésamo. O resto já tinha em casa. Meti mais algumas coisas no cesto para o pequeno-almoço do dia seguinte e antes de ir embora passei na secção dos cereais e trouxe uma embalagem. Não fosse eventualmente fazer-me falta.

Regressei à minha *Sala da Culpa*, no sétimo piso, confirmei as horas e comecei a preparar a receita sob o olhar atento do *Dark*. Assim que ficou tudo pronto, meti a travessa no forno e fui tomar um banho. Estava a saber-me tão bem que só me apercebi de que me demorara debaixo do chuveiro quando comecei a ouvir o telemóvel a tocar no móvel da entrada. Saí a correr sem sequer me secar e atendi a chamada todo nu.

«*Acho que estou em frente do portão do teu prédio.*»

«204, verde e ferrugem no fundo?»

«*Sim…*»

«É esse mesmo. Entra. O código da porta do prédio é o 4-6-3-0 e sobes até ao sétimo piso. A porta do meu apartamento estará aberta. Acabei de tomar banho, vou só vestir-me.»

Voltei para a casa de banho, sequei rapidamente o corpo, vesti uma *T-shirt*, umas calças desportivas, pus um perfume e quando a Inês empurrou a porta encontrou-me ao fundo do corredor a dar uma última secagem no cabelo com a toalha.

«Posso?», perguntou, espreitando pela porta entreaberta ainda com o corpo do lado de fora.

«Entra!», atirei da outra ponta do corredor.

A Inês entrou, bateu a porta atrás de si e foi logo recebida pelo *Dark,* que começou a roçar-se nas suas pernas. Ela retribuiu o carinho de boas-vindas e começou a fazer-lhe festas na cabeça.

Assim que enxuguei o cabelo, pousei a toalha e dirigi-me até ela. Trazia a minha casaca debaixo de um dos braços e uma mala pendurada no ombro oposto. O cabelo apanhado, uma blusa às riscas aberta até meio do peito, umas calças de ganga e uns botins pretos. Simples e elegante, tal como eu gostava e tal como ela já me tinha habituado. Tirei-lhe a casaca do braço e dei-lhe um beijo no rosto.

«Não sei se estavas à espera de que eu te viesse receber só com uma toalha à cintura e ainda com a pele molhada, mas pareceu-me uma cena demasiado cinematográfica e achei melhor não o fazer», disse eu com um ligeiro tom irónico.

«Não estava, não te preocupes. Estás muito bem assim!»

Entrei na sala e pousei a casaca que me havia trazido no sofá, ao lado de outra que já lá tinha, e ela não deixou de reparar nesse pormenor.

«Afinal não te fazia assim tanta falta a casaca...», observou.

«Na verdade, tenho montes delas, mas não gosto de ter a minha roupa espalhada por aí», disse assim que regressei para junto dela, lançando-lhe um sorriso atrevido. «Podes pousar a carteira. Fica à vontade. Faz de conta que estás na minha casa. Ainda não pus a mesa. Dás-me uma ajuda?»

Entrei na cozinha e ela seguiu-me os passos. Abri uma porta do

armário de cima para tirar os pratos e pousei-os sobre a mesa.

«Os talheres estão na terceira gaveta de lá para cá», disse-lhe.

Entretanto voltei ao armário para pegar nos copos.

«Oh não!», exclamei.

«O que é que foi?», perguntou ela.

«O vinho! Esqueci-me do vinho!»

«Não faz mal, bebe-se outra coisa.»

«Estou a brincar contigo», sorri. «Nesta casa não se bebe bebidas alcoólicas. É claro que não há vinho.»

«Ah pois! Disseste-me no bar que só bebias álcool numa situação. Já me estou a lembrar. E essa situação não é quando convidas uma mulher para jantar em tua casa?»

«Não! Desculpa se, mais uma vez, estrago esse cenário idílico de um jantar romântico à luz de velas e um vinho a acompanhar uma refeição *gourmet* na mesa da sala. Hoje não há velas, mas a lâmpada está a funcionar muito bem. Vai ser aqui na cozinha, mas há espaço para os dois. Não se bebe vinho, mas a água está fresca. Não é uma refeição *gourmet*, mas os lombos estão deliciosos», beijei os dedos e pisquei-lhe o olho. «Enfim, eu e esta minha mania de quebrar conceitos e protocolos...»

«Eu não reclamei. Aliás, até prefiro, fico mais à vontade.»

«Perfeito! Tudo pelo teu conforto!»

«Mas então em que situação bebes álcool?»

«Isso foi uma tentativa de me apanhares desprevenido? Já te disse... porta-te bem e talvez um dia te conte a minha história, pois só depois disso entenderás a situação.» Fiquei por breves instantes em silêncio a olhar para ela. «Acho que já está pronto!»

Agarrei em duas pegas, abri o forno, peguei na travessa e pousei-a fumegante no centro da mesa.

«Podes, por favor, ir buscar a água que está no frigorífico?», pedi-lhe, e ela rapidamente acedeu ao pedido. «*Dark*, agora vais deixar-nos a sós um momento, está bem, companheiro? Tens água e comida na sala, jantas por lá.»

O *Dark* entendeu a indicação e abandonou a cozinha. Eu e a Inês sentámo-nos e começámos a comer.

«Está muito bom! Parabéns!», elogiou a Inês após duas garfadas.

«Confesso que nem em sonhos calculava estar hoje, em tua casa, a desfrutar de uma refeição preparada por ti. E muito menos a gostar dela. Tens-me surpreendido...»

Sentia uma calma inédita na voz da Inês desde que chegara. Era como se se tivesse rendido de uma vez à força que a movia na minha direção. A ironia tinha dado devagarinho lugar à ternura, e a acidez do tom de voz à doçura de uma admiração silenciosa.

«Surpreender é uma habilidade minha...»

«Pela positiva ou negativa?»

Fiz um compasso de espera antes de responder.

«As duas...», disse, por fim, antes de levar o garfo à boca.

A Inês comprimiu os lábios e abanou afirmativamente com a cabeça, como se já estivesse à espera daquela reposta.

«Porque é que não consigo dizer que não?», perguntou com os olhos colados no prato e os talheres pousados.

Senti de novo uma mágoa doce na sua voz e uma fragilidade elegantemente feminina no jeito com que me fez aquela pergunta.

«Sabes qual é a pior notícia que tenho para te dar?»

«Qual?», perguntou erguendo o rosto para mim.

«Sou, porventura, a pior pessoa do mundo que poderias conhecer. E sabes qual é a melhor notícia que tenho para te dar?»

«Diz lá...»

«É que também sou, porventura, a melhor pessoa do mundo que poderias conhecer. Talvez tenha sido abençoado com uma maldição que muito provavelmente te fará amar-me e odiar-me com a mesma intensidade. Bom... pelo menos comigo nunca terás meios termos e coisas mornas. Se é que isso te dá algum conforto. Mas também não é conforto o que procuras em mim. Seria demasiado imprudente da tua parte. É tudo menos conforto aquilo que queres. Tens um coração selvagem e um corpo e uma mente que o sabem acompanhar. Mas, melhor do que isso, acabaste de encontrar um homem capaz de o domar. Aproveita enquanto o podes ter...»

A Inês manteve a serenidade no olhar.

«Não tenho a certeza se é bem assim como dizes. Acho que é mesmo conforto aquilo que procuro em alguém. Tu não sabes porque nunca te disse, e porque também nunca perguntaste, mas eu saí há não muito

tempo de uma relação desgastante. Afastei-me de alguém que me ensinou a desconfiar, a desacreditar em mim e na felicidade. E a verdade é que...», calou-se por momentos e voltou a baixar o rosto. «E a verdade é que tu tens traços dele...»

«Eu não tenho traços de ninguém, ouviste bem?! Não cometas a porra do erro de me meter no mesmo saco dos meios-homens com que te cruzaste na vida. OK?!»

«... por isso é que pergunto porque é que não consigo dizer que não. Porque é que não consigo recusar-te», completou como se não tivesse ouvido nada do que eu tinha dito.

Pousei as mãos na beira da mesa e inclinei-me ligeiramente sobre ela para me aproximar dela.

«Olha para mim», pedi. «Deixa-me olhar-te nos olhos enquanto te digo isto. Sim, é verdade, tenho o sexo que quiser, onde e como quiser. Sim, é verdade, eu estalo os dedos e tenho as mulheres que quiser também. Mas há um pormenor que faz toda a diferença: eu não quero estalar os dedos! Eu não quero nada que seja capaz de conseguir com um estalar de dedos. Não quero ter nada só por ter, seja uma jarra de cristal ou uma noite de sexo intenso. Entendo as tuas dúvidas e inseguranças, mas não tenho culpa da merda que os outros homens fizeram contigo. Eu sou um tipo que apareceu na tua vida para a mudar para sempre. Para melhor!»

*A sério, **Afonso**? Usaste a frase que o outro te disse?* Senti-me mal comigo próprio por me ter definido com a definição que alguém tinha feito de mim, e isso enfureceu-me ainda mais.

«A conversa é sempre a mesma...», desabafou Inês.

Aquela sua deixa foi a gota de água. Levantei-me, zangado, peguei no meu copo e prato e pousei-os na banca. Peguei no copo e prato dela e fiz o mesmo, e tirei tudo o resto que estava em cima da mesa.

«O que é que estás a fazer?! Nem sequer tínhamos acabado!»

«Já comemos o suficiente. Está na hora da sobremesa!»

Agarrei nela, sentei-a sobre a mesa e atirei-me à boca dela. Ia fodê-la ali mesmo.

17

Meti-me entre as pernas dela e, enquanto a beijava gulosamente, abri-lhe a blusa à força sem perder tempo a desabotoar-lhe os botões, fazendo-os tilintar na tijoleira. Expus-lhe os seios à ferocidade do meu olhar e da minha vontade e beijei-lhes a parte que o sutiã preto que trazia deixara a descoberto. A imagem da sua pele morena parcialmente tapada por um sutiã da minha cor preferida, e ainda a blusa destruída a cair pelos ombros, dava cabo de mim. Tirei a minha *T-shirt* num só movimento, arranquei-lhe do corpo o que restava da blusa dela e atirei-a para o chão, desapertei-lhe por fim o sutiã e dei-lhe o mesmo destino. Puxei o corpo dela ainda mais para junto do meu e colei os seus seios tímidos ao meu tronco quente. Agarrei no rosto da Inês com as duas mãos e voltei a beijá-la. O corpo e alma dela cederam imediatamente ao meu poder e domínio, ela abraçou-se ao meu tronco com a mesma vontade com que eu lhe segurava o rosto contra o meu num beijo esfomeado.

Soltei as nossas bocas, empurrei-a para trás fazendo-a apoiar-se com as mãos sobre o tampo da mesa e comecei a beijar-lhe o pescoço, a seguir o peito e por fim os seios. Tinha uns seios pequenos, mas eram os seios da mulher que eu estava a devorar naquele momento, por isso eram as mamas mais bonitas do mundo, tal como qualquer outro pormenor no corpo daquela mulher. Se era ela que estava nos meus braços naquele instante, então era ela a mulher mais bonita, elegante e especial do mundo. Este era um dos meus compromissos e princípios para com a mulher a quem eu dava a honra de ser consumida por mim.

Agarrei-lhe num dos seios, meti-o na minha boca e comecei a lamber e a sugar carinhosamente o mamilo. Com a mão acariciei-lhe a barriga e as costelas enquanto me deliciava com a mama dela e a fazia gemer de cabeça inclinada para trás, rosto virado para o teto e o rabo de cavalo a balançar-lhe nas costas.

Descolei-me dela e ainda com ela sentada sobre a mesa levantei-lhe as pernas, descalcei-lhe os botins, desabotoei-lhe as calças e comecei a puxá-las desde a cintura. Libertei-lhe um pé, depois o outro e estava

pronto a retomar o ritmo. Arranquei-lhe por fim as cuecas, pus-me em posição de cavaleiro, agarrei-lhe nas duas pernas, afastando-as uma da outra, e mordi-lhe o interior da coxa, bem junto do sexo dela, fazendo inclusive a minha barba roçar-se nele. A Inês estremeceu e soltou um gemido repentino pela imprevisibilidade daquele ataque feroz. Com a minha boca colada ao interior da coxa dela rodei a cabeça para dentro deslizando-a molhada sobre a sua pele e só terminei quando senti o sexo dela colado à minha língua. Voltou a gemer (desta vez não por surpresa mas por prazer) e comecei a lamber-lhe o sexo com lambidelas largas e longas, de baixo para cima, a toda a longitude. Tal como se ela estivesse, naquele momento, a ser lambida por um gato gigante, mas com a língua bem mais macia e com muito menos pelo. Depois de a molhar bem por fora, comecei a chupá-la e a fazer estremecer-lhe o corpo com os meus movimentos bocais de sucção. Assim que a senti no ponto, voltei a levantar-me e baixei as minhas calças até ao joelho, descobrindo assim o meu pénis ereto e com as veias salientes a denunciarem a sua enorme vontade de começar a rasgar aquele corpo. Deixei-lhe uma perna pousada sobre a mesa e levantei-lhe a outra pousando-a sobre o meu ombro. Cuspi na mão e lubrifiquei com ela a cabeça do meu pau. Agarrei nele, encostei-o ao sexo dela e empurrei-o todo para dentro. A Inês mordeu o lábio e gemeu por dentro, denunciando o prazer que sentia ao ser novamente possuída pela minha virilidade. Agarrei-me à perna dela e sem tirar os olhos dos seus comecei a penetrá-la com força. A mesa começou a chorar pelas pernas e a Inês nem sempre aguentava o ímpeto das estocadas do meu pau dentro dela, o que fazia com que desse com a cabeça na parede. Pelo menos tinha o cabelo apanhado atrás, o que amortecia o choque. Não era, no entanto, algo que me preocupasse, pois sabia que toda e qualquer sensação extra, como as cabeçadas na parede, as minhas mãos a amassarem-lhe a coxa que tinha encostada ao meu tronco, ou o tampo frio da mesa no rabo dela, eram sensações insignificantes perante o prazer que estava a sentir. Abrandei a velocidade com que a penetrava, aproximei o meu rosto do dela, levando comigo a sua perna e obrigando-a a contorcer-se um pouco mais (nada que a sua boa elasticidade não lhe permitisse fazer sem desconforto), e comecei a beijá-la. Aquela posição do meu tronco mais próximo dela e o facto de

ter reduzido a velocidade permitia-me libertar as mãos da coxa. Sem soltar a minha boca da sua comecei a acariciar-lhe um dos seios com uma das mãos e com a outra comecei a estimular-lhe o clit. Nada mais era do que pôr em prática o meu mandamento n.º 81: uma mão que não dê prazer é uma mão inútil; se tens duas, usa as duas. Assim conseguia incendiar-lhe o corpo todo ao estimulá-la em quatro pontos ao mesmo tempo. O fogo era tanto que Inês não conseguia beijar-me em condições por estar constantemente a gemer, a suspirar e a sacudir a cabeça de prazer.

Sabia que, instintivamente, ela não se permitia vir naquela posição, pois eu estava sempre dentro dela e ela não tinha como escapar no momento em que estivesse para se vir para poder fazê-lo à vontade. Contudo não queria (nem podia) privá-la daquela sensação e dei-lhe a liberdade de que ela precisava.

Tirei o meu pau e puxei-a, fazendo-a descer da mesa. Virei-a de costas para mim e segurei-a com um braço contra o meu corpo. Peguei numa das suas pernas e levantei-a para que a pousasse sobre a beira da mesa e dessa maneira deixar o sexo dela à mercê da minha mão. Fi-la inclinar a cabeça para trás e pousar a nuca no meu ombro esquerdo, e encostei o meu rosto ao dela. Segurei-a firmemente com um dos braços e com a outra mão comecei a acariciar-lhe o sexo, esfregando a mão lateralmente sobre o clit. Desta forma dava-lhe toda a liberdade do mundo para se vir à vontade para o chão. Ela já estava tão quente que ser meigo numa altura daquelas era atrasar o jogo. Por isso dei forte e sem medo na velocidade e persistência da minha mão até que ela começou a fraquejar das pernas e agarrou-se à minha cabeça para se amparar. Tinha acabado de se vir.

Rodei-a para o balcão, fi-la debruçar-se sobre ele, afastei-lhe as pernas e voltei a penetrá-la. Era uma posição bem mais confortável para ambos, tinha somente a desvantagem de não podermos desfrutar da expressão de gozo de cada um enquanto fodíamos. Aumentei a velocidade e fiz-me embater com força contra o rabo dela enquanto a agarrava com firmeza pela cintura e o meu pau lhe dilacerava a carne por dentro. Enquanto lhe possuía o corpo daquele jeito, ia apreciando as curvas dela, os músculos contraídos das suas costas húmidas de suor e ainda o cabelo apanhado a dançar no ar embalado pelo movimento de

vaivém dos nossos corpos e dos nossos gemidos entrelaçados um no outro.

Voltei a tirar o meu pau, puxei-a ligeiramente para trás, afastando-a do balcão, mas mantendo-a debruçada sobre ele, depois afastei-lhe ainda mais as pernas, coloquei-me de joelhos entre elas, agarrei-lhe nas nádegas, afastei-as uma da outra e abocanhei-lhe o sexo. Chupei-lhe o sexo mais calmamente durante um bocado e iniciei os movimentos vibratórios laterais (e fatais) da minha cabeça até que ela voltou a perder as forças nas pernas, soltou um gemido vindo do fundo da alma e veio-se diretamente na minha boca. Levantei-me, empurrei-a de novo contra o balcão e continuei a fodê-la com o meu pau. Esbofeteei-lhe as duas nádegas e sem parar com os movimentos pélvicos puxei-a pelo rabo de cavalo e fi-la erguer-se até encostar as costas ardentes ao meu peito. Comecei a acariciar-lhe as mamas a partir de trás com uma das mãos e com a outra comecei a estimular-lhe o clit. Voltando assim a incendiar-lhe o corpo no maior número de pontos possível. Consumida pelo próprio fogo, a Inês rodou o rosto para mim, abriu a boca, mostrou-me a língua e eu entreguei a minha à dela, fazendo as duas lamberem-se mutuamente enquanto a comia por trás. Também deste jeito ela mostrava que não sentia nojo da minha boca que tinha abandonado instantes antes o sexo dela. *Nojo* era, de facto, uma palavra que nem se colocava quando o assunto era prazer.

O esforço excessivo que estava a fazer para a penetrar incessantemente à velocidade máxima estava a repercutir-se na dureza do meu pau e estava na hora de respirar um bocado antes do assalto final. Como ela não sentia repúdio pela minha boca também não sentiria pelo meu pau. Tirei-o de dentro dela, passei para a sua frente e encostei o rabo ao balcão. Ela aproximou-se de mim, colocou a mão esquerda atrás do meu pescoço e continuou a beijar-me a boca. Com a outra agarrou no meu pau e começou a acariciá-lo. Depois libertou-me a boca e começou a beijar-me pelo peito abaixo até que se ajoelhou à minha frente e o meteu na boca. Começou a chupar-me e a olhar para mim, e eu não conseguia resistir. Imediatamente, o meu pau voltou a estalar de tesão e levantei-a pelo braço, rodei-a para o balcão, peguei nela e sentei-a em cima dele. Levantei-lhe as pernas com os dois braços, ficando entre elas e obrigando-a a apoiar-se atrás com as mãos, e

comecei a roçar-lhe o tronco do meu pau ao longo do seu sexo. Ela percebeu que eu tinha as mãos ocupadas a segurar-lhe nas pernas e libertou uma das suas com que se estava a apoiar e ela mesma agarrou-me no pau e meteu-o dentro de si. Fiz *all in* e comecei a despedaçar o sexo dela sem piedade. Ela arfava consumida pelo fogo interior e eu começava a deixar de sentir as minhas nádegas exauridas pelo esforço. Diminuí ainda mais o curso que o meu pau fazia para aumentar a frequência de penetração e continuei no limite das minhas forças. Cerrei os dentes e a Inês mordeu o lábio e lançou-me um olhar feroz que foi o combustível de que eu precisava para aguentar mais uns preciosos segundos. Assim que cheguei ao clímax tirei o meu pau de dentro dela, mas não me dei ao trabalho de lhe soltar as pernas para controlar os jatos de sémen que o meu pénis expelia. Deixei-o vir-se sozinho para onde ele bem entendesse e sem qualquer controlo. O que me fez sentir uma agradável liberdade. Voou sémen para a barriga dela, para as coxas, para o meu peito e até para cima do balcão. Soltei-lhe por fim as pernas, deixando-me no meio delas, agarrei-me ao seu rosto e comecei a beijá-la.

De tanto arfar tinha ficado com sede. Afastei-me dela, enchi um copo de água e bebi-o de uma só vez. A Inês recolheu os braços para esconder os seios e deixou-se ficar sentada sobre o balcão em silêncio. Entre as minhas pernas o meu pau tinha esmorecido, mas ainda não tinha adormecido. Pousei o copo, voltei a enchê-lo e estiquei o meu braço para ela.

«Toma», ofereci.

«Obrigada!»

A Inês pegou devagarinho e de olhar tímido no copo. Levou-o à boca, deu dois goles e pousou-o rapidamente, voltando a encolher os ombros e a tapar os seios com os braços. Quando a encarava, desviava o olhar do meu.

«Porque é que não olhas para mim?»

«Eu estou a olhar para ti...», respondeu, acanhada.

«Não, não estás! Há segundos, quando estavas a foder comigo, não tinhas problemas em olhar para mim quando eu olhava para ti. Porque é que agora não o consegues fazer?»

«Mas eu olho para ti!», insistiu. «Não tens é de estar aí especado a

encarar-me como se nunca tivesses visto uma mulher nua.»

Aproximei-me dela, meti-me entre as suas pernas, agarrei-lhe de novo no rosto para que olhasse para mim e perguntei:

«Porque escondes as tuas mamas se ainda agora eu as tinha na minha boca?»

«Ai! Para!», exclamou.

Empurrou-me para trás e desceu do balcão.

«Não gosto que olhem para mim. Podes respeitar isso?!»

Ficámos em silêncio, por momentos, a olhar um para o outro. Ela com uma expressão de irritação e eu de admiração.

«Posso tomar um banho antes de ir embora?», perguntou.

«Claro! A casa de banho é ao fundo do corredor. Tens lá toalhas e tudo o que precisas. Fica à vontade...»

A Inês recolheu a sua roupa do chão e desapareceu da cozinha.

Já da última vez que tínhamos feito sexo tinha reparado que mal terminámos ela vestira-se muito rapidamente e ficara reflexiva nos instantes seguintes. Uma pessoa completamente diferente daquela que era quando estava a ser possuída por mim. Não era, de todo, uma realidade propriamente anormal ou que me escandalizasse, mas crescia em mim uma curiosidade e necessidade de vasculhar no subconsciente dela a verdadeira razão daquela discrepância de comportamentos.

Aproveitei para passar um pano molhado no balcão para limpar os vestígios do meu orgasmo e ainda no chão para limpar os vestígios do orgasmo dela. Comecei a ouvir o som da água do chuveiro a cair na casa de banho e a verdade é que eu também precisava de um duche e não me apetecia muito esperar que ela terminasse o seu. Pousei o pano, percorri o corredor, abri a porta da casa de banho e entrei sem pedir licença.

«**Afonso**?», perguntou a Inês ao perceber que a porta se abrira.

«Sou eu», tranquilizei-a.

Passou a mão no vidro para limpar o vapor e confirmar que eu estava mesmo lá dentro e depois eu corri a porta do polibã e entrei novamente sem pedir licença.

«O que é que estás aqui a fazer?»

«Vim dar-te uma ajuda... Além disso também preciso de um duche e não podemos desperdiçar muita água.»

A Inês remeteu-se ao silêncio, dando-me a entender que também lhe agradava a ideia. Tirei-lhe a esponja da mão, virei-a de costas para mim e encostei-a contra o vidro do polibã. Imaginei por momentos a visão que teria dos seios dela colados no vidro se estivesse do lado de fora, e foi uma imagem que me excitou bastante. No entanto, a que tinha do lado de dentro era ainda melhor.

Afastei-lhe o cabelo das costas e comecei a esfregá-las ao de leve com a esponja. Esfreguei ainda o rabo dela, as costelas e por fim as axilas. Meti a mão por cima do seu ombro, agarrei-a por baixo do queixo e puxei-a para mim, afastando-lhe as mamas do vidro. Segurei-a contra o meu corpo e comecei a passear com a esponja pelo lado da frente. Primeiro nas coxas e a seguir na barriga. Subi tudo para lhe ensaboar o pescoço e logo depois voltei a descer para lhe esfregar os seios a toda a volta. Comecei a beijar-lhe a boca (como eu adorava beijá-la a partir de trás) e ela agarrou no meu pau e começou a masturbar-me e a roçá-lo no rabo, novamente desejosa de ser possuída por mim. Desci ainda mais a esponja e acariciei-a com ela bem no fundo do ventre. Tirei-lhe a mão do meu pau já hirto e efervescente, empurrei as suas costas para a frente, puxei-lhe a cintura para trás e afastei as pernas dela com os pés. Deitei mais gel de banho na esponja para fazer bastante espuma e comecei a fazê-la deslizar devagarinho, desde o seu pescoço, ao longo de toda a coluna e continuei por entre as nádegas até lhe chegar ao sexo. Esfreguei-a levemente nessa zona para trás e para a frente e ela, de boca encostada ao vidro, ia gemendo ao ritmo dos meus movimentos. Aproximei a minha boca do ouvido dela e de voz lasciva murmurei:

«Tem de ficar muito bem lavado...»

A Inês abanou a cabeça e anuiu com um gemido silencioso.

«... por fora e por dentro», completei.

Atirei a esponja para o chão, afastei as minhas pernas, peguei no meu pau com uma das mãos, segurei-me com a outra no ombro dela e penetrei-a. Inicialmente com cursos pequenos para que o meu pénis lubrificasse aos poucos com o fluido interno dela, já que a água não era um bom lubrificante. Assim que me senti deslizar melhor dentro dela carreguei-a com a carne toda.

O chuveiro estava apontado para o meu ombro dividindo o jato em dois assim que embatia nele. A água que descia pelo lado da frente do

meu tronco era prensada entre a minha cintura e o rabo dela a cada penetração, o que fazia com que salpicasse para as costas dela e para a minha cara. Com o estrépito provocado pelo impacto dos nossos corpos criava um efeito pirotécnico interessante e estava a dar-me uma diversão extra. Puxei-a outra vez para mim, agarrei-a pelo pescoço e confidenciei ao seu ouvido:

«É tão bom estar dentro de ti.»

«Então não saias...», devolveu com um tom de voz desafiante e mergulhado em tesão.

Aquela deixa partiu-me por dentro e remexeu nas profundezas da minha obscenidade. *Está a pedi-las, **Afonso**, não perdoes.* Virei-a para mim, encostei-a à parede, agarrei-a pelo rabo e levantei-a, fazendo as suas costas deslizar pela tijoleira molhada. Cruzou logo as pernas atrás de mim para me ajudar a suportar o seu peso e agarrou-se ao meu pescoço. Meti os braços por dentro das pernas dela, descruzando-as, e fiquei a suportar o seu peso com eles. Naquela posição, com os braços ocupados e o meu pau a apontar para cima não tinha como penetrá-la sem a sua ajuda, mas admirei a destreza dela. Encostou o sexo à minha barriga e deixou-se deslizar devagarinho até encontrar a cabeça do meu pau. Depois foi só eu inclinar o rabo para trás e ela desceu o que faltava para se fazer penetrar por mim. A partir daí tomei conta do assunto. Afastei-me um pouco para ter mais liberdade, mas ainda com as suas costas apoiadas na parede e as mãos atrás do meu pescoço, e comecei a penetrá-la no ar ao mesmo tempo que a água tépida me caía sobre os ombros. Enquanto me fazia entrar e sair do corpo dela, a Inês erguia a cabeça para cima e fazia entoar na casa de banho uns gemidos rasgados, denunciando uma voz gasta de tanto manifestar a sua satisfação. Também eu rugia incessantemente enquanto o meu pau se empenhava em destruir a pouca sensibilidade que ainda restava no sexo dela após tanta penetração.

Quando senti os meus braços a latejarem e quase a cederem ao esforço, voltei a baixá-la, mas mantive-a encostada à parede. Prendi-lhe as mãos com as minhas, pressionando-as contra a tijoleira, ao nível da cabeça dela, afastei-lhe as pernas, coloquei os meus pés do lado de dentro dos dela e encostei-me ao seu corpo. Baixei-me ligeiramente até os meus olhos ficarem ao nível dos seus e o meu sexo se encontrar com

o dela e, muito devagarinho e sem desviar o olhar, voltei a subir, penetrando-a carinhosamente. A Inês abriu a boca em silêncio e lançou-me um semblante sentido como se aquela simples e única penetração tivesse valido por todas as outras juntas. E tinha. Com o meu pau todo dentro dela, fechei-lhe a boca com um beijo e as nossas bocas ficaram a namorar por longos segundos. E sem soltar as suas mãos da parede e a minha boca da sua, fui subindo e descendo, entrando e saindo, devagar devagarinho, até mais forças não ter. Tirei o meu pau de dentro dela e libertei-lhe as mãos, completamente rendido à exaustão física. A Inês apercebeu-se disso e ela mesma tratou de ditar a sentença daquele momento de prazer. Agarrou no meu sexo, aproximou o seu rosto do meu e sem me deixar desviar o olhar do dela começou a masturbar-me intensivamente até que não aguentei mais e vim-me de novo. Foi uma ejaculação tão intensa e profunda que o sémen nos embateu no queixo aos dois. Caímos os dois esgotados no chão do polibã, como se de dois sacos vazios se tratasse, e ficámos em silêncio a contemplar o corpo um do outro sob a chuva morna que o chuveiro expelia. Tínhamos dado tudo um ao outro e tínhamos recebido tudo um do outro. Não havia mais um fio de força que fosse nos nossos corpos, mas esse tinha sido um preço justo a pagar pela viagem de ida e volta que fizemos juntos ao céu.

18

Assim que a Inês terminou de vestir a roupa interior, reparou na blusa que estava ainda embrulhada com as calças em cima do tampo do cesto da roupa, e lembrou-se do que acontecera na cozinha.

«Oh não!», exclamou.

«O que é que foi?», perguntei.

«A minha blusa! Só agora é que me lembrei de que me arrancaste os botões. Como é que vou sair à rua assim?»

«Não vais.»

«Eu tenho de voltar para casa, **Afonso**!»

«Não vais embora hoje. Vais dormir aqui. Ainda não fiz o que tinha a fazer. Regressas amanhã a casa.»

«Mas já mandas?»

Fiquei a olhar para ela com cara de espanto.

«Sim», respondi seriamente.

«Eu não tenho roupa nenhuma aqui, tenho o meu *Biju* em casa e ainda a minha amiga, que nem imagina para onde vim.»

Saí da casa de banho, ainda em *boxers*, percorri todo o corredor até ao móvel da entrada, abri a carteira dela, peguei no seu telemóvel, regressei à casa de banho e entreguei-lho.

«Liga-lhe. Diz-lhe para tomar conta do cão, que só voltas amanhã. E se te faz confusão ela não saber onde estás, tens bom remédio, diz-lhe a verdade, ou puxa pela imaginação...»

«E a roupa? Eu já tinha trazido pouca e ainda me destruíste uma peça.»

«Não te preocupes com isso! Vestes uma roupa minha. Vais passar aqui um dia, não uma semana. Mexe-te!»

A Inês soltou um suspiro e caminhou até à sala de telemóvel na mão para ligar à colega de casa. Aproveitei, fui até ao quarto, liguei o computador e acedi à Internet. Entretanto, a Inês terminou a chamada, regressou em direção à casa de banho e eu chamei-a assim que passou diante da porta do quarto.

«Toma», disse eu atirando-lhe uma *T-shirt* minha.

«Isto em mim vai parecer um vestido...»

«Melhor do que uma blusa rasgada.»

«Ficas a dever-me uma», atirou antes de virar costas.

«Vemos um filme?», perguntei ainda.

Ela voltou a rodar para mim.

«Sim! Uma comédia romântica!»

Revirei os olhos demonstrando-lhe que não tinha gostado muito da sugestão, mas comprimi os lábios e acenei afirmativamente com a cabeça. Ela sorriu e foi para a casa de banho. Selecionei um filme aleatório na categoria de romance, no computador, deixei-o pronto a clicar no *play* e passado pouco tempo a Inês surgiu à porta do quarto, envergonhada, vestida só com a *T-shirt* que eu lhe dera. Tinha ido tirar o sutiã para dormir mais à vontade, pois notava-se o relevo dos mamilos por baixo da *T-shirt*.

«Estás bem», elogiei.

«Não me fica mal, até...»

Logo a seguir dirigiu-se para a cama onde eu a esperava com o computador ao fundo dos pés. Assim que se acomodou, cliquei no *play*, mas quando me preparava para apagar a luz lembrei-me de um pormenor importante. Levantei-me da cama sob o olhar curioso da Inês, fui à cozinha, regressei com uma tigela cheia de cereais na mão e pousei-a na mesinha do lado dela.

«Como não sabia quais os cereais de que mais gostavas, o critério de escolha foi a caixa. Estes eram os que tinham a mais bonita.»

A Inês sorriu ao ouvir aquela justificação.

«Por acaso não são os meus preferidos, mas também gosto. No entanto, isso é o menos importante. O que conta é o gesto e eu apreciei-o bastante. Foste um querido.»

«Não te habitues... é só quando estou distraído...», avisei.

Só quando apaguei a luz do quarto é que me apercebi do luar que entrava pela janela adentro, e dirigi-me até ela.

«O que foi desta vez?», perguntou Inês.

«Nada de especial... O céu esteve encoberto o dia todo, não contava com o luar esta noite.»

«E então?»

«Preciso dele...»

A Inês ficou em silêncio e reflexiva durante alguns segundos a observar-me à janela. Senti que se preparava para me colocar alguma pergunta, mas à última hora trocou-a por outra.

«Não vens ver o filme comigo?»

«Já vou...»

Calámo-nos os dois e o silêncio do quarto era apenas quebrado pelo som do filme que saía do computador. Inês tinha os olhos postos no ecrã e eu tinha-os colados na Lua. Pouco depois ela parecia ter ganho coragem e atirou:

«São umas garras?»

«O quê?», perguntei, olhando para ela.

«O desenho da tatuagem... são umas garras?», esclareceu.

Olhei para a tatuagem que tinha no meu peitoral esquerdo e novamente para a Inês e respondi:

«Mais ou menos. É o desenho da marca que elas deixam. São uns rasgões», expliquei.

«Sim! Exato! Era isso que queria dizer. Mas são de algum animal em concreto ou...»

Fiquei a olhar a Inês a partir da janela e percebi o receio no seu olhar de que eu não a considerasse (ainda) merecedora de uma resposta. No entanto, também sabia que se lhe respondesse ia alimentar ainda mais a curiosidade dela, por isso não tive problemas em fazê-lo. Após um compasso de espera, respondi por fim:

«Lobo...»

Abanou a cabeça afirmativamente para anunciar que a informação tinha sido recebida, e eu devolvi o olhar à Lua. Sabia que a curiosidade estava a consumi-la por dentro e só o medo de receber um não da minha parte a impedia de continuar a tentar saciá-la. Mas também sabia que era só uma questão de tempo, e passados três minutos voltou a quebrar o silêncio entre nós.

«Qual é o significado?»

Olhei para a Inês, desta vez de uma forma mais séria, e não abri a boca. Ela entendeu a mensagem e levantou os braços mostrando-me as palmas das mãos como se me dissesse «já não está mais aqui quem falou», e continuou a ver o filme e eu a receber um pouco daquela luz noturna que de alguma forma me alimentava a alma.

«Um dia, quando tu...», comecei por dizer, mas já não iria obter resposta pois a Inês já havia caído no sono.

Recolhi o computador, cobri-a com o lençol e fiquei a olhar para ela, na penumbra. Por momentos deixei de me reconhecer naquela situação. Não era a primeira vez que uma mulher dormia naquela cama comigo, mas era a primeira vez que acontecia daquela forma. Não me reconhecia, mas também não conseguia sentir-me incomodado por lhe dar aquela intimidade e proximidade, precisamente porque também a queria. Porque também eu a tinha procurado. Mais do que cumprir um princípio meu de ficar depois de me vir sempre que isso fosse possível, era cumprir uma vontade. Queria e gostava daquela sensação. No entanto, o meu peito continuava frio e inerte, por isso restava-me somente desfrutar ao máximo daquela experiência e proporcionar-lhe uma boa passagem pela minha vida. Se era isso tudo o que dependia de mim, então era nisso que ia apostar tudo de mim. O resto não podia controlar, embora fosse uma realidade que eu conhecesse bem. Talvez fosse a minha sina, a minha cruz, a minha missão. Se um furacão é intenso e destrutivo, também é, para o bem ou para o mal... efémero. Mais tarde ou mais cedo, o destino havia de se cumprir, à imagem de todas as outras que haviam passado pela minha vida, e a Inês iria seguir o seu caminho e eu o meu. O adeus era uma profecia inevitável, mas não seria certamente naquela noite. Deitei-me ao lado dela, fechei os olhos e o cansaço mergulhou-me num sono profundo.

Quando acordei, o sol queimava-me o braço que tinha ficado por cima do lençol. Olhei o relógio do telemóvel e marcava 9h05. Tínhamos dormido imensas horas. Mais uma prova de que a noite anterior tinha sido bastante desgastante (mas muito produtiva). Olhei para a Inês e o sol parecia não lhe ter incomodado o sono. Ainda dormia tranquilamente do meu lado. Estava de barriga para cima, com o cabelo espalhado na almofada e com uma das mãos junto ao rosto, o que lhe conferia um aspeto angelical àquela hora da manhã. A sua pele morena contrastando com a alva cor dos lençóis definia-lhe as curvas e despertava o meu apetite de as contornar com a ponta dos meus dedos. Pensei chamar por ela e acordá-la só para garantir que era o meu rosto a sua primeira visão naquele dia, mas decidi deixar o meu egocentrismo de parte por

alguns segundos e pus em prática uma ideia bem mais interessante de a despertar daquele sono.

Mergulhei devagarinho para debaixo dos lençóis para não a acordar logo e coloquei-me agachado no meio das pernas dela. Comecei por lhe beijar uma das coxas da parte de cima próximo do joelho, e ela não reagiu. Fui subindo os beijos e rodando a cabeça para a beijar pelo lado de dentro das coxas, e ela começou a reagir movendo ligeiramente as pernas. Meti as mãos pelo lado de dentro das pernas dela, comecei a empurrá-las para fora para as afastar um pouco mais e ela deu uma pequena ajuda. Acabava de denunciar que já estaria acordada e ao corrente do que estava a acontecer debaixo dos lençóis. Aproximei o rosto do sexo dela e fi-la estremecer só pelo facto de estar desprotegida e à mercê da minha boca. Até que o beijei mesmo, por cima das cuecas, e ela soltou um gemido mudo que as cordas vocais ainda adormecidas não conseguiram expressar da melhor maneira. Voltei a beijá-la por cima do tecido e a seguir agarrei no elástico das cuecas com os dentes e comecei a puxá-las para baixo. Dei uma ajuda com as mãos e a Inês também facilitou a tarefa levantando ligeiramente o rabo. Despida da cintura para baixo atirei a minha boca ao sexo dela e voltei a beijá-lo, desta vez sem nenhuma barreira entre nós. Dei-lhe duas longas lambidelas e entreguei a minha boca ao clit. Comecei a lambê-lo muito levemente como se quase não lhe tocasse e com a mão esquerda procurei os seios dela, quentes e carentes, escondidos debaixo da *T-shirt* que lhe dera, à espera da minha atenção. Acariciei-os também como se com a ponta dos dedos lhes sussurrasse «calma, ele já vem ter convosco». Introduzi-lhe o indicador da mão direita no sexo e ela compôs-se ligeiramente na cama para desfrutar ao máximo daquela sensação. Comecei com os movimentos de *anda cá* ao mesmo tempo que, do lado de fora, lhe chupava cada vez mais intensamente o clit. A respiração dela começava a acelerar. Introduzi-lhe mais um dedo para fazer companhia ao outro, e o corpo dela reagiu de imediato começando a contrair-se cada vez com mais frequência. Com a mão esquerda comecei a esfregar-lhe a barriga, o peito e os seios, e aumentei a intensidade da mão direita que a penetrava e da boca que a chupava e lambia. Com a cabeça entre as suas pernas fiz pressão contra o sexo dela para lhe dominar o corpo que começava a entrar em convulsão. Foi

então que acrescentei mais um dedo. (Porque não há dois sem três.) Os gemidos, ainda tremidos, fizeram-se ouvir bem alto no quarto, Inês agarrou-me na cabeça por cima dos lençóis e poucos segundos depois... veio-se. (Se havia momentos em que me sentia um verdadeiro homem, era quando a fazia vir.) Voltei a emergir dos lençóis bem à frente do rosto dela, olhei-a nos olhos e disse-lhe de boca, queixo e nariz molhados:

«Bom dia!»

19

«Bom dia», respondeu Inês envergonhada. «Desculpa, mas...»

«O que é que foi?», perguntei.

«Não consigo. Estou toda dorida. Desculpa...»

«Chiiiu!», disse, colocando-lhe o dedo sobre os lábios. «Não peças desculpa, acabaste de me fazer um elogio. Não tinha outra intenção que não fosse dar-te um bom dia diferente. Só isso.»

«E não podia ter sido melhor», sorriu. «Mas agora tenho de ir à casa de banho. Tenho mesmo de fazer chichi e lavar os dentes.»

Esquivou-se de mim, procurou as cuecas no fundo da cama, vestiu-as por baixo da *T-shirt* e desapareceu do quarto.

«Não queres tomar o pequeno-almoço primeiro?»

«Primeiro o meu hálito!», atirou já no corredor.

Ouviu-se a descarga do autoclismo e logo a Inês exclamou:

«Merda!»

«Não era chichi?», perguntei.

«Não gozes, **Afonso**! Sou mesmo parva! Não trouxe escova nenhuma, como é que havia de querer lavar os dentes!»

Levantei-me e fui ao encontro dela. Abri uma porta do armário da casa de banho, peguei numa bolsa cheia de escovas de dentes descartáveis e abri-a.

«Pega numa», disse-lhe.

«Porque é que tens uma bolsa cheia de escovas de dentes descartáveis?», perguntou curiosa.

É claro que ela ia perguntar isso. Estavas à espera de quê? Mas não demorei a dar-lhe uma resposta.

«Precisamente por causa das visitas que recebo cá em casa. Não quero que falte nada aos meus convidados. Toma.»

Ela pegou numa e começámos a lavar os dentes juntos. Acabei mais cedo e aproveitei para ir ao quarto vestir uma roupa leve.

«Vem comer qualquer coisa», disse-lhe a partir do corredor antes de entrar na cozinha.

Preparei umas torradas para os dois e assim que ela se despachou na

casa de banho surgiu à porta da cozinha.

«Senta-te», convidei assim que a vi.

Sentámo-nos, começámos a comer e senti que ela me olhava atentamente do outro lado da mesa, até que quebrou o silêncio.

«Juro que ainda não acredito que isto está a acontecer.»

«Isto o quê?», perguntei, ainda que soubesse ao que se referia só para ter o gosto de a ouvir dizê-lo.

«Tudo isto que está a acontecer agora. Eu, tu, o nosso sexo, a tua casa, a tua cama, a tua roupa e até a tua escova de dentes. Não percebo como está tudo a acontecer tão depressa e sinto-me até mal comigo mesma por deixar que seja assim. Pareço uma desesperada quando não tem nada que ver com isso. Simplesmente... como te disse ontem... não consigo dizer que não. Eu própria estou admirada comigo mesma porque não é de todo normal, principalmente na fase da vida em que me encontro. Não sei explicar.»

«Não tens de explicar e nem tens de encontrar uma explicação. Até porque tudo isto não representa uma fraqueza tua, mas um mérito meu. Ou seja, sendo eu a constante que sou, tu podes ser a variável que entenderes, porque estando tu sob a influência do meu universo haverá muitas coisas que não conseguirás controlar...»

«Não venhas com essa conversa. Se eu estou aqui e se fiz tudo isto foi porque o escolhi fazer consciência.»

«Escolheste porque eu despertei a vontade em ti. A minha influência é na tua vontade, não nas tuas escolhas. Depois acabas por escolher em função das tuas vontades, mas isso é uma consequência, não um objetivo meu. Precisamente porque não depende de mim. O que depende de mim é despertar a vontade, as escolhas que fazes são responsabilidade tua», esclareci.

«É suposto sentir-me melhor ou pior após ouvir isso?»

«É suposto sentires-te conformada com as decisões que tomaste, porque apesar de terem sido tomadas em consciência e por isso sob tua responsabilidade, foram influenciadas pela força de atração que o meu universo exerceu sobre ti na minha direção. Por outro lado, também não me podes responsabilizar diretamente a mim, porque nunca te obriguei a nada, nem sequer te convenci de nada. Foi claro desde o início que a porta esteve sempre aberta e o *não* colocado em cima da mesa. Tanto

para ti como para mim. E se nenhum agarrou nele e foi embora se calhar era porque não era para ser. Pelo menos até ao momento em que estamos a ter esta conversa e a comer esta torrada que está deliciosa...», sorri.

A Inês pareceu entender o meu ponto de vista. Fiz questão de lho mostrar para que não se sentisse culpada por estar a deixar as coisas acontecerem àquela velocidade. Deu um gole no copo de sumo de laranja que eu lhe havia posto à frente e mudou de assunto, dando-me a entender que aquela questão estava encerrada. Por enquanto...

Quando terminámos de comer, recolhi os pratos e copos da mesa, coloquei-os na banca, dirigi-me para a saída da cozinha, estiquei o braço na direção da Inês e convidei-a:

«Anda comigo.»

«Vou contigo?», perguntou admirada. «Olha só a loiça que está aqui para lavar ainda desde ontem.»

«Eu lavo isso quando te fores embora, não te preocupes. Não vou gastar o pouco tempo que tenho para estar contigo para estar aí a lavar loiça. Anda», insisti.

«É urgente?»

«Não. É só...»

«Então espera um bocado», interrompeu.

Ela agarrou na esponja, no detergente e começou a lavar os pratos, e eu fiquei (de novo) parado a olhar para ela.

Merda! Porque é que és tão boa?, pensava eu para mim. Mais uma vez voltava a dificultar-me a tarefa e a obrigar-me a redefinir os meus parâmetros. Eu próprio já deixara de me reconhecer por várias vezes por causa do coração bondoso que ela tinha e que me impedia de pôr em prática tudo aquilo que eu era. Ou tudo aquilo que eu fazia questão de ser. Crescia cada vez mais em mim uma culpa inocente por lhe estar a proporcionar uma experiência incrível no meu universo e ao mesmo tempo saber que seria curta a estada. Contudo, também sabia que era um mal necessário para que o bem perpetuasse. De certa forma isso atenuava-me a frustração de não me sentir capaz de lhe dar aquilo que ela poderia vir a merecer se eu e o tempo lhe déssemos uma oportunidade. O *para sempre* era para mim, há muito tempo, apenas um efeito colateral de uma passagem pela vida de alguém que porventura

durasse mais do que aquilo que eu tinha previsto. Uma hipótese que eu sempre colocava, mas que ainda não tinha conquistado força suficiente em mim para eu acreditar nela ao ponto de a transformar, ainda que apenas na minha cabeça, numa certeza. Talvez, neste caso, mais por fraqueza minha do que por demérito de quem se havia cruzado comigo.

Peguei num pano seco, aproximei-me da Inês, junto à banca da loiça, e ajudei-a a ajudar-me naquela tarefa. Passado pouco tempo estava a guardar no armário a última peça.

«Com dois é mais rápido», disse ela assim que terminámos. «Agora, sim, já podemos fazer aquilo que querias.»

Fui até à sala e ela seguiu-me os passos. Peguei num CD de música latina, meti-o na aparelhagem de som e cliquei no *play*. Afastei uma pequena mesa que estava no centro da sala para libertar aquela zona e estiquei o braço para ela.

«Vamos ver se ainda te lembras.»

A Inês sorriu, pegou-me na mão e entregou-se ao meu corpo. Enrolado no sofá estava o *Dark,* a olhar-nos com atenção.

«Pelo menos desta vez corres menos riscos, já que estou descalça», disse ela antes de eu começar a conduzi-la ao sabor dos movimentos do tango argentino.

No início atrapalhou-se um pouco nos passos, mas num instante entrou no ritmo e por momentos parecia que era ela a professora. Os nossos corpos encaixavam tão bem que eu começava a acreditar que tinham sido feitos à medida um do outro só para poderem dançar confortavelmente. A nossa simbiose era tão intensa que à medida que íamos dançando eu ia ficando cada vez mais excitado, e o meu pau fazia-se notar cada vez mais do lado de fora das calças que trazia vestidas. Comecei aos poucos a mudar a posição dos braços, desmontando a postura, até que já não estávamos a dançar nenhuma dança em concreto, estávamos só a mover-nos de um lado para o outro agarrados um ao outro. Colei-a ainda mais ao meu peito, aproximei o meu rosto do dela e comecei a deslizar a minha mão pelas suas costas abaixo por cima da *T-shirt*. Passei por cima do rabo dela e assim que o tecido acabou voltei a subir, mas desta vez pelo lado de dentro. Agarrei-lhe numa das nádegas e ela parou de se mover, assim como eu. Deslizei a mão pelo meio do rabo dela e acariciei-a por cima da tanga que tinha

vestida. Senti-lhe a respiração acelerar, e ela continuava a olhar-me de lado na expectativa do que ia acontecer. Subi a mão até ao fundo das costas dela e voltei a descer, agora por dentro das cuecas, deslizando os meus dedos por entre as suas nádegas até lhe sentir o ânus com a ponta do dedo médio. A Inês começou a ofegar com mais intensidade, colocou uma das mãos atrás do meu pescoço e com a outra ia acariciando a dureza do meu pau por cima das calças. Comecei a pressionar-lhe o ânus e a fazer movimentos circulares com a ponta do dedo sem, no entanto, o fazer deslizar, e a respiração dela voltou a aumentar. Intensificou o jeito com que me esfregava o pau, desde as bolas até à cabeça até que não aguentou mais a excitação e empurrou-me para trás, fazendo-me sentar no sofá. *Dark*, assustado, desceu dele e saiu da sala. A Inês colocou-se no meu colo, agarrou-me no rosto e começou a beijar-me intensamente com língua e dentes como se quisesse literalmente devorar-me. (E como eu gostava daquela sensação.) Enfiei as minhas mãos por debaixo da *T-shirt* e comecei a acariciar-lhe as mamas enquanto as nossas bocas se consumiam mutuamente. A Inês percorria-me o tronco todo com as mãos, alucinada pelo desejo que se apoderava dela, como se procurasse alguma fechadura que lhe desse acesso direto ao interior do meu peito. Desci uma das mãos e comecei a esfregar-lhe o sexo por cima das cuecas enquanto a outra passeava pelos seios. Ela começou a gemer com mais intensidade até que lhe caiu a ficha e se afastou de mim.

«O que é que fiz de errado?», perguntei.

Ela empurrou o cabelo para trás com a mão e colocou-a na cintura, fazendo um compasso de espera para se recompor e poder finalmente responder à minha pergunta.

«Não posso. É melhor não. Eu queria, tu querias, mas estou mesmo dorida de ontem. Partiste-me toda», disse por entre risos. «Ia ser mais doloroso do que prazeroso para mim. Vamos ter de aguardar alguns dias para me recompor. Se calhar é falta de hábito... desculpa.»

Estendi-lhe as mãos e fiz-lhe o gesto com os dedos para que se voltasse a aproximar. Ela acedeu ao meu pedido gestual e assim que se aproximou o suficiente agarrei-lhe nas mãos e fi-la sentar-se de novo no meu colo, de frente para mim, como estava antes. Nessa posição, o seu rosto mesmo diante do meu, eu conseguia falar-lhe diretamente olhos

nos olhos. Um pormenor muito importante tendo em conta o que lhe ia dizer.

«Já te pedi para não me pedires desculpa», comecei por dizer muito calmamente. «Se a tua dor é maior do que o teu prazer, então eu sou o primeiro a dizer que não. E não é por simpatia ou gentileza, é porque além de não querer mesmo, eu também não conseguiria. Seria incapaz de te coagir ao que quer que fosse só porque quero muito fazer sexo. E se eu quiser assim tanto esvaziar os tomates, masturbo-me e já está. A minha missão é dar-te prazer. Seja a foder como animais em cima do balcão da cozinha seja a ver um filme romântico deitados na cama. Não sei se quem passou pela tua vida fazia isso contigo ou não, mas enquanto pertenceres ao meu universo, o teu bem-estar estará sempre em primeiro lugar. Não me voltes a pedir desculpas. Estamos entendidos?»

A Inês ficou em silêncio durante alguns segundos a olhar-me profundamente nos olhos como se aquilo que eu lhe tinha acabado de dizer fosse algo absolutamente extraordinário, quando na realidade não era nada demais. Pelo menos para mim. Até que de repente me abraçou com tanta força as costelas que não consegui evitar um gemido de dor.

«Desculpa!», exclamou levando a mão à boca. «Entusiasmei-me demais. Desculpa! Este posso dizer, não posso?»

Dei-lhe um sorriso queixoso.

«Sim. Esse tipo de desculpa podes, mas também não neste caso porque não tens culpa. Fica tranquila.»

Ela ficou a olhar para mim, sentada no meu colo, e talvez empurrada por aquela posição corporal dominante em relação a mim voltou a tentar a sua sorte.

«Posso fazer-te uma pergunta?»

«Podes fazer as perguntas que entenderes desde que me autorizes a dar-te as respostas que eu entender. Se entender.»

«Essa dor que sentiste agora tem que ver com aquela cicatriz que tens aí de lado nas costelas?»

Era a primeira vez que a Inês fazia referência à minha cicatriz, o que era a prova de que estava à espera do momento certo para saber mais sobre ela. E pelos vistos já o tinha encontrado.

«Sim...», respondi.

«O que é que aconteceu?», perguntou receosa.

20

Endureci o olhar, tirei-a de cima de mim, levantei-me, desliguei a aparelhagem e só então lhe respondi:

«Já te expliquei que se te portares bem... talvez um dia te conte a minha história.»

Dirigi-me para a varanda da sala para me refrescar um bocado com a brisa que vinha do mar e a Inês seguiu-me os passos.

«Mas afinal o que é isso de me portar bem ou não? Será que não o tenho feito? O que fiz eu de errado? Explica-me.»

Encostei o meu rabo ao gradeamento, cruzei os braços, e ela encostou o ombro na beira da porta de vidro de correr que dava acesso à varanda, ficando mesmo à minha frente.

«Portares-te bem é seres merecedora», expliquei. «E seres merecedora leva muito tempo e exige muito esforço. Além disso, não sei praticamente nada do teu passado.»

«Não sabes nada essencialmente porque não perguntas. Aliás, até acho estranho uma pessoa que aparentemente está interessada em mim não perguntar nada acerca de mim.»

«Não perguntei, mas descobri na mesma.»

«Descobriste o meu nome, o meu número de telemóvel, onde vivia e onde trabalhava, e mais sei lá o quê, mas isso não diz nada de mim. Isso são tudo adereços. O passado é que nos diz, no fundo, aquilo que somos de verdade. Sabendo o passado conseguimos entender o porquê disto e daquilo. Conseguimos compreender a pessoa e se calhar não a julgar injustamente ou tirar conclusões precipitadas e erradas. No entanto, não sei nada de ti e por outro lado considero-me um livro aberto. Não tenho segredos nem nada a esconder, ao contrário de ti, que estás sempre a empurrar para um dia que eu nem sei se vai chegar.»

«O que é que me tens a dizer acerca do teu passado?», perguntei. «Só para eu não fazer julgamentos errados.»

«Olha... sou uma rapariga que se tornou independente muito cedo. Trabalho desde que me lembro. Estudei aquilo que era a minha paixão, mas ainda não consegui arranjar emprego na minha área e estou a

arrumar roupa numa loja. Mas não me importo nada porque é um trabalho como outro qualquer e tenho fé de que um dia vou alcançar os meus objetivos. Até porque luto sempre por eles. Por isso estou tranquila. No que toca ao amor... até agora foi uma espécie de desastre ambiental. Parece que tenho mesmo queda para tipos egoístas, egocêntricos, que se acham os donos do mundo e acreditam que as mulheres foram feitas para os satisfazerem. E o último dos quais, o Victor... ainda vive muito em mim. Mas também tenho fé de que, nesse aspeto, há de tudo correr bem e mais tarde ou mais cedo hei de amar e ser amada como mereço. Para terminar, mudei-me há não muito tempo para Matosinhos a convite de uma amiga, agora também colega de casa, porque, segundo me disse, eu precisava de "mudar de ares" e ser "supervisionada" por ela para não cair na tentação de desenterrar o passado. E pronto, num minuto resumi-te a minha...», semicerrou os olhos, interrompeu o que ia a dizer e mudou de assunto. «O teu olhar...»

«Que é que tem o meu olhar?», perguntei, descruzando os braços e recompondo-me no gradeamento.

«Por momentos estava diferente...»

«Diferente como?», insisti.

«Não sei... Mais macio, mais meigo, mais brilhante...»

«Oh, andas a ver coisas, deve ter sido do sol», afastei-me da grade da varanda e voltei a entrar na sala passando por ela. «É quase hora de almoço, e se mandássemos vir uma piza?»

«Gosto da ideia, não gosto é de cogumelos.»

«Pedimos sem. Vou ligar para lá.»

«Combinado. Vou vestir as minhas calças e calçar-me», disse, dirigindo-se para a saída da sala.

«Não vais esperar pela piza?», perguntei na brincadeira.

«Vou, claro, mas sinto-me mais confortável vestida. E assim sempre é mais difícil cair na tentação...»

A Inês desapareceu do meu campo de visão e eu fiz a chamada. Entretanto repus a mesa no centro da sala para comermos por lá, e não demorou muito até me tocarem à campainha para me entregarem o almoço. Recolhi a piza, sentámo-nos pelo sofá e começámos a comer na companhia do *Dark*.

«Não me posso demorar muito», disse a Inês assim que terminou de

comer uma fatia. «Ontem facilitei e depois tu ligaste-me, trocaste-me as voltas todas e agora tenho um monte de trabalho em casa que queria tratar antes de começar a semana.»

«Não te preocupes, vais embora quando tiveres de ir, não tens de te justificar. Estás mesmo mal-habituada.»

Ela parou a olhar para mim.

«Não sei se hei de ficar contente com isso ou preocupada.»

«Porque havias de ficar preocupada?», perguntei.

«Porque não sei se devo entender isso como uma liberdade de escolha que me estás a dar ou se de alguma forma é um incentivo para eu me ir embora agora que já estás satisfeito. Uma ideia que ainda por cima é reforçada pelo facto de saberes que eu não te... *darei* mais nada hoje.»

«A sério, Inês?», perguntei-lhe com um olhar azedo.

«Tens de admitir que é um raciocínio lógico...»

«É um raciocínio lógico para quem tem o hábito de meter toda a gente no mesmo saco. Só estás a denunciar um trauma que tens por causa dos outros homens que passaram na tua vida antes de mim e te deixaram uma má impressão. Especialmente esse Victor, por ter sido o mais recente. Comigo, independentemente daquilo que possa vir a acontecer ou até mesmo do que possas vir a sofrer, a tua autoestima será sempre valorizada. Talvez haja homens que surgem na tua vida porque te veem como uma presa fácil para eles alimentarem o seu ego. Mas o meu não precisa de ser alimentado por mulher nenhuma, porque está sempre muito bem de saúde. Logo, se estou na tua vida, seja o tempo que for, estou para te tornar uma mulher mais livre, mais exigente e mais satisfeita. Esse é um compromisso que não faço contigo, mas sim comigo. É um princípio meu. Mas apesar de todas as minhas demonstrações, pelos vistos ainda não fui capaz de te fazer ver isso.»

«Lá está! Eu não sei nada de ti, e como te disse há bocadinho posso estar a fazer interpretações erradas, mas também não me podes culpar. É que além de ter tido as experiências menos positivas que tive, tu ainda apresentas traços semelhantes a ele. E como se não bastasse, para piorar as coisas, não abres o teu livro. Se o fizesses, pelo menos eu podia conhecer-te um pouco melhor e ter onde me agarrar para poder acreditar que és diferente dos outros que passaram pela minha vida. E

em especial do último.»

«Sabes, no fundo não me incomoda assim tanto o facto de acreditares que sou igual aos outros, ou a esse Victor em concreto, porque sei que fez um trabalho contigo muito mau, daí esse teu pé atrás e esses julgamentos precoces. Após juntar as peças foi fácil de perceber o porquê de quando termos ido para o teu quarto teres logo começado a fazer-me sexo oral...»

«Oh! Não vamos falar sobre isso agora», interrompeu.

«Vamos, pois! Se não tens vergonha de fazer sexo, também não podes ter de falar sobre ele. Com a pessoa com que o fazes, claro. E pelos vistos essa é uma das razões para que tenhas permitido que não te tratassem como devia ser. Precisamente porque tinhas vergonha de falar, de corrigir e de exigir mais e melhor a quem estava contigo e tinha a obrigação de te satisfazer. Agora entendo porque é que naquele quarto começaste logo a fazer-me sexo oral e quando eu ia fazê-lo a ti ficaste admirada, e até quando te vieste parecia que era uma novidade. Precisamente porque era só aquilo que sabias, que te permitias saber, era aquilo a que estavas habituada. Que era, no fundo, seres somente um meio para que o homem que estivesse contigo atingisse um fim. E essa é uma realidade que eu abomino profundamente e que é tão comum nos homens. E eu sei o que estou a dizer... Mas há mais. Ontem, por exemplo, depois de termos feito sexo na cozinha, todo aquele teu incómodo em que eu olhasse para ti e o esforço que fazias para esconder os teus seios eram a prova de que os homens que tiveste na tua vida te criticavam bastante. Esses complexos nada mais são do que o resultado de múltiplas críticas e pressões que esses homens fizeram sobre ti e a manifestação pura da ignorância deles ao não saberem valorizar o corpo da mulher que eles tinham ao seu lado. Já da primeira vez que estivemos juntos te vestiste muito rapidamente. Tu tens esse desejo em ti, esse tesão, essa vontade, mas assim que o sexo acaba voltas a ligar o botão e regressam todos esses complexos por culpa das repressões que sofreste ao lado dessas pessoas. E ainda há bocado, quando me pediste desculpa, foi mais uma prova que tive de que já foste alvo de coação sexual. Uma coisa é dizeres que não queres porque não estás para aí virada, pois *nãos* desses com o toque e o olhar certo transformam-se num sim num segundo, outra coisa é não quereres

mesmo ou não te sentires confortável e fazeres o frete à outra pessoa só para que ela se satisfaça. Tu não és um objeto e pelo que estou a ver permitiste-te sê-lo durante tempo demais estando ao lado de alguém que não te merecia.»

«Meu deus... eu disse que era um livro aberto, mas nunca pensei que fosse tão legível assim», disse, visivelmente admirada. «Não bate certo! Nenhum homem é assim! Tu não és real!»

Respirei fundo e fiquei em silêncio durante alguns segundos para refletir na melhor forma de continuar aquela conversa. Por fim rodei ainda mais para ela e disse-lhe pausadamente:

«Inês... a minha missão é que a minha passagem pela tua vida, ou a tua estada no meu universo, seja uma experiência incrível e gratificante, e que sejas uma pessoa melhor depois de mim.»

«Mas porque é que estás sempre a falar em *passagem*, em *seja o tempo que for,* em *o que possa vir a acontecer* e *o que possa eu vir a sofrer*? Porquê esse tipo de discurso?»

Voltei a remeter-me ao silêncio por momentos ao aperceber-me de que a conversa afunilava vertiginosamente para o momento da revelação que eu tinha de lhe fazer. Era como se se aproximasse a hora de pôr os cintos e ajeitar o corpo para que a aterragem fosse o mais tranquila possível. Por isso levantei-me, aproximei-me da porta que dava acesso à varanda e, enquanto olhava para fora e apreciava o mar ao longe, expliquei-lhe:

«Um dos meus princípios é ficar depois de me vir, mas não quer dizer que fique depois de vir. Eu não sou feito para ficar...»

A Inês levantou-se do sofá e aproximou-se de mim pelas costas.

«Eu não sei ao certo o que queres dizer com isso, mas agora que falaste nisso lembrei-me de uma frase que me disseste na praia. Era qualquer coisa como...»

Rodei para ela e completei:

«... fico para sempre, mas não sou eterno.»

«Isso mesmo. Primeiro dizes que ficas para sempre, e agora dizes que não és feito para ficar. Alguma coisa não bate certo.»

«Fico para sempre... na memória e no coração de uma pessoa. Mas não sou eterno na vida dela. E este *ficar* de que te falei, era um ficar... na vida. Tudo o que posso garantir é intensidade, nunca eternidade. Por

isso o melhor que podes fazer é pores em prática um dos meus mandamentos que diz exatamente para não te preocupares com finais felizes, mas sim com *durantes* felizes.»

«É isso... Mais tarde ou mais cedo vais embora.»

«Duas semanas...»

«Duas semanas o quê?», perguntou.

«Parto para o Brasil daqui a duas semanas», esclareci.

«Férias?»

«Trabalho.»

«Quanto tempo? Podes dizer?»

«Meio ano. Pelo menos...»

A Inês arregalou os olhos, soltou um suspiro, pôs a mão na cintura e virou costas, afastando-se de mim. Parou cinco passos à frente e rodou na minha direção.

«Uau! Agora o teu discurso faz muito mais sentido», começou por dizer visivelmente afetada com o que tinha acabado de ouvir. «E já sabias disso naquele dia em que nos vimos no parque?»

«Sim. A viagem já está marcada há bastante tempo. Vou lá fazer uma temporada de formações que também já estão marcadas.»

A Inês voltou a suspirar, sentou-se na beira do sofá e pousou os cotovelos por cima das pernas, tapando a boca com a mão.

«Já agora, vives aqui na Póvoa e vais para o Parque da Cidade, que fica a dezenas de quilómetros, passear o teu cão? Enfim... isso também não importa agora», passou a mão na cabeça e atirou o cabelo para trás. «Não sei o que pensar, sinceramente. Não sei o que dizer nem o que fazer, não sei nada...»

«Tens só de aproveitar...»

«Aproveitar, **Afonso**?!», disse, irritada, ao mesmo tempo que se levantava e me lançava um olhar que era uma mistura de raiva com tristeza. «Conhecemo-nos ontem, fomos para a cama hoje e amanhã já vais embora, e estás a dizer-me para aproveitar?!»

«E não é o melhor que podemos fazer, tendo em conta as circunstâncias?», perguntei sem esperança numa resposta.

«Agora entendo porque é que não querias saber mais de mim nem me deixavas saber mais de ti. Porque não valia a pena. Porque não era tua intenção ficar. Porque sabias que estavas só de passagem, e para

quê partilhar informação tão pessoal e confidencial com uma desconhecida já que, no fundo, não passará disso mesmo, não é?», perguntou com ironia e mágoa.

«Não tem nada que ver com isso. Se não perguntei nada sobre ti antes, foi porque não achei oportuno. E se não te falei mais sobre mim, foi pelas razões que já te indiquei.»

«Claro, claro. *Leva muito tempo*», citou-me. «Um tempo que tu farás questão de não me dar. Não vá eu ficar a saber qualquer coisa que não deva. Muito bem, já percebi...»

«Tu sabias e sentias, porque eu também fazia questão que assim fosse, que eu não ficaria por muito tempo. Não por não querer, mas sim por um conjunto de circunstâncias que implicavam que assim fosse», tentei explicar inutilmente.

«Não te preocupes, fica descansado. Já sei que a culpa é minha, a parva sou eu que me deixei ludibriar!»

«Não digas isso, Inês.»

«E tu ainda podias dizer: *calma, Inês, eu vou lá meio ano, mas volto para os teus braços novamente*. Mas não dizes. Não consegues dizer porque nem sequer acreditas nisso. Eu só não consigo entender o porquê de te teres aproximado de mim, de te teres empenhado tanto em conquistar-me quando sabias que era efémero e que isto não ia a lado nenhum.»

«Eu não sabia nada e não sou ninguém para falar do futuro! Só te disse que não sou pessoa de ficar. O que não quer dizer que não seja capaz de ficar. E só te disse que ia embora. O que não quer dizer que não seja capaz de voltar. As circunstâncias são estas e não dão para mudar. Ponto! Agora se há coisa que eu seria incapaz de fazer era pedir-te para esperar. Isso nunca farei.»

«Não te preocupes. Não o farei. E se é para nos afastarmos, que seja já, para que os estragos sejam menores.»

Virou-me as costas, dirigiu-se apressadamente para a porta de saída. Fui atrás dela.

«Mas é precisamente o contrário. Se vamos ter de nos afastar, então aproveitemos até ao último momento!», expliquei.

Ela ignorou as minhas palavras, agarrou na mala pousada no móvel da entrada e abriu a porta para sair.

«Inês!», chamei assim que ela pousou um pé do lado de fora.

Ela rodou para mim e eu nesse instante coloquei uma moeda sobre o móvel da entrada, pus o dedo indicador sobre ela e arrastei-a na sua direção. A Inês assistia àquele movimento de olhos lacrimejantes e assim que libertei a moeda soltou um bramido:

«Grrrrrrr!!!»

Agarrou na moeda e desapareceu pelas escadas.

21

Desta vez havia combinado com o Henrique que o seu encontro seria num outro bar, não longe da rotunda da Boavista e relativamente perto do HF Fénix Porto, o hotel para onde se deveria dirigir após abandonar o bar com a sua companhia. Que, pelo que ele me tinha dito, se chamava Anabela. Uma missão que, acreditava eu, não seria de grande dificuldade para ele. No fundo, o grande desafio estava guardado para o hotel, mas antes ele ainda tinha de demonstrar ter aprendido com as lições que eu lhe havia transmitido no final do último encontro poucos dias antes.

Era um bar que também já era meu conhecido. Uma vez que o hotel tinha de ser sempre o mesmo, acabava por recorrer àquele espaço para os encontros que antecediam os momentos de sexo que tinham de ser observados por mim. Não era sempre, mas aplicava-se no caso do Henrique.

Assim que cheguei ao bar repeti o procedimento: procurei a melhor mesa, fiz o meu pedido habitual, agarrei no telemóvel e aguardei. Desta vez teria de ter ainda mais cuidado para que a companhia do Henrique não se apercebesse da minha presença. Não sabia se me havia visto da última vez e se me reconhecesse seria estranho, e eu mesmo acabaria por estragar os planos dele.

Alguns minutos depois de eu ter chegado, chegou também o Henrique acompanhado pela Anabela. (Tinha com certeza ido buscá-la a casa.) Olhou em volta para confirmar se eu estava e onde estava e escolheu uma mesa estratégica para me facilitar a observação. Um pormenor que lhe agradeci mentalmente. Fizeram os seus pedidos e começaram a conversar. Notei que o Henrique lhe passava a bola mais vezes e a deixava brilhar bem mais do que da última vez, embora nunca desarmasse a sua postura altiva, o que eu não podia censurar, até porque de certa forma transmitia segurança à mulher que o acompanhava e isso era um fator importante.

À medida que foram conversando foram ficando cada vez mais íntimos, até que Henrique levou a mão ao rosto dela e começou a beijá-

la. A conversa continuou e a intimidade não abrandou até que ambos se levantaram e se prepararam para abandonar o bar. Antes de virar costas, Henrique olhou na minha direção e piscou-me o olho, dando-me a indicação de que estava a correr tudo bem. Fiz um compasso de espera e segui até ao Fénix, onde eles já deveriam ter chegado. Fiz sinal com a cabeça ao Sr. Jorge da receção, que já me conhecia muito bem. Ele entregou-me a chave do quarto 406 e entrei no elevador.

Já lhe havia passado a informação de que quando lá chegasse alguém com o nome Henrique Garcia lhe desse a chave do quarto 404. (Tal como já era habitual.) A par do quarto 406, que ficava ao lado, eram os que eu usava para fazer as minhas observações e avaliações, até porque eram os únicos que estavam devidamente preparados para o efeito. Devido às exigências da minha atividade, e uma vez que a componente física e sexual era uma parte muito importante do que era ser um **Afonso**, era indispensável eu observar as *performances* dos meus aspirantes. Contudo, não podia simplesmente sentar-me no cantinho do quarto em silêncio, esconder-me atrás da cortinha ou espreitar pelas frinchas dos guarda-fatos. Assim sendo, vi-me na necessidade de criar um espaço adequado para ver sem ser visto. Nada que uma reunião com a gerência de um hotel, o preço certo e as obras necessárias não fossem capazes de resolver. E o 404 e 406 foram os eleitos.

Assim que cheguei ao 406 passei o cartão no leitor e entrei. No quarto ao lado já se ouviam alguns encontrões na parede, o que me dava a indicação de que a festa já tinha começado. Peguei no enorme espelho que tinha na parede em frente da cama, e que fazia a divisão dos dois quartos, e desloquei-o para o lado. Retirei devagarinho o isolante sonoro que tinha dentro da parede, expondo assim o buraco retangular que existia nela, e fiquei a observar o que se passava no 404. Os dois quartos eram simétricos, como tal do outro lado estava um espelho exatamente na mesma posição ocultando o enorme buraco que existia na parede. Contudo, era um espelho especial, exatamente como aqueles das salas de interrogatório, que me permitia ver tudo sem incomodar ninguém.

Do outro lado, o Henrique mantinha a Anabela presa contra a parede enquanto lhe beijava o pescoço e o peito descoberto como se estivesse

esfomeado. Agarrou-a com uma mão no pescoço e com a outra apertou-lhe o sexo por cima da roupa, fazendo-a abrir a boca de prazer. Despiu a camisa, tirou-lhe a roupa da cintura para cima, agarrou-a pelo braço e sentou-a na beira da cama. Aproximou-se dela e ela mesma começou a desapertar-lhe o cinto e depois as calças, desceu-lhe a roupa, agarrou no pau dele e começou a chupá-lo. Ele pôs as mãos na cintura ergueu a cabeça para o teto e por momentos ficou naquela posição a desfrutar da boca dela. A seguir juntou o cabelo dela atrás da cabeça com as duas mãos e começou a foder-lhe a boca com o próprio pau. A saliva dela começou a escorrer-lhe pelo queixo enquanto cerrava os olhos e arquejava de aflição com o pau dele todo dentro da boca dela. Entretanto, ele soltou-a e começou a despir o que restava da sua roupa. Ela começou a fazer o mesmo e deixou só as cuecas. Ele voltou a agarrar nela, fê-la colocar-se de quatro sobre a cama virada para si e, ainda do lado de fora, apontou-lhe o pau para o rosto, dando-lhe a indicação para que o continuasse a chupar. Ela satisfez-lhe o desejo e abocanhou-lhe o pau novamente. Ele curvou-se sobre ela, apoiou-se com as duas mãos ao fundo das costas dela e começou a fazer-se entrar e sair da sua boca. O fundo da barriga dele embatia contra o nariz e testa dela atirando-lhe a cabeça para trás a cada topada.

O Henrique voltou a erguer-se, rodou Anabela ao contrário para que ficasse de rabo virado para ele, esbofeteou-lhe as nádegas várias vezes, arrastou o fio das cuecas para o lado, ficando a segurá-lo com o polegar, e penetrou-a até ao fundo de uma só vez. Ela curvou as costas ao senti-lo rasgá-la brutalmente por dentro e ele começou a entrar nela sem cuidado nem piedade. Os gemidos dela começaram a fazer-se ouvir com uma mistura de dor e prazer e o Henrique continuou a esbofetear-lhe as nádegas enquanto metia e tirava. De seguida, empurrou-lhe a cabeça para baixo, obrigando-a a aterrar com o rosto no colchão e pousou-lhe um pé sobre ele enquanto o outro permaneceu no chão. Pegou no pau dele e enterrou-o nela até ao fundo dando um pequeno impulso no final como se quisesse também meter as bolas lá dentro. Começou a subir e a descer embatendo com o rabo dele no rabo empinado de Anabela. Soltou o pé do rosto dela, agarrou numa das suas mãos e colocou-a atrás das costas, pegou na outra e fez o mesmo. Prendeu-lhe as mãos atrás das costas com uma das suas, pressionou-a para baixo, e

continuou a fodê-la fortemente. Tirou o pau e puxou-a com as mãos juntas atrás das costas para fora da cama ficando os dois de pé, e voltou a penetrá-la. Agarrou-lhe nos braços pelos cotovelos como se fossem duas cordas, acelerou como se estivesse a cavalgar. Os dois estavam mesmo em frente ao espelho, embora de lado para ele e, sabendo que eu estava do outro lado a vê-los atentamente, o Henrique começou a olhar para o espelho e a lançar um sorriso maquiavélico. Só não percebi se era mesmo para mim, como demonstração da sua ferocidade, ou para ele mesmo, como forma de incentivo. Enquanto isso, a Anabela gemia cada vez mais alto e o Henrique ia cerrando os dentes pelo esforço, intercalando o olhar entre o corpo dela e o espelho sem que lhe saísse nenhum som da boca.

A partir do 406 eu continuava a gozar da minha vista privilegiada e observava toda aquela cena erótica com expectativa. Havia força, havia ação e brutalidade, todos elementos pertencentes ao meu universo sexual e ao perfil de um **Afonso**, mas o Henrique já havia falhado várias vezes. Contudo, para uma primeira ida ao 404, estava a ser bem mais interessante do que grande parte dos outros aspirantes que por lá haviam passado. No entanto, e mais uma vez, parecia que não estava ali para aprender a ser um **Afonso**, mas para exibir o Henrique que era. Incomodava-me essa ideia, mas mantive as minhas expectativas elevadas e continuei a observar com atenção tentando não fazer julgamentos precoces.

O Henrique soltou-lhe por fim os braços, fê-la sentar-se na beira da cama, virada para si, e voltou a apontar-lhe o pau. Ela agarrou-se a ele e meteu-o na boca. Ele fez novamente a sua pose imperial de mãos na cintura e olhar fixo no teto e deixou-se chupar durante largos segundos. Depois empurrou-a para trás, caindo de costas sobre o colchão, levantou-lhe as pernas, agarrou nelas pela dobra dos joelhos, juntou-as uma na outra e empurrou-as contra o peito dela. Ajustou a cintura para apontar o pau ao sexo dela e voltou a enterrar-se nele com grande afinco, agora com o olhar focado no pau dele que entrava e saía. Tal como se estivesse orgulhoso do trabalho que estava a fazer. E tendo em conta aquilo que eu conhecia do Henrique, estaria com certeza.

Assim que se cansou daquela posição, não muito tempo depois, já que exigia que estivesse com as pernas ligeiramente fletidas, o que

consumia muita energia, libertou a Anabela, pegou nela e atirou-a para o centro da cama. Rodou-a de barriga para baixo, sentou-se em cima do rabo dela, virado para as suas costas e com os joelhos sobre o colchão e empurrou o pau para baixo para o fazer chegar até ao sexo dela, penetrando-a de seguida. Agarrou-lhe numa das mãos e prendeu-a contra o colchão ao lado da cabeça dela e com a outra mão agarrou-a pelo pescoço, fazendo uso do seu peso para a empurrar para baixo. Com o corpo começou a fazer movimentos ondulatórios provocando assim a entrada e saída do seu pau do corpo da Anabela. Ao mesmo tempo bloqueava-lhe a cabeça e prendia-lhe a mão, o que a deixava numa posição submissa.

Cada vez fazia menos sentido aquilo que eu estava a ver. Por momentos parecia que eu não estava do lado de trás do espelho, mas sim do lado da frente, no lugar do Henrique. Havia aspetos que nos distinguiam claramente, mas havia também semelhanças na forma como cada um era e como cada um fodia uma mulher. Nas minhas formações, por melhor que eu ensinasse e educasse os meus aspirantes a **Afonso**, as semelhanças que tinham comigo não me surpreendiam. Talvez porque era o resultado de muito trabalho psicológico que eu fazia com eles. Mas no caso do Henrique eu sabia perfeitamente que ele só estava a limitar-se a ser ele próprio. No entanto, apesar de reconhecer muito de mim nele, sentia-me tranquilo e grato por não ser como ele. Afinal, **Afonso** só há um, e assim ia continuar a ser.

O Henrique parecia estar prestes a vir-se. Tirou o pau de dentro dela, rodou-a para cima, entre as pernas dele, aproximou-se do rosto da Anabela e, apesar de não conseguir ver do ponto onde estava, já que ele estava de costas para mim, presumi que estivesse a masturbar-se para se vir para a cara dela. Assim que terminou levantou-se e foi para a casa de banho. A Anabela ficou algum tempo na posição onde ele a havia deixado e depois levantou-se, com um olho meio fechado e outro meio aberto, por causa do sémen que tinha no rosto, e tateou o quarto também até à casa de banho, indo ao encontro de Henrique.

A minha parte estava cumprida. Voltei a colocar o isolante devagarinho para não fazer barulho, repus o espelho e abandonei o 406. Assim que saí, enviei uma SMS ao Henrique.

«*Amanhã às 21h no meu gabinete. Temos muito a corrigir.*»

22

Não dissera mais nada à Inês desde que ela tinha ido embora de minha casa no domingo anterior. A verdade é que também era inútil fazê-lo, qualquer chamada ou mensagem minha que recebesse seria automaticamente ignorada. Teria mesmo de a procurar, mas também não poderia ser em casa dela, pois quase de certeza que não me abriria a porta. Sobrava o seu local de trabalho. Lá ela não podia expulsar-me, fugir de mim ou discutir comigo. E era lá que eu iria passar assim que abandonasse o escritório.

Entretanto, bateram à porta entreaberta do meu gabinete.

«Entra, Gonçalo. Senta-te», convidei ao ver quem era.

Aqueles dias antes da minha partida para uma temporada no Brasil eram também sinónimo do final de muitas formações. E o Gonçalo era um desses casos, preparando-se para saber se seria ou não considerado por mim como um dos meus discípulos. Mas aquelas minhas formações eram muito mais do que um título. Aliás, o título era até o menos importante. O verdadeiro objetivo do meu trabalho e a minha missão era transformar aqueles homens e com isso transformar a vida das mulheres que com eles interagiam. Fossem elas as esposas de uma vida ou uma mulher com quem passariam uma única noite. Dizer que eram oficialmente um **Afonso** era somente um adereço, um pormenor simbólico para os lembrar diariamente de seguirem os princípios e ensinamentos transmitidos por mim.

Deixei que o Gonçalo se sentasse, peguei numa chave e abri a gaveta do fundo da minha secretária. Tirei uma pasta e um livro, dirigi-me até ao Gonçalo e sentei-me diante dele na poltrona.

«Parece que chegámos ao fim», comecei por dizer. «Mas só da formação, porque a verdadeira viagem vai começar agora. O difícil não é começar, é continuar. É manter. Evoluíste bem desde que chegaste até mim. Vi o teu comportamento e as tuas *performances*, recolhi os teus testemunhos e hoje... hoje, repito, posso dizer que és mais um **Afonso** no mundo. Parabéns!»

O Gonçalo sorriu ao ouvir-me dizer aquilo, e eu continuei:

«Espero e acredito que, neste teu caso, possas dar uma nova vida ao teu casamento e reacender essa chama que a rotina e o conformismo estavam a abafar. Hoje és um homem com o conhecimento essencial para amares e foderes a tua mulher com a mesma intensidade. Para lhe satisfazeres não só o corpo mas também a alma, e nem só a alma mas também o corpo. Hoje és um homem que tem dentro de si as dicas necessárias para despertar o desejo na mulher que o acompanha, começando por valorizar e enaltecer o ser magnífico que ela é. Não te esqueças de que este título é uma marca invisível gravada em ti e que não deves revelá-lo à tua mulher nem a qualquer outra. Até porque terias mais a perder do que a ganhar. Como deves imaginar, elas gostam que sejas, acima de tudo, genuíno, e não seria favorável para ti que soubessem que estás a seguir uma espécie de protocolo. No entanto, o tempo tratará de cimentar aí dentro toda esta aprendizagem se, como é óbvio, fores capaz de cumprir a parte mais difícil, que é *continuar* e *manter*. Se o fizeres, com certeza que um dia será perfeitamente natural e genuíno.»

«Com certeza», afiançou.

«Agora diz comigo o lema de um **Afonso**», pedi.

«Amar a alma e foder o corpo, porque menos de tudo é nada», dissemos ambos em uníssono.

Abri a pasta que tinha no meu colo e tirei de dentro a cópia do acordo que ele se comprometia a cumprir daí em diante. Era um conjunto de pontos-guia dos quais um **Afonso** nunca se poderia esquecer e aos quais deveria ser sempre fiel.

«Tens aí a tua cópia do nosso acordo?», perguntei.

Ele abanou a cabeça e apressou-se a abrir também a sua pasta e a retirar a sua cópia. Assinámos o acordo, voltámos a recolhê-los nas respetivas pastas. Disse-lhe ainda:

«Esse é um compromisso que assumes contigo mesmo, mais do que comigo. É contigo que a partir de agora vais ter de lidar. Tu é que serás o teu maior amigo ou inimigo nesta missão. Repara que tudo isto é simbólico. Se não cumprires este acordo, não vais pagar uma multa, nem vais a tribunal, mas vais ser julgado pelo pior juiz de todos: a tua consciência. Pois ao não o cumprires vais saber que falhaste. Vais saber que fraquejaste, e teres noção dessa tua fraqueza consciente é a maior

punição de todas. Certo?»

O Gonçalo voltou a abanar cabeça, demonstrando que tinha percebido o que eu queria dizer com aquilo, e eu continuei:

«Bom, para terminar tenho este livro na minha mão», disse, batendo duas vezes sobre a sua capa dura. «Que basicamente é o livro onde estão registados os nomes de todos os **Afonsos**. Ou seja, todos aqueles que frequentaram a minha formação e a cumpriram com distinção. O próximo nome é o teu, mas antes tenho de te mostrar uma coisa.» Abri o livro e mostrei-lhe rapidamente dois nomes que estavam riscados. «Sabes porque estão riscados?»

«Provavelmente porque não cumpriram com o acordo...»

«Um deles traiu a mulher e o outro bateu na sua companheira. Isto é simplesmente abominável no meu universo e nenhum homem que faz uma coisa destas é merecedor do título de **Afonso**. Fiquei a saber disto e como tal tive de os excluir desta lista. Felizmente são exceções, e muito raras. Estou a contar-te isto só para te alertar de que, ainda que não vá andar a vigiar-te, até porque tenho mais que fazer, tenho muitos olhos e ouvidos por aí. E tenho a certeza de que não queres desiludir ninguém. Feitos os avisos e declarações finais, é a tua vez!»

Entreguei-lhe o livro para a mão, ele assinou o nome completo, pôs a data, rubricou à frente e eu rubriquei a seguir. Entregou-me o livro e levantei-me logo a seguir.

«Vemo-nos por aí», disse-lhe por fim.

Sorri, apertei-lhe a mão e vi-o sair. Voltei a guardar a pasta e o livro na gaveta, olhei o relógio e verifiquei que ainda tinha uns minutos livres antes da chegada do Henrique. Aproveitei e fui até à receção conversar com a Susana e avaliar o ponto da situação.

«Novidades para mim?», perguntei ao mesmo tempo que pousava os cotovelos sobre o balcão e me debruçava sobre ele.

«Por acaso tenho aqui uma informação da direção...»

«Sobre a Susana», interrompi para esclarecer.

«Ah bom...», ficou pensativa por um segundo. «Por acaso tenho. Acho que o **Afonso** me deu o abanão que me estava a fazer falta. Não quer dizer que as minhas questões se tenham resolvido de um momento para o outro, mas a verdade é que comecei a ver as coisas e a ver-me a mim de uma forma diferente. Uma forma que quero continuar a alimentar

daqui para a frente. Mas isto ainda é tudo muito estranho para mim.»

«O que é que mudou exatamente?», insisti.

«Não sei ao certo, como disse, ainda é tudo muito estranho, mas acho que comecei a valorizar-me mais, a aceitar-me mais, a compreender-me mais e a exigir mais. Não é nada fácil ser mulher, **Afonso**, principalmente nesta idade...»

«Eu sei disso! E por isso é que a Susana não pode, de maneira nenhuma, desperdiçar a minha passagem pela sua vida. Deve aproveitar bem aquilo que aconteceu e ouviu de mim para alavancar a sua autoestima e confiança. Porque provavelmente nunca mais encontra ninguém como eu. É uma fase que está a passar, já se sabe, mas é importante não se deixar levar por ela, porque a Susana...» Olhei à volta para confirmar que não estava ninguém por perto e baixei o tom de voz. «Porque a Susana ainda quer e pode foder como se tivesse vinte anos. Porque a Susana ainda quer e pode fazer loucuras com esse corpinho e esse espírito que ele carrega como se fosse uma adolescente. Se agora tem de fazer tudo com outro cuidado por causa da família, trabalho, etc.? Talvez, mas não continua a ser nenhum impedimento. Até porque o maior impedimento está nessa cabecinha.»

«Sim, eu sei, e já comecei a abrir os meus horizontes, confesso. Ai meu deus! Nem acredito que estou a ter esta conversa. Ainda por cima com um homem como o **Afonso**...»

A Susana desviou o olhar, envergonhada.

«Acho que esses complexos já não fazem sentido entre nós. Não acha, Susana? O meu papel na sua vida não é o de a roubar ao seu marido. Já percebeu isso, não percebeu? Por isso pode estar à vontade para falar nestas coisas. O meu papel é somente o de lhe abrir a mente para não se deixar sufocar pelo tempo, pelas obrigações, enfim... pela própria vida. Eu não cheguei há muito tempo aqui a estes escritórios e não sei se ficarei cá por muito tempo. A qualquer momento os nossos caminhos podem separar-se e quero ter a certeza de que a minha passagem pela sua vida não foi inútil.»

«E não foi!», disse sem perder tempo. «Tudo o que o **Afonso** me diz é muito acertado, e como lhe disse eu mudei mesmo a minha forma de ver a vida, de me ver a mim e às outras pessoas. Só preciso é de me manter neste caminho.»

«E o seu marido tem-se portado bem?»

«Tenho puxado por ele...», disse com um sorriso atrevido.

«Linda menina», devolvi-lhe o sorriso.

Fomos interrompidos pela campainha do escritório, a Susana atendeu e depois clicou no botão para a porta se abrir. Era o Henrique, que aguardava do lado de fora. Voltei a lançar um sorriso à Susana e fiz sinal ao Henrique para que me seguisse.

«Com que impressão ficaste da noite de ontem?», comecei por perguntar assim que eu e ele nos sentámos.

«A melhor possível. Ela portou-se muito bem. Da minha parte também acho que fiz tudo como devia. Como sempre faço, e ainda nenhuma se queixou. Não ia ser a Anabela.»

«E já te questionaste porque é que nunca se queixaram?»

«Porque nunca lhes dei razões de queixa.»

«E não será antes porque adotas sempre uma postura dominadora, de quem sabe muito bem o que está a fazer ao ponto de não só fazeres a outra pessoa acreditar que os teus erros não são erros mas também ao ponto de intimidares a outra pessoa a não apontar as tuas falhas? Já ponderaste essa hipótese?», perguntei.

«Nunca ponderei porque não faz qualquer sentido», respondeu com a sua arrogância natural.

Não quis insistir para não ir por caminhos que não me interessavam. Além disso, ele nunca iria admitir o que eu tinha sugerido.

«Muito bem, adiante. Vamos falar da tua *performance* de ontem e no que é que ela corresponde ou não ao que é ser um **Afonso**. No que respeita à intensidade e agressividade no sexo... perfeito. Nota dez. Mas falhaste em quase tudo o resto.»

«Falhei em quase tudo? Não percebo em quê, sinceramente. Se eu me satisfiz e ela se satisfez, em que é que falhei?»

«Falhaste exatamente no ponto em que nunca poderias ter falhado. Falámos disso no exame teórico que fizeste aqui mesmo. Sim, tu vieste-te, isso é um facto, mas não sabes até que ponto satisfizeste a Anabela. As mulheres não funcionam como os homens e não é pelos gemidos que ela deu nem pelo suor da pele dela que vais avaliar se ela se satisfez como deve ser. O que quero dizer é que foste egoísta. A única coisa que pedi para não seres, a única coisa que um **Afonso** não é num

quarto com uma mulher!»

«Egoísta? Fui dominador. Como um homem tem de ser. Elas gostam de ser submissas na cama. Gostam de ser fodidas à bruta, completamente amassadas e penetradas com força por um homem que saiba por onde as levar. Que saiba agarrar nelas.»

«Não venhas ensinar a missa ao padre!», endureci a voz. «Não é isso que está em causa. Não é a tua postura de dominador nem tão-pouco a tua brutalidade. Acabei de dizer que estiveste bem nesse aspeto, mas ser dominador não implica ser egoísta. As mulheres gostam de tudo isso que disseste, mas também gostam de ser o centro das atenções. Por mais que gostem de ser fodidas até ficarem que nem uma boneca de trapos, elas não são uma boneca que tu usas e guardas no armário para usares mais tarde. E aquilo que fizeste com a Anabela foi isso. No sentido de quase nem a teres considerado no sexo. Ou seja, ela em momento algum foi o teu objetivo naquele quarto, ela foi um meio que usaste para atingir o teu objetivo. Que era vires-te sem ser manualmente. De uma forma resumida, foi isto que aconteceu. Não estou a dizer que não foi bom para ela, ou que não gostou. Isso só ela pode dizer. Até porque as mulheres são muito diferentes umas das outras. Contudo, pertencem ao mesmo género da mesma espécie e haverá sempre alguma coisa em comum a todas elas. É sempre a partir daí que se começa. Depois, à medida que se vai conhecendo a pessoa, vai-se adaptando os conhecimentos e as técnicas. Não estou a dizer que não foste bom, estou a dizer que não foste tão bom como podias ter sido se quisesses. Um **Afonso** faz sempre o melhor que pode porque quer sempre o melhor e quer sempre melhorar. As mulheres gostam de dar prazer, mas também gostam de o receber. O mal é que, pelos vistos, tu dominas as mulheres de tal forma que elas nem se conseguem impor para exigir, durante o sexo, que tu retribuas o prazer que recebeste. E sim, estou a falar do sexo oral que recebeste, mas não deste. Que estupidez foi aquela?»

«Passo isso à frente, não gosto.»

«Mas gostas que ela te chupe, não é? E pelo que vi ontem, por ti passavas a noite toda a olhar para o teto enquanto ela te chupava.»

«Pá... não sei. Tenho nojo, sei lá!»

«Eu não estou a ouvir isto...», suspirei e recompus-me na poltrona.

«Toma. Lê em voz alta o mandamento n.º 46», disse, entregando-lhe o livrete com os meus cem mandamentos.

Ele leu-o em silêncio para si.

«Em voz alta!», insisti.

«Não sejam nojentinhos: os sexos não se vão chupar sozinhos», citou o Henrique com cara de enfado.

«Se tens nojo, vai chupar um gelado e deixa isto para quem percebe e gosta. Se tens nojo, aprende a ultrapassá-lo. Se não gostas, aprende a gostar. Não estou a dizer que tem de ser sempre, tal como ela não tem sempre de te chupar o pau, até porque não vão gravar um filme porno de cada vez que vão foder, mas ontem estava mesmo a pedir. Ontem reuniam-se todas as condições e saltaste essa parte à frente. Tens de aprender a sentir prazer ao dar prazer também. E tu, pelos vistos, só és capaz de sentir prazer se te derem prazer. Um **Afonso** não é assim.»

«Isso é um pormenor. Não belisca em nada a minha *performance*. Não fiz isso, mas compensei por outro lado.»

«Não belisca? Foi só a maior facada que deste na tua *performance*. Exigiste algo e não retribuíste. Isso é puro egoísmo. Uma atitude profundamente reprovável no meu universo. Lê o mandamento n.º 61», pedi-lhe.

Ele procurou-o no livrete e leu-o de novo em silêncio.

«Em voz alta!», voltei a insistir.

«Não exijas nada a alguém que não sejas capaz de fazer por essa pessoa também», citou sem me encarar.

«Entendeste o que quis dizer com essa mensagem, certo? Devias ter estudado bem melhor os mandamentos e não só tentar decorá-los. Espero que em relação a este tema estejamos entendidos. Contudo, lamento informar, mas as críticas não ficam por aqui. Um tipo que *salta*, como dizes, o sexo oral e, por isso, a mulher já não estava no auge da sua lubrificação e depois a penetra logo a fundo e a todo o gás como fizeste, quase podia ser considerado criminoso. Além de teres sido egoísta, foste impaciente. Mais um aspeto totalmente incompatível com aquilo que são as minhas ideologias. Essa abordagem faria sentido noutra circunstância em que o tempo não seria muito e por isso tinha de ser uma rapidinha, mas não era o caso. E não estou a ser pacífico contigo nesta observação porque fizeste o que fizeste não por ignorância

da tua parte, mas sim por idiotice. Porque foste para lá mais preocupado comigo e contigo quando o teu foco devia ser a mulher que te acompanhava.»

O Henrique estava a ficar visivelmente incomodado e ardia cada vez mais à medida que o ia queimando com as críticas. Não abriu a boca para contestar o que eu dizia. Continuei:

«Mas não se ficam por aqui as tuas manifestações de egoísmo. Estavas sempre focado no teu pau a entrar e a sair dela. Ou seja, mais orgulhoso do que talentoso. Não a beijaste uma única vez, e se bem me lembro também não te ouvi gemer vez nenhuma.»

«Desculpa lá, mas isso já roça o ridículo...»

«Ah! E para finalizar», interrompi, «vieste-te para a cara dela e desapareceste para a casa de banho sem sequer te preocupares em trazer-lhe qualquer coisa para limpar o que tu sujaste.»

«Isto é simplesmente ridículo. Com uma ou outra coisa ainda posso concordar, agora vires falar-me de que não a beijei ou que não gemi? Mas isso faz alguma falta para foder uma mulher em condições?», perguntou com ar desafiador.

«Achas que uma mulher não gosta de ser beijada quando está a ser penetrada? Beijar a mulher demonstra atenção, demonstra afeto por ela. Aquilo que fizeste, resumidamente e usando as palavras que têm de ser usadas, foi bater uma punheta, mas com o corpo de uma mulher em vez de uma mão. Só te concentraste no sexo dela e esqueceste-te do resto do corpo. E uma mulher é muito mais do que um par de mamas com pernas e buracos. É essencial que um homem não se limite às partes mais óbvias quando há tantas zonas sensíveis no corpo delas e tantos pormenores que podem fazer a diferença. Foste demasiado objetivo. Fizeste dela um autêntico objeto, e não foi no melhor sentido da palavra. E a questão do gemer é mais do que óbvia. Não percebes que a mulher vai sentir muito mais prazer ao perceber que tu também estás a sentir prazer por estares dentro dela? Tu também não te sentes muito mais confiante quando ela geme com intensidade? Gemer é um estímulo psicológico fundamental. Não podes ignorar o poder que tem a audição no sexo.»

«E eu ia gemer só porque sim, porque ficava bem?»

«Não é uma questão de fingir orgasmos ou essas coisas, é uma

questão de te libertares. Se calhar não sentes necessidade ou sentes-te intimidado por gemeres, como se isso fosse uma função da mulher, e é precisamente essa barreira que tens de ultrapassar. Porque ela quer perceber que tu também estás a gostar e que ela não está a foder com um robô sexual, tal como tu não estás a foder uma boneca insuflável. Foi nestes pormenores que falhaste redondamente.»

«Desculpa, mas não concordo com essas coisas.»

«Pronto. Estamos conversados. Ficamos por aqui. E não estou a falar da sessão. Estou a falar da formação.»

Levantei-me e dirigi-me para a porta, dando-lhe a entender que estava na hora de abandonar o gabinete.

«Espera!», disse ele mais calmamente. «Se calhar foi porque não estava tão à vontade. Afinal de contas, era a primeira vez com ela e não sabia como ela funcionava. Como disseste há bocado, à medida que se vai conhecendo vão-se adaptando as técnicas...»

«Se não sabias, jogavas pelo seguro, que era fazer exatamente aquilo que eu te disse. No dia do teu teste teórico aqui, eu disse-te que o sexo de um **Afonso** seguia um padrão. Cada foda era uma foda, mas todas elas eram fiéis a um determinado modelo. E todos estes aspetos que referi fazem parte dele. Principalmente a questão do sexo oral. Salvo raras exceções é que podes prescindir dele. E estou a falar de dar, não de receber. Podes fazer o que quiseres e onde quiseres. Beijas mais aqui e menos ali. Mordes mais aqui e menos ali. Dás preferência a uma ou outra posição. Fazes o que quiseres, mas dentro dos moldes do que é uma foda à **Afonso**, que é respeitando os pontos que nomeei nesta conversa de hoje. As fodas de um **Afonso** têm a sua marca. Quero ouvir um relato de um momento de sexo teu e ser capaz de dizer que é um **Afonso** que está ali a foder. Como é óbvio, não estou a dizer que vai ser sempre igual, longe disso, mas há um estilo próprio. Entendes?»

«Tens razão. Já percebi. Peço-te só mais uma oportunidade. Tenho uma amiga colorida, e nós costumamos estar juntos de vez em quando. Talvez com ela seja mais fácil eu mostrar o meu melhor, pois já a conheço e damo-nos bem na cama.»

Respirei fundo e deixei-me contagiar pela sua calma para não tomar nenhuma decisão precipitada e tentar dar-lhe uma nova oportunidade, e tal como ele me pedia.

«Tudo bem», suspirei. «Depois combinamos uma nova ida ao 404. Aguarda uma chamada minha. Podes ir.»

Deixei-o sair e arrumei as minhas coisas rapidamente, pois já estava atrasado para ir ao encontro da Inês. Assim que me preparava para sair da secção de escritórios, a Susana chamou por mim:

«**Afonso!** Desculpe! Há bocado, quando me perguntou pelas novidades, era para lhe dizer, mas entretanto mudou de assunto, chegou o seu cliente e já não consegui. Lembra-se de quando chegou aqui aos escritórios eu lhe ter dito que todos os anos por esta altura se organizava uma espécie de jantar de gala com os funcionários dos escritórios pertencentes ao mesmo grupo que estão espalhados pelo Porto?»

«Sim, lembro-me. Diga.»

«Pronto, na altura disse-me que não era muito de conviver com os colegas no trabalho e que preferia resguardar-se, e por isso disse-me logo que não era um encontro para si. Mas ligaram-me da administração para recolher as confirmações junto dos clientes e tinha de lhe perguntar.»

«Quando é que é esse jantar?», perguntei.

«De sábado a oito dias.»

«É mesmo no sábado antes de eu partir para o Brasil.»

«Vem mesmo a calhar, então», observou a Susana. «Seria uma boa despedida para o **Afonso**. Posso confirmar?»

«Não! A Susana é a única pessoa com quem me dou de todos esses escritórios que a gerência possa ter, e vai continuar assim.»

Lancei-lhe novamente um sorriso e fui-me embora, seguindo viagem até ao NorteShopping.

Assim que cheguei à Zara entrei normalmente na loja, comecei a procurá-la e, quando a vi, dirigi-me até ela sem me preocupar se me via antes do tempo. Assim que cheguei perto, ela viu-me e rapidamente um olhar de admiração e cólera apoderou-se dela.

«O que é que estás aqui a fazer?!», perguntou.

23

«Já é a terceira ou quarta vez que me perguntas isso. Parece que sou mesmo bom a surpreender-te», observei.

«Bem dizias tu que era uma habilidade tua. Tanto pela positiva como pela negativa», disse, arregalando-me os olhos.

A Inês começou a caminhar até ao outro lado da loja, onde parou para dobrar umas calças pousadas sobre uma banca. Eu segui-a até lá e continuei a falar com ela.

«Porque é que em vez de aproveitares o tempo que ainda tenho antes de ir para o Brasil decides usá-lo para estares de costas voltadas para mim?», perguntei.

«Eu não te culpo, sabes? Não tenho como te culpar porque nunca me prometeste nada nem nunca me mentiste. Tu sabias muito bem o que estavas a fazer, mostraste só a parte da verdade que te interessava para cumprires o teu propósito de me conquistares e de me levares para a cama, e se houve alguma coisa que interpretei mal foi culpa minha. Bem jogado, **Afonso**. Parabéns! Desde a primeira vez em que me falaste lá no parque sabia que tinhas a escola toda. Sabia que sabias muito bem o que fazer para chegares onde querias. Toda a tua confiança não poderia vir do nada. Mas pronto, que vou eu fazer? Tenho queda para tipos assim», olhou-me com desprezo. «E pelos vistos eles têm queda para mim também. Como disseste, e se calhar bem, sou uma presa fácil, não é? Só não entendo porque é que te deste a todo este trabalho sabendo que não lhe poderias dar continuidade. E não faz sentido que fosse pelo sexo, porque um homem como tu de certeza que estala os dedos e tem as mulheres que quiser. Não entendo, mas tudo bem, afinal foi só um mesito. Pelo menos foi mais divertido do que os anteriores, e tenho de te agradecer por isso. Agora vais embora, provavelmente não volto a ver-te, pelo menos não tão cedo, e em dois tempos esqueço-te. Faz-me lembrar aquelas paixonetas de verão. Foi bom, mas como deves imaginar já não temos idade para isso.»

«A situação é muito complexa...»

«Mas que situação? Complexa como? A mim parece-me bastante

simples: tu vieste, tiveste o que querias e agora vais embora. Queres mais simples do que isto?»

«Não foi nada disso! Ou pelo menos do jeito que queres fazer parecer. Eu vim, dei-te aquilo de que precisavas e agora vou-me embora porque as circunstâncias também a isso me obrigam.»

«Deste-me aquilo de que eu precisava? Achas que eu precisava de mais uma desilusão?»

«Eu não fui uma desilusão para ti. Uma desilusão é algo mau. E eu não fui um acontecimento mau na tua vida. E não é por ir embora que a minha passagem pela tua vida passará a ser má. Se usares um pouco a cabeça vais perceber isso, ainda que não queiras. Tens de aprender a valorizar mais aquilo que é e menos aquilo que podia ser e não é. Independentemente das razões. Não podes dizer que não valeu a pena só porque acabou. Não é a eternidade que define se algo é bom ou mau, é a intensidade. Este é um dos meus princípios. Há muitas mulheres e muitos homens que passam uma vida inteira monótona ao lado de uma pessoa, e essa vida inteira não consegue valer tanto como se calhar uma paixão que viveram num verão qualquer das suas vidas. Tudo aquilo que viveste comigo, seja isso muito ou pouco, foi bom! Foi muito bom! Isso é o que conta. Isso é o que fica para a história. Independentemente do que venha a acontecer, isso já não podes mudar, já é teu, já te pertence! E se não vives mais, não aproveitas mais é porque estupidamente estás a antecipar um fim só porque sabes que não vai durar o tempo que achas que deveria durar para valer a pena.»

A Inês empurrou-me para trás e contornou a banca, indo arrumar as calças no lado oposto de onde eu estava.

«Não te posso dar ouvidos, estás outra vez a tentar dar-me a volta à cabeça e já conheço bem o teu poder persuasivo. Não posso deixar.»

«Não podes deixar porquê?», perguntei assim que me aproximei de novo dela. «Não vês que ganhavas muito mais se deixasses? Perdido por cem, perdido por mil. O mal já está feito! Agora só te resta ir até ao fim e viver tudo o que há para viver. Como digo num dos meus mandamentos: não deixes que o depois te roube o agora. Estás a fazer exatamente o oposto!», alertei.

«Outra vez com essa história dos mandamentos? Que mandamentos são esses, afinal?», perguntou, voltando-se para mim.

«É um conjunto de valores pelos quais rejo a minha vida, mas isso não importa agora. Um dia vais entender tudo isto que está a acontecer e tudo isto que te estou a dizer e perceber que te fez mais bem do que mal. Talvez até me agradeças.»

«Só podes estar a brincar comigo. Agradecer-te pelo quê? Por teres entrado na minha vida pela porta da frente e à força toda, teres-me dado duas ou três fodas e a seguir teres saído pela janela?»

«Não me reduzas a duas ou três fodas bem dadas», disse-lhe por entre os dentes. «O meu sexo é muito mais do que sexo, é uma mensagem. E muito poderosa. Se fosse só sexo não tinhas levado aquela moeda embora quando saíste de minha casa.»

«Entende como quiseres, **Afonso**. Conheces muito bem as mulheres, mas pelos vistos ainda não percebeste que elas pensam sempre a longo prazo. Elas estão hoje aqui, mas já a pensar no que vais acontecer daqui a cinco anos. Quando é que se vão casar, quantos filhos vão ter, como é que tudo vai ser. Imaginam-se já velhinhas ao lado do amor da vida delas. A mulher vive constantemente vinculada a um sonho e à hipótese de um para sempre. Aquilo que me pedes não tem só de vencer a minha vontade, tem de vencer a minha natureza. Por isso acho que estás a perder o teu tempo.»

«Percebi sim, e é por isso que ficam com remorsos de não terem vivido o que podiam viver por causa do medo da culpa, do medo de sofrerem e do medo de se arrependeram. Acabam por não viver bem por causa daquilo que ficou, daquilo que não chegou a ficar por não terem aproveitado quando podiam aproveitar. Depois têm de suportar o peso desse vazio. Não querem hoje porque não vão continuar a ter amanhã, e assim acabam por nem ter hoje nem amanhã. É precisamente essa forma de pensar que quero mudar em ti. Não que eu tenha esse direito e tu essa necessidade, mas se pensares um bocadinho vais perceber que viverás muito mais e melhor se souberes quando aplicar esta lei. Agora é um desses momentos, até porque sabes bem que há oportunidades que não se repetem, e eu sou uma delas.»

«E eu já aproveitei, não? Sim, foi bom, foi bonito, mas acabou. Tu entraste por tua vontade, e saíste por tua vontade. Se querias que eu aproveitasse mais, não fosses embora. Se não querias que eu decidisse deixar de aproveitar, não tivesses chegado.»

Olhei em volta para confirmar que ninguém nos estava a encarar e respondi-lhe:

«As coisas aconteceram desta forma, e neste momento, agora cabe a cada um saber lidar com isso da melhor maneira. E tu não estás a saber fazê-lo. A vida é demasiado curta para a desperdiçares assim. Se nos vamos afastar por forças exteriores, deixa que sejam elas a pôr um fim. Não te adiantes à vida. Agora para de dobrar essas calças que já é a terceira vez que o fazes.»

«Se não estivesses aqui a distrair-me, não era nada disto. Está na hora de ires embora. Ainda vou arranjar problemas por tua causa. Já estamos a falar aqui há demasiado tempo. Além disso, esta conversa já se está a tornar repetitiva. Andamos sempre à volta do mesmo!», reclamou disfarçadamente.

«Imagina só de quem é a culpa...»

A Inês pousou as calças que tinha na mão sobre um monte de roupa e começou a organizar uns casacos. Eu fui de novo para junto dela e comecei também a mexer nos casacos pendurados nos cabides para fazer de conta para quem nos pudesse estar a ver que a nossa longa conversa era sobre roupa, e continuei:

«Se eu fosse embora agora mesmo, não terias problemas com o gerente da loja, mas terias com a patroa que está dentro dessa tua cabeça, pois tenho a certeza de que não ias ficar bem contigo mesma. Mandas-me embora contra a tua vontade e lutas contra ela para não cederes ao teu instinto. A tua atitude voltou a ser aquela que tinhas há uma semana, o problema é que o tempo não voltou uma semana atrás, e enquanto isso aconteceram coisas muito difíceis de esquecer. Neste momento estás a descer uma montanha e atrás de ti vem uma avalancha. É inevitável seres apanhada por ela e só te restam duas opções: ou te atiras para o chão já e antecipas esse acontecimento, ou continuas a desfrutar da descida um pouco mais até que ela te apanhe quando conseguir. E tu estás a escolher a primeira opção. A pior de todas.»

«Tu e as tuas analogias...», murmurou.

«É para te fazer ver as coisas como elas são. Às vezes as palavras não chegam e preciso de uma imagem. Dou-te mais uma: isto que está a acontecer entre nós foi uma laranja que a vida te deu e que tu

escolheste não espremer toda. Mas o tempo dela passa. O sumo acaba. E não sabes quantas mais laranjas a vida te vai dar.»

A Inês soltou um suspiro, baixou a cabeça e eu percebi que tinha concordado em silêncio comigo. Estava quase a fazê-la virar para o meu lado e não podia amolecer a minha abordagem naquele momento sob pena de ela voltar a ligar o botão da razão.

«Desculpa por não te conseguir prometer a eternidade», continuei a dizer. «Desculpa por não te poder garantir que amanhã ainda aqui estou ou que vamos ser felizes para sempre. Sabes que sou efémero. No fundo sempre soubeste. Sabes que mais tarde ou mais cedo vai doer, mas vamos deixar de viver hoje só porque amanhã pode não haver nada para viver? Vamos deixar de aproveitar só porque sabemos que o mais certo é não continuar? Diz-me, sinceramente, se isto faz algum sentido», disse-lhe com o rosto quase colado ao seu.

«Não! Não faz sentido, mas também não fazia sentido teres começado uma coisa que sabias de antemão que não teria continuação e, no entanto, não deixaste de a fazer. Muito pelo contrário, empenhaste-te muito até. Então não tentes usar o sentido das coisas como argumento!», disse, de olhos lacrimejantes, dando-me a entender que estava a conter um grito de raiva e ao mesmo tempo a vontade de me beijar naquele instante.

«Não te posso culpar por essa decisão. Pela decisão de te resguardares e de te protegeres porque sei que já passaste por muito com aqueles que vieram antes. Sei bem quem sou e sei que estares próxima de mim implica viveres constantemente um dia no inferno e outro no céu. Não sou tão mau ao ponto de não saber o que é melhor para ti. Não sou tão egoísta ao ponto de não te dizer que não tens de te afastar para o bem do teu equilíbrio e sanidade mental. Mas também não sou tão humilde ao ponto de não te dizer que te posso dar o que mais nenhum homem pode. Que comigo viverás o que nem em sonhos consegues com outros. Talvez exista em mim um **Afonso** efémero que não foi feito para ficar por muito tempo. Mas esse nunca será maior do que o **Afonso** profundo e intenso que quando está... está todo, inteiro, completo. Não será isso, no final de contas, o mais importante?»

«Raios!», vociferou. «Como é que consegues usar as palavras tão bem? Por mais que queira contradizer-te não consigo! Que raiva que isto

me mete!»

Vai, está quase, tu consegues, companheiro!

«Perdoa-me a estabilidade que não te consigo dar. A segurança que não podes ter comigo e as incertezas que o meu universo te traz. Perdoa-me as perguntas demasiadas sem resposta, os vazios do meu passado e essa angústia que te estou a fazer passar. Perdoa-me por tudo aquilo que sou e não devia ser e por tudo aquilo que podia ser e escolho não ser. O bem e o mal estão demasiado equilibrados dentro de mim. O céu a um passo do inferno, a dor misturada com o prazer e nós os dois no meio de um furacão onde o dia de amanhã é uma incerteza absoluta. Sabes pouco de mim e não te posso jurar que sei mais do que tu, mas posso garantir-te que, do pouco que sei, sei que nunca te provocaria uma dor que eu sentisse que não valeria a pena, nem nunca faria o que quer que fosse se não acreditasse que seria para o teu bem. Por isso, se te digo que deves aproveitar o tempo que tens comigo até às seis da manhã da segunda-feira em que parto para o Brasil, é porque é mesmo aquilo que deves fazer. E no fundo sabes isso porque...»

O meu discurso foi interrompido por alguém que chamou pela Inês ao fundo da loja junto às caixas.

«Obrigada, meu deus», disse ela erguendo as mãos, «por não me deixares cair em tentação. Tenho de ir...»

Fiquei parado a vê-la a afastar-se e, momentaneamente, um sentimento de raiva apoderou-se de mim por aquela pessoa que a chamou. Estragara-me, ainda que sem querer, todo o esforço que fizera a persuadi-la a fazer o que eu acreditava mesmo que era o que devia ser feito, e tinha de encontrar rapidamente uma solução, até porque não podia simplesmente ir-me embora.

Reparei que a tinham chamado para ir para os provadores, onde ficará à entrada a recolher roupa, e tive uma ideia. Peguei na primeira camisa preta que encontrei e dirigi-me aos provadores. Assim que passei por ela ergui a camisa e disse-lhe:

«Vou experimentar esta.»

Ela ficou a olhar admirada para mim e eu fui até ao provador do fundo, verificando pelo caminho que só o primeiro estava ocupado. Entrei no provador e deixei a cortina aberta. Alguns segundos depois, ela chegou à minha beira.

«Vais experimentar uma camisa de mulher?», perguntou. «Não sei se reparaste, mas esta loja só tem roupa de mulher.»

«Bem... não estava à espera de que aparecesses tão depressa.»

Agarrei-a pelo braço, puxei-a para dentro do provador e corri a cortina. Encostei-a à parede e atirei-me ferozmente à boca dela, deixando-a completamente sem reação. Libertei-lhe a boca para começar a beijar-lhe o pescoço, e ela murmurou:

«Oh meu deus...»

Agarrei no rosto dela, olhei-a e disse-lhe:

«Não precisas de chamar por ele. Eu mesmo te levo ao céu.»

Voltei a beijá-la com a língua toda, e ela rapidamente libertou o desejo que reprimia através das suas mãos, que começaram a percorrer-me o corpo desde o pescoço até ao rabo. Agarrei nela pelo fundo das costas com um braço e pressionei-a ainda mais contra mim. Com a outra mão agarrei-lhe no rabo e apertei-o por cima do tecido fino e deslizante das calças que trazia vestidas. Subi a mão junto ao corpo dela pelo lado da frente até lhe chegar aos seios, e comecei a acariciá-los.

«Não posso, **Afonso**...», sussurrou com a boca colada à minha.

«Cala-te!», ordenei por entre os dentes.

Rodei-a de costas para mim e encostei o rosto dela à parede. Agarrei-a pelo fundo da barriga e apertei-a contra o meu corpo, fazendo-a sentir o meu pau duro e desejoso junto ao seu rabo. Afastei-lhe o cabelo do pescoço e aproximei a minha boca, deixando-a sentir a minha respiração e fazendo-a vibrar por dentro. Dei-lhe uma mordida entre o ombro e o pescoço, e ela estremeceu. Levou uma das mãos até à minha cabeça e puxou-me o cabelo, o que me deu ainda mais vontade de a foder contra aquela parede naquele exato momento e sem me preocupar com mais nada. Continuei a segurá-la firmemente contra mim enquanto o seu rosto permanecia encostado à parede, e voltei a deslizar a minha mão pela barriga dela até chegar de novo aos seios, envolvendo-os por cima da roupa. Ela rodou o rosto ligeiramente para mim para me procurar a boca e eu dei-lhe um beijo. Enquanto isso, ela empurrava o rabo para trás para sentir ainda mais a dureza do meu sexo cheio de vontade de a devorar por dentro. Entretanto, o botão ligou-se, ela empurrou-me para trás e virou-se para mim.

«Não posso, **Afonso**. Este é o meu local de trabalho!»

Ficámos uma fração de segundo quietos, a olhar um para o outro, até que a ignorei, voltei a rodá-la de costas para mim, encostei-lhe o rosto à parede e disse-lhe ao ouvido:

«Mandamento n.º 5: não importa o momento nem o lugar, importa a vontade.»

Assim que terminei de citar aquela minha lei, pressionei-a contra a parede com o meu peito, para ficar com as mãos livres, e comecei a abrir-lhe as calças enquanto arfava junto ao seu ouvido. Ela permaneceu imóvel durante algum tempo, provavelmente em choque ao perceber o que estava prestes a acontecer ali naquele metro quadrado. A adrenalina tinha-se apoderado por completo dos nossos corpos como se fosse uma droga alucinogénia, e dali em diante seria o instinto animal a tomar conta do assunto.

Desci-lhe as calças até meio das coxas com um esforço extra para vencer a curvatura do rabo dela e a seguir desci-lhe as cuecas deixando-lhe as nádegas quentes ao descoberto e com certeza ávidas de sentirem o meu corpo a embater contra elas vezes sem conta. Rapidamente, levei as mãos ao botão das minhas calças, desabotoei-as e desci-as juntamente com os *boxers* até aos joelhos, para não perder tempo. O meu pau saltou de dentro da minha roupa assim que a desci, furioso, como se fosse um leão acabado de ser lançado na arena pronto a destruir tudo o que lhe aparecesse à frente. Levei a mão à minha boca para lamber os dedos e passei-os no sexo dela. Agarrei no meu pau, para o domar, meti-o por entre as suas nádegas até encontrar a porta que nos levaria ao céu e meti-o todo dentro dela de uma só vez. A Inês arregalou os olhos e abriu a boca sem, no entanto, deixar sair nenhum som.

«Isso mesmo, nem um pio!», sussurrei.

Comecei a tirar o meu pau devagarinho até deixar só a cabeça dentro do sexo dela e voltei a metê-lo de rajada, fazendo-a sacudir o corpo com o impacto. Continuei a repetir o movimento com o mesmo intervalo de tempo e com a mesma acutilância. A Inês estremecia a cada estocada que o meu pau dava por dentro dela. Tentava manter o fundo da minha barriga sempre junto ao seu rabo, para diminuir o barulho criado pelo choque entre os dois. A Inês apoiava as duas mãos na parede e eu agarrava-me à volta do tronco dela, mantendo o seu corpo colado ao

meu enquanto a penetrava. A sua boca nunca mais se fechara desde a primeira penetração e cerrava os olhos numa tentativa de reprimir a vontade de gemer que lhe assolava cada pedacinho da carne.

Desci-lhe as mãos da parede e cruzei os braços dela atrás das costas. Agarrei-lhe nos braços, próximo dos seus ombros, e usei-os para me darem o impulso necessário para meter com mais velocidade, desta vez evitando ir até ao fundo para não bater nas nádegas dela e fazer barulho. No entanto, a dada altura ouve-se uma voz à entrada da zona dos provadores.

«Inês?!», chamava alguém, aparentemente uma colega.

A Inês soltou um guincho ao ouvir o seu nome e eu vi-me obrigado a tapar-lhe a boca com a mão. Estancámos de repente os dois e eu fiquei imóvel com o meu pau hirto dentro dela. Uma outra voz fez-se ouvir à entrada e tudo indicava que estariam pelo menos dois colegas à procura da Inês naquele momento. Mantive a mão na sua boca e continuei a meter e a tirar muito devagarinho, mas ela começou a abanar a cabeça com medo de ser descoberta, e eu voltei a parar. Quando as vozes deixaram de se ouvir, ela empurrou-me para trás, subiu a roupa num ápice, espreitou pela cortina e desapareceu. Eu subi a minha também, fiz um compasso de espera e saí, muito naturalmente, da zona dos provadores.

Fui até à caixa, troquei duas palavras com a moça que estava a atender, fiz um pagamento e abandonei de seguida a loja sem voltar a ver a Inês. Olhei o relógio e reparei que faltava pouco para ela sair. Decidi dar uma pequena volta pelo *shopping* e quando se aproximou a hora regressei e aguardei longe o suficiente da porta da loja para ela não me ver quando saísse e perto o suficiente para eu a ver. Assim que ela saiu de mala na mão, fui por trás dela e agarrei-lhe no braço:

«Vens comigo!», disse-lhe.

24

«Larga-me! O que é que estás a fazer?», perguntou a Inês ao soltar o braço da minha mão.

Parei a olhar para ela.

«Eu levo-te a casa. Anda.»

Comecei a caminhar em frente e ela ficou para trás, parada, provavelmente admirada com aquela minha abordagem. Depois acelerou o passo para me apanhar e acompanhar o meu.

«Não gosto desse tipo de atitudes de dominador. Ainda sou dona da minha vontade», reclamou a Inês.

«Tens a certeza?», perguntei sem olhar para ela.

«Olha lá, o que é que foi aquilo ali dentro?»

Voltei a parar e a olhar para ela.

«Foi uma prova de vinhos, não deu para ver?», respondi em tom jocoso antes de retomar o caminho.

«Não brinques com coisas sérias, **Afonso**!»

«Vou brincar com quais? As coisas engraçadas já têm graça, não preciso de brincar com elas», disse-lhe, mantendo a minha postura séria e serena.

«Puseste o meu emprego em risco! Tens noção disso? Não me posso dar ao luxo de o perder. Ainda mais com a humilhação de ser apanhada a dar uma queca nos provadores de roupa. Meu deus! Só agora é que estou a ter noção da vergonha que seria!»

«Vergonha era seres apanhada a roubar! E humilhação deveria ser passares uma vida inteira sem nunca teres dado uma foda num lugar fora do comum. Além disso, se o gerente ou a gerente te despedissem por causa disto, seria mais por inveja do que por má conduta profissional.»

«Mas esqueces-te de que eu era uma funcionária e tu um cliente. Para ti é fácil falar porque não tinhas a minha responsabilidade!»

«Correu tudo bem, não correu?», perguntei.

«Correu, mas ia morrendo do coração. Eram muitas sensações ao mesmo tempo. Não me voltes a fazer uma destas.»

«Ah bom. Rejubilo em saber que pelo menos ponderas a possibilidade de continuação.»

A Inês suspirou enquanto caminhava ao meu lado e percebi que a tinha apanhado em falso. E ela também.

«Fica tranquila», continuei. «*Sexo num provador de roupa* já está riscado da lista. Venham outras hipóteses», sorri.

Descemos até ao estacionamento e assim que chegámos junto do carro abri-lhe a porta. Tinha trazido o *420* e ela reparou que não era o mesmo das últimas vezes.

«Carro novo?», perguntou.

«Aos teus olhos...», respondi somente.

Entrámos no carro e arranquei.

Aquele simples abrir da porta do carro não tinha sido uma atitude de cavalheiro, mas sim de dominador. Não tinha sido um *faça o favor de entrar,* madame*,* mas um *entra e não reclames!* Tal como momentos antes quando lhe agarrei no braço e lhe disse que vinha comigo. Ou até ainda antes quando a puxei para dentro do provador. É claro que a Inês iria dizer que não gostava daquela atitude, aliás, nunca o iria admitir pelo seu orgulho natural de independência feminina. A verdade é que eram pormenores que, mais uma vez, trabalhavam na zona do invisível. Ainda que ela dissesse que não, a sua natureza ia dizer que sim, e com o toque certo a natureza acaba sempre por se superiorizar. Por isso, naquele momento, era tudo uma questão de habilidade, mais do que conhecimento.

Abandonámos o *shopping* e segui pela marginal. Rapidamente ela percebeu que aquele caminho não ia em direção a sua casa, e não demorou a questionar-me:

«Para onde é que me estás a levar?»

«Lembras-te de quando apareci em tua casa de surpresa?»

«Óbvio! O que é que isso tem que ver?»

«E lembras-te porque é que fui lá?»

«Claro que me lembro. Foste lá roubar-me um beijo.»

«Pois, isso foi o preço a pagar por teres recusado o convite que te fiz para te levar a um sítio especial.»

«Deixa-me adivinhar: estás a levar-me para lá neste momento, não é? Não disseste que me ias levar a casa?»

«Claro que disse. E vou levar-te a casa. Pois cumpro sempre com a minha palavra. Mas não já.»

«Claro, e como não aceito os teus convites, tu decides obrigar-me. Meu deus, **Afonso**! Custa-te assim tanto pores as tuas vontades de parte e começares a aceitar as minhas?»

«Meu deus digo eu, e sou ateu. Se o teu coração sabe que a tua boca anda a dizer essas barbaridades, ainda vais arranjar sarilhos. A tua vontade estará sempre em primeiro lugar para mim, mas é quando ela vem do coração e não da boca para fora. Por isso, dizeres-me que não queres e não dizeres nada acaba por ser o mesmo. Já reparaste que passas mais tempo a reclamar e a lamentar do que a aproveitar aquilo que tem de ser aproveitado?»

«Outra vez esta conversa? Não aproveito porque se calhar não tem de ser aproveitado!»

«O ter de ser é responsabilidade da vida, não tua! A ti compete-te somente aproveitar as oportunidades que ela te dá. Depois o resto é responsabilidade da sorte e do destino. Não queiras fazer o trabalho dos outros. Foca-te no teu e já não é pouco!»

A Inês remeteu-se ao silêncio, porventura a pensar numa boa forma de me contradizer. Uma atitude que, de resto, tomava muitas vezes, o que só denunciava a sua dificuldade em arranjar argumentos para contrapor as minhas ideias e ao mesmo tempo continuar a enganar-se a si própria e a justificar forçosamente a sua posição. A Inês era mais resistente (para não dizer teimosa) do que eu previra. No fundo, toda a aquela renitência e luta interior duravam desde o primeiro minuto em que me cruzara com ela, e não tinha a certeza se tinha melhorado ou piorado. Do que eu tinha a certeza era que nunca nenhuma mulher me havia dito tão bem não e sim ao mesmo tempo como a Inês tinha conseguido fazer.

Estávamos a chegar ao farol onde eu pretendia levá-la. Era um lugar bonito, especialmente à noite (embora isso seja um pouco suspeito em mim), e no verão ainda mais. Estava uma noite quente e por isso perfeita para parar por lá a ouvir o mar e sentir a lua. Não tinha saído do escritório com a intenção de a levar lá, mas graças ao que tinha acontecido na loja aproveitei a ocasião. Aliás, não podia desperdiçar aquela noite para virar definitivamente as velas do barco dela a favor do

meu vento.

«Tudo isto é novo para mim», desabafou. «Eu não sou destas coisas. Não sou de relações temporárias. Não me revejo nestes comportamentos de andar a ter sexo com um homem que sei que não vai ficar comigo. Aliás, que nem sequer vai ficar. Vai literalmente embora. Esta situação deixa-me desconfortável, porque nem pareço eu. Nunca me passaria pela cabeça dar uma no meu local de trabalho. Não quer dizer que não tivesse esse e outros fetiches. Mas uma coisa é imaginar e sonhar com isso, outra é fazer. Em condições normais nunca teria coragem. Por isso não sei o que se passa comigo. Estou a ficar louca. Só pode...»

«Não estás louca. Estás viva. E nem todas as mulheres se podem gabar disso. No fundo não estás diferente. Apenas estás a ser tu mesma. Estás a descobrir uma parte de ti que se calhar nunca nenhum dos homens que tiveste na tua vida soube explorar. Sê bem-vinda ao meu universo. Aqui nenhum fetiche fica na gaveta.»

«Não sei se o problema era meu ou dos homens que tive, mas se é como dizes, então sou uma mulher muito estranha...»

«Não és nada estranha. Que estupidez! Tu não és assim tão especial, lamento informar-te. No entanto, o que te estou a dizer é uma boa notícia. Achas mesmo que só tu é que tens fetiches? Só tu é que tens desejos estranhos e vontades fora do comum, em género e intensidade? Não és assim tão especial. E ainda bem. Mas tal como muitas outras mulheres, acreditas que não podes viver e aproveitar os prazeres do mundo porque é supostamente errado. Errado é acreditares que aquilo que acontece contigo só te acontece a ti e isso te levar a acreditar que és estranha ou que estás a ficar louca. Ou começares a pensar que se alguém descobrir o que andas a fazer seria o fim do mundo. O fim do mundo é não aproveitares a tua vida intensamente só pelo que alguém, que nunca chegará a saber o que tu fazes ou deixas de fazer, pudesse pensar a teu respeito. O verdadeiro erro é não saciares as tuas vontades!»

«Para de ter razão. Raios!»

«Então para de tentar debater comigo, porque vais sempre perder. Tudo aquilo que digo é o mais essencial da vida.»

Assim que terminei a minha deixa meti por uma estrada de terra que

dava acesso a um descampado junto ao farol. Era comum estarem sempre por lá alguns carros parados com grupos de amigos ou casais de namorados, porque era sem dúvida um espaço agradável junto ao mar, ainda mais com o farol para o embelezar. No entanto, talvez por ser um dia de semana, não estava lá ninguém. Ou os deuses quiseram dar-me uma ajudinha.

Aproximei o carro de uma ribanceira que descia em direção à água e parei-o de frente para o infinito do mar.

«Diz-me que vais aproveitar o tempo que nos resta, independentemente do final que possamos vir a ter», pedi.

Ela calou-se pensativa.

O luar entrava-me pela janela e inundava-me o carro todo. Olhei a Lua, que ficava inteira do meu lado esquerdo e estava tão grande e definida que parecia que estava do outro lado do vidro desejosa de entrar juntamente com o luar. Uma energia começou a apoderar-se de mim naquele momento e um ímpeto obscuro e obsceno vindo das minhas profundezas ganhava força a cada segundo. Voltei a olhar para a Inês, endureci o rosto e a voz e insisti:

«Diz!»

«Está bem! Vou aproveitar!»

«Promete que não voltas a negar-me até, pelo menos, eu embarcar naquele avião!»

«Porque é que estás a falar assim?», perguntou atemorizada.

O impulso animalesco raiava-me os olhos e rasgava-me a voz.

«Promete, Inês!»

«Prometo!»

«Prometes o quê?», perguntei sem perder tempo.

«Prometo que não volto a negar-te até partires para o Brasil!»

*Sabes o que tens a fazer agora, não sabes, **Afonso**?*

Assim que terminou de dizer aquilo, saí do carro, contornei-o pela frente sob o olhar incrédulo dela e abri a porta do seu lado.

«Sai!», ordenei.

«O que é que estás a fazer?»

Não esperei que acatasse a minha ordem e eu mesmo meti a cabeça dentro do carro, desatei-lhe o cinto e disse-lhe com o rosto praticamente colado ao dela:

«A terminar o que deixámos a meio.»

25

Tirei a minha cabeça de dentro do carro e trouxe a Inês para fora pelo braço. Bati a porta atrás dela, encostei-a contra o carro, agarrei no seu rosto e comecei a beijá-la. Meti as mãos por dentro da sua *T-shirt* e agarrei-lhe nos seios por cima do sutiã. A Inês meteu também as mãos dela por baixo da minha camisa para sentir a minha pele, e desabafou por entre os nossos beijos:

«Estás tão quente...»

«A ferver», acrescentei.

Tirei as mãos de dentro da *T-shirt*, agarrei nela pelo fundo das costas e levantei-a. Ela cruzou as pernas atrás de mim e eu apoiei as suas costas de novo no carro, segurando-a de seguida pelas pernas para a ajudar a suportar-se. A Inês agarrou-se ao meu rosto, beijou-me, mordeu-me os lábios e arranhou-me a parte de trás do pescoço, também ela completamente possuída pelo tesão que se apoderara do seu corpo em poucos segundos.

Afastei-a do carro e carreguei-a agarrada a mim, e sem soltar minha boca da sua, até à parte da frente do carro. Sentei-a sobre o capô, levantei-lhe as pernas, obrigando-a a apoiar-se atrás com os cotovelos sobre a chapa, e comecei a descalçá-la.

«Oh meu deus! E se alguém aparecer?», murmurou ela.

«Se alguém aparecer, ou se junta a nós ou fica a ver», disse-lhe, lançando-lhe um olhar atrevido.

«Tu és louco...», suspirou. «O pior é que eu gosto...»

Eu é que tinha gostado daquele *eu gosto,* que me incendiou ainda mais. Assim que a descalcei, baixei-lhe as pernas e puxei-a para cima, tendo ela ficado sentada sobre o capô e comigo entre as suas pernas. Voltei a beijá-la ofegantemente e ela começou a desabotoar-me a camisa. Assim que terminou de a desabotoar e de me expor toda a parte da frente do tronco, puxei-a para mim, ela abraçou-me por dentro da camisa aberta, encostando o rosto ao meu peito e sentindo de perto todo o calor que eu imanava. Deixei que ela o sentisse durante um segundo, depois levei o meu braço esquerdo por trás da sua cabeça e afastei-lhe

o cabelo do lado direito do pescoço. Descolei o rosto dela do meu peito, levei a minha boca à dela e no último instante desviei-a em direção ao pescoço, dando-lhe uma leve mordida logo abaixo da orelha. Empurrei-a de seguida para trás, fazendo-a cair de costas sobre o capô, e desabotoei-lhe as calças. Arranquei-as de seguida de uma só vez e atirei-as para trás dela, contra o para-brisas, fazendo-as deslizar por ele abaixo até pararem junto às escovas. Tirei-lhe as cuecas e fiz o mesmo. Puxei-a pelas pernas mais para a frente até a cintura ficar na beira do capô e ajoelhei-me entre as pernas dela. Dei-lhe uma mordida do lado de dentro de uma das coxas, próximo do seu sexo, e fi-la sacudir a perna por impulso. Rodei o rosto para a outra coxa, mas a meio do percurso rocei o nariz no seu sexo. O seu corpo estremeceu pela surpresa. Dei-lhe outra mordida na outra coxa e entreguei a boca ao sexo, começando com duas longas lambidelas. A Inês começou logo a contorcer-se em cima do capô, e eu sabia que a adrenalina ia jogar a meu favor naquele sexo oral. Aumentei a frequência das lambidelas e o corpo dela respondeu com a mesma intensidade. Comecei a sugar-lhe o clit, intercalando com leves mordidas nos grandes lábios a toda a volta e chupando-os de seguida para atenuar qualquer dor que eu pudesse ter provocado. Sentia tanta vontade de devorar aquele corpo que por vezes se tornava literal. Apetecia-me comer-lhe até a carne e destruir-lhe aquele sexo todo à dentada, mas controlei os meus impulsos e mantive um equilíbrio lúcido entre a dor e o prazer que lhe provocava. Abria a boca o máximo que podia para lhe abocanhar o máximo possível do sexo. Desta vez não estava preocupado com os pormenores, tinha-os deixado para quando tivesse uma cama e quatro paredes. Estávamos ao ar livre, éramos parte integrante da natureza, por isso o objetivo era literalmente fodermos como animais.

Pousei as pernas dela sobre os meus ombros, libertando assim as minhas mãos, e fiquei com a cabeça presa entre as coxas quentes dela e a boca colada no sexo. Agarrei-lhe no rabo com as duas mãos e comecei com os meus movimentos laterais de cabeça estimulando-lhe fortemente o clit com a boca. Um movimento que me era facilitado pelo facto de as duas coxas que tinha coladas à minha cabeça funcionarem como duas molas, permitindo-me assim aumentar a frequência com que roçava no sexo dela.

As convulsões da Inês subiram exponencialmente e em poucos segundos já se tinha vindo na minha boca, fazendo escorrer aquele líquido erótico que lhe saía do sexo pelo para-choques abaixo. Eu ia acompanhando com os olhos a reação corporal dela e, apesar de ter os ouvidos tapados pelas suas coxas, conseguia perceber que a Inês não estava a gemer. Não era por falta de prazer, pois já se tinha vindo, além disso percebia que estava a arfar e a sacudir a cabeça de um lado para o outro em cima do capô. No entanto, não gemia, por eventualmente não querer fazer barulho, mas isso era uma realidade que eu não poderia admitir no meu universo, até porque o meu mandamento n.º 4 diz: sexo em silêncio não é sexo.

Aumenta lá a exigência que eu sei que consegues.

Sem tirar a cabeça do meio das pernas dela, ergui-me e levei-as comigo, ficando a Inês apenas com a cabeça e os ombros apoiados sobre o capô. Ela arregalou os olhos para mim, admirada, e só não abriu a boca porque tinha o queixo colado ao peito.

Continuei com os movimentos laterais, esfregando o queixo a boca e o nariz freneticamente no sexo dela. Ao contrário da posição anterior, desta vez conseguia ver-lhe o rosto perfeitamente, já que estava bem à minha frente, e dessa forma apreciar as suas feições enquanto a chupava toda. Ela continuou a vir-se indefinidamente e o líquido que expulsava do sexo misturado com a minha saliva descia pela sua barriga, infiltrando-se por baixo da *T-shirt*. A Inês lançava-me um semblante queixoso expressando um desespero bom, pois teoricamente estava a ser devorada pelo próprio orgasmo e não tinha como escapar dali. Não tinha onde agarrar as mãos, as pernas estavam presas, ainda que rodasse não lhe adiantaria de muito, e não teria força abdominal suficiente para se levantar e empoleirar-se em mim. Estava presa e estava a arder. No entanto, decidi dar-lhe algum descanso, baixei-lhe as pernas e ela respirou de alívio.

«Cuidado! Senão vou amassar-te o capô!», disse em surdina.

«Cuidado? Ai de ti que tenhas cuidado.»

Empurrei-a para trás para que apoiasse os pés sobre a chapa, descalcei-me e tirei a roupa da cintura para baixo, ficando todo nu, apenas com a camisa aberta sobre os ombros. Voltei a puxá-la para mim, levantei-lhe as pernas, agarrei numa delas pela parte de trás do

joelho, e encostei o pé da outra ao meu peito para ficar com a mão correspondente livre para pegar no meu pau. Peguei nele e esfreguei-o em movimentos laterais no sexo dela, fazendo-a estremecer sempre que roçava no clit. Depois comecei a esfregá-lo para cima e para baixo por todo o comprimento. De vez em quando metia-lhe a cabeça dentro e voltava a tirar, fazendo-a ferver e desejar-me cada vez mais. (Como eu adorava torturá-la daquela maneira). Até que, desesperada, teve mesmo de implorar:

«Mete! Por favor! Mete!»

*Destrói-a toda por dentro, **Afonso**. Não perdoes.*

Fiz-lhe a vontade. Voltei a meter a cabeça do meu pau dentro dela, mas desta vez enterrei-o até ao fundo. Assim que entrei todo nela soltei um gemido que mais parecia um uivo (e talvez fosse) e senti como se tivesse, finalmente, chegado a casa.

Agarrei também na outra perna cujo pé tinha encostado ao meu peito, ficando assim com as duas apoiadas nos meus dois braços, e comecei a penetrá-la com a máxima força.

O rabo dela estava no ar, tendo em conta a forma como eu lhe pegava. Ficou somente com as costas e a cabeça apoiadas sobre o capô. Como ainda tinha a *T-shirt* vestida, o corpo dela escorregava para cima e para baixo sobre a chapa à medida que eu metia e tirava o meu pau.

Reparei que a Inês continuava a conter os gemidos, e aquilo estava a dar cabo de mim. *Fá-la gemer. Anda, fá-la gemer.* Aumentei ainda mais a velocidade e a intensidade com que fazia o meu corpo embater no seu rabo. Mais do que me focar na penetração e no sexo dela, concentrei-me, especialmente naquele momento, em tudo o resto. Nos rugidos que soltava, na minha expressão facial furiosa e na força com que batia contra ela. (Porque tudo isso são percentagens de prazer que não podem ser ignoradas.) Contudo, não havia forma de ela se fazer ouvir. Puxei-a ligeiramente para baixo, soltei as mãos das pernas dela, ficando as suas coxas encostadas à minha barriga, e debrucei-me sobre ela para que o meu rosto ficasse diante do seu. Agarrei-a no queixo com a mão direita, olhei-a ferozmente e perguntei com uma voz gutural:

«Não estás a gemer porquê?!»

Surpreendida, tentou acalmar a respiração antes de responder, mas

eu não parei de meter. Desta vez com estocadas mais espaçadas no tempo, mas com maior amplitude e impulsão, atirando-lhe o corpo para trás e puxando-o de novo para mim com a minha mão esquerda sobre o ombro dela.

«Estás parvo? E se alguém nos ouve?», disse por entre os dentes, arregalando-me os olhos.

«Agarra nas tuas pernas!», ordenei.

«O quê?»

«Agarra...», peguei numa das suas mãos e pousei-a no lado inferior da sua coxa junto ao joelho, «… nas...», peguei na outra mão e fiz o mesmo na perna correspondente, «… tuas pernas!»

Ela entendeu finalmente o que eu queria dizer, agarrou nas pernas e puxou-as para si. Libertava-me assim do peso delas sobre a minha barriga e facilitava-me a penetração. Voltei a agarrá-la pelo queixo com uma mão e no ombro com a outra, puxando-a de novo para mim sempre que o impacto a atirava para trás.

Voltei a falar-lhe, mas sem nunca parar de a penetrar.

«Ai de ti que deixes de gemer por esse motivo!», avisei.

Continuou a lançar-me um olhar queixoso e abriu a boca em silêncio, anulando mais um gemido que a alma lhe pedia para libertar. Assim que encontrou uma frincha por entre o fogo que a consumia, respondeu aos soluços:

«Não vamos... fazer... barulho!»

«Vamos sim, porra!», exclamei ao mesmo tempo que dava um murro sobre o capô do carro, provocando um estrondo que entoou pelo descampado. «Mandamento n.º 40: se fode bem, mostra-lhe; se fode mal... igual. Eu fodo bem ou mal?!»

Isso! Impõe as tuas leis como deve ser. Sê rigoroso, impiedoso e exigente. Se gosta, que mostre. Tens um ego para alimentar.

A Inês ainda piscava os olhos assustada pelo estrépito provocado pelo murro. Voltei a agarrá-la pelo queixo e repeti:

«Eu fodo bem ou mal? Responde!»

«Fodes bem! Fodes bem!», atirou.

«Então mostra-me isso e geme!»

Se não conseguires fazê-la gemer, saberás que falhaste, ***Afonso****. E sabes que as falhas se pagam caro no nosso universo!*

Comecei a penetrá-la ainda mais depressa. A seguir, com o rosto dela bem firme na minha mão, lambi-lhe a boca toda, desde o queixo até ao nariz. Rodei-lhe o rosto para o lado e mordi-lhe a bochecha junto ao maxilar.

«Au!», queixou-se a Inês.

«Se tens voz para exprimir a dor, tens voz para exprimir o prazer. Geme que esse é um direito teu e uma exigência minha!»

«Não consigo!»

Faz o que tens a fazer. Agora!

«Ai não consegues?», perguntei retoricamente.

Soltei as minhas mãos dela, agarrei bem no centro da *T-shirt* que trazia vestida e infligi-lhe um rasgão a todo o comprimento. Tirei o meu pau, puxei-a para cima, arranquei-lhe aquele trapo do corpo, comecei a enrolá-lo e disse-lhe:

«Abre a boca!»

«O que é que vais fazer?», perguntou assustada.

«Abre a boca, Inês!», voltei a dizer, dando-lhe uma pequena ajuda ao puxar-lhe o maxilar para baixo.

Ela abriu a boca, meti-lhe a mordaça improvisada, dei um nó atrás da cabeça e finalizei dizendo:

«Agora já podes gemer e gritar à vontade que só nós os dois é que vamos ouvir.»

Desci-lhe as alças do sutiã e puxei-o para baixo sem o desapertar, expondo-lhe os seios. Empurrei-a para trás contra o capô e entreguei-lhe as suas pernas às mãos para que segurasse nelas e libertasse as minhas mãos. Cuspi nos dedos e passei-os no sexo dela. Peguei no meu pau e devolvi-o a casa. Comecei de novo a fodê-la sem piedade e desta vez a Inês já não sentia complexos em dar uso às suas cordas bocais para demonstrar o quão bom eu era a levá-la ao céu várias vezes na mesma noite.

Com a mordaça dava-lhe automaticamente duas coisas de que ela precisava para sentir mais prazer. Libertar-se e expressar-se, através dos gemidos, pois efetivamente o som saía da sua garganta. E ao mesmo tempo a tranquilidade de saber que ninguém além de nós a ouviria, porque efetivamente o som era abafado à saída da boca dela. Um pormenor que teria uma grande influência no seu cérebro e

consequentemente no prazer que sentiria. Ela e eu.

Agarrei-me aos seios dela com as duas mãos e usei-os para me impulsionar para dentro do seu corpo. Depois aproximei-os um do outro o máximo que pude, e comecei a lamber-lhe e a chupar-lhe os mamilos. Fui intercalando as lambidelas nos seios com leves mordidelas ao mesmo tempo que a penetrava. A Inês ia sacudindo o corpo e esperneava compulsivamente em cima da chapa, agora já sem ter qualquer preocupação em amassá-la. Não porque não se importasse, apenas porque os seus músculos estavam de tal forma incontroláveis que ainda que quisesse ter cuidado não conseguia.

Agarrei nas pernas dela e, sem tirar o meu pau de dentro dela, passei a sua perna direita para o meu lado direito, pousando-a sobre a outra e rodando-lhe o corpo noventa graus. Peguei numa das suas mãos e pousei-a de novo na sua coxa junto ao joelho para que segurasse nela, e com a outra mão agarrou-se na beira superior do capô junto às escovas.

Agora já não tinha a *T-shirt* vestida e por isso já não deslizava tão facilmente sobre a chapa. Agarrei-me à sua coxa superior e ganhei impulsão para me fazer entrar nela com a maior brutalidade possível. Um esforço que era contrabalançado pelo que a Inês fazia com o braço, puxando a perna no sentido contrário.

Larguei as mãos, dei-lhe uma forte palmada no rabo e ela soltou um grito de dor, abafado pela mordaça.

«Anda, grita à vontade que ninguém te ouve!», murmurei.

Dá-lhe outra. Agora com mais força. Voltei a esbofetear-lhe a nádega, ligeiramente ao lado para não apanhar a mesma zona da anterior, e ela soltou mais um ganido. *Outra!* Dei-lhe mais uma palmada, sem nunca abrandar um segundo que fosse nas cacetadas que lhe infligia por dentro com o meu pau. *Mais uma, **Afonso**.* Sacudi a cabeça. *Dá-lhe! Dá-lhe até ficar com o rabo a arder!* Voltei a sacudir a cabeça, parei com os movimentos pélvicos e tirei o meu pau. Soltei a mão dela que lhe segurava na coxa, desci-lhe as pernas para baixo, fazendo-a rodar mais noventa graus, e estiquei-lhe os braços para que se segurasse com as duas mãos na beira superior do capô. Juntei as pernas dela e ajustei o seu rabo para que a sua cintura encaixasse o melhor possível na parte frontal do carro. Dei-lhe três palmadas seguidas na nádega que ainda não tinha levado nenhuma para equilibrar as contas, cuspi novamente

nos dedos e acariciei-lhe por breves momentos o sexo. Fiz deslizar o dedo médio bem molhado por entre as nádegas acima e pressionei-o ligeiramente assim que lhe passei pelo ânus. O corpo de Inês reagiu de imediato, e nesse instante dei-lhe uma leve bofetada no sexo, fazendo-a contrair o rabo e soltar um gemido.

Coloquei-me por trás dela com uma perna de cada lado das suas. Acariciei-lhe o sexo com a ponta do meu pau, para cima e para baixo e meti-o todo lá dentro.

Aquela curta paragem para a mudar de posição e acariciar-lhe o sexo permitiu-me ganhar alguns segundos de fôlego e retardar o meu orgasmo, que, apesar disso, não estaria muito longe. Partia para a última etapa, e era tempo de fazer o remate final. Coloquei as minhas mãos ao fundo das costas dela e acelerei, batendo repetidamente contra aquelas nádegas já exaustas e abrasadas.

Aquela imagem da Inês ao comprido sobre a frente do meu carro a segurar-se na beira do capô a ser completamente trucidada por mim contra o para-choques era mais uma para guardar no arquivo das boas recordações. E ainda mais tendo o mar atrás de mim a embater nas rochas dezenas de metros abaixo com um farol de um lado e a Lua do outro. Sentir a brisa morna que vinha do mar a acariciar-me o rabo quando tinha o meu pau quente, molhado e aconchegado dentro do corpo da Inês era, também, mais uma sensação que dificilmente o tempo me conseguiria roubar. Os gemidos que trocávamos um com o outro eram a música perfeita para o filme perfeito que tinha sido aquele momento. Os bombos e as trompetes fizeram-se ouvir dentro do nosso peito. Os violinos e as flautas entoaram por todo o nosso corpo e o maestro gesticulou pela última vez dando por terminada aquela sinfonia erótica. Tinha acabado de me vir para o rabo e para as costas da Inês.

Desatei o nó que dera à *T-shirt* rota dela, tirei a mordaça da sua boca e ela respirou fundo várias vezes assim que a livrei daquele adereço. Desenrolei o farrapo e com ele comecei a limpar-lhe o sémen das costas e do rabo. Assim que terminei, dei-lhe uma leve bofetada no rabo só para a avisar de que estava pronta, virei-me para o mar e caminhei até próximo da borda.

Por momentos fiquei ali, praticamente todo nu, a olhar o infinito escuro do mar e a sentir aquela brisa boa a atirar-me levemente a camisa

aberta para trás. A relva fresca nos pés despejava para o chão muito do calor que ainda me assolava o corpo. *Missão cumprida, lindo menino.* Passei as mãos pelo rosto e olhei para trás na direção da Inês. Ela ainda estava deitada sobre o capô do carro, na mesma posição em que eu a havia deixado, a regressar lentamente ao ritmo cardíaco normal. O peito subia e descia, mas tudo o resto permanecia imóvel. Estava como só podia estar após foder comigo: exausta e satisfeita.

Aproximei-me dela e peguei nos meus *boxers,* que entretanto consegui encontrar enrodilhados dentro das calças caídas.

«Foder ainda dá em cima do capô... dormir é que nem por isso», disse-lhe.

A Inês soltou um suspiro e olhou para cima para o para-brisas para ver onde tinha a roupa. Pegou nas cuecas e começou a vestir-se a par de mim.

«Agora o que é que visto em cima?», disse, referindo-se à *T-shirt* que eu lhe havia destruído minutos antes.

«Reparei que trouxeste um casaco contigo. Veste-o.»

Ela foi ao carro buscá-lo e eu, como já estava vestido, aproveitei para guardar a *T-shirt* rota e ensopada de sémen na mala para deitar no lixo mais tarde. Quando regressei, encostei-me na frente do carro e fiquei a olhar para o mar. Logo de seguida chegou a Inês, encostando-se também ao carro do meu lado.

«Será que o tempo que me resta contigo ainda dará para te ensinar bons modos de tirar a roupa a uma mulher?», perguntou ela sem tirar os olhos do horizonte.

Não consegui conter um sorriso.

«Estou a dar-te muito prejuízo, não estou?»

«Se por cada foda que dermos me destruíres uma peça de roupa, vou começar a ponderar trazer só uma gabardine quando vier ter contigo. Facilito-te o trabalho e reduzo na despesa.»

«Prometo que te irei compensar...», sorri.

A Inês parecia mais conformada com toda aquela situação fora do comum para ela. Tinha-lhe feito bem admitir a mim e consequentemente a ela mesma que iria aproveitar tudo o que tinha de ser aproveitado tal como a vida pedia que assim fosse.

«Já alguma vez tinhas dado uma foda em cima do capô de um

BMW?», perguntei, olhando-a de lado.

«Não...»

«Então risca essa da lista também. Vou levar-te a casa.»

Entrámos no carro e seguimos de regresso a Matosinhos.

Passados alguns minutos chegámos à morada dela, estacionei o carro em frente da porta do prédio e desliguei a ignição.

«Apercebi-me agora de um pormenor engraçado...», começou ela dizer assim que o motor parou de roncar.

«E que pormenor é esse?»

«Não sei como me hei de despedir de ti...»

«Porque é que dizes isso?»

«Porque... no fundo, nós nunca tivemos uma despedida normal. Primeiro ignorei-te lá no parque, depois ignorei-te de novo no bar, depois enfiaste-me dentro de um táxi à pressa, depois entrei num autocarro e, no fundo, ignorei-te também, depois...», parou pensativa durante um segundo. «Ah! Depois beijaste-me desprevenida e eu bati-te a porta. Como deves imaginar, não conta como uma despedida normal. Pelo menos naquela altura. Depois expulsei-te de minha casa, praticamente. E, por fim, expulsei-me a mim mesma de tua casa sem me despedir também. Agora estamos aqui, os dois, no sossego do teu carro, e como não estamos a discutir eu não tenho uma boa desculpa para sair à pressa. Ou seja, não sei o que é suposto fazer agora. Para piorar as coisas, não sei o que somos. Dar-te um beijo na boca seria demasiado... *vinculativo*. Dar-te um beijo no rosto seria um pouco estranho, tendo em conta que há minutos estávamos a fazer sexo um com o outro. Enfim, se calhar isto é só mais uma manifestação da minha loucura...»

«Porque é que temos de nos despedir?»

«Porque estamos juntos e agora vai cada um para seu lado. Normalmente as pessoas despedem-se. Digo eu. Ou não costumas seguir os costumes da sociedade? Bem... a julgar pelo nosso reportório de despedidas, não duvido nada.»

«Eu estava a dizer que se calhar não precisamos de nos despedir. Assim é como se no fundo nunca houvesse um fim. Uma separação. Parece-me uma ideia interessante. Além disso, não me podes culpar por esse reportório que referiste. Até porque foste tu a maior responsável por

nunca termos tido uma despedida em condições. Aliás, eu sou o que mais fez por isso, pois fui o único a beijar-te numa despedida. Apanhei-te desprevenida e bateste-me a porta logo a seguir, é certo, mas acho que devia contar.»

«Tudo bem. Não nos despedimos. Gosto da ideia. Tem uma boa viagem de regresso.»

A Inês levou a mão ao puxador, abriu a porta, mas antes de sair lembrou-se de fazer mais uma pergunta:

«Reparei que antes de saíres da Zara estavas a falar com a minha colega que estava nas caixas. O que é que estavas a falar com ela se não trouxeste nada da loja?»

«Nada de especial. Amanhã descobres...»

«Hummm... tudo bem...»

A Inês ficou a olhar-me com cara de caso durante um bocado, até que tive mesmo de perceber o que se passava na cabeça dela.

«Tens mais alguma coisa...»

A Inês atirou-se à minha boca e interrompeu-me a frase com um beijo demorado, apanhando-me desprevenido.

«Estamos quites», disse, antes de abandonar o carro.

Fiquei a vê-la entrar em casa, mas não olhou para mim antes de bater a porta. Peguei no telemóvel e, apesar da hora, mandei uma mensagem à minha secretária:

«*Afinal vou ao tal jantar de que me falou. E levo companhia.*»

26

Acordei ao início da tarde e reparei que tinha uma chamada não atendida da Inês. Já imaginava o que seria, e como não era urgente não devolvi logo a chamada. Fui tomar um banho para me refrescar do forno que era aquele quarto e assim que terminei deixei-me ficar em frente do espelho, todo nu, a olhar o meu corpo.

Já não me lembrava da última vez que tinha ido ao ginásio, mas a definição dos meus abdominais denunciava que já teria sido há muito tempo. A vida tinha-me baralhado os planos e o trabalho acumulara-se em cima um do outro e praticamente não tinha tempo para ir. Ou tudo isso não passava de desculpas e eu só não queria admitir. Todo o exercício que eu praticava nos últimos tempos resumia-se a sexo, mas, no fundo, estava apenas a pôr em prática mais um dos meus mandamentos: mantém-te saudável; se não praticas desporto, fode a dobrar.

Continuei a cumprir a minha rotina. Vesti-me, preparei qualquer coisa para comer e fui para a sala atualizar-me nas notícias. O *Dark* juntou-se logo a mim e deitou-se no chão junto aos meus pés. Pousei o computador no meu colo, abri o *site* do *Jornal de Notícias* e cliquei na primeira notícia que aparecia com o título: «Rede de TV pirata gera milhares de euros.» Continuei a ler e dizia: «A Polícia Judiciária fez buscas esta manhã em quatro *stands* de automóveis em Vila Nova de Gaia, suspeitos de serem usados para lavagem de dinheiro oriundo de uma rede de TV pirata. A PJ apreendeu...»

Interrompi a leitura quando me lembrei da chamada perdida que tinha no telemóvel quando acordei. Peguei nele, marquei o número da Inês e pus a chamar. Não atendeu, e eu não insisti, pois certamente nem estaria com o telemóvel. Reparei que no separador do Facebook piscava uma notificação. Deixei as notícias para mais tarde e abri a página. Era uma mensagem da Diana:

«*Preciso de falar contigo*», dizia.

Cliquei na janela da mensagem para responder, mas assim que me preparava para escrever, o telemóvel começou a vibrar.

«Conta-me coisas», disse assim que atendi.

«*A sério que me foste comprar aquele vestido preto que por acaso pegaste aleatoriamente quando foste ter comigo ao meu trabalho?*», perguntou retoricamente a Inês do outro lado da linha.

«Se calhar não foi assim tão por acaso e aleatoriamente, tendo em conta que disseste que o adoravas.»

«*E adoro, mas é muito caro! Não sei porque foste fazê-lo!*»

«Na altura estava a dever-te uma camisa nova. Entretanto fiquei a dever-te mais uma T-shirt. Eu disse que te ia compensar.»

«*Devias-me uma camisa, não dez! E eu estava a brincar contigo. Não era preciso. Não quero nada teu!*»

«Fiz mal?», perguntei.

«*Agora já está, já está, mas ficas a saber que não ligo a estas coisas. Para mim, o que verdadeiramente importa são os momentos e as pessoas.*»

«Se o que importa são os momentos e as pessoas, então aproveita-os bem.»

«*Acho que desde ontem, pelo menos, esse aviso faz um bocadinho menos de sentido de ser-me dito. Já agora, porque é que disseste à minha colega para me contar só hoje isto do vestido?*»

«Porque naquele momento ainda não te tinha feito garantir que não me voltarias a negar até eu partir.»

«*O que queres dizer com isso?*»

«Quero dizer que vais comigo a uma espécie de jantar de gala que haverá com os funcionários lá dos escritórios onde trabalho.»

«*Ai vou? E vou contigo em que papel? Amiga? Namorada? Acompanhante? Amante? O que pensas dizer às pessoas quando tiveres de me apresentar a alguém? Pensaste nisso, sequer?*»

«Não pensei nisso, mas não convivo praticamente com ninguém, por isso a probabilidade de encontrar lá alguém que nos pergunte alguma coisa é muito, muito baixa. Nem vale a pena perguntar-te se aceitas o meu convite porque vou partir do princípio que cumprirás com a palavra que me deste de não me negares até eu ir embora. Estou certo?»

A Inês suspirou antes de responder.

«*Sim... estás certo...*»

«Bem me parecia. Darei notícias. Tenho de ir trabalhar.»

«*Eu também. Tchau!*»

Pousei o computador, preparei a mala, despedi-me do *Dark* e abandonei o apartamento em direção à garagem. Pelo caminho aproveitei para ligar à Diana para saber o que queria.

«Estou! Do que é que precisas?», perguntei assim que atendeu.

«*O meu filho está em casa do pai esta semana. Estás* on*?*»

«Não...», respondi.

«*Mas podes passar na mesma cá em casa? Acho que me fará bem falar um pouco contigo.*»

«Claro! Passo aí quando sair do escritório.»

Fui para o escritório e assim que terminei as sessões que tinha marcadas para esse dia despachei-me a ir embora. Mas antes de sair fiz um pequeno pedido à Susana:

«Pode dar-me a morada do local onde será o jantar?»

«Claro! Deixe-me ver aqui no *email*. Eu sei que é num hotel cá no Porto, mas não fixei o nome.»

Alguns segundos depois a fazer *scroll* encontrou o que procurava, escreveu o nome e a morada num papel e entregou-mo.

«Aqui está, **Afonso**», disse ela.

«Obrigado!»

Agarrei no papel e vim-me embora. Ia dar-me muito jeito saber com antecedência o local onde seria aquele jantar, já que me iria exigir alguma preparação prévia do terreno.

Conduzi até casa da Diana, toquei à campainha e subi até ao apartamento dela.

«Entra», convidou, assim que me abriu a porta. «Bebes algo?»

Recusei a oferta, fomos até à sala e sentámo-nos no sofá.

«O que se passa desta vez?», perguntei.

Há mais de um mês que não falava com a Diana. Mandara-lhe uma mensagem cerca de três semanas antes, dessa vez para eu avaliar se estava *on* ou *off*, mas continuara sem saber nada dela precisamente desde a última vez que estivera naquela casa. Estava, inclusive, curioso para saber se tinha surtido efeito a conversa que tivera com ela entre as duas últimas fodas que demos ali.

«Lembras-te do tal Francisco sobre quem falámos na última vez em

que estivemos juntos?»

«Não me digas que isso ainda mexe...»

«Espera! Ele voltou a procurar-me e eu fiz como sugeriste e neguei-o. Só o facto de ter conseguido fazer isso deu-me uma confiança e força interior enormes. Senti-me mais dona de mim e das minhas vontades a partir desse momento. Foi como se me tivesse libertado assim de repente com um simples *não*. Percebi que eram aqueles sins que eu insistia em dar-lhe que me estavam a impedir de pôr um fim a algo que me perturbava.»

«Parabéns! Estou orgulhoso de ti. Disse-te que até ias respirar melhor, e acredito mesmo que isso esteja a acontecer.»

«Sem dúvida. Esse capítulo está encerrado e bem encerrado. Foi bom, era bom, mas aproveitei enquanto me fazia mais bem do que mal. Quando começou a ser o contrário, tinha mesmo de tomar uma decisão e fazer o que achei melhor para mim.»

«Perfeito, mas se esse capítulo está encerrado... não foi para me contares isso que me pediste para passar por cá, pois não?»

«Aproveitei para partilhar contigo, mas não, não foi por isso. Preciso que me digas o que é que estou a fazer de errado, porque parece que os homens só se aproximam de mim pelo sexo, não sei. Será que não conseguem ver em mim algo mais? Será que o problema é meu? Conheci um outro homem que até é mais novo do que eu, mas enfim... também está divorciado e tem um filho, neste caso uma filha, e ele diz que gosta muito de falar comigo e que sente um desejo enorme por mim, mas acho que só quer dar umas voltas, entendes? Nós até já tivemos daquelas conversas assim mais quentes, e confesso que também gosto muito de conversar com ele. É um homem bonito e elegante, mas no fundo acredito que, quando ele tiver o que quer... vai embora. Como este, outros que vieram antes. Estou muito reticente. Diz-me o que é que estou a fazer de errado ou o que é que devo fazer.»

«Diana, em primeiro lugar, se gostas de ter essas conversas quentes como falaste, tudo bem, mas tem-nas muito mais para a frente. Não quando ainda estás a conhecer a pessoa. Não podes abrir o jogo dessa maneira. Mas isso é só um pormenor demonstrativo da forma como encaras essas questões de relacionamentos, que, para mim, não é a melhor. Se queres que um homem queira de ti mais do que sexo, tens de

lhe dar trabalho.»

«Trabalho? Como assim?», perguntou curiosa.

«Uma mulher para ser conquistada tem de ser apanhada desprevenida através de um jogo psicológico. No caso dos homens, eles são conquistados pelo esforço, precisamente porque eles são preguiçosos. Um homem não pode ter rigorosamente nada dado. Ou seja, tudo o que ele tiver de ti tem de ser suado. Porque a questão não é querer. O homem quer com muita facilidade, a questão é fazê-lo continuar a querer. E esse é o ponto em que as mulheres falham. Porque quando gostam, quando se apaixonam, etc., dão tudo. O que têm e o que não têm. Porque são mesmo assim, por natureza. Fazem tudo pela outra pessoa, dedicam-se por inteiro. Ora quando começas a dar tudo ao homem sem exigir esforço da parte dele, ele começa a não precisar de trabalhar e lutar por ti, logo vai cair no desleixo e na preguiça muito rapidamente. Depois vai começar a desejar um desafio que o ponha à prova e que o estimule. Desafio esse que já deixaste de ser tu. O homem adora conquistar. Ponto. E o truque é *obrigá-lo* a conquistar-te todos os dias. Começando por fazê-lo lutar pela mais pequena coisa que queira de ti.»

«Faz sentido, mas como é que faço isso exatamente?»

«Imagina que ele quer estar contigo. Ele convida-te para tomares um café ou para fazer outra coisa qualquer, e tu, ainda que queiras também, dizes que não. Se for para ser e ele te quiser mesmo, ele vai voltar a procurar-te e a tentar de novo. Tu dás-lhe conversa, dás-lhe corda, alimentas-lhe as esperanças e, quando ele tentar de novo, voltas a dizer que não. Ou seja, vais deixá-lo na dúvida se afinal queres ou não alguma coisa. E ele tem de estar sempre na dúvida. Não o deixes ter certezas de nada, pelo menos durante a fase em que se estão a conhecer, senão ele vai começar a pensar que são favas contadas e vai começar a facilitar e a ir por atalhos. Ou seja, começa a ir direto ao assunto. E não queres um homem que seja direto, queres um que seja objetivo. O que é diferente. E se isso acontecer, seja ou não por um erro teu, tens de cortar logo na confiança. Por isso é que essas conversas quentes e interessantes no início são um erro, pois estás a dar-lhe uma confiança que ele se calhar ainda não se esforçou para merecer. Até podes estar à vontade com o assunto e ser assim por natureza, mas até

tu tens de manipular a tua natureza para obter os resultados pretendidos. É como um atleta de alta competição. Também ele tem de manipular a natureza dele para atingir as medalhas, ou achas que temos todos, por natureza, corpos atléticos e definidos?»

«Estou a perceber, mas quando é que deixo de dizer que não? De negar e recusar as tentativas dele?»

«No fundo é ires andando e ires vendo. Mas como isto não te ajuda nada, eu esclareço. Tu negaste as duas primeiras vezes, se calhar da próxima já dizes que sim, mas logo a seguir já voltas a dizer que não e de novo e outra vez se for preciso. Ele tem de se esfolar para te roubar um beijo, entendes o conceito? Eu digo num dos meus mandamentos o seguinte: dá e tira nas doses certas; nunca só dês nem nunca só tires. Ou seja, tens de ir regulando para que ele nunca fique sem nada e procure outro desafio mais em conta a nível de esforço. O que é legítimo, a não ser que ele se sinta confortável em desperdiçar o seu tempo com uma mulher que não lhe passa bola nenhuma. E ao mesmo tempo para que nunca tenha tudo, para não pensar que já estás no papo e que já pode seguir para outra.»

«Isso faz todo o sentido, **Afonso**, mas não deixa de ser só teoria. Ter a frieza de pôr tudo isso em prática é que é o difícil.»

«Tens sempre a hipótese de seres tu, tal como és, e esperares que ele também seja e faça aquilo que esperas e desejas. Vais ter sucesso muito menos vezes e talvez nunca acertes, mas é uma hipótese que também tens. Eu dou-te as ferramentas para fazeres o trabalho, mas és tu que decides se as usas ou não.»

«Eu sei que tenho de ser mais fria e calculista nestas coisas.»

«O truque é delimitares um perímetro de segurança à tua volta onde só entra quem fizer muito por merecer. É o esforço que uma pessoa faz por conquistar que nos faz valorizar o que conquistámos. Isto é senso comum, mas não é por ser senso comum que nos lembramos sempre disto, e é importante fazê-lo. Está socialmente padronizado que a mulher é o elemento a conquistar e o homem o elemento que tem de conquistar. Nem sempre é assim, mas vamos concentrar-nos nos casos em que isto se verifica. Quando assim é, a função da mulher é dificultar o trabalho do homem. É colocar obstáculos, barreiras e desafios para avaliar a dimensão da vontade e do merecimento dele. Achas mesmo que depois

do esforço todo que ele teve para ultrapassar todas essas batalhas a que o sujeitaste ele não vai valorizar aquilo que conquistou? Ou seja, a ti? E achas mesmo que não darias uma oportunidade a alguém que se sujeitou a tudo isto só para conquistar o teu coração? É que só tens a ganhar com esta técnica, porque se ele vencer essas batalhas, além de saberes que ele quer muito, saberás que fez por merecer. A partir daí é que podes deixar acontecer. Até então, tens de ser muito esperta e usar as tuas melhores armas.»

«Tu és incrível. De certa forma também faz parte do teu trabalho, mas mesmo assim... Obrigada pelas tuas dicas.»

«Será que ainda não te deste conta do poder que tens só pelo simples facto de seres mulher? Não vês que, se quiseres, tens o mundo aos teus pés? Tens de perceber que tudo o que te separa da felicidade pura e do prazer supremo é uma boa dose de confiança nesse olhar, nessa boca e nessas mãos. E, claro, uma pontinha de frieza e esperteza. Tu és abençoada por seres mulher. Não penses, em momento algum, que é uma cruz que carregas. Tudo o que te falta saber é usar isso a teu favor. Podes não acreditar, mas tens sempre a faca e o queijo na mão. Tu é que escolhes entregar a faca ao tipo que te quer conquistar.»

«Faz todo o sentido, mas já chega de falar de mim. Quero saber de ti. Como anda esse coração? Disseste que não estavas *on*.»

«Ando confuso. Não sei. Aproximei-me de alguém...»

«Ui! O **Afonso** próximo de alguém? Fala-me sobre isso.»

Conversámos mais um pouco para a deixar a par do que tinha acontecido desde a última vez que estivera naquela casa e por fim despedi-me e vim-me embora. Abandonei o prédio, entrei no carro, olhei a rua imensa que tinha pela frente com carros estacionados e um deles chamou a minha atenção. Olhei com mais atenção e senti um arrepio ao perceber que era o mesmo *Corsa* cinzento-escuro que eu vira à saída dos dois prédios onde vivia.

Aproveitei o momento, saí do carro, atravessei a estrada e caminhei pelo passeio, camuflado pelo escuro, preparado para abordar o condutor que estivesse lá dentro. Assim que cheguei perto, acelerei o passo e surgi à janela do carro. Estava vazio. Olhei para trás, a esplanada de um café estava cheia de gente. Apercebi-me de dois ou três rostos a olhar para mim e recuei imediatamente, resguardando-me num muro que

ladeava o passeio. *Merda!*, pensei. O condutor do carro devia estar naquela esplanada e muito provavelmente reparou em mim. Tirei uma foto à matrícula, sem ser visto, e regressei ao meu carro. Arranquei logo de seguida e voltei para casa com a certeza de que estava a ser seguido há dias.

27

«*Temos de te preparar uma despedida em grande*», dizia o Miguel do outro lado da linha.

«A minha partida para o Brasil merece celebração?», perguntei. «Devo interpretar isso como algo bom ou mau?»

«*Oh! Não é no sentido de celebração, como é óbvio, mas também, como é óbvio, temos de assinalar essa despedida.*»

«Passo bem sem isso. Não sou de festas. Além do mais sei perfeitamente que vocês vão sentir muito a minha falta», brinquei. «Mas diz-me lá no que é que estás a pensar fazer?»

Sabia como era o Miguel e que ele não ia deixar-me ir embora sem assinalar a partida com alguma das suas festas. Até porque ele organizava festas e encontros por tudo e por nada. Não ia deixar escapar esta oportunidade.

«*Que tal uma festa cá em casa hoje à noite?*», sugeriu.

«Nem pensar. Já te disse que não tenho idade para essas festas. Além disso ias convidar os teus amigos e não conheço a maioria deles. Ia ser mais desconfortável do que agradável.»

«*Tens razão. Para uma festa de despedida tua não faz muito sentido, de facto. E se fizéssemos algo assim mais simples... sei lá... se fôssemos só sair. Vamos a um barzito qualquer, beber umas cervejas, pago eu, claro.*»

«Sabes bem que deixei de beber, Miguel.»

«*Há exceções para tudo, amigo. E hoje parece-me o dia certo. Aliás, hoje trato de tudo. Até te vou buscar a casa. Assim tens menos uma desculpa para não beberes.*»

«Não é preciso nada disso, não exageres.»

«*Vou sim! Passo em casa da Filipa para a apanhar e depois passo em tua casa. Saímos os três. Melhor assim?*»

«Pronto... está bem», acabei por ceder.

«*Perfeito. Só preciso de dar um jeito aqui no cabelo e na barba, pois pareço um homem das cavernas. Assim nenhuma me pega logo à noite. Não tens aí a morada daquela barbearia onde fomos uma vez juntos?*

Gostava de lá voltar.»

«Tenho o cartão aqui na carteira, assim que desligar a chamada tiro foto e envio-te.»

«*Ótimo! Manda-me isso. Até logo!*»

Desliguei a chamada, fui à minha carteira, tirei um monte de cartões de uma das divisões, procurei o da barbearia, tirei foto e enviei-lhe. Quando voltei a juntá-los para os guardar houve um em particular que me chamou a atenção. Era o cartão da clínica Anaterapias. A mesma para a qual eu tinha ligado tempos antes e desligara a chamada sem sequer ter dito uma palavra. Olhei-o da parte de trás e voltei a fixar-me naquelas letras escritas à mão pela médica que me tinha dado o cartão e que diziam «terapia multidimensional». Tinha ainda uns contactos gravados, assim como a respetiva morada da clínica. Não podia continuar a ignorar aquela possibilidade, até porque se a médica me havia dado aquela indicação, por algum motivo seria. Além de que não podia julgar aquilo que, na verdade, não conhecia. Agarrei no telemóvel e liguei.

«Boa tarde! Queria marcar uma sessão de terapia multidimensional», disse assim que me atendeu, para não me deixar arrepender antecipadamente como tinha acontecido da última vez.

Pediu-me um minuto e ouvi o folhear do que deveria ser uma agenda. Logo a seguir perguntou:

«*Prefere quinta ou sexta-feira?*»

«Por mim pode ser assim que tiver disponibilidade. Não tenho pressa, mas também não pretendo demorar.»

«*Só se quiser hoje, mas a vaga é já daqui a uma hora.*»

Olhei o relógio, confirmei novamente a morada e respondi:

«Pode ser. Vou para aí. Até já!»

À hora marcada estava a entrar na clínica. Preenchi a minha ficha e chamaram-me para uma sala. Tinha uma marquesa ao centro, um cheiro intenso a incenso, uma música relaxante, uma secretária e uma terapeuta atrás dela, a olhar-me com um sorriso. Sentei-me e ela perguntou-me:

«O que é que o traz por cá?»

«Deixe-me dizer que é a primeira vez que recorro a este tipo de terapias, mas começo a chegar a uma fase em que tenho de abrir

horizontes. Não vá a resposta estar numa zona de sombra da minha mente. Assim sendo, aquilo que procuro são respostas aos porquês do meu passado e saber aquilo que ficou por dizer.»

A terapeuta fez-me mais um conjunto de perguntas breves, pediu-me os meus dados e depois convidou-me a deitar de barriga para cima na marquesa. Pousou-me uma toalha sobre o corpo, pediu-me para fechar os olhos, respirar calmamente e imaginar um conjunto de coisas para que eu pudesse relaxar. Sentou-se numa poltrona atrás de mim e desde então só ouvi as suas inspirações e expirações. Tudo aquilo era muito estranho para mim, mas tentei fazer tudo como ela me pediu e evitei tirar conclusões antes do tempo. Passados alguns minutos, ela tocou-me no ombro e pediu-me para me levantar. Regressámos à secretária e começou por dizer:

«Bem, nem sei por onde começar. Deixe-me só apontar aqui algumas coisas para não me esquecer.»

Começou a escrever alguns tópicos num *post-it* e assim que terminou continuou o que estava a dizer:

«Não sei se sabe, mas tudo isto é um trabalho de luz. Eu, no fundo, sou apenas como uma ponte entre os planos, se é que me entende. Teoricamente não faço nada, apenas lhe transmito as informações que me são passadas.»

«Força, força, fique à vontade,» incentivei, curioso para saber o que ela tinha para me dizer.

«Parece que o seu grande problema é aceitar.»

«Aceitar? Aceitar o quê exatamente?»

«Tudo aquilo que foi. E tudo aquilo que podia ter sido e não chegou a ser. Tem de parar de culpar e de se culpar. Tem de abraçar o caminho da libertação. E só conseguirá isso a partir do momento em que começar a aceitar e a compreender que há coisas que simplesmente não dependem de nós e das quais ninguém é culpado.»

«E quem lhe disse que já não o fiz?», perguntei para a testar.

«Não fez porque sinto aqui uma revolta muito grande. Uma amargura que teima em não ir embora precisamente porque está a alimentá-la desde essa altura. Uma pessoa que sabe aceitar não guarda toda esta escuridão dentro dela.»

«Mas eu não sou só escuridão...»

«Eu percebi que não, mas adotou de tal forma essa escuridão aí dentro que ela a qualquer momento se apodera de si e domina os seus pensamentos, e até os seus movimentos. É arriscado...»

«Eu não vim aqui para me dizer quem sou ou como sou. Eu já sei isso tudo que me está a dizer. Eu vim aqui à procura de respostas e até agora não me deu nenhuma.»

«Nunca serei eu a dar-lhe as respostas que procura. Eu digo o que tem e deve fazer para chegar até elas. Em primeiro lugar é aceitar o que tem de aceitar, inclusive a si mesmo. E depois ser livre. Livre até para ser. Começando por usar menos a cabeça e mais o coração. Há muito tempo que o sol não brilha aí dentro. A luz que tem dentro de si não é a do sol. É a da lua. Ou seja, não é uma luz genuína. É uma luz emprestada. Mas ainda bem que a tem. É essa luz que o tem aguentado e segurado à superfície para não mergulhar por completo na escuridão. É como se dentro de si estivesse a acontecer neste momento uma luta entre o bem e o mal. Acredito que se esforce para que seja o bem a ganhar, embora eu desconfie de que aconteçam alguns apagões de vez em quando. Atenção que isto não me foi dito por ninguém, estou só a supor em função daquilo que senti e compreendi. No entanto, essa luta interior, no fundo, está a ser alimentada por si. Você faz toda a questão de ser como é. É você que não deixa a luz brilhar. É você que não permite que ela ilumine o seu caminho em direção às respostas que procura.»

Fazia sentido o que ela me estava a dizer, porque me reconhecia naquelas palavras. Contudo, ainda não me dissera nada de objetivo desde que eu ali chegara. Ou, pelo menos, nada de tão objetivo como eu esperava e precisava. Acreditava eu.

«Faço questão de ser assim porque o mundo precisa que eu seja assim. As pessoas precisam que eu seja assim. Já melhorei a vida de muitas pessoas por saber o que sei por causa de ser quem sou. Não será isto compensatório?»

«Não estou a dizer que não melhorou, não duvido disso, mas e o seu mundo? Melhorou também?»

Boa pergunta, pensei para mim, e depois de refletir respondi:

«Prefiro ser quem sou do que ser quem era.»

«Está a fugir à verdade. À sua verdade. E sabe muito bem disso.

Está-se a enganar e achou que colocar uma máscara e ser outra pessoa iria trazer-lhe mais vantagens.»

«Mas eu sou isto!», disse com a voz mais endurecida.

«Mas não é só isso. Não estou a dizer que não é aquilo que é, estou a dizer que a dada altura decidiu esconder uma parte da verdade com uma espécie de máscara. Mas não foi com a intenção de ajudar o mundo, isso foi apenas uma boa consequência, foi sim para camuflar parte da sua verdade.»

«Agradecia que me dissesse algo que eu ainda não saiba. Se eu quiser ver-me, olho-me ao espelho. Eu quero e preciso de respostas concretas. Foi para isso que aqui vim. À parte disso acredito que resolvi o que tinha de resolver. Por isso...»

«Eu penso que não resolveu. Contornou, camuflou e seguiu em frente. Sempre é mais fácil do que enfrentar o sofrimento. Para superar um obstáculo tem de passar por cima dele. Pois só assim pode tomar noção da sua dimensão e da sua dificuldade e finalmente vencê-lo. Se por outro lado decidir contorná-lo, ele transformar-se-á numa ilusão que irá acompanhá-lo para sempre. Se o quiser mesmo superar, terá de regressar lá trás e enfrentá-lo verdadeiramente. Só assim se poderá ver livre dele.»

«Peço desculpa, mas não vim aqui ouvir lições de como lidar com a vida. Não sou nenhum desentendido na matéria.»

«Não tenho dúvidas de que seja muito bom entendedor da vida e de que saiba lidar muito bem com ela, mas talvez seja apenas com a vida dos outros. E não tanto com a sua, imagino. Acredito e acho bem que tenha essa missão dentro de si, de ajudar e melhorar a vida de alguém, mas antes de querer resolver os problemas dos outros era importante solucionar os seus.»

«Acho que percebi a ideia», atirei para despachar o assunto.

«Tente repetir para si mesmo as frases *eu perdoo* e *eu perdoo-me*. Repita-as constantemente dentro da sua cabeça. Repita também as frases *eu amo-me* e *eu aceito-me tal como sou*. Especialmente durante momentos de meditação. Relaxe, concentre-se e permita-se sentir aquilo que está a pensar. Especialmente ao acordar e ao deitar. Vai fazer-lhe bem. Tenho a certeza. Diga-me uma coisa, fez alguma promessa a alguém ou...»

«Eu não sou de promessas», interrompi rapidamente.

«Muito bem, não duvido, mas por vezes há promessas que fazemos sem abrir a boca. Questões e situações que tomamos como garantidas para nós mesmos e que acabam por de certa forma nos agarrar de tal maneira àquela ideia que dia após dia ela vai ganhando cada vez mais força até que se torna realidade. E muitas vezes isso impede-nos de encontrar a nossa paz interior, a calma de que precisamos e, claro, o amor.»

«Não me ocorre nenhuma situação dessas...», disse após fazer um rápido *rewind* pelos últimos tempos da minha vida.

«De qualquer das formas, nunca é demais fazer uma reflexão sobre esse assunto. Aproveite e repita mentalmente a ideia de que renuncia a toda e qualquer promessa, que tenha feito a si ou a alguém, que o esteja a impedir de seguir em frente. Sempre que puder, faça este exercício mental. Não custa nada e como deve imaginar só lhe pode fazer bem. Acreditando ou não neste tipo de terapia, com certeza que vai concordar comigo que este tipo de pensamento só pode ser bom. Por isso não custa experimentar.»

«Se sabe todas essas coisas, acredito que não seja difícil saber o que eu também quero saber. A senhora terapeuta anda aqui às voltas na conversa, sempre a mastigar o assunto, mas não diz nada. Preciso de aceitar, amar, perdoar e não sei o quê mais, mas não me responde! Diga-me, por favor, quais foram as últimas palavras do meu irmão. Não é justo que as nossas últimas palavras não sejam ouvidas por alguém, mas eu não tive culpa! Quer dizer...»

«E não teve mesmo culpa. É isso que tem de perceber. Mas é como lhe estou a dizer, se fizer tudo o que lhe peço, surgirá a coragem de que necessita para descobrir aquilo de que precisa. Acredite em mim. Eu sei que há um trauma antigo dentro de si, alimentado pelas perdas, separações, desilusões, decisões e transformações que aconteceram numa fase da sua vida. Mas vai ver que se fizer o que lhe digo as respostas vão surgir. Eu não as tenho, mas elas existem e estão ao seu alcance. Essa resposta concreta depende de muitas outras que deverá alcançar em primeiro lugar. Pois sabe bem que aquilo que o atormenta é muito mais do que saber quais foram as últimas palavras de alguém tão importante para si.»

«Enfim! Já vi que não vim aqui fazer nada. Com licença!»

Apertei-lhe a mão e dirigi-me para a saída, contudo, antes de abandonar a sala, a terapeuta ainda usou a palavra:

«Compreendo que não queira cá voltar, mas desafio-o a fazer outra sessão destas. Quando quiser. Quando achar que está mais bem preparado para se enfrentar a si mesmo. Mas, mais do que isso, enfrentar o seu passado. Essa é a sua maior cruz: o seu passado. Mas pode ser que apareça alguém na sua vida que o faça entender tudo isto melhor...»

Comprimi os lábios numa espécie de sorriso forçado e abandonei a sala. Entrei no carro e arranquei de regresso a casa.

Sentia-me pior na volta do que na ida para a consulta. Parecia que tinha ido lá lavar roupa suja sobre a minha vida ou ter uma sessão de autoajuda qualquer. Levei perguntas e perguntas trouxe. Contudo, também sabia que ela nada mais tinha feito do que aquilo que eu fazia também: dar uma cana de pesca em vez do peixe. Tinha-me dado as ferramentas de que eu supostamente precisava para resolver a minha situação e na verdade não lhe podia exigir mais do que isso. Talvez eu é que tivesse ido ao encontro dela com ambições demasiado objetivas e me tenha sentido defraudado por culpa própria. A questão da aceitação e valorização pessoal também era uma temática que eu abordava com os meus aspirantes. No entanto, o facto de ela me estar a dizer aquilo, já sabendo eu como as coisas funcionavam, irritou-me ainda mais. Senti-me um aluno de mim mesmo como se eu fosse capaz de ensinar, mas não de aprender. Talvez toda a minha irritação fosse por ela, em pouco tempo, conseguir saber tanto de mim como eu. No entanto, tentei não pensar sobre o assunto no regresso a casa, até porque a noite que se avizinhava era de convívio e não queria estar a pensar noutras coisas que não fosse nas minhas companhias.

Assim que cheguei aproveitei o resto do dia de folga para dar alguma atenção ao *Dark,* que em breve ia ter umas grandes férias de mim. (Já tinha combinado com o Miguel que seria ele a tomar conta do *Dark* durante o meu período de ausência.) Depois preparei o jantar com tempo, comi com calma e fui arranjar-me tranquilamente. Não deveria faltar muito até o meu chofer particular chegar. Eram cerca das dez da noite quando o meu telemóvel começou a tocar:

«*Chegámos. Desce*», disse o Miguel assim que atendi.

Nem lhe respondi, desliguei a chamada e vi que já tinha uma mensagem da Filipa. Presumi que fosse a avisar-me do mesmo e nem sequer me dei ao trabalho de a abrir. Desci à rua e o Miguel tinha o carro parado no estacionamento em frente, a uns cinco metros do portão. Saí para o passeio e quando olhei para o carro que estava de frente para mim pude verificar que o lugar do pendura já estava ocupado pela Filipa. Levantei-lhes a mão para os cumprimentar do lado de fora e abri a porta de trás. No entanto, assim que entrei no carro tive uma surpresa: também estava lá a Inês.

28

«Inês?», perguntei admirado.

«**Afonso?**», devolveu ainda mais espantada.

Tinha-me sentado no banco atrás do Miguel e por isso do meu lugar conseguia ver perfeitamente a Filipa, que me estava a arregalar os olhos a partir do banco do pendura.

«Vocês já se conhecem?», perguntou o Miguel.

«Pois... parece que sim...», disse a Inês, desviando o olhar para os seus pés, completamente perplexa.

«E não sabias que eles já se conheciam, Filipa?», perguntou o Miguel. «Tu é que és amiga dos dois, pelos vistos. Eu só vi a Inês naquele dia em que estivemos com ela no Bona...»

«Coincidências da vida!», interrompeu a Filipa, atrapalhada.

«Parece que o destino me anda a surpreender muito ultimamente», comentou a Inês.

«É... o destino...», murmurou a Filipa.

«Estava aqui a pensar e de facto da última vez que saí convosco e fomos lá àquele bar também encontrei o **Afonso**. Mas nessa noite, pelos vistos, andámos todos desencontrados», disse a Inês.

«Parece que sim», concordou o Miguel. «Aos pouquinhos aqui a Filipa lá vai desencaminhando a sua colega de casa. Cuidado, Inês! Muito tempo a viver com ela pode levar-te a começar a gostar de música alternativa, tabaco de enrolar e piza com ananás. Fica atenta aos primeiros sintomas», brincou.

A Filipa bateu no braço do Miguel e a Inês soltou um sorriso tímido antes de se virar para mim e me perguntar baixinho:

«O que é que estavas aqui a fazer? Não vives na Póvoa?»

«Falamos sobre isso mais tarde...», sussurrei.

Seguimos caminho até à Baixa do Porto e o Miguel tomou conta da conversa até lá. Ia conversando principalmente com a Inês, e eu e a Filipa íamos participando às gotas na conversa. A luz dos candeeiros da estrada refletia na zona das pernas da Inês que o seu vestido curto não conseguia cobrir e chamava silenciosamente pelas minhas mãos. Tinha

de as ocupar rapidamente para não cair na tentação de as pousar nas pernas dela, e agarrei no telemóvel. Reparei finalmente na mensagem da Filipa que havia recebido quando estava em casa e que ainda não tinha aberto.

«*A Inês vai connosco. Depois explico-te*», dizia ela na SMS.

No fundo até agradeci não ter lido aquela mensagem com antecedência, assim, pelo menos, a minha reação ao ver a Inês dentro do carro foi totalmente genuína.

O Miguel estacionou o carro num estacionamento subterrâneo junto à reitoria e encaminhou-nos até à Praça Carlos Alberto, onde entrámos num bar chamado Embaixada do Porto. Nessa noite estava por conta dele, por isso as suas sugestões eram ordens que eu não queria contrariar. Mais do que ser um momento especial para mim, tendo em conta que não estaria com ele durante muito tempo, gostava que fosse um momento especial também para ele. Por isso deixei-o tomar as rédeas daquele momento, já que da parte da Filipa e da Inês não parecia haver sugestões alternativas.

Assim que chegámos ao bar que ficava no primeiro piso, o Miguel prontificou-se a ir buscar as bebidas:

«Cerveja para todos, certo?», perguntou ele em jeito de sugestão. «Assim para começarmos devagarinho.»

Virou costas e dirigiu-se para o balcão. Eu preparava-me para o contrariar, mas lembrei-me do compromisso que fizera comigo próprio e deixei-o ir. A Filipa juntou-se a ele e deixou-nos aos dois sozinhos no meio de um conjunto de pessoas que dançavam sorridentes e de copos na mão. Aproveitei o momento em que eles se afastaram e continuei a conversa que havia deixado a meio:

«Era a minha casa...»

A Inês ficou a olhar para mim sem perceber do que eu estava a falar, mas assim que entendeu ficou ainda mais confusa.

«Tu disseste-me que vivias na Póvoa de Varzim. Aliás, eu estive lá. Está certo que pareceu um sonho, mas aconteceu mesmo.»

«Eu disse-te apenas que tinha casa na Póvoa, tu é que entendeste que eu vivia lá. E vivo. É certo. Só que é menos tempo.»

«Muito me contas... Agora faz um pouco mais sentido ires para o Parque da Cidade passear o teu cão. Bem mais perto. Mas há algum

motivo especial para nunca me teres falado nesta casa? Além do facto de me teres feito andar tantos quilómetros até à Póvoa para te entregar uma casaca que nem falta te fazia?»

«São casas diferentes, com significados diferentes... nada que seja relevante falarmos agora.»

Passado pouco tempo, o Miguel e a Filipa chegaram com duas cervejas cada um e entregaram-nos as nossas.

«Um brinde ao **Afonso**, que nos vai deixar, mas que promete voltar e bem mais moreno!», disse o Miguel erguendo a garrafa.

Assim que demos um trago nas respetivas cervejas, o Miguel agarrou-se à Filipa, começou a dançar com ela e a Inês juntou-se a eles. No entanto, estava sempre de olho em mim, e eu, um pouco mais afastado, devolvia-lhe o olhar. Depois afastou-se deles e aproximou-se de mim.

«Esta é a tal única situação em que bebes álcool? Tal como me tinhas dito, se não me engano, no outro bar?», perguntou ela.

«Não. Esta é uma exceção à exceção. Apenas porque é um momento especial e não vou conduzir. Caso contrário isto não seria possível. Apesar de tudo sou um tipo às direitas...»

«Muito bem! Nem vou perguntar que situação é essa porque só me vais dizer quando eu me portar suficientemente bem para me contares a tua história, não é? Mas também não me darás tempo para te mostrar como sou bem-comportada, por isso...»

«Agora concentra-te em seres malcomportada. Neste momento, e tendo em conta as circunstâncias, seres malcomportada é a melhor forma de te comportares bem. Entendes onde quero chegar?», perguntei semicerrando os olhos para ela.

«Eu acho que desde o primeiro segundo que estou a ser malcomportada, porque desde esse momento sei que isto tudo é um erro e cada vez quero mais errar. Por isso, no fundo, até não tens muitas razões de queixa, se era de facto isto que querias.»

«Eu não me queixei, apenas quero mais.»

«Mais ainda?», perguntou admirada.

Aproximei a minha boca do ouvido dela.

«Quero mais confiança. Quero mais desinibição. Quero mais aqueles olhares de quem quer mais. De quem merece mais. Quero que me digas ao ouvido sem medo que queres que eu te foda toda. Que te coma de

todas as formas e feitios. Que te deixe num estado lastimável depois de te penetrar à força toda. Quero ouvir-te dizê-lo com o maior à-vontade do mundo porque é mesmo essa a tua vontade. E também ela é do tamanho do mundo.»

Ela afastou o ouvido da minha boca e ficou a olhar para mim com cara de espanto, demonstrando que não estava minimamente à espera de me ouvir dizer aquilo.

«Agora fiquei sem saber o que dizer...»

Levei a mão ao fundo das costas dela, puxei-a para mim, encostando todo o seu corpo ao meu, e baixei o rosto para lhe voltar a falar ao ouvido:

«Pede-me o que quiseres. Eu sei que escondes algo de animalesco e alucinante dentro de ti que a pouca coragem nunca te deixou revelar. Diz lá de uma vez por todas. Agora mesmo. Sem pensar. Seja o que for, quero ouvi-lo. E eu vou fazê-lo contigo. Nada de me pedires algo básico só para responderes alguma coisa. Se o fizeres, vou ignorar. Quero que me peças a aventura mais radical e inconcebível que já te passou pela cabeça para experimentarmos no sexo. Sem medo nem vergonha. Prometo que não te vou julgar. Deixa-me tirar-te essa curiosidade e dar-te essa experiência. Quero que esse momento tenha nele o meu nome gravado e fique guardado, bem guardado, na tua memória e coração, para te despertar um sorriso sempre que te lembrares dele.»

A Inês ficou imóvel em silêncio durante alguns momentos no limbo entre o medo e a tentação, e eu decidi dar-lhe um pequeno empurrão para o abismo definitivo.

«Lembra-te de que o tempo está a con...»

«Táxi», interrompeu ela com uma frieza arrepiante.

«Hummm... Afinal a tua mente é ainda mais interessante do que aquilo que eu imaginava. Gosto disso. Gosto muito disso.»

«Só estou a seguir as tuas indicações.»

«Estás a ser uma linda menina», elogiei.

«Vamos! Senão começo a pensar e estrago tudo.»

Pousei a minha garrafa e a dela na mesa mais próxima, coloquei a mão das costas dela e dei-lhe sinal para seguir à minha frente em direção à saída, mas antes despedi-me do Miguel e da Filipa.

«Divirtam-se por nós», disse-lhes.

«Para onde é que vais?», perguntou o Miguel. «Ainda agora chegámos! E a tua despedida?»

«Deixa estar, Miguel», tranquilizou a Filipa.

«Antes de ir passo em tua casa para te deixar o *Dark* e as coisas dele e dar-te um abraço», disse eu ao Miguel. «Já agora, gostei do corte de cabelo. Fica-te bem.»

«Pois fica, mas não é para o teu bico», brincou.

Lancei um último olhar à Filipa e abandonei o bar juntamente com a Inês. Assim que saímos à rua, pedi-lhe para esperar por mim e fui ao outro lado da praça, onde havia uma caixa de multibanco, levantar dinheiro.

«Vai dar jeito», disse-lhe com um sorriso atrevido ao mesmo tempo que lhe agarrava no braço. «Vamos!»

Dirigimo-nos para a zona de táxis junto ao Piolho e entrámos para o banco de trás do primeiro táxi da fila. A Inês indicou-lhe a morada de sua casa e ele arrancou logo de seguida. Reparei que ela não olhava para mim, respirava fundo e engolia em seco, certamente consumida pela adrenalina que começava a apoderar-se do seu corpo. Levei uma mão às suas pernas, puxei-a para mim e comecei a beijá-la. Sentia-lhe o nervosismo na língua, mas era bom, pois sabia que era um nervosismo estimulante.

Comecei a acariciar-lhe a barriga por cima do vestido e subi até aos seios. A respiração dela acelerou ainda mais, mas o corpo permanecia praticamente imobilizado pelo medo. Continuei a acariciar-lhe os seios enquanto a beijava, cada vez com mais firmeza e apertando-os ligeiramente, até que ela começou a ferver e deitou a mão à minha coxa procurando o meu sexo. Assim que conseguiu chegar com a mão ao meu pau, começou a esfregá-lo com afinco por cima das calças, e conseguiu deixá-lo incrivelmente mais duro do que aquilo que já estava.

Topei pelo canto do olho que o senhor do volante nos observava atentamente pelo retrovisor e tive de entrar em ação. Debrucei-me sobre o ombro dele, fui ao bolso de trás das minhas calças, agarrei nas notas que lá havia metido momentos antes, encostei-as ao peito do taxista e sussurrei-lhe ao ouvido:

«Isto fica só entre nós. Olhos na estrada e ouvidos de folga.»

O homem agarrou no dinheiro e não abriu a boca. Rodei o retrovisor

para o lado para melhorar a nossa privacidade e voltei a recostar-me no banco. Agarrei no rosto dela e comecei a beijá-la de novo. Aos poucos a Inês foi ficando mais desinibida, tendo em conta que o taxista estava oficialmente ao corrente da situação e tínhamos a sua aprovação. Além disso não havia forma de ele ver o que se estava a passar, o que era um bom calmante para o cérebro dela. Sem parar de me beijar, agarrou nas minhas calças e começou a abri-las. Dei-lhe uma pequena ajuda e eu mesmo desci as calças e agarrei no meu pau febril, desejoso de sentir a boca dela. Afastei-lhe as costas do encosto e bati duas vezes no acento. Ela entendeu a dica, colocou-se de joelhos sobre o assento, afastou o cabelo para o lado, debruçou-se sobre mim e meteu-o na boca. De repente senti-me possuído por uma áurea mágica. O meu pau dentro da boca molhada dela, o conforto daquele assento e a cidade reluzente, meia acordada, meia a dormir do lado de fora do vidro, era divinal. Agarrei no cabelo dela para lhe facilitar a tarefa e acompanhei com a mão os sobes e desces da cabeça da Inês.

Ela estava de rabo empinado bem do meu lado e com a mão que tinha livre subi-lhe o vestido e comecei a acariciar-lhe as nádegas quentes que trazia por baixo, o que me provocava um tesão ainda mais assustador. Passei para o sexo dela e esfreguei-o com a ponta dos dedos por cima das cuecas. A Inês sacudia o rabo impelida pela sensação orgástica que lhe eletrizava o corpo todo, e eu esbofeteava-lhe as nádegas sempre que o fazia.

Tirei o meu pau da boca dela, rodei-a para a janela e baixei-lhe a cabeça até ao assento, ficando com o seu rabo levantado diante do meu rosto. O taxista fez uma curva apertada e obrigou-me a esperar que a terminasse, segurando o rabo da Inês contra o encosto do assento. Olhei de relance para o taxista para confirmar que ele estava bem concentrado na tarefa que lhe competia e entreguei-me à minha. Desci-lhe as cuecas, descobrindo aquele sexo quente e delicioso que elas escondiam, e dei-lhe várias longas lambidelas até ficar bem molhado. Comecei a acariciar-lhe a entrada do sexo com o polegar em movimentos circulares ao longo de todo o contorno e com o dedo indicador dobrado acariciava-lhe o clit ao mesmo tempo. Apercebia-me de que a Inês estava a abafar os gemidos contra o assento, e não a culpava por isso. O taxista podia não ver, mas ainda ouvia. E já muita

coragem estava a demonstrar ela por estar a fazer aquilo comigo no banco de trás de um táxi em andamento. O espaço atrás era exíguo e as estradas até casa dela não eram propriamente poupadas nas curvas, por isso sabia que tinha de me dedicar muito bem no sexo oral, pois as condições eram propícias a prejudicarem-me a *performance*. Coloquei um dos joelhos sobre o assento para elevar a minha cabeça em relação ao rabo dela, prendi-a contra o banco com um dos braços por cima das suas costas, rodei a minha cabeça para ficar perpendicular em relação às nádegas e apanhei-lhe os grandes lábios com a boca, sugando-os por todo o comprimento enquanto lhe acariciava o clit, desta vez com o polegar. Continuei a lambê-la e a chupá-la intensamente até que o táxi entrou numa estrada de melhor qualidade.

Libertei-lhe por fim o sexo, carreguei-lhe nas costas, fazendo o rabo dela baixar e recuar para mim, empoleirei-me sobre ela, colei as minhas costas e cabeça ao tejadilho e ataquei-lhe o sexo ferozmente com o meu pau. Penetrei-a fundo, e parecia que o carro, subitamente, tinha começado a levitar. Era tão bom estar dentro dela. Fosse num carro em andamento aos solavancos ou na cama mais suave do mundo. Estava onde tinha de estar naquele momento. Dentro daquele corpo a entrar e a sair. As calças prendiam-me os pés, a altura do habitáculo obrigava-me a uma ginástica olímpica, mas sentir o sexo dela à volta do meu pau fazia daquele carro um pedaço de nuvem a flutuar sobre o alcatrão.

Agarrei-me com um braço ao encosto da cabeça de um dos assentos, com a outra mão segurei o corpo dela para não tombar para o lado e continuei a atirar-me com força para dentro dela, fazendo-a embater com a cabeça contra a porta do carro. Entretanto, o táxi chegou ao destino, mas nós ainda não tínhamos chegado aonde pretendíamos. Assim que o carro parou, a Inês afastou-se de mim, subiu as cuecas e desceu o vestido muito rapidamente. Eu tratei também de subir a minha roupa, e ela abriu a porta para sair.

«Temos de acabar isto», avisei.

«Acabas em casa. À mão!», disse com um olhar desafiador.

Aproximou-se do meu ouvido e sussurrou:

«Sexo num táxi: *check*!»

Deu-me uma mordida no pescoço, saiu do carro e, antes de bater a porta, disse para o taxista:

«Leve este rapaz a casa, por favor!»

Bateu duas vezes no tejadilho, dando sinal para arrancar, e correu para a porta do prédio. Tinha acabado de imitar o que eu fizera quando a metera num táxi à saída da aula de dança.

29

Combinara com o Henrique que nesse dia voltaríamos ao 404 do Fénix para uma última oportunidade de ele me mostrar que me havia procurado com a intenção de aprender e melhorar e não somente para se afirmar e exibir (entre outras razões ocultas que ele pudesse ter). A minha paciência nunca fora muita com ele, mas sempre tentei ser profissional desde a primeira reunião e dar-lhe o benefício da dúvida. Um benefício que estava prestes a terminar.

Faltava-me só organizar umas pastas para me ir embora do escritório quando o meu telemóvel vibrou com uma SMS da Filipa.

«*Estou perto do teu escritório. Posso passar aí?*», perguntava.

«*Força*», respondi apenas.

Sabia que ela tinha uma explicação a dar-me, no entanto não acreditava que tinha sido por isso que ela me procurara. Aquilo que a trazia até mim era bem mais complexo e o tema só podia ser um.

Assim que me avisou que tinha chegado fui recebê-la à entrada do escritório. A Filipa desejou boa-noite à Susana assim que passou pelo balcão da entrada. Reparei que a Susana nos olhava de um jeito curioso, certamente admirada por ver uma mulher vir ao meu encontro, já que era um fenómeno raro no meu escritório.

Convidei a Filipa a sentar-se e continuei a organizar as pastas para otimizar o tempo, já que não faltava muito para a hora que tinha marcado com o Henrique no Fénix.

«Não me digas que também queres ser um **Afonso**», brinquei.

«Não é bem isso que me traz por cá. Acho que prefiro continuar a ser uma Filipa», disse com um sorriso baço.

«Explica-me lá porque é que ela saiu connosco?», perguntei para ir direto ao assunto.

«Eu sempre que saio convido-a para vir comigo, porque sei que lhe faz bem distrair-se. Pelo menos assim a probabilidade de pensar nos problemas dela, e especialmente nele...»

«Victor, não é?», interrompi.

«Isso... Vejo que ela já abriu o jogo contigo.»

«Contou-me algumas coisas, mas continua.»

«Pronto. Eu convido-a sempre, até porque também foi por isso que lhe disse para vir viver comigo. Tenho-me empenhado em mantê-la ocupada, bem-disposta e tento sempre empurrá-la para a frente, porque já sei como ela é. Se a deixo sozinha, ela volta a cair no erro de o procurar de novo, mesmo sabendo que aquilo já deu o que tinha a dar e que não vai sair dali.»

«Já me tinhas falado tudo isso. Desenvolve, Filipa.»

«Finalizando: desta vez não lhe disse nada e ela ofereceu-se para vir comigo. Eu fiquei parva, porque é sempre uns trabalhos para a tirar de casa, e desta vez até foi ela que se chegou à frente. Parece que está numa de começar a aproveitar estas pequenas oportunidades para se divertir, não sei. Ou foste tu que lhe viraste a cabeça para ela espevitar. Eu fiquei sem saber o que fazer, estava sempre a recusar os meus convites, e desta vez que queria sair comigo não consegui dizer-lhe que não. Olha... mais tarde ou mais cedo ela ia acabar por saber que éramos amigos. Se calhar foi melhor agora do que mais tarde.»

«Pois, mas agora o caso muda um pouco de figura.»

«Era exatamente por isso que queria falar contigo», disse ela.

Respirou fundo, ajeitou o casaco, olhou para o chão, depois para mim e continuou:

«Acho que é melhor começares a afastar-te dela...»

«Agora? Mas já vou embora dentro de uma semana. Além disso já a convidei para ir a um jantar comigo no próximo sábado. Não vou simplesmente dizer que já não quero.»

«**Afonso**, já fizeste o que tinhas a fazer.»

«Não tenho a certeza disso. Ainda há pouco mais de uma semana, ela disse-me que esse tal Victor *ainda vivia muito nela*», citei. «Deu para perceber que, apesar de tudo o que consegui despertar nela, ainda não a consegui tirar desse buraco. Ou seja, se me afastar agora mesmo, é ainda mais provável que ela volte para esse tipo que a fez sofrer e tudo isto que andei a fazer, principalmente por ti, porque percebi que isso também te estava a afetar, foi em vão. E o meu tempo, atenção e companhia são demasiado valiosos para estarem associados a um caso fracassado.»

«Eu sei, caramba! Mas já te puseste bem no meu lugar? No fundo sou

eu a culpada de tudo isto. No fundo fui eu que te meti na vida dela para que outro, bem pior, saísse. Foi por desespero que aceitei tudo isto, praticamente. No entanto, a minha posição é ingrata, porque estou a ser mediadora de uma coisa sobre a qual não tenho controlo nenhum e, pior do que isso, sobre a qual não deveria ter controlo nenhum. Agora sinto uma obrigação pessoal de te deixar ir suficientemente longe para poderes cumprir a missão com sucesso e não teres desperdiçado o teu tempo. Por outro lado, não te posso dar a corda toda porque a minha prioridade continua a ser o bem-estar e a felicidade da minha amiga, e não sei até que ponto já não ultrapassámos o limite de segurança.»

«Porque dizes isso?», perguntei.

«Sei lá porquê. Talvez porque notei que ela nos últimos tempos anda diferente. Nuns momentos completamente eufórica e noutros muito pensativa. E ultimamente não tem falado nada do ex-namorado. Por isso é que acho que já está bom. Acho que podemos ficar por aqui. Ela já se desapegou daquela relação obsessiva e destrutiva e agora é só ir desapegando-se de ti e ficará bem. Eu tomo conta do assunto a partir de agora.»

«Agora é tarde, Filipa! Eu já a pus a par da minha efemeridade, já a fiz saber que me ia embora em breve e já a fiz comprometer-se comigo a aproveitar o que tinha de ser aproveitado enquanto eu estivesse aqui. Não vou agora fazer exatamente aquilo que lhe havia dito para não fazer. Estou preso também!»

«Merda! Merda! Merda!», exclamou. «Isto vai correr mal! Oh meu deus... não me vou perdoar se ela voltar a sofrer.»

«É claro que lhe vai custar, mas é melhor ser desta maneira, curta e grossa, do que da maneira anterior, que é bem mais agonizante. Aquilo que vou provocar é uma dor, aquilo que ela estava a passar era um sofrimento. Que é uma dor prolongada. Ou seja, muito pior. Às vezes estás a sofrer de um mal qualquer e precisas de levar uma injeção. No entanto, para parares de sofrer com esse mal, tens de aceitar a dor da agulha a espetar-te no corpo. É um preço a pagar por um bem maior. Não é só com o corpo que funciona assim. É a tal história que te contei uma vez, de quando se desloca um osso qualquer. Sabes que para ele voltar ao lugar precisas de passar por uma dor intensa. No entanto, sabes que essa dor, apesar de intensa, é provisória. E eu sou assim.

Uma dor forte e provisória, mas sem dúvida compensatória.»

«Já conheço essa história de cor. Não duvido de que isso resulte. Do que duvido é que funcione sempre assim e com todas as pessoas. Especialmente no caso da Inês!»

«Tínhamos combinado não referir o nome dela...», alertei.

«Já não é preciso fazer de conta, **Afonso**! Ela já sabe que nos conhecemos, o universo já sabe que tudo isto foi planeado! Ai meu deus! Sinto-me tão mal por dizer uma coisa destas!»

A Filipa pôs a mão na cabeça e começou a andar de um lado para o outro no meu gabinete. Pousei as pastas, saí de detrás da secretária e aproximei-me dela.

«Porque é que achas que te pedi para não referirmos o nome dela e termos cuidado como se alguém nos estivesse a ouvir sempre que falássemos sobre a Inês? Esse alguém a quem me estava a referir era a nossa consciência! Ela é que está sempre pronta a foder-nos, não são as outras pessoas. E agora acarreta com o peso da realidade. Porque, sim, é esta a realidade e não dá para fugir dela. Eu dispus-me a ajudar-te a ajudar a tua amiga para que se ajudasse a ver-se livre de um sentimento que só lhe estava a fazer mal. Como? Ensinando-a a valorizar-se, a libertar-se e a aproveitar mais a vida. Como? Aproximando-me dela de forma a poder transmitir-lhe estas mensagens, mas é claro que isso envolvia consequências, como a possibilidade de se apaixonar. Por outro lado, se não se apaixonasse nunca teria o mesmo efeito. Era um dano colateral necessário. Esta é a verdade de toda história e com a qual tens de aprender a conviver. No entanto, apesar de ela não saber o verdadeiro porquê de eu ter entrado na vida dela desta maneira, eu nunca lhe menti. Sempre dei a entender que estava de passagem e que o importante era aproveitar enquanto durasse a presença de cada um na vida do outro. Não são apenas as pessoas eternas que são importantes na nossa vida. Há muitas que vêm e vão e só mais tarde percebemos a importância que tiveram na nossa vida. Quando admitires a realidade, esta parecerá muito mais pesada, mas lembra-te destas palavras, pois ajudar-te-ão a aliviar esse peso da culpa. Não precisas de pintar um cenário tão negro. Nada do que foi feito foi com a intenção de prejudicar alguém. Muito pelo contrário. É claro que de boas intenções está o inferno cheio, mas melhor boas do que

más. Além de tudo isto, tenho a certeza de que se lhe desses a escolher entre viver o que viveu comigo, sabendo que eu estava de passagem e que isso implicaria alguma dor, ou continuar na situação em que ela estava, de certeza que ela me escolheria a mim.»

«Oh não!», exclamou.

«O que é que foi agora, Filipa?»

«Ela vai perceber rapidamente que estou ligada a esta tua aproximação.»

«Não exageres! Ela só ficou a saber que nos conhecíamos.»

«Não vês que ela se lembrou que da última vez que saiu comigo se encontrou contigo? Rapidamente vai perceber o porquê de eu quase a ter arrastado naquele dia para ir comigo ao Bonaparte. Tal como me tinhas pedido para fazer. E ainda vai associar ao facto de eu a meio da noite ter desaparecido com o Miguel, que por *coincidência* aconteceu no momento em que tu a encontraste sozinha lá no bar. Por fim vai lembrar-se de que no dia em que foste lá a casa eu saí pouco tempo antes de tu chegares, apesar de ser noite e estar a chover. Mais uma vez porque tu me pediste, para conseguires estar sozinho com ela. E pronto, fomos descobertos.»

«Estás a dramatizar. Se for tudo bem feito, todos sairão a ganhar. Eu terei cumprido a missão de melhorar a vida de alguém, ela terá finalmente voltado a viver, que com certeza era um desejo seu, e tu ficarás bem porque tanto eu como ela estaremos bem. Não podes é fazer nenhuma asneira», avisei.

A Filipa pousou a mão na cintura, suspirou e ficou a olhar para o chão durante vários segundos. Depois ergueu o rosto para mim e disse reticente:

«Está bem... Vamos esperar que vás embora e acreditar que isto tenha sido só passageiro para ser mais fácil de ultrapassar. Que o tempo seja nosso amigo. A não ser que tu...»

«Eu o quê?»

«Tu... criaste alguma ligação com ela? E sim, estou a falar de sentimentos. Não te apaixonaste?», perguntou.

O meu telemóvel começou a vibrar-me no bolso. Tirei-o para fora para ver quem era e verifiquei que se tratava de uma chamada da Verónica. *O que é que ela quer?*, pensei. Voltei a bloquear o telemóvel para que

deixasse de vibrar, mas sem lhe recusar a chamada, e respondi por fim à Filipa:

«Digamos que tenho o meu coração desativado.»

«O que significa isso, exatamente?», perguntou curiosa.

«Significa que não está recetivo a novas paixões. Não quer dizer que não aconteça, mas é algo verdadeiramente difícil. Aliás, tiro o chapéu a quem me conseguir fazer apaixonar.»

«Acho que gostava que me tivesses dado uma resposta positiva. Talvez assim me livrasse de algum do peso. Mas, por outro lado, e não me interpretes mal, não te estou a ver a assumir uma relação com uma mulher. No fundo, a tua vida é isto, não é, **Afonso**?»

Não havia nenhuma maldade naquela observação da Filipa, mas despertou uma sensação estranha em mim. No fundo acabara de me reduzir ou limitar de alguma forma. Como se eu fosse um homem capaz de conquistar qualquer mulher do mundo, mas ao mesmo tempo incapaz de ficar com alguma. Assomou-se-me um *flash* de raiva, e ainda que eu quisesse acreditar que era por ela, não conseguia. Aquela raiva que sentia era por mim. Ainda que não fosse de facto verdade o que ela dissera, não deixava de ter razão. Pois para todos os efeitos as minhas atitudes e forma de estar na vida justificavam aquela observação que acabara de fazer. Ainda que eu soubesse perfeitamente que era capaz de assumir uma relação e ficar com uma mulher, eu não tinha argumentos para a convencer do contrário naquele momento.

«Ser como sou não me impede de tratar uma mulher como ela merece, ainda que não chegue a apaixonar-me», comecei por explicar. «Até porque posso dificultar a tarefa de sentir, mas não impedir propriamente. Ou seja, não é algo que dependa de mim como dependem as minhas atitudes para com uma mulher. E essas tenho a certeza de que são as melhores, porque são sempre no sentido de a colocar em primeiro lugar. Sentir ou não acaba por não ser uma responsabilidade exclusivamente minha. No entanto, o tempo acaba sempre por exigir mais coração do que cabeça e isso, neste momento, é uma oferta que não vem no pacote. Mas enfim... é uma longa conversa que vai ficar para outro dia.»

Senti-me mal ao lembrar-me de repente do que me havia dito a terapeuta sobre usar mais o coração e menos a cabeça.

«E achas que com a Inês isso não poderá ser diferente?»

«A Inês é uma rapariga incrível. Precisará muito em breve de estabilidade, paz e conforto. Isso é algo que ela merece muito, mas que eu não lhe posso dar. A minha personalidade é demasiado complexa e a minha existência muito turbulenta. Vim para mudar, não para ficar, por isso, assim que tiver a minha missão cumprida, será tempo de também cumprir o destino... e desaparecer.»

A Filipa ficou a olhar-me em silêncio durante um segundo. Depois abanou a cabeça e dirigiu-se para a saída do gabinete.

«Isto é sobre ela, mas eu também me preocupo contigo e quero que estejas bem...»

«Estarei», disse somente.

A Filipa abriu a porta e abandonou o gabinete. Regressei à secretária e voltei a organizar as pastas para me ir embora. O telemóvel voltou a vibrar-me no bolso, tirei-o para fora e desta vez atendi a Verónica para saber o que ela queria.

«*Aceitas um café?*», começou por perguntar assim que atendi a chamada.

«Podes perguntar logo se quero voltar a foder contigo. Eu dispenso esse tipo de formalidades. Embora agradeça a subtileza e elegância do teu convite.»

«*Se é para ir direta ao assunto que seja. Onde e quando?*»

«Não vai acontecer, Verónica.»

«*Porquê?*», perguntou com um tom de voz amargo.

«Da primeira vez aconteceu porque eu e tu queríamos. Agora só queres tu. Por isso não faz sentido. Consegues entender isso?»

«*Não percebo. Desculpa, mas não percebo como é que um tipo como tu que, supostamente, só está bem com ela lá dentro dispensa uma foda com uma mulher como eu.*»

«Só estou bem com ela lá dentro, mas tem de haver critério», respondi muito calmamente.

«*E comigo não há? És um fraco,* ***Afonso****. É o que tu és*», disse ela de voz ríspida antes de desligar a chamada.

A partir desse momento tive a certeza de que estava metido em problemas com aquela mulher. Estava a ficar obcecada por mim e eu já começava a arrepender-me de um dia ter decidido demonstrar-lhe o

quão bom era a foder. Devia ter percebido o perfil dela. Agora era tarde e era também uma questão de tempo até ela voltar.

Aproveitei que tinha o telemóvel na mão e liguei ao Henrique para confirmar se estava tudo pronto para o novo desafio no 404.

«Ainda bem que me ligas», disse ele assim que atendeu.

«O que se passa?»

«É por causa do encontro de hoje lá no hotel.»

«Sim, que tem?», perguntei.

«Tenho uma proposta para te fazer...»

30

O Henrique não me revelara a proposta que tinha para me fazer pelo telefone e preferiu dizer-ma pessoalmente. Deixou-me curioso e ao mesmo intrigado, porque vindo dele a probabilidade de a proposta não me interessar era muito elevada. Ainda mais tendo em conta o clima pouco amistoso que existia entre nós, principalmente desde a última conversa que tínhamos tido. No entanto, tinha-lhe dado uma nova oportunidade e até ele me provar que não a merecia ia avaliá-lo de uma forma isenta.

Tinha combinado comigo revelar-me a proposta no próprio hotel, o que estranhei desde logo, pois por essa altura ele já deveria estar supostamente acompanhado com a tal amiga colorida com que iria fazer a avaliação nessa noite.

Assim que cheguei ao hotel, o Henrique, que estava sentado num dos sofás da entrada, levantou-se e aproximou-se de mim com um ar sorridente para me cumprimentar. Logo a seguir levantou-se uma mulher que estava na sua companhia, e que se aproximou também com um olhar sedutor e absolutamente erótico. Trazia vestido um *top* verde-musgo, uma casaca preta e uma saia justa de napa, além de um sapato de tacão que a deixava pelo ombro do Henrique.

«Esta é a Maria, a amiga de que te falei», começou por apresentar o Henrique assim que ela chegou junto de nós.

Acenei-lhe com a cabeça e um sorriso, mas não abri a boca nem sequer tirei as mãos dos bolsos da casaca.

«Como te disse, a Maria é uma amiga minha, uma mulher com uma mente aberta», continuou por dizer o Henrique, olhando-a com um sorriso cúmplice. «E por isso tomei a liberdade de lhe propor este desafio. Contudo, uma vez que não era nos moldes do encontro anterior, achei que não fazia mal revelar-lhe o que ia acontecer.»

«Isto pode parecer um encontro de amigos, mas continua a ser uma avaliação de uma formação minha, num quarto que, no fundo, também é meu e que possui segredos que, como deves imaginar, não convém serem partilhados com *pessoas estranhas ao serviço*», disse-lhe com

uma expressão facial carregada.

«A Maria sabe guardar um segredo, não é, Maria?», perguntou o Henrique, colocando-lhe a mão nas costas.

«Não duvido», disse eu olhando para a Maria com um sorriso meio cínico, meio atrevido.

«E pronto, uma vez que não é segredo para nenhum de nós que aquilo que vai acontecer no 404 será visto por ti, ocorreu-me a ideia de que pudesses assistir a tudo no próprio quarto. Partilhei a ideia com a Maria e da parte dela não há problema nenhum.»

A Maria voltou a lançar-me um sorriso sedutor e provocador.

«E porque é que eu havia de aceitar essa proposta?»

«E porque é que não havias de aceitar?», devolveu o Henrique.

Na verdade, eu fizera a pergunta para tentar arrancar alguma informação que não estivesse à espera da parte dele, no entanto o Henrique tinha-lhe escapado muito bem. Além de ter fugido à pergunta tinha-me deixado sem resposta.

Não quis alongar-me naquele diálogo nem tão-pouco armar-me em intransigente. Gostava de ser rigoroso, mas ser intransigente era só ridículo. Além disso estava sempre disponível para novas experiências e, por incrível que pareça, ainda nenhum dos meus aspirantes me havia proposto aquilo. Gostei da ideia e não a ia recusar. Contudo, não pude deixar de reparar que aquela sugestão revelava porventura algum fetiche escondido na mente daqueles dois.

«Vamos a isso», disse eu com um sorriso.

«Já fizemos o *check-in*, podemos subir», disse o Henrique.

Admirei tanto quanto estranhei aquela proatividade. Estavam mais empolgados com a ideia de serem vistos a foder um com o outro do que propriamente eu que teria o prazer visual todo.

Deixei a Maria seguir na frente em direção ao elevador e aproveitei para perguntar baixinho ao Henrique:

«Como é que ficou a situação com a Anabela?»

«Tudo resolvido. Queríamos aquilo, tivemos aquilo», respondeu muito rapidamente com o seu à-vontade habitual.

Não sabia se a realidade era tão tranquila quanto aquela frase, no entanto senti-me melhor após ouvir a sua resposta. Ninguém forçava ninguém a nada, nem ninguém mentia a ninguém, contudo tinha a

perfeita noção de que aquela minha atividade (ainda que eu não interviesse diretamente) podia ser entendida de maneira errada, tendo em conta a linha ténue que separava a boa da má interpretação. Incomodava-me profundamente a ideia de que as mulheres fossem usadas e descartadas nas minhas formações e isso era sempre um aviso e, ao mesmo tempo, um desafio que dava aos meus aspirantes. Especialmente aos descomprometidos que me procuravam. Que fossem capazes de fazerem o que tinham de fazer sem que nenhuma das partes se sentisse usada ou desrespeitada. Pois sabia muito bem que havia um grande risco de isso acontecer, e não era de todo essa a realidade e muito menos o objetivo. Assim sendo, implicava, por vezes, abrir parcialmente o jogo, e tudo o que acontecesse a partir daí seria responsabilidade e vontade dos dois. Assim ninguém podia culpar ninguém. Sabia perfeitamente que toda a minha atividade decorria na beira de um penhasco. Ao menor deslize, puff... estava tudo estragado. Mas quem queria ser verdadeiramente um **Afonso** teria de aprender a conviver com esse risco, exigência e pressão. Já eu tentava focar-me no meu grande objetivo e na minha maior missão que era a formação de homens capazes de satisfazerem as suas mulheres em todos os sentidos ao longo do tempo que durasse a estada de ambos na vida um do outro.

Entrámos no elevador e começámos a subir. A Maria ficou no meio de nós e subimos todos em silêncio. Pela primeira vez senti-me desconfortável. Só não percebi se era pelo silêncio se por aquilo que estava prestes a acontecer. Não seria a primeira vez que iria assistir a sexo na mesma divisão e com o consentimento dos intervenientes, mas era a primeira vez que ia acontecer nas minhas próprias avaliações. Para piorar tudo, fora eu o convidado, e não consegui fugir à sensação de *matrioska* onde eu parecia o aluno do meu aluno. Abanei a cabeça para sacudir aquela ideia e enquanto isso o elevador apitou. Entrámos no quarto e sentei-me num cadeirão num dos cantos. Ia dizer-lhes para fazerem de conta que eu não estava lá para se sentirem mais à vontade, mas lembrei-me de que eles queriam precisamente o oposto.

A Maria começou por pousar as coisas dela na cómoda e o Henrique começou a tirar o cinto das calças. De repente dobrou o cinto nas mãos e chicoteou-lhe o rabo, apanhando-a de surpresa. A Maria deu um grito e

levou a mão ao rabo. Ele agarrou no rosto dela, lambeu-lhe a boca e carregou-a sobre os ombros. Ela ajoelhou-se diante dele, desceu-lhe a roupa, agarrou-lhe no pau e começou a chupá-lo. O Henrique olhou para mim, piscou-me o olho, atirou o cinto que tinha nas mãos para cima da cama e começou a desabotoar a camisa que trazia vestida. Assim que a tirou, desceu as alças do *top* da Maria, deixando-o apenas à volta da barriga, desapertou-lhe o sutiã e tirou-lho. Ela não parou de o chupar afincadamente, e ele agarrou-lhe na cabeça para intensificar os seus movimentos bocais. Com a mão na nuca dela, puxou a sua cabeça contra si e segurou-a firmemente com o pau todo dentro da sua boca. Libertou-a por momentos para que respirasse um pouco, voltou a meter-lhe o pau na boca e agarrou de novo na cabeça de Maria com as palmas das mãos e pressionou-lhe as bochechas contra o seu pau. Moveu-lhe a cabeça para trás e para a frente várias vezes, certamente sentindo a dureza do seu pau do lado de fora da boca dela, e soltou um rugido para o teto. A seguir ergueu-a para cima, puxando-a pelos cabelos, com uma das mãos segurou nas calças e com a outra agarrou a Maria por trás do pescoço para a empurrar para cima da cama. Assim que despiu as calças, também ele se atirou para a cama. Subiu-lhe a saia de napa, deixando-a de volta da sua barriga, tal como o *top* estava, e arrancou-lhe de seguida as cuecas. Afastou as pernas da Maria, deitou-se entre elas, colocou a perna esquerda sobre as suas costas, para facilitar a aproximação do seu rosto ao sexo dela, e abocanhou-o. Começou a chupá-lo ao mesmo que rugia, olhou para mim e entre as chupadelas e rugidos perguntou-me:

«Está bom assim, **Afonso**?»

Não entendi aquela pergunta a meio do sexo oral. Franzi-lhe o sobrolho e não abri a minha boca. Ele continuou a chupá-la como um animal e começou a dar-lhe mordidas no sexo, provocando-lhe choques no corpo.

«E assim?», voltou a perguntar, de rosto babado e com um olhar ainda mais feroz e animalesco.

Atirou de novo a sua boca ao sexo dela e começou também a introduzir-lhe um dedo no sexo.

«Se calhar é melhor assim, não é, **Afonso**?», insistiu.

Nesse momento comecei a perceber qual era a intenção dele e não

estava nada a gostar do que estava a acontecer.

Soltou o sexo dela, colocou-se de joelhos, pegou na perna de Maria que estava mais próxima de mim e passou-a para o outro lado, ficando ela com a barriga torcida, de rabo perpendicular ao colchão, mas com os ombros pousados nele. O Henrique debruçou-se sobre ela, agarrou no seu pau e começou a penetrá-la. Depois colocou a mão sobre o pescoço de Maria e usou o seu peso para o pressionar enquanto entrava e saía dela fortemente. Com a outra mão carregava sobre a perna que havia movido para lhe segurar o corpo naquela posição. De vez em quando soltava a mão do pescoço dela. Enquanto isso, a Maria gemia ininterruptamente e cerrava os dentes para ele, o que me dava a entender que ela gostava de ser fodida daquela maneira, e ele sabia disso.

Reparei que ele tinha o cuidado de se posicionar de forma que a zona de penetração ficasse visível para mim, como se eu fosse o *cameraman* de um filme pornográfico que precisava do melhor plano de filmagem. No entanto, esse não era de todo o meu foco, mas sim toda a envolvência do que estava ali a acontecer.

O Henrique libertou-lhe o pescoço, voltou a passar a perna que havia movido para o lugar onde estava, ficando de novo entre as pernas dela, penetrando-a. A seguir agarrou na sua cintura e levantou-a, começando a fodê-la de rabo no ar e com os ombros e a cabeça dela ainda pousados sobre o colchão. Olhou para mim e soltou um riso maquiavélico, mas eu mantive o meu olhar sereno. Entretanto fez-me sinal com a cabeça como se me estivesse a incentivar para me juntar a ele. Franzi o sobrolho e semicerrei os olhos, e ele sorriu-me, voltando a concentrar-se nela.

Pousou de novo o rabo dela sobre o colchão, colocou os braços dela ao longo do tronco e, com um joelho de cada lado do corpo da Maria, pôs-se em cima dela, ficando com o rabo dele ao nível dos seios dela. Maria ficava assim com os braços presos entre as pernas do Henrique e ele com o seu pau diante do rosto dela. Depois agarrou na cabeça dela e meteu-lhe o pau na boca, controlando ele mesmo os movimentos. De seguida agarrou-a pelos cabelos com uma só mão, movendo a cabeça dela para trás e para a frente para que o chupasse, e com a mão que tinha livre começou a dar-lhe chapadas no sexo atrás de si.

Voltou a fazer-me sinal com a cabeça para que me juntasse a ele, tal como se estivesse a montar um cavalo e quisesse a minha companhia para a viagem. Disse-lhe que não com a cabeça e ele insistiu, desta vez usando a voz:

«Anda lá, **Afonso**. Não sejas tímido!»

Aceita! Voltei a dizer-lhe que não com a cabeça.

O Henrique continuava com uma mão a agarrá-la pelos cabelos e a fazê-la chupá-lo e com a outra a esbofetear-lhe o sexo e a esfregá-lo. Sempre de olhos postos em mim, à espera de que eu aceitasse o seu convite para a fodermos juntos.

«Tira esse pau para fora e fode esta cona aqui», disse-me ele, dando-lhe duas palmadas mais fortes no sexo. «Ela gosta!»

*Aceita, **Afonso**! Não desperdices essa oportunidade. Tu sabes que gostas, queres e podes. Mexe-te!* Sacudi a cabeça e fiz-lhe sinal com o dedo para que se calasse e continuasse o que estava a fazer. O Henrique soltou uma gargalhada e continuou a penetrar a boca dela e a maltratar-lhe o sexo com a mão. Mais uma vez como se estivesse a cavalgar e lhe quisesse dar um incentivo para andar (chupar) mais depressa através dos açoites.

Então era para aquilo que eles queriam que eu fosse para o quarto?, questionei-me, cada vez mais irritado com a atitude do Henrique, mais até do que com a sua intenção.

Assim que ele a libertou, deixando-a a ofegar sobre o colchão, rodou-a rapidamente de barriga para baixo, levantou-lhe ligeiramente o rabo, colocou-se em posição de flexão sobre ela, com os joelhos apoiados, e penetrou-a. Acelerou os movimentos pélvicos, fazendo a sua cintura rebentar contra o rabo da Maria. Quando os gemidos dela se intensificaram, pegou numa almofada, colocou-a sobre a cabeça dela e apoiou-se sobre ela. Desta forma, a Maria começava a sufocar debaixo da almofada, reduzindo a oxigenação do cérebro e consequentemente aumentando o prazer que sentia com as ininterruptas penetrações do Henrique. Ele olhou de novo para mim e sorriu como se acabasse de me ensinar algo que eu ainda não soubesse. Quando a Maria começou a bater com a mão no colchão, ele tirou-lhe a almofada de cima da cabeça. Claramente que aquela era uma técnica recorrente no sexo deles e já tinham, inclusive, definido os códigos para saberem quando

parar.

O Henrique puxou-a para cima, pondo-a de quatro, e rodou-a na minha direção, ficando os dois de frente para mim. Continuou a fodê-la e ela continuou a demonstrar o quanto estava a gostar de ser fodida por ele. Enquanto ele ia intercalando os olhares entre mim e o rabo dela, já Maria não tirava os olhos de mim. Eu continuava imóvel sentado no cadeirão, a assistir atentamente a toda aquela cena. No entanto, o olhar erótico que ela me estava a lançar começou a despertar-me uma ereção pela primeira vez desde que entrara naquele quarto. *Ela quer, **Afonso**. Ela também te quer dentro dela. Ao mesmo tempo. Junta-te a eles!* Voltei a sacudir a cabeça.

O Henrique puxou-a pelos cabelos, ergueu-a ligeiramente, e meteu os dedos indicadores na boca dela, um de cada lado esticando-lhe a boca e segurando-a naquela posição enquanto a comia por trás. Depois soltou-a e pegou no cinto que ainda resistia sobre a cama. Juntou-lhe as mãos, sem a tirar da posição onde estava (de frente para mim), envolveu-lhe os pulsos com o cinto, passou-o pela fivela e prendeu-lhe as mãos. Empurrou-a para a frente, fazendo-a cair de cotovelos sobre o colchão e ficou a puxar o cinto, pressionando as mãos dela contra o próprio ombro como se fosse as suas rédeas. Voltou a penetrá-la fortemente, olhou para mim e fez-me de novo sinal com a cabeça para me juntar a eles.

Vai! Recusei mais uma vez e ele puxou com mais força o cinto, fazendo a Maria erguer os cotovelos do colchão e ficar suspensa.

«Não te faças de difícil, **Afonso**! Eu sei que queres», disse o Henrique, mostrando-me os dentes.

A Maria arfava, suada, na minha direção, com o cabelo desgrenhado a cobrir-lhe parte do rosto. Sacudiu-o para o lado e incentivou-me com a sua voz de sexo:

«Estás à espera de quê para me foderes também?»

Anda! Mexe-te! Fode essa puta! É ela que está a pedir! Engoli em seco e olhei para a porta do quarto. Esfreguei o rosto e senti-me a começar a suar.

«Agora, **Afonso**!», bradou o Henrique. «Ela está dominada por mim. Fode-lhe essa boca que ela gosta!»

«Anda logo!», berrou a Maria por entre os dentes cerrados.

Levanta esse cu agora e vai! Esfreguei os olhos, mas aquela voz

dentro da minha cabeça não me largava. *Fá-la chupar-te!* Ergui-me de rompante do cadeirão e aproximei-me da Maria. Agarrei-a pelo cabelo e fi-la erguer o rosto para mim, ao mesmo tempo que comecei a desabotoar as minhas calças.

«Isso mesmo!», incentivou o Henrique.

Desci a minha roupa e agarrei no meu pau duro para lho enfiar na boca. A Maria abriu a boca e deitou a língua de fora desejosa também de me sentir dentro dela.

*Mete logo, **Afonso**! Mete essa porra na boca dela!*

«Fode-a pela frente que eu fodo-a por trás!», atirou o Henrique.

«Mete-ma na boca, cabrão!», gritou a Maria.

Sacudi uma última vez a cabeça e encontrei um fio de luz dentro da minha mente. Agarrei-me a ele e consegui voltar à tona o tempo suficiente para tomar consciência do que estava a fazer. Recolhi o meu pau e subi a minha roupa.

«Então?», perguntou o Henrique admirado, mas ao mesmo tempo com um ténue sorriso malicioso.

«Está com medo, o professor?», perguntou a Maria de rosto suado e voz rouca e sarcástica.

«Isto não foi avaliação nenhuma!», exclamei lançando um olhar tenso ao Henrique. «E tu sabias disso desde o primeiro minuto. Desperdiçaste a tua última oportunidade de seres um **Afonso**!»

Assim que terminei de falar arranquei em direção à porta do quarto e abandonei-o de seguida, mas ainda fui a tempo de ouvir uma gargalhada do Henrique. Bati a porta e um *flash* de dor atacou-me a cabeça, atirando-me para o chão. Fizera um esforço enorme para me manter à superfície de mim mesmo e isso estava a refletir-se fisicamente. *Cobarde! Cobarde! Cobarde! És sempre a mesma desilusão **Afonso**. Não vais ter...*

«Está tudo bem?», perguntou alguém no corredor.

Ergui a cabeça para cima para ver a pessoa que me tinha falado e senti de repente uma tranquilidade interior como se o facto de ter sido descoberto por alguém tivesse funcionado como uma espécie de antídoto que distraiu o meu cérebro. Quem me tinha falado era uma senhora que estava à entrada do seu quarto, duas portas à frente, que certamente ao ouvir o ruído que eu havia feito no corredor veio ver o que

se passava.

«Está tudo bem, não se preocupe», tranquilizei.

A senhora olhou-me durante mais um segundo e assim que me ergui do chão voltou para o interior do quarto.

Passei a mão no rosto e no cabelo para me recompor, apanhei o elevador e desci com a mente bem mais tranquila.

Quando passei diante da receção, focado apenas na saída, alguém chamou por mim. Quando olhei, o Sr. Jorge levantava-me a mão sorridente e fazia-me sinal para me aproximar do balcão da receção. Vesti também um sorriso e aproximei-me.

«Diga-me coisas, Sr. Jorge.»

«Já vai embora ou vai buscar alguma coisa ao carro?»

«Já vou embora mesmo, porquê?»

«Ah, bom. Sendo assim deixe lá. Boa viagem!», disse ele.

«Mas diga lá o que é que queria», insisti.

«É que se voltasse levava o cartão do cidadão ao senhor Victor, ele esqueceu-se dele aqui. Mas deixe estar...»

«Quem é o senhor Victor?»

Ele estranhou a minha pergunta, olhou para os lados, aproximou o seu rosto e disse baixinho:

«Ora essa, é o seu aluno que subiu há bocado consigo.»

«Aquele chama-se Henrique, deve estar a confundir.»

«Também, também, mas é Victor Henrique Mateus Garcia, diz aqui, ora veja», disse-me, mostrando-me o cartão de cidadão para eu poder confirmar.

Fiquei sem saber o que pensar durante breves momentos, mas antes de começar a imaginar coisas que poderiam fugir à realidade agarrei no telemóvel e enviei uma mensagem à Filipa:

«*Qual é o primeiro e último nome do ex da Inês?*»

Passado alguns segundos respondeu:

«*Não sei qual é o apelido, só sei que era Victor Henrique. Mas porque é que perguntas?*»

Merda!, pensei.

31

Liguei à Filipa enquanto abandonava o hotel para lhe responder melhor ao *porquê* que me enviara por SMS.

«Há coincidências engraçadas», disse-lhe quando atendeu.

«*O que é que se passa?*»

«O ex-namorado da Inês é meu aluno, ou melhor, era...»

«*O quê? Como assim? O que queres dizer com isso?*», perguntou, com um tom de voz de estupefação.

«Descobri agora que um dos meus formandos tem o mesmo nome do ex da Inês e, dadas as circunstâncias, só pode ser ele.»

«*Não, não, não!*», exclamou a Filipa. «*Não deixa de ser uma coincidência, mas não tão coincidência assim...*»

«Porque é que dizes isso?»

«*Porque estou a lembrar-me agora de que uma vez, quando saímos juntos, eu, a Inês, o Henrique e mais uns amigos próximos, quando eles os dois ainda namoravam, claro, embora não tenha a certeza se naquele exato momento a Inês estava connosco, comentei qualquer coisa sobre ti. No entanto, se bem me lembro, foi assim algo muito vago, só mesmo porque a conversa estava a pedir. E pelos vistos ele ficou com isso na cabeça e procurou-te. Desculpa! Eu sei que não gostas que fale sobre isto. Merda!*»

«Pois... Agora que falas nisso lembro-me do que ele me disse na primeira sessão. Eu normalmente pergunto como é que eles tomaram conhecimento da minha existência e do que fazia e, se não me engano, ele disse qualquer coisa sobre uma conversa casual de alguém que conhecia o meu trabalho e que tinha falado do meu *site*. E como ele se tinha identificado, procurou-me. Só que ficou em fila de espera, como os outros, e só começou as formações há relativamente pouco tempo.»

«*Que chatice! Como é que isto foi acontecer?*»

«Parece que a história está a ficar cada vez mais interessante», disse eu com escárnio. «Curiosamente, tu és o elo de ligação entre as personagens principais. Quem diria, menina Filipa.»

«*Eu nem estou a acreditar na ironia disto. Nem parece verdade. Mas*

seja como for tens de pôr esse gajo a mexer.»

«Porquê?»

«*Porque sim! Ele não é de confiança! É um tipo traiçoeiro, diria até perigoso. Não é à toa que me tenho esforçado para que a Inês não caia na tentação de voltar para ele. O Victor fez-lhe muito mal e é daquele tipo de gente que não olha a meios para atingir os fins. Tens de te afastar desse gajo. Por favor!*»

«Eu só tenho um medo, e com certeza não é de tipos como ele. Mas se estás preocupada comigo, podes ficar tranquila. Ele está oficialmente fora da minha formação.»

«*Ainda bem...*», suspirou. «*Corta com ele. Eu ainda nem estou a acreditar que isto está mesmo a acontecer.*»

«Vou fazer a minha parte para que ela se desligue definitivamente dele e também vou cortar relações. Descansa.»

Despedi-me da Filipa, entrei no carro e fui embora.

32

Estava a observar o *Dark* a brincar com um pau no jardim a poucos metros de minha casa, onde costumava levá-lo a passear, quando o telemóvel vibrou com uma mensagem da Inês.

«*Se é para aproveitar, é para aproveitar. Aparece às 22h na praia de Matosinhos, perto da Anémona (rotunda). Tive uma ideia quente para nós*», dizia ela na SMS, terminando a mensagem com um *smile* a piscar o olho.

«*Combinado!*», respondi somente.

Eu sabia que as conversas que tivera com ela tinham surtido algum efeito, mas ainda assim não imaginava a Inês a convidar-me para pôr em prática uma *ideia quente* à noite na praia. À parte disso era também a primeira vez que a Inês me fazia, oficialmente, um convite, por isso tudo naquela mensagem era surpresa para mim. Além de que aquele convite era muito ao meu estilo, o que me dava a agradável ideia de que ela estaria contagiada pelo meu espírito. Estava mais curioso do que ambicioso para aquele encontro, e quando tratei da minha vida por casa fiz-me à estrada em direção à praia.

Assim que cheguei debrucei-me sobre o muro que ladeava o areal e vi várias pessoas a passear ao longo da praia. Levou-me algum tempo até descobrir o vulto de uma mulher sentada na areia com o que parecia ser uma bolsa ou mochila do seu lado. Só podia ser a Inês. Desci para a areia e caminhei até junto dela pelas suas costas. Quando cheguei, sentei-me do seu lado e perguntei:

«A pensar em mim?»

«Que susto, **Afonso**!», exclamou a Inês, olhando para mim e levando a mão ao peito. «Podias pelo menos ter avisado que estavas a chegar. Estava aqui tão concentrada no mar!»

«Já devias saber que se te puder surpreender não vou escolher avisar-te. Além disso, se reparares nas horas são 22h em ponto, e eu sou sempre pontual. Devias estar à espera.»

«Estava tão concentrada numa coisa que me distraí de outras. Perfeitamente normal. E não, não estava a pensar em ti. Acho até que

não estava a pensar em nada...»

«Isso é impossível. És mulher. Não consegues não pensar em nada. Esse é uma habilidade exclusiva dos homens», sorri.

«Olha, então tive uma branca com o teu susto.»

«Posso saber o porquê do convite, o porquê do local e o porquê da hora?», perguntei sem olhar para ela.

«Não queres saber também o porquê de eu ter trazido esta roupa e não outra, já agora?», questionou ela com ironia.

«Não. Já sei que foi para ficares bonita para mim. Responde às perguntas que te fiz», insisti.

Senti que ela revirou os olhos com aquela minha deixa, mas acabou por ceder à minha insistência e respondeu:

«Convidei-te porque achei que pelo menos uma vez deveria ser eu, tendo em conta que isto já deixou de ser apenas culpa tua. Além do facto de querer estar contigo, claro. Depois escolhi a praia porque eu adoro praia, embora tu não sejas fã. E escolhi esta hora porque tu adoras a noite, embora eu não seja fã. Pareceu-me o cenário mais equilibrado dentro daqueles que me ocorreram.»

«Uau!», rejubilei. «Estou admirado contigo, mas orgulhoso de ti. E que ideia quente é essa de que me falaste? Estou muito curioso para saber que obscenidade a tua mente foi capaz de criar.»

A Inês foi à bolsa que tinha do seu lado, tirou uma pequena garrafa térmica e pousou-a na areia no meio das suas pernas. De seguida pegou numa caneca de plástico e entregou-ma.

«Chá», disse com um sorriso. «Quente!»

Soltei uma gargalhada. Sabia perfeitamente que não seria nada de cariz erótico, pois não era de todo o seu perfil, mas era precisamente por isso que eu estava tão curioso para saber que ideia quente era aquela. E conseguiu surpreender-me.

«Eu já estive na praia contigo», comecei por dizer. «E já bebi chá à noite na tua companhia. Mas ainda não tinha bebido chá contigo à noite na praia. Por isso tenho de considerar este momento inédito.»

«Estavas à espera de outra coisa?»

«Eu? Nem por isso, mas tenho a leve impressão de que tinhas um certo receio de que eu não aceitasse o teu convite caso soubesse que não seria para fodermos.»

«Entendo que entendas assim, mas acho que não. Acho que foi mais para brincar com a ideia. Até porque sei perfeitamente que não desperdiçarias uma oportunidade de estar comigo», disse a Inês com um sorriso atrevido.

«Vejo que estás a cumprir aquele meu desejo que te revelei da última vez que estivemos juntos, em forma de pedido para que fosses mais confiante e desinibida. Gosto mais de ti assim, mas também não gosto menos de ti quando não és assim.»

«A verdade é que me dás liberdade para ser eu. E um pouco contra a minha vontade, tenho de te elogiar essa capacidade e agradecer-te por ela. Pois acho que ainda nenhum homem me tinha feito sentir livre como tu. Aliás, muito pelo contrário...»

A Inês começou a encher a minha caneca e a seguir encheu a sua. Enquanto isso não consegui evitar lembrar-me do Henrique por causa daquele desabafo que ela acabava de me fazer. Fui atacado de repente por uma forte compaixão por ela e senti-me por breves segundos profundamente mal comigo mesmo. Desconfiava do que seria, mas evitei pensar nisso e continuei a conversa:

«Comigo és sempre tu. O meu universo tem as suas regras, mas elas não impedem ninguém que esteja nele de ser quem é. Aliás, as minhas leis e os meus mandamentos têm precisamente como objetivo estimular a verdade na pessoa, permitindo-lhe ser livre para ser ela mesma no seu estado mais puro.»

«E fazes isso também?»

Aquela simples pergunta atirou-me com uma velocidade estonteante de volta para a sala daquela clínica onde havia estado dias antes, como se tivesse sido uma espécie de *déjà-vu*.

«Também me esforço por seguir os meus próprios mandamentos. Criei-os não só para guiar e orientar quem entra no meu universo mas também como desafios pessoais.»

«É engraçado, porque todos esses mandamentos, leis e regras desse teu *universo*», disse fazendo o gesto das aspas com uma mão, «devia limitar as pessoas que se aproximam de ti e, no entanto, dá-lhes ainda mais liberdade. E isso é bom, muito bom, mas como tudo o que é bom... acaba depressa.»

A Inês levou a caneca à boca e ficou a olhar para a ondulação que

rebentava uns dez metros à nossa frente, enquanto a brisa que vinha do mar atirava os seus cabelos compridos para trás. Ficámos os dois em silêncio, e eu voltei a sentir-me mal comigo mesmo. O meu interior começava a ficar completamente baralhado, tal era a bagunça entre boas e más sensações naquele momento.

«Os rios também vão longe porque têm uma margem de cada lado. Ou seja, têm limites. Sem eles a água espalhava-se por todos os lados e não saía dali. No fundo é assim que funcionam os meus mandamentos... como margens de um rio para que a água possa ser conduzida até ao seu destino.»

«E quando ela chegar ao seu destino?»

«Quando ela chegar ao seu destino é entregue ao mar e a minha missão fica cumprida», retorqui após uma pequena pausa.

Senti uma calma na voz da Inês que me inquietou por não perceber se era fruto de uma aceitação de tudo o que estava a acontecer se de uma tristeza por perceber que estava a acabar.

«Eu já cheguei ao mar?», perguntou antes de dar um gole.

«Não deixa de ser irónico estarmos a ter esta conversa em frente dele, mas sinceramente acho que ainda não...»

«Presumo que, se ainda não cheguei até hoje, também já não vou chegar até segunda de manhã, o dia em que supostamente as margens do rio deixam de existir. O que acontecerá?»

«A água espalha-se e vai para onde não deve. A não ser que saiba muito bem o caminho até ao mar...»

A Inês ficou em silêncio a abanar a cabeça afirmativamente, passando-me a ideia de que tinha entendido a analogia. No entanto, ainda que eu soubesse que a mensagem que havia entendido era uma boa mensagem, também tinha noção de que não era exatamente aquela que correspondia ao que me estava a referir.

«Mais uma vez, tu e o teu vício pelas analogias.»

Sorri, mas decidi não comentar e mudei de assunto.

«Porque é que da última vez que estivemos juntos não quiseste continuar aquilo que tínhamos começado no táxi?»

A Inês voltou a calar-se por breves momentos e deixou o som do mar tomar conta dos nossos ouvidos antes de responder:

«Porque já chega de recordações tuas em minha casa. Uma coisa é

estarmos aqui na praia ou num bar qualquer onde vou se quiser. Outra é ter recordações tuas num lugar onde estou todos os dias. Tendo em conta que tenho de me preparar e proteger para a nossa despedida, achei melhor não piorar a tarefa de me desapegar de ti. E acho que não me podes culpar por isso...»

«Não te ia culpar. Acho até que fizeste bem. Só te exigi que aproveitasses e escolheste fazê-lo, mas em segurança.»

«Ora nem mais. Já tive de mudar de lugar uma vez para não ser abalroada por lembranças durante praticamente todo o dia. E embora nem se compare uma situação com a outra, não quero correr o risco de me acontecer o mesmo...»

«Queres falar sobre isso?», perguntei ao aperceber-me de que se referia ao Henrique.

«Não é segredo, mas também não é algo de que me apeteça muito falar. É claro que me estou a referir ao meu ex-namorado. Não posso negar que o facto de ter vindo viver com a Filipa me ajudou bastante, afastando-me das inúmeras lembranças que me puxavam diariamente em direção a um passado que eu sabia que tinha de abandonar para o meu bem. E ela tem sido o meu pilar desde então. Tem feito o que pode para me ajudar e eu sinto-me, de certa forma, na obrigação de não lhe dificultar essa tarefa», desabafou.

«O que é que ele te fez?»

«Temos pouco tempo e não vou desperdiçá-lo a falar de outra pessoa. Estou a pensar bem?»

«Estás a pensar muito bem. Na verdade, também não gosto que falem de outras pessoas quando estão comigo. Mas confesso que agora a curiosidade falou mais alto e acabei por agir por impulso. Só espero que saibas bem o que mereces e o que não mereces e que saibas qual o momento certo para dizeres *não*.»

«Tenho aprendido a dizer mais vezes sim ao que tem de ser e mais vezes não ao que não tem de ser, mas ainda tenho muito para aprender. Acho até que foi algo que me ensinaste neste curto período de tempo que passaste na minha vida.»

«Falas muito no tempo...», observei de olhos postos no mar.

«Queremos sempre que as coisas boas durem muito tempo.»

«Se calhar as coisas boas só são boas porque não duram muito

tempo. Já pensaste nisso?»

«Já, mas prefiro acreditar que quando as coisas são boas podem sempre durar mais um dia. Por isso acho que devemos sempre lutar para que as coisas sejam boas e assim termos sempre um motivo para que amanhã ainda exista alguma coisa.»

«Faz sentido, mas não eras tu que querias deixar de viver as coisas boas porque *amanhã* não iria existir coisa nenhuma?»

«Sim, e não foste tu que chegaste já com planos de ir embora sem sequer quereres saber se as coisas podiam continuar a ser boas mesmo no dia seguinte?»

«Estamos os dois errados?»

«Não. Estamos os dois certos. Cada um à sua maneira», sorriu.

A simplicidade da Inês enternecia-me. O jeito como falava, sorria e olhava era de uma pureza enorme. Por momentos senti vontade de a querer como eu acreditava que ela me queria. Ou, pelo menos, como ela queria aquilo que eu lhe podia dar. A paz com que falava daquele fim que se aproximava apaziguava-me uma certa revolta interior por não poder ficar. De simplesmente ficar. Contudo, mesmo que pudesse sabia que acabaria, mais tarde ou mais cedo, por não ser justo com ela, ou não tão justo como ainda conseguia ser. E era melhor assim. Era de alguém como eu que ela precisava naquele momento, mas não era de alguém como eu que ela iria continuar a precisar. Por isso restava-me dar o melhor enquanto me competia dar o melhor, e depois deixá-la entregue ao mar do seu destino para que continuasse o seu caminho.

«Seja como for, continuo a achar que o tempo é, porventura, o menos importante das histórias entre duas pessoas. Estamos sempre a cair no erro de achar que só porque ficaram juntos uma vida inteira que foi bom e que foi amor, quando na verdade se calhar apenas se acostumaram bem um ao outro e confundiram isso com um sentimento. É claro que não se pode viver paixões e viver como adolescentes até aos noventa, embora seja uma ideia bonita, mas não passa de utopia. Ainda assim, acho que tudo deve ser intenso enquanto houver essa possibilidade e for essa a prioridade. Ou seja, com certeza que hoje não trocarias cinco minutos a partir pedra por trinta minutos a encher chouriços. Se é que me entendes...»

Lancei-lhe um sorriso atrevido, ela devolveu-me um sorriso cínico de

ironia e eu continuei o que estava a dizer:

«No entanto, daqui a cinquenta anos valorizas mais uma boa noite de sono do que um bailarico. Vais ter muito tempo para te preocupares com o tempo. Mas, por favor, nunca peças tempo. Pede apenas que valha a pena o tempo que for. Seja isso uma noite de sexo, seja isso uma vida inteira de amor.»

«Talvez seja essa a maior lição que me deixas. Parece que estou a falar para ti como se fosses morrer, quando na verdade apenas vais uns meses para fora. Será meio ano muito tempo?»

«Nem penses!»

«Como assim?», perguntou admirada com a minha reação.

«Nem penses esperar por mim! Ai de ti! Sei perfeitamente que é uma intenção que te passa pela cabeça e foi ela que motivou essa tua pergunta. Mas nunca cometas o erro de esperar por quem quer que seja. E eu seria a última pessoa deste mundo a pedir-te uma coisa dessas. Além disso, não sei quanto tempo estarei fora, em princípio estarei esse tempo, mas pode muito bem ser mais. Promete-me que não esperarás por mim!»

«Calma! Não precisas de te exaltar. Eu só fiz uma pergunta. Uma pergunta a que por sinal não respondeste!»

«Tu e o tempo, de novo? Um dia é demasiado tempo para esperar por alguém que não sabes quando volta, fará seis meses. A verdade é que a questão nem é esperar, mas as condições em que isso acontece. Não tens motivos para o fazer.»

«Tu é que estás a falar em esperar. Eu nunca falei nisso!»

«Fizeste uma sondagem para saber se valia a pena a espera. Foi isso que fizeste, não digas que não. E também por sinal ainda não me prometeste o que te pedi.»

«Não eras tu que não eras de promessas?»

«Não sou de as fazer, mas sou de as exigir.»

«Não me parece coerente.»

«Se não misturares os conceitos só para te dar jeito, vais perceber que é muito coerente sim. Promete!»

«Eu prometo!»

«Prometes o quê?»

«Que não vou esperar por ti quando te fores embora! E prometo que

não vou continuar esta conversa. Está na minha hora. Dá-me isso», disse a Inês tirando-me a caneca vazia da mão.

Meteu os utensílios dentro da bolsa e levantou-se.

«Para onde é que vais?», perguntei séria e calmamente.

«Vou embora, está tarde e está a ficar frio. Vemo-nos sábado!»

Arrancou pelo areal e não olhou mais para trás, até eu a perder de vista a partir do lugar onde me deixara.

33

«Tudo preparado para amanhã?», perguntou-me a Susana quando eu estava prestes a abandonar o escritório pela última vez antes da minha partida para o Brasil.

«É preciso muita preparação?»

«Oh! Refiro-me à roupa e assim essas coisas, já que é um evento mais formal. Imagino que este marcará a sua despedida. Não sei, na verdade foi só um comentário», sorriu.

«Vou levar o meu fato. Preto, claro. Muito simples, na verdade. Nada de especial, além de ser eu que vou dentro dele.»

A Susana soltou uma gargalhada.

«Gravata ou laço?», perguntou ainda.

«Nem um nem outro. A única coisa que deixo que me aperte o pescoço é a mão de uma mulher. Quando me encosta à parede, por exemplo», disse-lhe, acompanhando as minhas palavras com um semblante atrevido. «Presumo que nos veremos amanhã, estou certo, Susana?»

«Sim, sim! Eu também vou. Com o meu marido...»

«Hummm... Muito bem. Ansioso por conhecer o homem que conquistou o coração de uma mulher tão bonita. Espero ter a oportunidade de lhe dar os meus parabéns.»

«Não diga essas coisas que fico envergonhada, **Afonso**. Estou certa de que amanhã também ficarei a conhecer a mulher que conseguiu a proeza de conquistar o seu coração. Não?»

«Até amanhã, Susana!», despedi-me com um sorriso.

Desci até ao estacionamento, dirigi-me para o meu carro, abri a porta de trás para pousar a minha mala e assim que bati a porta o vidro fumado do carro estacionado ao lado começou a descer. Olhei por instinto de curiosidade e senti-me arrefecer ao aperceber-me de quem estava do lado de dentro do carro.

«**Afonso**, **Afonso**...», disse o Henrique com voz rouca.

«O que é que estás a fazer aqui?», perguntei com o ar mais sereno possível.

«Vim tratar de uns assuntos e olha... não esperava encontrar-te aqui», disse sem se preocupar muito em disfarçar a ironia.

«Há coincidências incríveis», disse, devolvendo-lhe a ironia.

«A quem o dizes, **Afonso**. A quem o dizes... Mas já que estamos aqui, explica-me lá porque te foste embora do 404 assim sem mais nem menos. Devias ter ficado para o final. Foi épico!»

«Como disse, aquilo não foi nenhuma avaliação», comecei a endurecer a voz. «Foste para lá e convidaste-me para o quarto com a exclusiva intenção de gozar com a minha cara!»

O Henrique soltou uma gargalhada.

«Não sei se posso concordar totalmente contigo. No entanto, confesso que tinha sido interessante se te tivesses juntado a nós. Infelizmente, és um cobarde. Que posso eu fazer, não é?»

«Esse tipo de bocas não me afeta, não vás por aí.»

«Porque não te estou a dar novidade nenhuma, não é? Tens razão, nem tinha pensado nisso.»

«Eu não sou um cobarde, mas com certeza que tu és um frustrado», atirei. «E és um frustrado porque já percebeste que não consegues conquistar uma mulher confiante e, por isso, desafiante.»

«Oh não! Será?», perguntou, túrgido de sarcasmo.

«Não tentes sacudir a realidade com essa ironia ridícula! Já te topei há muito tempo. Primeiro detetas as mulheres de baixa autoestima e lanças o teu isco, porque sabes que não vão resistir ao teu charme e ao poder que demonstras ter. Assim sacias facilmente as tuas necessidades supérfluas do corpo e do ego. Só uma mulher muito pouco confiante é que se submete à tua influência, e tu sabes muito bem como a máquina funciona. Quando são mulheres confiantes, tu destróis a autoestima delas. Fazes uso do teu poder para as inferiorizares e as tornares completamente submissas ao teu domínio. E não, não estou a falar na cama. Uma mulher até pode ser submissa na cama, pois muitas gostam, mas nunca o pode ser na vida. Sei que leste isto na lista que te forneci com os meus mandamentos. No entanto, torna-las submissas na vida e fazes delas completas marionetas que fazem tudo aquilo que pedes. Sim, tu sentes-te poderoso porque efetivamente isso é uma prova do teu poder e influência, mas não te dá gozo nenhum porque quando tornas a mulher numa marioneta, ou seja, quase incapaz de ter pensamentos e

vontades próprias, ela perde todo o interesse para ti. E o que fazes depois? Vais atrás de outra, e outra, e outra. É claro que nunca vais estar satisfeito porque vão parecer aquelas pastilhas elásticas que perdem o sabor rapidamente e tu deitas logo fora. E essa é uma frustração que te persegue. És mais um no mundo. Mais um homem que não sabe enaltecer os valores de uma mulher e fazê-la brilhar. No fundo, isso só revela uma profunda falta de confiança provocada pelo medo de seres consumido pelo brilho de uma mulher. Uma falta de confiança que disfarças e muito bem. Dou-te os parabéns por isso. No entanto, um **Afonso** é suficientemente confiante para deixar a mulher brilhar. Aliás, essa é uma das suas missões, fazê-la brilhar. Enaltecê-la, valorizá-la e dar-lhe a consciência do ser incrível que é. Uma consciência que amostras de homens como tu, que proliferam por esse mundo fora, insistem em roubar-lhes.»

«Tu sabes tanto e, no fundo, não sabes nada. Nós até nos podíamos dar bem, mas não colaboraste. Tenho a certeza de que tens a noção de que não somos assim tão diferentes um do outro. Talvez seja isso que te incomode mais em mim...»

«Felizmente há muitas coisas que nos diferenciam. A começar e a acabar pelo facto de seres superficial. De seres capaz de conquistar o corpo de qualquer mulher do mundo e de o satisfazeres plenamente, mas ao mesmo tempo sofreres de uma incapacidade profunda de chegar à alma dela. E essa é a minha grande capacidade. Essa é a grande capacidade de um **Afonso**. Conquistar o corpo mas também a alma. Saciar o corpo mas também a alma. Mas nunca quiseste ser um **Afonso**, pois não?»

«No fundo queria saber o que poderias acrescentar ao tudo que eu já era, mas percebi que não era nada de substancial. Pelo menos cheguei a uma conclusão...»

Percebi que o *suspense* foi intencional, mas colaborei.

«Qual foi?»

«Cheguei à conclusão de que não faz sentido ser um **Afonso** quando posso ser um Henrique.»

«Ai sim? E consegues nomear alguma vantagem nisso?»

«Sou mais poderoso do que tu. Sou mais forte, mais elegante, mais bonito, mais rico, e por isso mais atraente, mais sedutor, etc., etc. Além

de que fodo muito melhor do que tu, tenho a certeza. Será que é preciso continuar ou já foste humilhado o suficiente?»

Soltei uma gargalhada sarcástica.

«Sabes... não me faz a mínima confusão que sejas tudo isso mais do que eu e muito menos que acredites que fodas uma mulher melhor do que eu. Pois sei que nenhuma mulher do mundo que valha realmente a pena e esteja nas suas plenas condições cognitivas irá escolher um homem como tu em detrimento de um homem como eu. Essa é a confiança que me define e tranquiliza.»

«Cada um engana-se como pode de forma a acreditar na mentira ou na parte da verdade que melhor lhe convém. Pensando bem, não é o facto de sermos parecidos que te incomoda, ou o facto de eu ser melhor. É o facto de sermos parecidos, mas eu melhor. E também topei isso desde o primeiro momento. Essa frustração misturada com inveja que sentes por mim como se eu fosse uma versão melhorada e aumentada de ti. Deixa lá, Afonsinho, pode ser que numa próxima encarnação me superes», disse com uma gargalhada maquiavélica já característica dele.

«Isso é forçado e simplesmente absurdo. Nem sequer vou comentar. A sério que te deste ao trabalho de vir aqui para me dizeres isso? Que importância me dás. Sinto-me lisonjeado!»

«Na verdade, vim cá felicitar-te...»

«Porquê? Por me ter visto livre de ti?»

«Não, pelo teu novo amor...», respondeu rapidamente.

Ficámos a olhar um para o outro em silêncio naquele parque de estacionamento que parecia ainda mais silencioso. Não havia dúvidas de que ele já sabia de mim e da Inês. Só me faltava saber se ele sabia que eu sabia quem ele era para ela. Até porque havia sido uma descoberta minha recente. E também não sabia desde quando é que ele sabia da minha ligação com ela. Ficava assim um emaranhado de dúvidas acerca do que cada um sabia sobre cada um. O que só me dificultava a tarefa de saber como continuar aquela conversa para não revelar mais do que aquilo que devia, nem para denunciar que eu sabia o que não me convinha deixá-lo saber que eu sabia. Na dúvida, fiz-me de burro.

«Não tenho nenhum novo amor...»

«Tens dois, não é? Pelo menos. A não ser que seja um amigo teu que vive na Rua Francisco Vilarejo. Mas não me parece que fosses visitar

um amigo durante umas duas horas a meio da noite. Enfim... seria muito mau esses teus amores saberem da existência um do outro. Não seria, **Afonso**? O que é que achas?»

Percebi que a rua que ele referira era a rua onde vivia a Diana. Por momentos não consegui raciocinar e perceber onde ele tinha ido buscar aquela informação e o que é que ele pretendia com aquilo que acabara de me dizer.

«Saíste-me cá um maroto», continuou o Henrique, com uma persistente ironia. «Se eu masco uma chiclete e deito fora, tu metes logo duas ou mais à boca. Vês como se calhar elas preferem um Henrique a um **Afonso**?»

Entretanto fez-se luz na minha cabeça e lembrei-me do *Corsa* cinzento-escuro que reconhecera da última vez perto da casa da Diana aquando da minha ida lá para falar com ela.

«És tu que me andas a seguir?!», perguntei com uma cólera a apoderar-se do meu olhar.

«Eu? Nada disso! Tenho mais que fazer. Agora posso é ter alguns olhos muito atentos por aí. Talvez...»

«Claro! Por isso é que paraste o carro exatamente aqui e não noutro lugar qualquer do estacionamento, porque sabias que este era o meu carro sem, no entanto, nunca te ter dado essa informação. Só podes ser muito doente. Porque é que me andas a seguir? É que não consigo encontrar uma razão lógica para isso.»

«Não vamos dispersar a conversa, **Afonso**. O importante é saberes que sei muitas coisas sobre ti. Sei onde trabalhas, onde vives, o que fazes, quando fazes, onde paras e com quem sais. Sei quais são os teus carros e até conheço o rafeiro que andas sempre a passear. Só é pena ires embora já...»

«Eu nunca te disse que ia embora.»

«Pois não, mas também não tens culpa de ter uma secretária tão simpática que, aparentemente, não vê maldade em ninguém.»

«O que é que lhe andaste a perguntar?!»

«Isso não é relevante. Como é que estás a pensar alimentar esse amor à distância de um oceano?», perguntou.

«Já disse que não tenho amor nenhum. E não vou continuar esta conversa. Já agora, esse teu jogo de vilão não me assusta. O que sabes

sobre mim posso saber sobre ti. Basta estalar os dedos. Só que, tal como tu, também tenho mais que fazer. Diz lá porque é que me andas a seguir?», insisti.

O Henrique voltou a soltar uma gargalhada e ligou o carro.

«Isto está a ficar cada vez mais interessante», rejubilou enquanto esfregava as mãos. «Voltaremos a ver-nos, Afonsinho», disse com o carro já em andamento.

«Para teu azar!», atirei.

Mas antes de abandonar por completo o lugar de estacionamento, o Henrique ainda disse, pelo vidro entreaberto:

«Ah! Só mais uma coisa: patrão fora, dia santo na loja...»

Acelerou e logo desapareceu do meu campo de visão.

34

Eram 21h quando estacionei o *420* em frente do prédio onde a Inês vive. Saí do carro e encostei-me à porta à espera de que ela saísse de casa para seguirmos para o hotel onde iria decorrer o jantar. Tinha trazido um fato preto, uns sapatos da mesma cor e uma camisa branca com os dois primeiros botões abertos. Vinha formal, mas não tão formal assim, tal como me sentia bem. Olhei o relógio para confirmar as horas e nesse momento ouvi a porta do prédio a abrir-se. De lá de dentro saiu a Inês, e os meus olhos colaram-se de imediato no seu corpo. Trazia o vestido preto que lhe havia oferecido, uns tacões vermelhos, um batom nos lábios da mesma cor, o cabelo apanhado, uma pequena mala numa das mãos e um casaco dobrado sobre o braço. Chegou à minha beira, virou o rosto de lado e dei-lhe um beijo na bochecha.

«Uma peça de roupa que não é preta?», perguntou enquanto olhava a minha camisa e me passava a mão no colarinho.

«Sim! O que é que tem?»

«O que é que tem? Acho que é a primeira vez que não vens todo de preto. Deves estar doente. Ou estás a mudar.»

«Doente? Mudar? Nada disso. Foi apenas porque sabia que também vinhas de preto e não queria assustar as pessoas quando chegássemos juntos ao hotel», disse-lhe com um sorriso.

«Fizeste bem. Não gosto muito de te ver todo de preto.»

«É uma pena. Agora entra!»

Fiz-lhe sinal com a cabeça para que contornasse o carro. Assim que entrei, ela entrou também e seguimos até ao hotel. Quando lá chegámos, uma menina vestida a rigor com um papel na mão pediu-nos o nome logo à entrada.

«**Afonso!**», respondi.

«**Afonso**...»

«**Afonso**», repeti.

Assim que encontrou o meu nome riscou-o e indicou-nos o número da mesa. Seguimos o percurso até ao restaurante que ficava no piso zero do hotel e quando chegámos um dos empregados aproximou-se de nós

com uma bandeja cheia de copos com espumante e ofereceu-nos. Eu recusei, a Inês aceitou.

«A sério que só deste o teu primeiro nome? Mas tens assim tantos complexos com o resto do teu nome?», perguntou Inês.

Fiquei em silêncio a olhar para ela e ela arregalou-me os olhos e inclinou a cabeça admirada.

«Não me digas que só me vais dizer o teu nome todo depois de eu me portar bem e não sei o que mais!»

Antes que eu pudesse responder, senti uma mão nas minhas costas, rodei para trás e vi a Susana acompanhada por um homem que calculei que fosse o seu marido. Apresentámo-nos, cumprimentámo-nos uns aos outros e a Susana iniciou a conversa:

«Parece que vamos ficar na mesma mesa.»

«Não era suposto os funcionários do mesmo escritório ficarem na mesma mesa?», perguntei.

«Não propriamente. Na verdade, o objetivo deste jantar é que os clientes e funcionários dos diferentes escritórios possam interagir entre si. Ou seja, estarmos distribuídos aleatoriamente.»

«Claro! Como é que não pensei nisso! Faz todo...»

Interrompi o que estava a dizer e fiquei perplexo ao ver quem se aproximava de nós com um sorriso sedutor e traiçoeiro.

«Olá, **Afonso**!», cumprimentou a Verónica assim que chegou junto de nós os quatro.

Por momentos não consegui pensar direito e assimilar o que estava ali a acontecer. Em poucos segundos tinham-se juntado em menos de dois metros quadrados as últimas três mulheres com quem eu havia feito sexo. Era demasiado surreal para ser verdade. Contudo, o que mais me incomodava era a presença da Verónica. Não sabia o que poderia sair daquela mente e daquela boca, e começou a apoderar-se de mim um leve arrependimento de ter ido àquele jantar que ainda mal tinha começado.

«Dizias tu que não convivias com praticamente ninguém», disse-me a Inês por entre os dentes enquanto me apertava o braço. «Vou provar as entradas.»

«E nós vamos indo para a mesa», despediu-se também a Susana.

«O que é que estás aqui a fazer?», perguntei à Verónica quando me vi

sozinho com ela.

«Isso pergunto eu. Não esperava encontrar-te aqui. Mas pelos vistos trabalhamos em escritórios que pertencem à mesma empresa. No meu caso num escritório de advogados. Olha que coincidência! Parece que o destino quer mesmo juntar-nos.»

«Não me parece. Acho que o destino quer mesmo é foder-me!»

«Por falar em foder, é aquela ali que andas a comer?», perguntou a Verónica apontando com o queixo na direção da Inês.

«É uma amiga. E não vou falar sobre ela contigo. Tal como não vou falar sobre ti com ela. Parece-te bem?»

«É bonitinha, mas duvido de que ela te foda melhor do que eu.»

«Não quero falar sobre isso.»

«Ficaste traumatizado, foi?»

Estava já a sentir-me a suar e a ficar cada vez mais desconfortável com o sentido que ela insistia em dar àquela conversa.

«Agradecia que não falássemos sobre isso aqui. Não é o local ideal, está bem? Com licença!»

Virei-lhe as costas e dirigi-me para junto da Inês, que olhava atentamente para uma mesa repleta de comida.

«Indecisa?», perguntei.

«Impossível não ficar com tanta coisa boa junta.»

«Eu incluído?»

A Inês levantou o rosto para mim e soltou um leve sorriso.

«Talvez... Quem era?»

«Uma amiga do Miguel e, pelos vistos, uma colega minha também. Descobri agora mesmo. Vamos sentar-nos?», sugeri.

A Inês aceitou a sugestão e fomos sentar-nos à mesa onde já estava a Susana, o marido e mais meia dúzia de pessoas que eu não fazia ideia de quem eram. Reparei que faltava apenas um lugar por preencher na mesa e olhei à minha volta para ver se a Verónica ainda não se tinha sentado. Vi que ainda estava de pé a conversar com um homem e dei por mim a rezar a um deus que não tinha para que aquele não fosse o seu lugar. Passado pouco tempo chegou um homem engravatado que se sentou no lugar vago, e eu respirei de alívio.

Os empregados começaram a servir o jantar e rapidamente todas as pessoas da mesa começaram a falar umas com as outras, empurradas,

precisamente, pela boa disposição do engravatado que havia sido o último a sentar-se. Tinha um humor requintado que até eu (que não era fácil de agradar) achava graça. Mas mais do que eu era a Inês que, por várias vezes no decorrer do jantar, soltou gargalhadas descontroladas. O que me deixou mais descansado, por acreditar que ela se estava a divertir naquela que seria, muito provavelmente, a nossa última saída juntos. Pelo menos durante muito tempo. Contudo, achei que podia dar um toque especial àquele momento. Aguardei pelo momento certo e, quando o engravatado lançou mais uma piada que fez a Inês explodir em gargalhadas, apostei tudo debaixo da mesa e deitei-lhe a mão à zona da coxa que o vestido já não cobria, fazendo-a soltar um ganido. Toda a gente olhou para ela, e a Inês levou a mão à boca desculpando-se com um sorriso. Eu pousei uma mão sobre o braço que ela tinha pousado sobre a mesa e com a outra por baixo a apertar-lhe a coxa, e perguntei-lhe com um ar muito preocupado:

«Está tudo bem?»

A Inês abanou a cabeça freneticamente para que quem ainda estivesse a reparar percebesse que sim, e engoliu em seco sem sequer olhar para mim.

Continuei a apertar-lhe com suavidade a zona nua da sua coxa quente, por baixo da mesa, e comecei a deslizar a mão para trás arrastando com ela o vestido. A Inês ajeitou-se na cadeira e chegou-se para a frente para esconder aquela região e tentou disfarçar o melhor que pôde com os seus sorrisos envergonhados. Só parei quando cheguei com a mão junto da sua virilha e senti o calor que o sexo dela emanava. A Inês voltou a engolir em seco e passou a mão pelo rosto. Puxei-lhe ligeiramente o interior da coxa, dando-lhe sinal para que afastasse as pernas uma da outra, e rocei a ponta do dedo médio no sexo dela por cima das cuecas. A Inês estremeceu e começou a ficar ainda mais irrequieta na cadeira. A respiração dela acelerou, estimulada pelo nervosismo, e eu acrescentei o dedo anelar ao movimento, continuando a roçar-lhe o sexo com a ponta dos dedos. Entretanto chegara a hora da sobremesa e as pessoas começaram a levantar-se para se dirigirem para as mesas dos doces.

«Oh meu deus! Estava a ver que nunca mais!», exclamou a Inês, suspirando de alívio.

Voltou a puxar o vestido, levantou-se e sem olhar para mim deslocou-se apressadamente para as sobremesas. O tesão já se tinha apoderado do meu pau, que começava a testar as costuras das calças do fato, que já me ficavam justas o suficiente. Olhei atentamente à minha volta para estudar o ambiente, pus o casaco da Inês sobre a sua mala pousada na cadeira para a esconder e dirigi-me até junto dela. Ela tinha acabado de pegar num prato e preparava-se para começar a enchê-lo quando eu lhe agarrei no braço.

«Comes depois, anda comigo», disse-lhe junto ao ouvido.

«Para onde é que vamos?», perguntou assustada, olhando à sua volta enquanto eu a levava comigo pelo braço.

«Nós já voltamos», disse tranquilamente.

«Mas eu tenho a minha mala pousada na cadeira!»

«Eu escondi-a. Não te preocupes.»

Dirigi-me com ela até ao elevador do prédio e cliquei no botão. Enquanto esperávamos que o elevador chegasse, a Inês mantinha o rosto virado para o chão com receio de ser notada. Quando a porta se abriu, entrámos e cliquei no número do último piso.

«O que é que vamos fazer para o último andar do hotel?»

«Já vais ver...»

Esperei imóvel que a porta do elevador se fechasse. Assim que se fechou, agarrei no pescoço da Inês, encostei-a à parede do elevador e comecei a beijá-la. Ela entregou-se imediatamente a mim de corpo e alma e refletiu todo o desejo que lhe enviava. Enquanto com uma das minhas mãos lhe segurava as costas contra a chapa fria do elevador, a outra mão ia passeando pela sua barriga, pelos seios, pelo fundo das costas e pelo rabo. Subi-lhe o vestido até ficar preso acima do rabo, afastei-lhe as pernas e agarrei-lhe no sexo por cima das cuecas. A Inês abriu a boca em silêncio e rodei o rosto dela para o lado para lhe expor o pescoço, e comecei a beijá-lo enquanto lhe apertava o sexo. Depois comecei a dar-lhe leves mordidas ao mesmo tempo que lhe massajava o sexo com movimentos fortes e circulares.

O elevador apitou, a porta abriu-se, soltei-lhe o rosto, baixei-lhe o vestido, agarrei na mão dela e puxei-a para fora. Caminhámos até ao fundo do corredor, abri uma porta de serviço e subimos dois lanços de escadas. Abri mais uma porta e estávamos finalmente no telhado do

hotel, com uma vista incrível sobre uma boa parte da cidade do Porto.

«Uau! Isto é lindo!», exclamou a Inês, enquanto olhava à sua volta. «Como é que estas portas estavam abertas?»

«Deixa as perguntas e as vistas para mais tarde.»

Voltei a agarrar-lhe na mão e levei-a para trás de uma claraboia para lhe mostrar o colchão que estava lá à nossa espera.

«O que é que está aqui a fazer um colchão, **Afonso**?», perguntou a Inês admirada assim que o viu.

«Parece mesmo que eu adivinhava que isto ia acontecer, não parece?», perguntei com ironia.

Tirei o meu casaco, atirei-o para cima do colchão e, sem lhe dar tempo de ripostar, peguei nela ao colo, pousei-a de costas em cima do meu casaco aberto e deitei-me sobre ela, apoiando-me num dos cotovelos. Comecei a beijar-lhe a boca sedenta, o pescoço e ainda o peito. Ao mesmo tempo com a mão que tinha livre acariciava-lhe a coxa do lado de fora. Voltei (mais uma vez) a subir-lhe o vestido até passar o rabo e ataquei novamente o sexo dela por cima das cuecas antes de as começar a tirar. Assim que as despi, dobrei as suas pernas e meti a minha cabeça entre elas, mas a Inês interrompeu-me:

«**Afonso**?»

«O que foi?», perguntei erguendo o rosto para ela.

«Não me faças vir...»

«Porquê?»

«Prefiro assim.»

«Então também não me venho. Diz-me quando parar.»

«Combinado!»

Abocanhei o sexo dela e comecei a chupá-lo e a lambê-lo de maneira intercalada enquanto com as duas mãos lhe agarrava firmemente na parte de trás das coxas. Concentrei a minha boca à volta do clit e comecei a estimulá-lo com a ponta da língua contraída, parando de vez em quando para o chupar suavemente. Soltei a mão direita da coxa dela, chupei o meu dedo indicador para o lubrificar e introduzi-lho no sexo. O corpo da Inês reagiu imediatamente à sensação extra que se apoderara dele. Continuei a sugar-lhe o clit cada vez com mais frequência (mas sem aumentar a pressão) e iniciei os movimentos de *anda cá* com o dedo indicador virado para cima dentro do sexo dela. Introduzi o dedo

médio e intensifiquei ainda mais os movimentos da língua e dos dedos. Não demorou muito até a Inês começar a convulsionar de prazer.

«Para! Para! Para!», exclamou ela, ofegante.

Parei, como combinado, e ergui-me para cima, ficando de joelhos entre as pernas dela, e enquanto observava o peito dela a subir e a descer freneticamente desci as minhas calças e os meus *boxers*. Subi a camisa e enrolei-a para dentro para que se segurasse à volta do meu tronco e não me estorvasse mais abaixo. Debrucei-me sobre o corpo de Inês, peguei no meu pau, rocei a cabeça dele no sexo dela para o lubrificar e enterrei-o até ao fundo. A Inês abriu a boca e soltou um gemido misturado com um suspiro como se eu lhe acabasse de dar um analgésico para atenuar uma dor profunda. Comecei a entrar e a sair devagar e calmamente de dentro dela para que pudesse sentir cada milímetro do meu pau duro de vontade de continuar a consumi-la.

Aumentei a velocidade e os nossos gemidos aumentaram de intensidade. Percebi que a Inês se sentia mais liberta no topo daquele edifício, talvez por apenas as estrelas estarem acima de nós e serem elas as nossas únicas possíveis confidentes.

Saí de cima dela, rodei-a ao contrário, pu-la de quatro e carreguei-a sobre as costas para que se apoiasse nos cotovelos. Empurrei um pouco mais o vestido para poder agarrá-la junto à sua pele e voltei a penetrá-la sem nenhuma introdução mais calma.

Mais do que sexo, aquele momento era uma experiência. (Tal como uma pessoa que vai a um restaurante *gourmet*. Não vai lá para encher a barriga, vai lá para desfrutar de uma experiência.) E esse era sempre o meu foco quando fazia sexo: dar-lhe um significado maior do que a simples satisfação sexual de dois corpos.

Continuei a penetrá-la ritmadamente e olhei para o céu estrelado acima de nós. Estava uma noite perfeita para foder no topo de um edifício. Estava quente, uma brisa morna e as estrelas estavam mais brilhantes do que nunca. (Ou era apenas um efeito amplificado do tesão que me possuía.) Mais uma vez, os deuses pareciam ter dado um empurrãozinho para que aquela experiência fosse memorável, e eu começava a desconfiar da generosidade.

Puxei o corpo da Inês para cima e sem deixar de a penetrar agarrei-me à volta do tronco dela, usando-o para me impulsionar para dentro do

seu corpo. Ela arfava de satisfação e disse algo que não consegui perceber. Parei os movimentos pélvicos, deixando o meu pau dentro dela, e perguntei-lhe o que é que ela me tinha dito.

«Quero olhar para ti», respondeu.

Achei estranho aquele pedido, até porque era a primeira vez que o fazia, mas se lhe dava mais prazer, então era para se fazer. Virei-a para mim e deitei-a de costas, regressando à posição inicial. Voltei a penetrá-la, mas a Inês já não gemia mais. Apenas me olhava nos olhos e passava a mão no meu rosto enquanto eu me fazia entrar e sair. Quando me apercebi de que uma lágrima descia pelo seu rosto em direção à orelha, voltei a parar os movimentos pélvicos.

«Estás a chorar?», perguntei.

«Estou?», perguntou tão surpreendida quanto eu.

Levou a mão ao rosto para o comprovar e limpou o rasto que a lágrima lhe havia deixado.

«Porque é que estás a chorar?»

«Eu não estou a chorar. Deve ser de estar a olhar para o céu e o brilho das estrelas me encandear os olhos. Sai...», pediu, empurrando-me o peito com o antebraço.

Saí de cima dela e subi a minha roupa. Ela apanhou as cuecas, voltou a vesti-las e baixou o vestido. Ergueu-se e foi até ao muro que ladeava todo o telhado, encostando-se a olhar a cidade. Aproximei-me dela por trás e pousei o meu casaco sobre os seus ombros para a proteger da brisa mais intensa que se fazia sentir junto ao muro. Coloquei-me do seu lado e disse-lhe:

«Não são lágrimas de encandeamento. São lágrimas de quem não quer perder, mas que sabe que é uma questão de tempo.»

«Não me digas que me puseste o casaco para me protegeres da frieza dessas tuas palavras...», disse sem me olhar.

«Por mais frio e insensível que eu seja, não consigo ficar indiferente às tuas lágrimas. Mas eu não as mereço. Não sou suficientemente importante para as derramares por mim.»

«Foi só uma lágrima, também não é preciso exagerar.»

«Estás a enganar-te a ti e a mim, e isso só piora as coisas. Já não estávamos a fazer sexo...»

«Estávamos a fazer o quê? Flexões?»

«Estávamos a fazer amor», expliquei.

«E que tem?»

«Tem que fazer amor implica um estado de energia diferente. Uma frequência diferente. Uma profundidade diferente. Foi isso que te levou às lágrimas. Isso associado à realidade que nos espera. Mas essa frequência foi algo que procuraste hoje e sabias o quão arriscado seria tendo em conta as circunstâncias.»

«Desculpa se queria aproveitar a minha última vez contigo», começou a dizer a Inês, olhando para mim profundamente. «Desculpa se queria olhar-te nos olhos enquanto estavas dentro de mim. Desculpa se não queria que fosses embora daqui a pouco mais de um dia. Desculpa se te estraguei os planos de só darmos umas fodas sem compromisso e sem ninguém se magoar. Desculpa se eu não sou tão boa como tu a separar o corpo da alma. Desculpa se não sei entregar-me sem me apegar.»

Queria tanto dar-lhe uma palavra positiva, mas simplesmente não conseguia abrir a boca. Todos os caminhos que tinha pela frente iam dar a lugares onde ela não gostaria de estar e muito menos merecia estar. Além disso, crescia muito rapidamente em mim uma impressão de que aquilo tinha ido longe demais. Crescia tão depressa que quase se tinha tornado uma certeza. No entanto, decidi culpar o destino por esse *demais*. É certo que eu era o maior culpado, mas ele também não era inocente. Estava a cumprir a minha missão e sabia perfeitamente das consequências. Eu mesmo não ia sair ileso daquela história, mas era por um bem maior.

«Acredites ou não, eu era o homem de que estavas a precisar nesta fase da tua vida. E acredites ou não... não sou o homem de que vais continuar a precisar na tua vida. Por isso, tudo isto está a ser como tem de ser. Não queiras lutar contra a tua cura.»

«Quem és tu para decidir por mim quem eu tenho, quero ou posso ter na minha vida? Sou eu que mando! Eu é que decido!»

«Tu não sabes o que estás a dizer. Não estás a pensar. Estás a deixar a paixão falar por ti. Agora é tudo muito bonito, mas depois não é nada disto. Tu precisas de alguém que seja feito para ficar. Para te apoiar, valorizar e amar. Tu precisas de alguém que tenha uma mente mais tranquila, uma personalidade mais bem definida e um passado menos conturbado. Consigo dar-te o melhor do mundo, mas também o pior. E tu

não mereces isso. A verdade é que não tenho condições para te fazer feliz por muito tempo. Talvez já tenhas mesmo chegado ao teu mar e este seja o momento certo para eu sair de cena...»

«Já percebi! Queres sair em alta, não é? Queres sair pela porta grande. No auge dos aplausos. Enfim, também não vou cair no ridículo de te pedir o que quer que seja. Faz o que entenderes ser o melhor para ti, já que nunca fiz parte das tuas contas...»

«As contas foram todas feitas em função de ti!», exclamei.

«Não achas que este seria o momento certo para desvendares um pouco do teu passado? Achas justo ires embora e deixares-me sem saber sequer quem é essa pessoa de quem vou sentir falta dentro de muito pouco tempo?»

Suspirei e baixei o rosto antes de começar a falar.

«Em tempos amei muito uma mulher. Uma mulher que a dada altura acabou por transformar a minha vida e, consequentemente, a minha personalidade...»

«O que é que aconteceu?»

Voltei a estancar e mais nenhuma palavra venceu a força bloqueadora da minha garganta.

«Desisto!», desabafou a Inês após um compasso de espera.

Despiu o caso, entregou-mo e afastou-se do muro, começando a caminhar em direção à porta, mas antes ainda me disse:

«Ah! Já podes riscar da tua lista a opção *sexo no telhado de um edifício.* Penso que era isso que querias!»

Fui atrás dela e descemos juntos no elevador.

«Meu deus! A minha cara!», exclamou enquanto se olhava ao espelho do elevador. «Tenho de retocar esta maquilhagem, não posso andar assim!»

Assim que regressámos ao restaurante do hotel, parecia que tínhamos chegado a uma festa completamente diferente. Havia música e toda a gente conversava de forma. A Inês foi à sua cadeira, pegou na mala e, sem me dirigir a palavra, foi para a casa de banho, que ficava noutra secção do piso zero fora da zona do restaurante.

Quando me vi sozinho, tentei socializar e juntei-me a um grupo que conversava alegremente perto da mesa onde eu estava. No entanto, a minha mente estava demasiado perturbada para me conseguir animar

ou sequer concentrar numa conversa. Ainda assim, fiz o esforço para participar no diálogo. Olhei o relógio e reparei que já tinham passado vários minutos desde que a Inês fora à casa, mas não dei grande importância, uma vez que isso era perfeitamente normal, tendo em conta que ela tinha ido retocar a maquilhagem. Voltei a concentrar-me no grupo de pessoas em que me inserira, mas os minutos foram passando e a Inês continuava sem regressar. Afastei-me do grupo e quando me preparava para abandonar a zona do restaurante e me dirigir até à casa de banho para saber se ela estaria algures por lá cruzei-me com a Verónica.

«Por acaso não viste a amiga que estava comigo?», perguntei.

«Sim, vi! Cruzei-me com ela na casa de banho há bocadinho. Até falámos um pouco», disse com um sorriso traiçoeiro.

«O que é que haviam de ter para falar?»

«Falámos precisamente daquilo que temos em comum: tu», disse ela como se fosse algo perfeitamente natural.

«O que é que lhe disseste?!»

A raiva começava a apoderar-se do meu olhar e da minha voz.

«Nada de especial. A conversa puxou para aí e comentei sobre aquilo que fazias. Esse trabalho curioso que tens de educares homens a serem como tu e a conquistarem e foderem mulheres como tu. Quer dizer, espero não ter interpretado mal a tua atividade, mas não me devo ter enganado muito. Por acaso achei curioso ela ficar surpreendida quando eu comentei isso com ela. Ia jurar que tinhas sido mais aberto com a tua amiguinha...»

«Fizeste isso de propósito, não foi? Fazia-te falta esta vingança? Sentes-te mais leve agora?!»

«Não foi algo que procurei, simplesmente aconteceu...»

«Também lhe disseste o que se passou entre nós?», perguntei ainda por entre os dentes cerrados.

«Não, mas se calhar dei a entender sem querer.»

«Merda! Onde é que ela está?»

«Ela saiu na minha frente. Se não a viste no restaurante é provável que tenha abandonado agora mesmo o hotel.»

35

Corri para fora do hotel para tentar apanhar a Inês. Quando os meus olhos a encontraram, ela preparava-se para entrar num dos vários táxis estacionados em frente da saída do edifício.

«Inês!», chamei.

Ela estancou e olhou para atrás. Corri até ela e só quando cheguei perto é que me apercebi dos seus olhos raiados de raiva.

«Para onde é que pensas que vais sem mim?», perguntei.

«Vou-me embora, **Afonso**. Nunca devia ter vindo aqui, nunca devia ter-te dado ouvidos naquele dia no parque. Nunca devia ter-te dado oportunidade nenhuma. Tudo isto foi de facto um erro. Com que então ensinas homens a serem engatatões e fodilhões como tu, não é? Mais uma vez contornaste muito bem a verdade com mais uma manipulação tua. Um *coach*, não era o que me tinhas dito? Tinhas medo de que se eu soubesse isso antes do tempo te estragasse os planos de te aproximares de mim e preferiste esconder esse *pormenor*.»

«E sou *coach*! Não deixa de ser verdade! Mas também não ando a ensinar propriamente a engatar mulheres. O que eu faço é muito mais do que isso. Aliás, grande parte dos homens que formo são casados e apenas querem dar outra vida aos seus relacionamentos e reanimar os seus casamentos. No entanto, apesar disso, sabia perfeitamente que era uma realidade um pouco estranha e que tu não irias compreender. E como podes ver não estava enganado.»

«Sabes, não é isso que me faz confusão. Não é aquilo que fazes ou deixas de fazer. Se esse é o teu trabalho, só me resta é aceitar, não tenho nada que ver com isso. O que me incomoda é o que isso significa, o que isso me diz acerca de ti.»

«Mas o que é que isto te diz acerca de mim?»

«Diz-me que tu és isso também. Diz-me que é isso que fazes na vida pessoal, porque seja lá o que for que ensinas às pessoas, esse conhecimento não vem do ar. Teve de ser fruto de muita experiência, e eu disse-te logo que me tinha apercebido da tua lábia. Tu és muito experiente nisto. E o que mais me custa é que fui apenas mais uma das

tuas conquistas. Mais uma experiência tua, ou para te afirmares mais ou para aprenderes alguma coisa comigo. Aos poucos tudo vai ganhando forma e ainda bem que estou a abrir os olhos. Talvez nada seja por acaso e essa tua colega não estivesse aqui por acaso. Foi ela que me contou. O universo sabia que eu precisava de descobrir isto hoje. Antes de ires embora.»

«Não é nada disso que estás para aí a dizer. Primeiro não tenho necessidade nenhuma de me afirmar. Eu sou o que sou. E em segundo, apesar de querer sempre aprender, também não é essa a minha intenção ao estar na tua vida. Estás a exagerar de novo. Não tires conclusões sem saberes a história toda», expliquei.

«Não sei porque não ma contas! Agora também já não a quero saber. Fica lá com a tua história! O que mais me custa em tudo isto é sentir que fui apenas mais uma. Eu, no fundo, já sabia, sabes? Mas às vezes sabe bem enganarmo-nos...»

«Não foste mais uma!»

«Admite, **Afonso**! Raios! Sê honesto comigo pelo menos uma vez que seja», pediu com os olhos lacrimejantes.

«Eu nunca te menti.»

«Mas enganaste! E se não enganaste, manipulaste. Até pode ser diferente, mas isso não melhora propriamente a tua situação. Eu fui mais uma de muitas. Admite, por favor! Isso vai criar ainda mais repulsa em mim e vai ajudar-me a suportar melhor a tua partida. Admite porque sei que sabes que é verdade.»

«Não, não é verdade! Por isso não vou admitir!»

A Inês soltou um suspiro, fechou os olhos e inclinou a cabeça para o chão. Voltou a erguê-la e perguntou muito calmamente:

«Quantas?»

«Quantas o quê?», devolvi.

«Quantas mulheres já levaste para a cama? Quantas mulheres já fizeste cair na tua teia sedutora muito bem planeada?»

«Porque é que me estás a perguntar uma coisa dessas?»

«Porque quero saber! Diz logo, **Afonso**!»

«Algumas, isso não é importante...»

«Dá-me um número!», insistiu de olhos colados nos meus.

Suspirei, desviei o olhar do dela e respondi por fim:

«Trinta e sete...»

A Inês abriu a boca e percebi que estava a fazer um esforço enorme para se conter. Só não sabia se era para não começar a chorar ou para não me dar um estalo ali mesmo na rua.

«Diz-me, pelo menos, que eu sou a trigésima sétima. Isto tudo já é mau suficiente.»

«Isto não é uma lista, Inês!»

«Não é uma lista, mas sabes o número exato de mulheres com quem te envolveste ou que conquistaste, sei lá. Diz-me!»

«Sim, foste a última. Não me envolvi com ninguém além de ti desde que nos envolvemos. Se é isso que queres saber. Sou mau, horrível até, mas não tanto assim.»

«Sinto-me uma migalha melhor ao saber disso, mas sinto-me ainda mais estúpida e ridícula por perceber que me sinto melhor por causa disso. Por isso nem sei se compensou. Espera lá...», disse a Inês com cara de quem se tinha lembrado de algo.

«O que foi?»

«Oh meu deus! Agora percebo tudo!»

«Do que é que estás a falar?», perguntei ao mesmo tempo que me preparava para a descoberta dela do grande motivo pelo qual eu me havia aproximado.

«Agora percebo o porquê de todas aquelas escovas de dentes descartáveis na tua casa da Póvoa e o porquê de me teres levado para lá e não para a tua casa do Porto. Porque é isso que fazes com todas! Aquela é a casa que usas para foderes com as mulheres que seduzes, e eu fui mais uma! Eu fui mais uma a cair na tua armadilha. Meu deus! Não estou a acreditar como é que fui tão estúpida. Como é que pensei que era diferente...»

A Inês continuava sem olhar para mim enquanto debitava todas as conclusões a que estava a chegar.

«E és diferente!», exclamei.

«Para! Por favor, para! Diz-me só mais uma coisa: aquela tua colega que estava ali dentro e que me falou de ti na casa de banho não foi uma delas, pois não?»

Voltei a desviar o olhar dela e fiquei em silêncio, percebendo que aquela discussão já estava perdida há muito tempo. A Inês entendeu o

sim que não precisei de dizer e soltou uma gargalhada sarcástica para controlar a raiva que a consumia, despedindo-se depois:

«Vou-me embora agora mesmo, senão ainda descubro que também fodeste com a tua secretária e com mais não sei quantas mulheres que estavam naquele restaurante, e isto tudo já é mau e humilhante o suficiente para mim.»

A Inês abriu a porta do táxi para entrar, mas antes de o fazer voltou-se para mim e disse:

«Lembras-te daquela vez em tua casa em que reparei que o teu olhar tinha ficado diferente por breves momentos? Pois... há bocado lá em cima voltou a acontecer. Adeus, **Afonso**...»

Entrou no táxi e arrancou logo de seguida.

«Esqueceste-te do teu casaco!», atirei ainda, mas já sem pretensões de ser ouvido.

36

Tinha aproveitado os últimos dias para ir preparando a minha longa ausência de casa, do trabalho e dos amigos, por isso restava-me somente passar em casa do Miguel para deixar o *Dark*. Passei grande parte do domingo a certificar-me de que não me esquecia de nada em casa e de que estava tudo organizado. Já o *Dark*, como se soubesse que eu me ia ausentar, passou o dia a roçar-se nas minhas pernas e a acompanhar-me para todo o lado dentro de casa.

Apercebi-me de que alguma coisa me estava a incomodar, mas não consegui perceber exatamente o que era. Ou apenas não queria admitir que sabia. No entanto, assim que vi o casaco da Inês que eu trouxera do hotel na noite anterior fui obrigado a aceitar que aquilo que tinha acontecido me estava a incomodar.

Havia ficado revoltado pelo que acontecera. Se por um lado sentia que os deuses haviam colaborado na minha missão com a Inês, por outro lado sentia que me tinham tramado mesmo no final. No entanto, também tinha de admitir que, tal como havia dito a Inês na noite anterior, talvez o universo soubesse que ela precisava de saber aquilo antes de eu ir embora para que me pudesse repudiar e isso a ajudasse a superar a minha partida. (Não que eu acreditasse propriamente nessas coisas ou até que preferisse esse cenário a outro.) A verdade é que não podia negar os factos e as benesses que tudo o que havia acontecido, como havia acontecido, trazia para a Inês. Pois ela ainda era a minha prioridade.

Sabia que ainda tinha de passar em casa dela e da Filipa para lhe devolver o casaco de que se esquecera no hotel, e ainda que não tivesse esperanças e intenções de compor o que quer que fosse, gostava de a ver uma última vez antes de ir embora. Quanto mais não seja para ter a certeza de que ela mantinha a certeza no adeus que me dissera, mesmo após uma noite de sono. Contudo, antes disso, tinha de passar em casa do Miguel.

Chamei o *Dark*, agarrei no saco com os acessórios dele, peguei no casaco da Inês e fizemo-nos à estrada. Assim que chegámos a casa do

Miguel, ele veio receber-nos à porta e o *Dark* atirou-se às pernas dele, o que me deixou bem mais tranquilo por saber que o reconhecia e que simpatizava com a figura que iria tomar conta dele durante os próximos meses. Entrámos e depois de explicar tudo acerca do meu amigo de quatro patas ao Miguel ele perguntou-me:

«Preparado?»

«Sempre. Vai ser uma boa experiência e com certeza que vou aprender muito e ensinar muito do outro lado do oceano.»

«E tu e a Inês? Como é que vai ficar isso? Não sabia que vocês os dois... A Filipa é que me disse qualquer coisa quando se foram embora do Embaixada.»

«Não vai ficar nada, nós os dois...»

Interrompi o que ia dizer ao sentir o meu telemóvel a vibrar no bolso. Vi que era a Filipa, pedi licença ao Miguel e afastei-me para atender a sua chamada.

«*Desculpa, **Afonso**, mas não dá para aguentar mais*», começou por dizer a Filipa.

«Como assim? O que é que se passa?»

«*A Inês está muito em baixo. Ela desabafou comigo e hoje não tem falado noutra coisa. Eu não consigo continuar a esconder-lhe a verdade. Estragou-se tudo com estas recentes descobertas dela sobre ti e sobre nós e não consigo continuar assim.*»

«Não se estragou nada. Ela já está chateada comigo, ela já descobriu coisas más o suficiente a meu respeito, não tens de piorar as coisas. O plano era não a deixar descobrir e ela não descobriu. Vais deitar tudo por terra, e se a revolta dela for demasiado grande, é muito provável que vá procurar refúgio nos braços do ex.»

«*Se é para desiludir, é para desiludir tudo de uma vez. E se é para ser, é para ser agora. Senão corremos o risco de ela ficar à tua espera, e isso era o pior que podia acontecer.*»

«Eu também não quero que isso aconteça, mas ainda há a possibilidade de ela voltar para o Victor Henrique, e não sei qual dos cenários será o melhor para ela.»

«*Isto foi tudo um erro. Eu nunca devia ter aceitado fazer parte disto. Desculpa, mas vou ter de lhe contar a verdade.*»

«Espera!», disse ainda, mas a Filipa já desligara a chamada.

«O que é que se passa?», perguntou o Miguel.

«Nada de grave, mas vou ter de sair.»

Passei a mão no pelo do *Dark*, fiz-lhe festas no pescoço e dei-lhe um beijo no topo da cabeça. Por fim abracei o Miguel e disse-lhe antes de abandonar a casa:

«Toma bem conta dele, mas não te habitues muito, porque quando voltar ele vai comigo para casa.»

Lancei-lhe um último sorriso e fiz-me à estrada em direção a casa da Inês e da Filipa. Assim que cheguei toquei à campainha do prédio, atendeu-me a Filipa.

«Sou eu, o **Afonso**», disse quando ouvi a voz dela.

«*É melhor não vires cá agora.*»

«Tenho de ir, de um jeito ou de outro. Até porque tenho aqui o casaco dela e tenho de lho entregar. A ela ou a ti. Abre a porta.»

Ouviu-se o som da porta a abrir e entrei. Quando cheguei ao apartamento, a Filipa aguardava-me à entrada. Lançou-me um olhar acanhado e disse baixinho:

«Desculpa...»

Comprimi os lábios e encostei-me à ombreira da porta.

«Não tem mal. Fizeste o que achaste mais correto para ti, e compreendo a tua situação. Entrega-lhe isto», disse, passando o casaco para as mãos dela.

Assim que ela agarrou nele, a Inês surgiu à porta do seu quarto e olhámos um para o outro. A Filipa olhou para trás e a Inês começou a aproximar-se de nós.

«Vou deixar-vos a sós», disse a Filipa com uma voz quase inaudível. «Tem uma boa viagem.»

Apertou-me o braço e recolheu-se para o interior do apartamento. A Inês chegou junto de mim com um semblante carregado.

«E eu a pensar que depois do que descobri ontem isto não podia ficar pior, mas estava muito enganada», começou por dizer com uma calma assustadora. «Afinal foi tudo inventado, tudo criado, tudo estudado, tudo manipulado. Nada do que aconteceu existiu efetivamente. Foi tudo ficção. Isto é surreal...»

«Não, não foi tudo inventado», respondi com a mesma tranquilidade na voz. «Tudo o que fiz foi porque quis, foi porque precisavas de te

desapegar de uma má pessoa, que te fazia sofrer.»

«Para me apegar a outra ainda pior?»

«Eu não sou pior. E sei do que estou a falar porque infelizmente também conheço o Victor. Mas antes que me acuses de alguma coisa, só muito recentemente é que soube quem ele era. Agora não consegues ver nada disto, mas vais perceber que não sou pior do que ele e vais perceber também que, apesar de tudo, terei sido uma experiência boa para ti.»

«Foi tudo uma farsa. Achas mesmo que isso é uma experiência boa para mim? Ter sido envolvida num esquema completamente inventado e criado para me fazer desapegar de alguém?»

«Tudo o que sentiste de bom ninguém te pode tirar. É teu. Pertence-te. Para sempre. Independentemente de como acabe ou das circunstâncias em que aconteceu. Se foi bom, foi bom, e isso ninguém pode mudar. Nunca mais. E não foi uma farsa só porque foi pensada a minha entrada na tua vida. Enquanto estive contigo, estive mesmo e respeitei-te sempre, ensinei-te a valorizares-te, mostrei-te um lado bom da vida, incentivei-te a viver e a aproveitar quando assim tinha de ser e espero ainda ter conseguido o grande objetivo de te ter desligado de uma relação obsessiva e destrutiva. Compreendo que me odeies, que me culpes e acuses de tudo e mais alguma coisa, mas não me podes acusar de não ter sido uma boa experiência para ti.»

«E para quê isso tudo se agora fiquei sem nada, e, pior, percebi que tudo o que aconteceu não existiu de verdade? Ficarás para sempre associado a uma mentira e a um vazio.»

«Não. Esse vazio que pensas que tens em ti não é um vazio, é sim uma alegria que a dor cobriu com um lençol, e agora como não a consegues ver dentro de ti pensas que não está lá. Por isso achas que é um vazio. Com o tempo, e à medida que a dor for passando, o lençol vai caindo e começarás de novo a tomar noção da alegria que foi viveres tudo o que viveste comigo. Porque ela está aí dentro.»

A Inês ficou em silêncio a olhar-me com uma expressão que misturava dor e mágoa, mas ao mesmo tempo admiração.

«Já não quero saber porque não vai mudar nada. Só quero fazer-te umas perguntas para arrumar tudo direitinho nas prateleiras da minha mente e do meu coração e fechar a loja.»

«Pergunta...»

«Aquele nosso primeiro encontro no parque... tu sabias que eu ia passar lá àquela hora e com o meu cão. Foi por isso que foste para lá e te sentaste naquele banco especificamente e na companhia do teu cão também. Certo?»

«Sim. A Filipa tinha-me confidenciado que irias àquela hora passear com o teu cão lá no parque. Durante alguns dias antes desse nosso encontro eu observei-te. Vi por onde costumavas passar e percebi que o percurso era sempre o mesmo. Daí ter escolhido aquele banco e não outro. Sabia que gostavas de cães e já que eu também tinha um decidi usá-lo a meu favor. Percebi ainda que tinhas o hábito de tirar a trela ao teu cão e vi aí um bom tema de conversa. Como tal, assim que me sentei no banco de jardim sentei o *Dark* do meu lado, tirei-lhe a trela e escondi-a no bolso. Quando apareceste acusei-te de certa forma de andares com o cão sem trela, e sabia que ias tentar encontrar rapidamente algo para ripostar e usaste o mesmo argumento contra mim. Tudo isso permitiu-me conduzir a conversa para a minha zona de conforto...»

«Uau!», exclamou Inês com um suspiro que era uma mistura de estupefação com uma raiva macia. «E logo no dia seguinte aquele encontro no tal bar. A Filipa revelou-me que vocês combinaram aquilo, mas porque é que fizeste aquele jogo para conseguir o meu número se bastava teres pedido à Filipa?»

«Porque se pedisse à Filipa não tinha como te explicar onde o tinha conseguido. Tinha invariavelmente de o conseguir através de ti. Além de que se não fosse naquela noite eu não poderia continuar a pedir à Filipa para nos fazer cruzar, porque já seriam coincidências a mais.»

«E o meu trabalho a mesma coisa, porque de certeza que ela já te tinha dito onde eu trabalhava. Tu disseste que foi através do Facebook, porque eu tinha referido o nome no tal *workshop*. E como nos tínhamos cruzado no Parque da Cidade é porque eu deveria viver lá perto, logo também deveria trabalhar por perto. Tudo isso também foi inventado.»

«Não foi inventado. Por acaso calhou dizeres o teu nome ao *chef* do *sushi*, na altura por vontade própria, e já não precisei de arranjar uma forma de o descobrir para consequentemente usar o argumento do Facebook para justificar como tinha descoberto onde trabalhavas. E eu

tinha necessariamente de te voltar a ver no trabalho, pois ainda não tinha como justificar encontrar-te noutro local sem ser através do acaso. Quer dizer, já tinha como justificar encontrar-te em tua casa, mas ainda não era o momento certo. Primeiro tinha mesmo de ser no teu local de trabalho.»

«Chega a ser assustador tudo isto. Não parece verdade. Não parece mesmo», disse a Inês abanando a cabeça, mas sem perder a tranquilidade. «Já agora aquela história de teres pedido o cartão do taxista para depois lhe ligares para saber onde eu morava, no final daquele dia em que tivemos o *workshop* e a tal aula de dança, também foi tudo encenação. Certo? Porque já sabias a minha morada.»

«Já sabia, mas mais uma vez tinha de justificar essa descoberta caso precisasse de ir ao teu encontro em tua casa e tu não me tivesses fornecido essa informação. O que acabou por se verificar.»

«Meu deus. Isto nem num filme. Vou precisar de muito tempo para assimilar tudo isto.»

«Entende que se me dei a todo este trabalho minucioso não foi por fetiche, brincadeira ou gozo pessoal. Foi porque encarei a minha presença na tua vida como uma missão. Compreendo que me odeies, mas não acredito que eu mereça o teu ódio...»

«Não digas mais nada, **Afonso**, por favor.»

As palavras que a Inês me dizia eram de raiva, mas o olhar que me lançava era de tristeza. Os olhos pareciam não aguentar muito mais tempo as lágrimas que tinham para derramar.

«Só queria esclarecer algumas coisas», continuou a dizer. «Se calhar mais até por curiosidade do que por necessidade, mas assim sempre consigo organizar melhor as ideias...»

A Inês afastou-se e foi algures dentro do apartamento buscar qualquer coisa. Quando regressou percebi que trazia o que fora buscar numa mão que tinha fechada. Ficou por breves instantes, de olhos lacrimejantes, a encarar-me, e pousou o que tinha na mão sobre o móvel da entrada. Era uma moeda. Colocou o dedo sobre ela e arrastou-a na minha direção. Fiquei imóvel a olhar para a moeda, e sabia que a Inês estava a olhar para mim. Acabava de me apanhar desprevenido e fui tomado por uma revolta interior ao aperceber-me de que não era capaz de agarrar naquela moeda. Senti os meus olhos humedecerem-se e ergui-os para a

Inês, que aguardava expectante por algum movimento meu. Assim que ela se apercebeu de que eu não ia fazer nada, os seus olhos cederam à força das lágrimas e o pescoço dela contraiu-se denunciando a luta que travava contra o choro. Ela voltou a recolher a moeda na mão e disse-me por fim com a voz embargada:

«Sabes aquela palavrinha mágica que me disseste uma vez que bastava referir para nunca mais me voltares a procurar? Pois bem, acho que chegou a hora de a dizer: desaparece.»

A Inês não aguentava mais e antes que desatasse a chorar à minha frente fechou-me a porta. Não saí da beira da porta enquanto ela não parou de chorar encostada do lado de dentro. Assim que deixei de ouvir os seus soluços e me apercebi de que se afastara da entrada, ergui a cabeça e fui-me embora.

Não dormira nessa noite pois os meus sonos continuavam trocados, e deixei o sono para o avião, já que a viagem era de madrugada. Fiz o *check-in*, embarquei no avião e olhei uma última vez para o telemóvel com uma estranha esperança de ter lá uma mensagem da Inês. Mas não tinha nenhuma. Coloquei-o em modo avião, recostei-me no assento, fechei os olhos e deixei-me adormecer.